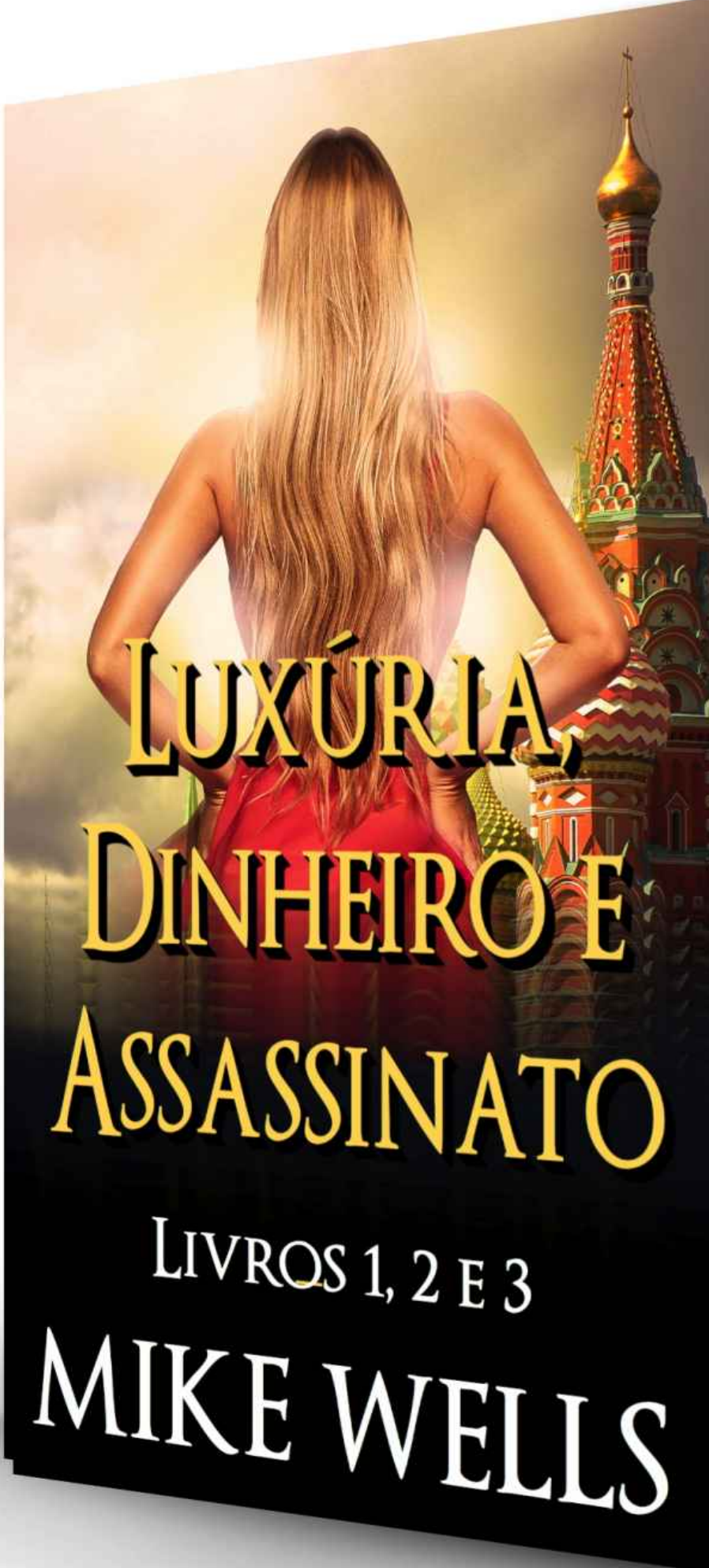




LUXÚRIA, DINHEIRO E ASSASSINATO

LIVROS 1, 2 E 3

MIKE WELLS

LUXÚRIA

MIKE WELLS

DINHEIRO

MIKE WELLS

ASSASSINATO

MIKE WELLS



LUXÚRIA, DINHEIRO E ASSASSINATO - LIVROS 1, 2 E 3

MIKE WELLS



Direitos autorais

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do escritor ou foram usados ficticiamente e não devem ser interpretados como reais.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas, eventos reais, locais ou organizações é mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

**Direitos autorais © 2023 Mike Wells
Todos os direitos reservados.**

CONTEÚDO

Elogios a Luxúria, Dinheiro e Assassinato

Dedicação

Livro 1 - Lust

Prologue

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Livro 2 - Dinheiro

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Livro 3 - Assassinato

Capítulo 35

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Epilogue](#)

I. [Material bônus - Lust, Money & Murder, Livro 4](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Uma carta para meus leitores](#)

[Agradecimentos](#)

[Também de Mike Wells](#)

[Sobre o autor](#)

ELOGIOS A LUXÚRIA, DINHEIRO E ASSASSINATO

Mike Wells é um autor de best-sellers internacionais de histórias de suspense e thriller "indiscutíveis". Veja o que os leitores têm a dizer sobre Lust, Money & Murder:

5 estrelas! Diversão boa e suja! Compre, compre, compre, compre - este é um produto que satisfaz com certeza, confie em mim.

5 estrelas! Se houvesse uma classificação de 10 estrelas, seria isso que eu teria dado, pois 5 estrelas não fazem justiça a esse livro.

5 estrelas! Você será fígado! Desde Sidney Sheldon que um autor masculino não captava tão bem a perspectiva de uma mulher.

5 estrelas! O enredo mantém você na expectativa com uma reviravolta inesperada após a outra. Você não vai se enganar com esse livro. Eu quero mais!!!

5 estrelas! Mike me fígou. E sim, concordo com os outros críticos, não consegui parar de ler. Isso é dizer muito, porque sou muito ocupada, fico entediada facilmente e já estava lendo um best-seller. Deixei o outro livro de lado em favor desse.

5 estrelas! Com ritmo acelerado e escrita brilhante, sou definitivamente um fã de Mike Wells e lerei mais livros dele. Eu adoraria ver esse livro transformado em um filme...

5 estrelas! Este livro é uma jornada por todo o espectro emocional. Amor, vingança, perigo e orgulho impulsionam o leitor por esse excelente romance.

5 estrelas! Lavanderia? Esquecida. Louça? Empilhados na pia. E não fale comigo. Estou terminando Lust, Money & Murder.

5 estrelas! Esse livro foi tão cativante e incrível que não consegui largá-lo. Comprei o livro às 22h e o abri. Comprei o livro às 22h, abri-o e, às 2h da manhã, cheguei à última página com ainda mais entusiasmo do que quando comecei.

5 estrelas! Não comece a ler este livro se tiver algo importante para fazer... como buscar seus filhos no jardim de infância! Quase me esqueci.

5 estrelas! Sr. Wells, o valor que você oferece pelo dinheiro é incomparável.

5 estrelas! Gostei muito de ler o livro. O enredo é cativante, os personagens são realistas, a pesquisa e o conhecimento do autor sobre um assunto são muito completos. Quando comecei a ler o romance, não consegui parar até terminá-lo.

5 estrelas! Isso poderia ser um filme! Bem escrito e com detalhes factuais, gostei desse thriller de ritmo acelerado e estou ansioso para ler mais trabalhos de Mike!

5 estrelas! Estou totalmente viciada e mal posso esperar para ler os outros dois livros dessa série.

5 estrelas! Depois de começar a série, você vai querer terminá-la! Mike usa as reviravoltas da história para que você nunca saiba o que está por vir. É um emocionante vira-páginas, um livro que você não conseguirá largar! Lembre-se do nome de Mike Wells, ele será alguém de quem veremos muito mais no futuro!

5 estrelas! Sr. Wells, o senhor não cobra o suficiente por seus livros.

5 estrelas! O tipo de livro que você quer dar para a sua filha, mas também tem vontade de esconder dela! Essa história aborda os aspectos mais brilhantes e mais sombrios da natureza humana.

5 estrelas! Fantástico! Escrito em um estilo nítido e direto ao ponto - fica claro que Wells é um escritor muito habilidoso que sabe exatamente o que está fazendo. Incontrolável? Definitivamente! Não posso dizer coisas boas o suficiente sobre esse escritor e esse livro. Adquira um exemplar e devore-o.

5 estrelas! Eu não conseguia largar o livro. Era cheio de ação, a história parecia realista e eu adorava todos os protagonistas, até mesmo o vilão.

Para Anya, com amor

LIVRO 1 - LUST

PROLOGUE

Itália - Hoje em dia

O homem a pegou em Vernazza, um vilarejo pitoresco situado ao longo da costa acidentada da Riviera Italiana.

Pelo seu cabelo cor de sal e pimenta e seu rosto delineado, Maria imaginou que ele tinha cerca de 50 anos. Ele lhe pagou um drinque, depois um jantar, um vestido novo, um par de sapatos e algumas outras coisas, gastando muito com ela nas lojas pitorescas do vilarejo.

Não houve fingimentos. Eles foram para sua casa de luxo, que tinha uma vista deslumbrante para o mar. Quando ela perguntou seu nome, ele olhou para ela com seus olhos escuros e preocupados e disse: "Os nomes são importantes, *cara?*"

Tudo o que ela sabia era que ele era um empresário de Roma. Ela supôs que isso não importava.

Logo eles estavam fazendo amor avidamente um com o outro na cama king size. Ela não esperava tanta energia de um homem da idade dele - ele era insaciável. Muitas vezes ela tinha de fingir orgasmos com homens mais velhos, mas não com esse.

Eles passaram a maior parte do fim de semana no quarto. Entre os momentos de sexo, eles subiam e desciam as ruas de paralelepípedos do vilarejo, admirando a vista e as lindas casas estreitas pintadas em tons pastéis de rosa, azul e amarelo. Eles se empanturravam com a culinária local - *cappon magro* uma pirâmide feita de vegetais frescos e meia dúzia de tipos diferentes de peixe, e a *torta pasqualina*, um bolo feito de dezoito camadas de massa leve e recheado com queijo *ricota*.

Eles falaram muito pouco. Maria não se importava. As palavras poderiam quebrar o feitiço, e ela não queria que isso acabasse.

NO TERCEIRO DIA, ele sentiu que havia conquistado a confiança da garota.

O experimento que ele queria realizar era importante demais para ser delegado a um de seus tenentes. O resultado dependia muito disso. Ele precisava ver os resultados em primeira mão.

Mas ele tinha que ser cuidadoso.

Quando ela se deitou em seus braços, exausta, ele disse: "Você sabia que estou comemorando este fim de semana, *cara*?" Ele acariciou um de seus seios fartos e firmes. "Você é um presente para mim mesmo."

Ela olhou para ele com olhos castanhos líquidos. "O que você quer dizer com isso? O que está comemorando?"

Ele se levantou nu da cama e pegou uma pequena bolsa Gucci de couro que estava sobre a mesa de centro. Ele sabia que ela estava curiosa para saber o que havia dentro dela - ele a carregava para todos os lugares que iam, mantendo-a sempre por perto.

Quando ele a abriu, ela deu um pequeno suspiro.

A bolsa estava cheia de notas novas e nítidas de US\$ 100.

"Tanto dinheiro", disse ela em um silêncio. "De onde ele veio?"

"Vendi um apartamento em Portofino, um casebre em ruínas do qual venho tentando me livrar há anos. Finalmente encontrei um americano ingênuo o suficiente para comprá-lo, mas ele insistiu em pagar parte em dinheiro. São apenas cerca de cinquenta mil dólares."

Embora ela estivesse tentando esconder, ele podia ver a cobiça em seus olhos de 21 anos. Ela era uma *velina*, uma prostituta que sobrevivia de sua boa aparência, vagando para cima e para baixo na Riviera, vivendo às custas de um homem rico após o outro, ficando alguns dias ou semanas em uma vila ou a bordo de um iate até que o patrocinador atual se cansasse dela e a expulsasse, depois disso ela passava para o próximo.

Ele disse: "Eu estava pensando em dirigir até San Remo e tentar a sorte. Você já foi ao cassino de lá?"

"Não", ela mentiu.

"Você vai adorar, é o maior cassino da Itália. Todas as pessoas mais ricas jogam lá." Ele também sabia que o estabelecimento tinha acabado de atualizar suas máquinas de verificação de moeda com o software mais recente.

Ele apontou para o dinheiro, fingindo frustração. "Infelizmente, deixei meu passaporte em Roma. Não há como trocar esse tipo de dinheiro sem ele."

"Eu poderia trocá-lo para você", ela deixou escapar, mas depois se controlou. "Quero dizer, se você quiser que eu troque." Como ele não reagiu, ela disse: "Tenho meu passaporte bem aqui", pegou a bolsa e o mostrou.

Ele sorriu. Ele já sabia que ela tinha um passaporte válido. Ele também sabia que ela havia deixado sua casa em Nápoles aos dezesseis anos de idade e que não era conhecida por ninguém nesta região.

DEZ MINUTOS DEPOIS, eles estavam dirigindo pela costa, em direção a San Remo, em um Porsche cabriolet azul metálico, com o vento soprando em seus cabelos. Faltava pouco para o pôr do sol. A rodovia subia e descia os penhascos escarpados ao longo da costa. Logo, o céu explodiu em uma profusão de laranja, índigo e violeta.

Maria estava animada, ansiosa por mais alguns dias de refeições luxuosas, acomodações de luxo e presentes caros. Talvez ele comprasse um bracelete de diamantes para ela na loja de presentes do cassino. Por que não?

QUANDO CHEGARAM A SAN REMO, ele a surpreendeu novamente. Ele parou em frente à calçada que levava à entrada do cassino e entregou a ela a bolsa Gucci. "Leve isso para dentro e converta tudo em fichas de cassino." Ele fez sinal para o outro lado da rua. "Vou tomar uma xícara de café e colocar em dia algumas ligações de negócios que tenho que fazer."

Maria ficou espantada com o fato de que ele a deixaria sair com todo aquele dinheiro. Quando ela saiu do carro, ele se inclinou, olhou para ela e sorriu. "Tente não jogar tudo fora antes de eu chegar!"

Ela subiu a longa calçada em direção ao cassino. Quando o homem uniformizado abriu a porta para ela, ela olhou por cima do ombro. Seu generoso amigo estava sentado em uma das mesas do café. Ele acenou para ela.

Maria ficou tentada a tentar fugir com o dinheiro. Mas ela não era uma *puttana* estúpida - *ela* sabia que não deveria tentar roubar um homem como ele.

Carregando a bolsa Gucci em uma das mãos e sentindo-se muito chique e poderosa, ela entrou na movimentada casa de câmbio.

Havia câmeras de segurança acima de cada balcão. Então ela notou uma placa na parede:

- AVISO -

QUALQUER PESSOA QUE FOR PEGA TENTANDO PASSAR ATÉ UMA NOTA FALSA NESSAS INSTALAÇÕES SERÁ ENTREGUE À POLÍCIA

É CLARO que o dinheiro que ela teve de trocar não era falso - ela não tinha nada com que se preocupar.

"Fichas de cassino, por favor", disse ela ao funcionário, esvaziando a sacola no balcão.

Ela ficou desapontada com a reação dele - ele só parecia entediado. "Passaporte?", disse ele.

Maria o entregou.

Ele estudou o documento, depois pegou algumas notas e as estudou, esfregando-as entre os dedos com prática.

Maria ficou subitamente aterrorizada. E se esse dinheiro *fosse* falso? Ela não conhecia o homem que a havia trazido aqui! Ele poderia ser um criminoso!

Com uma sensação de afundamento, ela se perguntou se estava sendo usada para trocar moeda falsa.

O funcionário começou a colocar pilhas de notas em uma máquina grande e de aparência complicada. Ela tinha um visor digital vermelho que mostrava o valor total, com os números aumentando à medida que as notas eram engolidas.

Se algum dinheiro fosse falso, já era tarde demais. Ela seria presa na hora, como dizia a placa. E o homem que supostamente havia lhe dado o dinheiro? Convenientemente, desapareceu.

"Aqui está, *signora*", disse finalmente o funcionário. Ele lhe entregou um belo porta-moedas feito em couro, carregado de fichas de cassino.

Graças a Deus, pensou ela, muito aliviada. Ela soltou uma pequena risada enquanto carregava as fichas para o cassino. Era bobagem da parte dela pensar mal do homem com quem tinha acabado de passar os últimos três dias na cama - ele era uma boa pessoa, ela sabia disso desde o início.

Ela começou a jogar roleta, apostando apenas dez euros por vez.

Alguns minutos depois, sua amiga apareceu.

"Ah, aí está você!", disse ele, correndo até ela. Ele pegou as fichas, colocou um drinque na mão dela e lhe deu um sorriso caloroso. "Venha, *cara* - vou lhe ensinar a jogar bacará".

NAQUELA NOITE, ele jogou de forma imprudente, encantado com os resultados do experimento. Em poucas horas, ele havia perdido quinze mil euros em fichas, mas não se importou. Era uma gota d'água em comparação com a quantidade de dinheiro que ele ganharia nos próximos meses. Ele deu a Maria 10.000 euros em fichas para jogar e ficou sentado observando-a perder tudo.

Às três da manhã, ela estava bêbada e ele estava ficando cansado.

"Vamos voltar para Vernazza", disse ele, parando-a antes que ela fizesse outra aposta.

"Vernazza?", disse ela. Ela parecia desapontada. "Achei que ficaríamos aqui..."

"É bobagem desperdiçar dinheiro em um quarto de hotel aqui quando tenho uma bela casa de campo tão perto."

Um olhar de culpa passou pelo rosto dela. "Sinto muito por ter perdido todo aquele dinheiro..."

"Não é nada", disse ele. "Foi emocionante, não foi?"

QUANDO VOLTARAM PARA A VILA, ele encontrou seu segundo fôlego. Ele enfiou seu corpo magro e duro na jovem, levando-a a uma série de orgasmos de arrepiar os dedos dos pés.

Eles ficaram deitados por alguns minutos e, de repente, ele se levantou da cama e começou a vestir as calças. "Estou zumbindo de energia - não consigo dormir. Vamos dar uma volta."

"Uma caminhada? Agora?"

"Venha", disse ele, puxando a mão dela. "O ar fresco vai fazer você se sentir melhor."

"Mas já é tão tarde..."

Ele ignorou os protestos dela e a ajudou a se vestir, certificando-se de que ela usasse apenas suas próprias roupas e não qualquer coisa que ele tivesse comprado para ela. Quando ela pegou o relógio de pulso, ele agarrou sua mão e disse com impaciência: "Pelo amor de Deus, *Cara*, você não está indo para um desfile de moda!"

Estava ventando lá fora, o céu estava apenas sugerindo a chegada do amanhecer. Eles subiram a colina, ao longo dos penhascos.

Vernazza faz parte de um conjunto de cinco vilarejos conhecidos como *Cinque Terre*. Eles seguiram na direção de Corniglia, o vilarejo mais próximo, que ficava a apenas três quilômetros ao sul. O caminho logo ficou tão estreito que eles tiveram que andar em fila indiana.

"Tenha cuidado, *Cara*", disse ele, deixando-a ir à frente dele. "Está escorregadio em alguns lugares."

O mar ao longo desse trecho específico da costa era sempre agitado, com as ondas quebrando sobre grupos de rochas irregulares cobertas por corais afiados como navalhas. Não era incomum que os caminhantes escorregassem e caíssem do penhasco de duzentos metros de altura. Em poucos minutos, seus corpos eram pulverizados em placas sangrentas de cartilagem e ossos não identificáveis.

"A vista não é incrível?", disse ele, parando-a depois que o caminho se alargou novamente.

"Sim", disse Maria, aconchegando-se novamente contra o peito quente dele. Bem abaixo, as ondas estavam explodindo sobre as rochas, o spray enchendo o ar com salmoura.

Ele beijou o topo de sua cabeça, abraçando-a com força. Foi uma pena. Ela era uma linda garota - ele já estava desenvolvendo um sentimento paternal e protetor por ela.

Embora as notas falsas de US\$ 100 tivessem passado pela máquina de verificação do cassino, elas acabariam sendo detectadas. Ela havia mostrado seu rosto no vídeo. O passaporte dela também estava no campo de visão da câmera.

Ele a virou gentilmente e a beijou novamente, com agressividade, enfiando a língua profundamente em sua boca.

Quando ele se afastou, os olhos dela se arregalaram - de repente, de alguma forma, ela entendeu tudo.

Ele a empurrou para o abismo.

POUCOS MINUTOS DEPOIS, ele fez uma ligação para um número de uma dacha nos arredores de Moscou.

Uma voz grave respondeu do outro lado. "*Da?*"

"Tenho boas notícias, meu amigo. Nosso experimento foi um sucesso estrondoso."

Pittsburgh, Pensilvânia - 1985

No dia em que Elaine Brogan nasceu, a vida de Patrick Brogan passou por uma mudança radical. Patrick Brogan era um operário da construção civil e sua existência consistia em um borrão interminável de assentamento de tijolos, botas de trabalho enlameadas, capacetes amassados e brigas bêbadas em bares. Ele não tinha pensado muito no bebê que estava para nascer nos últimos nove meses.

Quando ele olhou para a criaturinha espástica que segurava em seus braços, sua vida de repente ganhou significado.

QUANDO ELAINE TINHA quatro anos de idade, Patrick a carregava nos braços até o minúsculo deck de madeira que ele havia acrescentado ao sótão de sua casa em Garfield.

"Sua tataravó era uma princesa irlandesa", sussurrou ele, com a barba emaranhada nos cabelos loiros dela. "Ela morava em um lindo e antigo castelo. Ele tinha um fosso e um..."

"O que é um moap, papai?"

"Um *fosso*. É um lago que circunda todo o castelo e o protege de ataques". Ele fez uma pausa. "O pai da princesa Alana, o rei, realizava grandes festas e celebrações no Castelo de Brogan. Depois disso, Alana saía para a varanda, como esta, e todas as pessoas a aplaudiam. Todos saúdam a princesa! Todos saúdam a princesa!" Patrick apontou para o pequeno quintal. "Você consegue ouvi-los aplaudindo?"

Elaine escutou. Ela *podia* ouvi-los! Só que eles estavam gritando: "Viva a Princesa Elaine! Viva a Princesa Elaine!"

"A princesa Alana era muito rica, papai?"

"*Muito* rico, querida. Assim como você vai ser um dia..."

"Por que você enche a cabeça dela com essas bobagens?"

Kathy Brogan estava parada na porta, fumando um cigarro, com o rosto abatido por ter trabalhado doze horas no supermercado. "Você vai fazer com que ela pense que é melhor do que todo mundo", disse ela.

Patrick pareceu genuinamente surpreso. "Mas ela é melhor do que todo mundo".

ELAINE TINHA seis anos de idade quando percebeu que seu pai era pouco mais que um trabalhador braçal que bebia cerveja e tinha uma imaginação hiperativa, e que Garfield, onde moravam, era uma das piores áreas de Pittsburgh. Ela nunca seria rica e nunca houve uma Princesa Alana ou um Castelo Brogan. Mas ela adorava seu pai mesmo assim.

Elaine adorava encostar o rosto em seu peito largo quando ele chegava do trabalho. Ele cheirava a serragem, a tijolos e ao ar livre.

Ela sabia que ele sempre estaria lá para protegê-la.

QUANDO MENINA, Elaine sentia uma afinidade especial por resolver os quebra-cabeças visuais de jornais e revistas. Aqueles com duas fotos lado a lado que pareciam idênticas à primeira vista, com uma legenda que dizia: *Há dez diferenças entre as moças destas duas fotos. Você consegue encontrá-las?*

Patrick ficou maravilhado com a velocidade com que seu pequeno prodígio de cabelos curtos conseguia resolver esses quebra-cabeças. "A menina da direita não tem pulseira e há duas tiras na sandália dela... está vendo como é fácil, papai?"

"Não", ele deu uma risadinha. "Não vejo como isso é fácil. Como diabos você faz isso?" Para sua esposa, ele disse: "Ela tem um olho incrível para os detalhes. Um dia, ela pode se tornar uma grande artista".

"Uh-huh", disse Kathy.

PATRICK sempre se preocupou com a segurança de sua filha. Quando ela começou a frequentar a escola, ele a levava em sua caminhonete todas as

manhãs, buscava-a e a levava para casa todas as tardes. Nos canteiros de obras, por mais ocupado que estivesse, ele largava o que estava fazendo e dizia: "Tenho que ir buscar minha filha". Essas palavras eram sempre ditas com um grande senso de orgulho.

Seus chefes o toleravam porque ele era um trabalhador muito diligente e não podiam deixar de admirar sua dedicação paternal. Patrick era sempre o primeiro a chegar ao local e o último a sair. Durante o dia, ele trabalhava mais rápido e com mais afinco do que qualquer outra pessoa.

Seus empregadores não tinham ideia de que ele era o responsável pelos furtos e roubos que assolaram as instalações durante anos.

QUANDO ELAINE TINHA SETE ANOS, Patrick a pegou com a garota da casa ao lado fumando cigarros no quintal.

Naquela noite, Patrick disse à sua esposa: "Vou mandar Elaine para uma escola particular. Quero que ela saia desse bairro de merda".

"E como você planeja pagar por isso?"

Patrick tomou um gole de cerveja, olhando para a TV. "Não pergunte."

A BROMLEY ACADEMY FOR GIRLS ficava em um conjunto de prédios de tijolos em estilo colonial, aninhados em quarenta acres de terra repletos de árvores, a meia hora de carro de Garfield. O local era calmo e tranquilo, com muito ar fresco, um gazebo, um estábulo e as ruínas de uma pequena igreja rural, com um cemitério.

No dia da entrevista de Elaine, Patrick estava uma pilha de nervos. Seu cabelo estava penteado para trás, sua barba bem aparada e ele usava um terno de cinco anos de idade que não lhe servia e que havia comprado para o funeral de sua mãe. Ele temia que a Sra. Prentice, a diretora da escola, fosse uma esnobe arrogante. Para sua surpresa, ela se mostrou uma mulherzinha agradável e despretensiosa, com um nariz de cachorro e um sorriso gentil.

"Sua filha é adorável", disse a Sra. Prentice, examinando a ficha de Elaine, "e suas notas e resultados nos testes são excelentes. Ficaríamos muito felizes em tê-la aqui em Bromley".

Patrick deu um grande suspiro de alívio. Ele pegou uma mochila pesada e começou a empilhar pilhas de notas encadernadas com elástico na mesa dela. "Espero que não se importe se eu pagar em dinheiro."

"Sinto muito, mas só aceitamos cheques".

"Isso não é conveniente para mim. Veja, eu tenho um negócio de dinheiro." Patrick Brogan era um homem grande, com mãos de aparência rude. Ele havia listado sua ocupação no formulário como "capataz de canteiro de obras".

"E que tipo de negócio é esse?" disse a Sra. Prentice, inquieta.

"Eu e meus amigos temos alguns investimentos em coisas diferentes. Vídeo cassino para crianças, coisas desse tipo, sabe como é. Negócios em dinheiro."

"Entendo. Mesmo assim, receio que não possamos aceitar..."

"Eu estava percebendo que a pintura do seu gazebo está começando a descascar, e alguns dos pilares estão podres na frente." Ele fez uma pausa. "A aparência é importante, você não acha?"

"Bem, eu..."

"Eu ficaria feliz em consertar as coisas por aqui aos sábados." Patrick sorriu facilmente. "Sou bom nesse tipo de coisa."

O PRIMEIRO DIA em Bromley foi um pesadelo para Elaine. Ela cometeu o erro de dizer às meninas onde morava. Houve uma grande dose de esnobismo. Ela imediatamente se tornou "a garota de Garfield" com o pai operário da construção civil. Sua caminhonete era vista em algum lugar do campus praticamente todos os sábados, Patrick com seu jeans e camiseta, em algum lugar próximo pintando ou serrando ou em pé em uma escada e consertando uma calha.

Patrick se esforçava para ser amigável e prestativo com todos os alunos, sabendo o quanto isso era importante para Elaine. Ele falava em um razoável sotaque irlandês e dizia: "Top a de marnin' to ya, gershas!" ou "I saw a leprechaun hidin' in de gerden!". Todos davam risadinhas.

Por fim, eles o aceitaram e aceitaram Elaine.

À MEDIDA QUE ELAINE CRESCIA, Patrick perdia todo o interesse em sua esposa. Para Kathy Brogan, parecia que seu único propósito na vida era trazer ao mundo a amada "Lainie" de seu marido.

Kathy se viu cada vez mais enciumada com a atenção constante que ele dava à filha deles. Kathy era de Beaumont, Texas, e o ponto alto de sua vida tinha sido quando ela foi nomeada rainha do baile de formatura em sua escola secundária. Seu cabelo loiro natural e sua figura de modelo sempre a tornaram o centro das atenções quando os homens estavam por perto.

Kathy se odiava por ter ciúmes da própria filha, mas os sentimentos eram tão intensos que, às vezes, ela não conseguia se controlar. Em uma noite de domingo, depois de Patrick ter passado o fim de semana inteiro com Elaine, ela disse: "Talvez você prefira que a pequena Lainie durma em nossa cama e eu no quarto dela?"

Patrick lhe deu um tapa tão forte que a fez cair de pé. Apontando o dedo trêmulo para ela, que estava deitada no chão com o lábio sangrando, ele disse: "Se você disser algo assim novamente, eu a mato".

Duas semanas depois, Kathy Brogan fugiu para a Flórida com um caixa de supermercado de 23 anos.

Ela nunca mais foi vista ou teve notícias.

"Você já trabalhou como modelo?", perguntou o homem.

Elaine tinha dezesseis anos e tinha um emprego de verão em um shopping center de Pittsburgh para ajudar a economizar dinheiro para a faculdade. Ela estava no intervalo, olhando para uma vitrine, quando ele se aproximou dela por trás.

Quando ela se virou, ele disse: "Meu nome é Randy" e apertou sua mão. Ele tinha um jeito fácil e desarmante. Uma câmera de aparência profissional estava pendurada em seu pescoço. "Trabalho para a Rising Star Modeling Agency." Ele deu a Elaine um cartão de visita. "Estamos procurando novas modelos no momento. Você tem um visual novo. Deveria passar em nosso escritório."

Quando saiu do trabalho, Elaine pegou o ônibus direto para o centro da cidade, para a Rising Star Modeling Agency. Havia dezenas de moças bonitas entrando e saindo dos escritórios elegantes, que ficavam no terceiro andar de um prédio de escritórios sofisticado. As paredes estavam cobertas de pôsteres de modelos glamourosas com roupas de grife. Ela não reconheceu nenhuma delas, mas tinha certeza de que eram modelos de primeira linha.

Uma mulher de meia-idade, fumante inveterada, chamada Sra. Crawford, a entrevistou. Ela estudou o rosto de Elaine e pediu que ela se virasse.

Elaine era alta, com quase um metro e oitenta, e tinha a silhueta de sua mãe - seios modestos, barriga lisa e pernas longas e finas.

"Acho que você tem muito potencial. Você tem um cartão de registro?"

"Um quê?" disse Elaine.

A mulher suspirou como se estivesse lidando com um completo amador. "Um comp card é um pedaço de papel que tem suas fotos com poses diferentes e diz aos clientes em potencial tudo sobre você - sua altura, peso, tamanho do vestido, tamanho do sapato. Como este". Ela mostrou um para Elaine. "Nenhuma agência vai contratá-la como modelo até que você tenha um comp card."

Elaine corou, envergonhada por sua própria ingenuidade. "Como faço para obter um cartão de compadre?"

"Você começa obtendo fotos de alta qualidade. Você pode usar o fotógrafo que quiser, mas eu só posso recomendar o Randy. Um cartão de visita custa duzentos dólares."

"Duzentos dólares!" Elaine arfou. Para ela, isso era uma pequena fortuna.

A Sra. Crawford suspirou. "Olhe, querida, você quer ser modelo ou não?"

ELAINE ESVAZIOU sua conta bancária e pagou os duzentos dólares. Posar com roupas diferentes sob as luzes brilhantes e com todos os adereços coloridos foi emocionante. Elaine sentiu uma adrenalina inebriante quando pegou os cartões de comparsa. Ela estava espetacular em todas as fotos diferentes. Agora ela era uma modelo de verdade!

Ela entregou os cartões à Sra. Crawford e foi para casa, esperando o telefone tocar.

A SRA. Crawford não ligou. Passaram-se dois dias, depois uma semana e dez dias.

Elaine finalmente decidiu falar com a Sra. Crawford e ver o que estava acontecendo.

Quando chegou à agência, a Sra. Crawford estava ao lado da janela aberta, fumando e falando ao telefone. Parecia que ela não parava de falar. Finalmente, ela desligou e olhou para Elaine. "Sim, querida?"

"Eu... eu estava pensando se já havia algum trabalho de modelo para mim".

"E você é...?"

"Elaine Brogan. Deixei meus cartões de identificação com você há quase duas semanas."

"Ah, sim. Achei que você parecia familiar. Você é da lista B, certo?"

"Lista B...?" Elaine não sabia do que estava falando.

Ela foi até um armário de arquivos. "Vamos ver... Bailey, Bennington, Bernstein... Brogan." Ela retirou o arquivo de Elaine, deu uma olhada na pilha de cartões de identificação, depois o colocou de volta e fechou a gaveta. "Tudo está em ordem. Há mais alguma coisa?"

"O que significa 'Lista B'?"

"Significa que você não tem treinamento. Você não está pronta para o cliente. Ser modelo é um campo altamente competitivo, querida." Ela soprou a fumaça, olhando para Elaine. "É difícil conseguir trabalho a menos que você esteja pronta para o cliente."

"Como faço para estar pronto para o cliente?"

"Treinamento, é claro." Ela entregou a Elaine um folheto colorido que mostrava todos os diferentes cursos que a agência oferecia. Quando ela viu o preço do programa completo, seus olhos se arregalaram. "Dois mil dólares..."

"Você acha que poderia ser um médico bem-sucedido sem nenhum treinamento?"

"Bem, eu..."

"Um advogado bem-sucedido?"

Elaine não falou.

"Um engenheiro bem-sucedido? Querida, a modelagem não é diferente de qualquer outra profissão."

Elaine se sentiu estúpida novamente.

Ela saiu com o folheto.

"DOIS MIL DÓLARES?" disse o pai de Elaine, olhando para o papel.

"Ser modelo não é diferente de qualquer outra profissão, pai. Se você quer ser um médico bem-sucedido, precisa ter treinamento. Se você quer ser um advogado de sucesso, você..."

"Eu sei de tudo isso. Mas dois mil dólares..."

"Você não acha que sou bonita o suficiente para ser modelo?"

"É claro que você é bonita o suficiente".

"Então o que é?"

"É que... eu esperava que você escolhesse uma profissão em que usasse a inteligência."

"É apenas um hobby, pai. Não espero fazer isso como uma *carreira* ou algo assim." A verdade é que Elaine tinha fantasias sobre ser uma supermodelo e ter sua foto estampada em toda a capa da *Vogue*, voar por todo o mundo e ser podre de rica. Ela não gostava muito da ideia de ir para a faculdade.

Patrick coçou a cabeça, olhando para o folheto. "Não sei... parece que isso pode ser um golpe para atrair muitas jovens ingênuas..."

"Não é um golpe! Por que você sempre tem que ser tão desconfiado?"

"Lainie..." Patrick suspirou. Ele olhou para os grandes olhos azuis de sua filha. Ele não conseguia dizer não a ela. "Isso é realmente tão importante para você?"

"Sim", disse ela enfaticamente.

Quando ele finalmente concordou, Elaine o abraçou e beijou sua bochecha. "Eu tenho o melhor pai do mundo inteiro!"

PARA ELAINE, o resto do verão foi um turbilhão de atividades. Ela teve aulas sobre como andar na rampa e na passarela, sobre cuidados com o cabelo e a pele, sobre condicionamento físico e dieta, e sobre atitude mental positiva. Participou de seminários sobre o que fazer na "sala verde" e nos bastidores, como criar boas poses para o portfólio e o uso da linguagem corporal. Fora da agência, ela também se inscreveu em aulas de aeróbica para queimar a gordura extra.

Seu pai trouxe para casa um pedaço de madeira de três metros de comprimento e o lixou para que ela pudesse praticar "andar na trave", para treinar na passarela. Ele instalou um espelho enorme na parede de seu quarto para ajudá-la a refinar os movimentos e melhorar sua postura.

Elaine transformou-se lentamente do proverbial patinho feio em um cisne. Ela não se considerava naturalmente bonita, mas aprendeu a fazer o melhor uso de tudo o que tinha. Aprendeu a comprar roupas que acentuavam suas pernas longas e minimizavam seu busto pequeno, e a fazer isso com um orçamento que criava uma impressão de classe. Aprendeu a sorrir com mais frequência e a manter a cabeça erguida quando tinha medo. Em geral, ela se tornou muito mais consciente de sua postura e expressões faciais e aprendeu a se movimentar com muito mais graça e elegância.

Elaine trabalhou arduamente, dia e noite, ansiosa para concluir todos os cursos o mais rápido possível, para que pudesse começar sua carreira com o pé direito.

Em meados de agosto, ela concluiu o último curso oferecido pela agência, *Atuação em comerciais de TV*. Animada, ela levou o certificado para a Sra. Crawford.

"Tudo pronto", disse Elaine.

"Tudo feito com o quê?"

"Com a aula de teatro", disse Elaine, segurando orgulhosamente o certificado assinado. "Agora completei todo o programa."

"Parabéns", murmurou a Sra. Crawford. Com o cigarro pendurado na boca, ela pegou o papel e se virou para os armários de arquivos. "Qual é o seu nome mesmo, querida?"

Elaine cerrou os dentes. "*Brogan*. Elaine Brogan."

Ela retirou o arquivo de Elaine, colocou o certificado junto com todos os outros e fechou a gaveta.

"Nós ligaremos para você."

DUAS LONGAS SEMANAS SE PASSARAM. As aulas começaram. Elaine não recebeu nenhuma notícia da agência. Ela esperava que o telefone começasse a tocar para audições. Mas todas as noites, quando ela chegava em casa, não havia mensagens na secretária eletrônica.

Finalmente, ela pegou o ônibus para a agência no centro da cidade e foi direto para o escritório da Sra. Crawford. A mulher estava ao telefone, como sempre. Elaine bateu impacientemente com os dedos no balcão até que ela desligou.

"Posso ajudá-la?" disse a Sra. Crawford, acendendo um cigarro do fogo do anterior.

"Sim." Elaine criou coragem. "Quero saber por que você não está me chamando para nenhum emprego. Eu concluí todo o programa de treinamento e..."

"Qual é o seu nome, querida?"

Elaine não conseguia acreditar. "Brogan!", gritou ela. "*Elaine* Brogan!"

"Não fique irritada comigo, querida. Temos centenas de garotas nesta agência."

"Desculpe-me... estou um pouco chateado. Você me disse que, quando eu terminasse as aulas de treinamento, conseguiria trabalhos de modelo."

"Eu não lhe disse nada disso."

Elaine piscou os olhos uma vez. "Você disse que, para estar pronta para o cliente, eu tinha de fazer um treinamento."

"É isso mesmo."

"E daí? Fiz todas as aulas de treinamento que vocês oferecem".

"Sim, é isso mesmo. Você já fez todo o treinamento em grupo. Para estar pronto para o cliente, você também precisa de treinamento individual, um a um, com o Sr. Eskew."

Elaine lutou contra a raiva que estava crescendo dentro dela. "E quanto isso custa? Mais dois mil dólares?"

"Puxa, você é a mais cansada, não é, senhorita? Acontece que o treinamento pessoal com o Sr. Eskew é gratuito."

Elaine ficou surpresa. "Livre?"

"Você tem que ser selecionado pessoalmente pelo Sr. Eskew."

"Ah, e como isso funciona?"

"Pedindo uma entrevista. Gostaria que eu marcasse uma para você?"

"Sim, é claro." Ela acrescentou: "Por favor".

A Sra. Crawford foi até um calendário na escrivaninha e o abriu. "Vejam... o Sr. Eskew tem uma vaga aberta daqui a três semanas..."

"Quero uma entrevista *agora*. Não quero esperar três semanas."

A Sra. Crawford ficou olhando. O coração de Elaine estava batendo forte de ansiedade, mas ela pretendia manter sua posição. Ela não ia se deixar pressionar mais.

A mulher passou o lápis pelo calendário. "Houve um cancelamento para as seis e meia da noite de amanhã - seria bom para você?"

"Isso é perfeito", disse Elaine.

Elaine se virou para sair e olhou para trás. "Obrigada."

A Sra. Crawford soprou fumaça pelo lado da boca. "O prazer foi todo meu."

RONALD ESKEW, o proprietário da agência, era um homem bonito. Na casa dos quarenta anos, tinha a pele morena, longas costeletas e um bigode caído. Ele estava sempre impecavelmente vestido. A única vez que Elaine o via era no elevador ou passando pelo corredor até seu escritório. Ele estava sempre acompanhado de uma ou duas belas moças, que usavam roupas de grife caras.

Para a entrevista, Elaine vestiu o que achava ser sua melhor roupa: um par de jeans brancos justos que deixavam à mostra suas pernas longas e uma blusa que revelava sua barriga chapada. Ela gastou o salário das

últimas três semanas para fazer um penteado e se esbanjou em um trabalho de maquiagem profissional, embora pudesse ter feito isso sozinha agora.

Ela pegou o ônibus para a agência. Por alguma razão, ela não queria que o pai soubesse o que ela estava fazendo, então disse a ele que tinha que trabalhar no shopping. O tempo não poderia estar pior. Estava chovendo muito e o vento estava forte. Mesmo com seu guarda-chuva, ela estava molhada dos joelhos para baixo quando chegou ao Rising Star.

A Sra. Crawford a deixou entrar imediatamente - ela não precisou esperar.

"Bem, Sra. Brogan, é um prazer conhecê-la", disse o Sr. Eskew. "Por favor, sente-se."

Ela se sentou em seu sofá de couro. O escritório dele cheirava a fumaça de charuto e loção pós-barba almiscarada. Ele fechou a porta, puxou uma cadeira e a virou para trás, sentando-se de frente para ela. Ele estava tão perto que seus joelhos estavam quase se tocando. Ele usava muitas joias de ouro. Ela notou que ele tinha um relógio Rolex.

Pegando o cartão de identificação da mão suada dela, ele deu uma olhada na frente, depois no verso e, em seguida, olhou-a de cima a baixo, parando para admirar sua figura. Seu olhar pousou em sua barriga nua. "Você tem uma aparência nova. Há uma certa inocência em você que é atraente."

"Obrigado."

Ele colocou o cartão de comp. na mesa de centro e depois olhou nos olhos dela. "Eu sei que não preciso lhe dizer o quanto a profissão de modelo é competitiva, Ellen."

"É a Elaine."

"Certo. Elaine. Para ter sucesso neste negócio, você precisa mostrar seu verdadeiro eu, sua singularidade." Ele fez sinal para ela. "Você sabe o que quero dizer?"

Elaine assentiu com a cabeça.

"A câmera capta o que você está pensando, o que está sentindo, sua... *atitude*. É disso que realmente se trata. *Atitude*." Ele mexia muito as mãos quando falava.

Ele voltou a olhar para a barriga dela. Parecia que toda vez que ele olhava para lá, seu bigode caído dava uma pequena contração.

"Com meu treinamento pessoal", ele continuou, "eu realço a singularidade da modelo". Ele olhou para o joelho dela, depois estendeu a

mão e colocou-a ali. Olhando-a nos olhos novamente, ele disse: "Você gostaria de receber treinamento pessoal, Elaine?"

"Bem..." Ela queria afastar a mão dele. "Não tenho certeza se eu..."

"Você gostaria de participar de sessões de fotos no Caribe? Em Paris? Em Los Angeles?"

"I-"

"Ter roupas caras? Ter tanto dinheiro que você pode comprar o que quiser sem pensar duas vezes?"

A mão dele deslizou pela coxa dela. Elaine olhou para ela, incapaz de se mover. Ela se levantou abruptamente.

"Não gosto que você me toque", ela deixou escapar. "Tenho apenas dezesseis anos."

Ele olhou para ela, franzindo a testa com desaprovação. "Você está agindo como se tivesse doze anos. Modelos profissionais têm de ser maduros."

Por um segundo, Elaine sentiu um impulso de reprimir o que estava sentindo e tentar agir de forma mais "madura", mas então percebeu que era apenas mais manipulação. Tudo estava muito claro para ela agora.

"Essa agência é apenas uma fraude", disse ela. "Eu sei o que vocês estão fazendo."

"E o que é isso?", disse ele, levantando uma sobrancelha.

"Eu vi aquelas outras garotas..."

"Que outras garotas?"

"Os outros..." Elaine percebeu que não tinha nenhuma prova concreta de nada que esse homem viscoso tivesse feito. "Quero meu dinheiro de volta. Gastei dois mil dólares aqui e quero meu dinheiro de volta!"

"Receio que isso esteja fora de questão."

"É mesmo? Então acho que vou à polícia e contarei o que você acabou de fazer comigo".

"E o que foi isso?", disse ele, levantando a sobrancelha novamente.

"Você..." Ela percebeu que tinha muito pouco a dizer. *Ele tocou meu joelho.*

"Sim?", disse ele.

"Vou contar ao meu *pai* o que você fez. Ele tem 1,80 m e pesa 90 kg. É um trabalhador da construção civil."

A pele escura do Sr. Eskew perdeu um pouco de sua cor. Ele a observou por alguns segundos.

"Não há motivo para fazer ameaças", disse ele, cordialmente. "Na Rising Star, garantimos a satisfação." Ele foi para trás de sua mesa e se agachou em um dos armários. Ela ouviu um clique. Parecia que ele estava abrindo um cofre.

"Dois mil dólares, você disse?"

"É isso mesmo." Elaine tinha certeza de que aquilo era algum tipo de truque. Ela não podia acreditar que ele realmente devolveria seu dinheiro.

Ele fechou o cofre e colocou dois maços de notas de cem dólares sobre a mesa, depois os empurrou em direção a ela.

Ela os encarou.

"Vá em frente. Pegue-o."

Ela os pegou antes que ele pudesse mudar de ideia, colocando os dois pacotes em sua bolsa.

"Espero que agora você veja que somos uma agência de boa reputação e que diga isso a outras pessoas. Só porque suas expectativas pessoais não foram atendidas, isso não significa que o mesmo acontecerá com outras garotas."

QUANDO ELAINE CHEGOU AO SAGUÃO, viu que ainda estava chovendo muito lá fora e percebeu que havia deixado o guarda-chuva no escritório do Sr. Eskew. Ela não estava disposta a voltar para buscá-lo.

Ela saiu voando pela porta e correu para o ponto de ônibus. Quando chegou ao abrigo, estava encharcada até a pele. Mas estava com um sorriso de orelha a orelha.

Ela havia recebido todo o dinheiro de volta! Até o último dólar!

Seu pai ficaria orgulhoso dela. Ele estava certo o tempo todo. Ele teria a satisfação de dizer "Eu te avisei", mas pelo menos ela recebeu o dinheiro de volta.

Enquanto esperava o ônibus, ela começou a se preocupar. Algo a estava incomodando. Parecia fácil demais. Ela olhou para cima e para baixo na rua chuvosa. E se o Sr. Eskew chamasse algum bandido para interceptá-la e roubar o dinheiro de volta?

Certificando-se de que ninguém estava olhando, ela tirou os pacotes da bolsa e os colocou nos bolsos da frente da calça jeans.

O ônibus logo chegou. Elaine sentou-se no banco de trás e ficou preocupada durante todo o caminho para casa, olhando de vez em quando

pela janela traseira, com medo de que alguém estivesse seguindo-a em um carro.

Quando chegou ao ponto, ela pediu ao motorista que esperasse um segundo enquanto ela saía e verificava a estrada atrás do ônibus, mas nenhum carro estava seguindo.

Ela voltou rapidamente para casa. Ela não morava no tipo de bairro onde era seguro carregar mais de dez dólares na bolsa. Mas ninguém esperava que ela tivesse dinheiro, e todos em seu quarteirão tinham pavor de Patrick Brogan.

Elaine encontrou seu pai em sua posição habitual, sentado em frente à TV, com uma cerveja na mão.

"Como foi seu dia, querida?" Ele a olhou mais de perto. "Você está encharcada, Lainie! É melhor trocar de roupa."

Elaine tirou os dois pacotes úmidos dos bolsos e os depositou na mesa de centro em frente a ele.

"O que é isso?", disse ele, sentando-se.

"Todo o dinheiro que gastamos na Rising Star, pai. Cada centavo." Ela se inclinou, colocou os braços em volta do pescoço dele e o beijou. "Você estava certo."

"Sobre o quê?"

"É um golpe. Tudo o que eles fazem é... bem, prefiro não dizer. O que importa é que eu recebi o dinheiro de volta."

Seu pai olhou para as duas pilhas de notas com espanto.

"Quero que você coloque o dinheiro no banco, para a faculdade", disse ela.

Patrick olhava para a filha com admiração em seus olhos. "Você cresceu, querida, sabia?"

EM SEU QUARTO, quando Elaine tirou a calça jeans molhada, ela estremeceu, lembrando-se do Sr. Eskew colocando a mão em sua perna. Então, ela notou que havia duas manchas acinzentadas no material branco sobre os bolsos, onde estavam os dois maços de notas.

Até o dinheiro do homem é sujo, pensou ela, enquanto colocava o jeans no cesto de roupa suja.

Ela esperava que as manchas saíssem.

NA NOITE SEGUINTE, quando Elaine e seu pai estavam jantando, bateram à porta.

"Vou buscá-la", disse ela, levantando-se da mesa. Ela foi até a porta da frente e a abriu, deixando a corrente no lugar. A primeira coisa que ela viu foi a luz azul piscando nas casas do outro lado da rua.

"Esta é a residência de Brogan?", perguntou um homem de terno cinza.

"Sim."

Ele mostrou um tipo de crachá com uma estrela. "Serviço Secreto dos EUA. Abra a porta, senhora."

Atônita, Elaine abriu a porta e a puxou para trás. Não havia um, mas dois homens de terno cinza.

"Patrick Brogan mora aqui?", disse um deles.

"Bem... sim." Ela engoliu, tendo um pressentimento muito ruim. "Papai", ela chamou, mas ele já estava se aproximando dela.

"O que está acontecendo?", disse ele, nervoso.

"Patrick Brogan?"

"Sim..."

"Você depositou algum dinheiro hoje de manhã na agência do First National Bank, na Penn?"

"Bem... sim, eu fiz, mas..."

Algemas foram colocadas em seus pulsos. "Você está preso por passar moeda falsa."

O outro homem disse: "Você tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo o que disser pode e será usado contra você em um tribunal. Você tem o direito a um advogado..."

De acordo com a lei federal, Patrick Brogan cometeu um crime de Classe C, punível com até doze anos de prisão e uma multa de até duzentos e cinquenta mil dólares.

A fiança foi fixada em meio milhão. Ele foi interrogado várias vezes pela polícia local, pelo Serviço Secreto e pelo FBI, mas se recusou a revelar a origem dos dois mil dólares em dinheiro falso.

Alguns dias depois, ele foi acusado de um segundo crime - roubo. Suas impressões digitais haviam sido verificadas no banco de dados criminal e correspondiam a uma impressão latente tirada em uma cena de crime há dois anos, em um canteiro de obras onde ele havia trabalhado.

O pai de Elaine estava sujeito a uma sentença combinada de vinte e cinco anos.

ELAINE ESTAVA DOENTE DE TRISTEZA. Ela não sabia o que fazer. Atormentada pela culpa, ela foi à delegacia de polícia e tentou dizer que havia conseguido o dinheiro falso na agência de modelos, mas eles a consideraram um membro da família perturbado tentando proteger o pai.

Ele recusava visitas. Não queria falar com um advogado, nem mesmo com um designado pelo tribunal.

Seis dias depois de ele ter sido preso, Elaine finalmente teve permissão para ver seu pai.

Ela se sentou na janela de visitas e esperou, lutando contra suas emoções. Um guarda trouxe Patrick Brogan para dentro e apontou. "Número sete."

Seu pai caminhou lentamente pelo lado oposto das cabines de visita, vestindo um macacão laranja de presidiário.

"Papai", disse ela, pressionando as mãos contra o vidro.

Com os lábios trêmulos, ele disse: "Não suporto que você me veja assim", com uma voz tensa. Ele nem mesmo olhava para ela.

"Por favor, não tenha vergonha", disse ela, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Olhe para mim, papai."

Finalmente, ele ergueu os olhos. Eles estavam sombreados por anéis escuros, e sua pele parecia pálida. Ele estava na cadeia havia apenas uma semana e parecia ter perdido pelo menos seis quilos.

"Diga a eles onde você conseguiu o dinheiro", ela implorou.

"Não vou arrastar você para isso, querida."

"Por favor, papai! Eles vão colocá-lo na cadeia por vinte anos..."

"Não vai fazer diferença." Patrick se aproximou e pressionou as mãos dela contra o vidro. "O que eu fiz foi por você, querida. Pelo seu futuro. Não quero que você se sinta mal por isso. Jamais."

A verdade é que saber que seu pai estava roubando obras de construção civil para pagá-la em Bromley durante todos esses anos a fez se sentir mal. De alguma forma, ela sempre soube que o dinheiro vinha de atividades obscuras, mas se obrigou a acreditar nas histórias sobre as empresas de fliperama que ele e seus amigos possuíam.

Ele baixou a voz para um sussurro. "Você precisa manter sua boca fechada sobre o dinheiro falso, querida. Nunca conte a ninguém. Prometa-me."

"Mas..."

"Prometa-me, Elaine."

"Eu prometo."

"Acabou o tempo", disse o guarda com aspereza, passando por trás dele.

Elaine pressionou as mãos com mais força contra o vidro, desejando desesperadamente poder tocá-lo. Ela tinha a terrível sensação de que aquela seria a última vez que veria seu pai.

"Eu te amo, papai!"

O guarda o guiou para fora da vista.

ELAINE NÃO TINHA ideia do que aconteceria com ela agora. Ela sabia que seus dias em Bromley estavam contados. Dirigia a velha caminhonete do pai para a escola sozinha todos os dias, em um estado de total desespero.

Ela evitava a Sra. Prentice, como se adiar qualquer contato com a mulher pudesse ajudar.

A culpa é toda minha, pensou Elaine. *Se eu não tivesse me envolvido com aquela estúpida agência de modelos, nada disso teria acontecido*. Ela queria destruir Ronald Eskew, mas não conseguia pensar em uma maneira de fazer isso sem desafiar os desejos de seu pai.

Três dias depois de tê-lo visitado na prisão, um aluno assistente foi à sua aula de história mundial e pediu que ela fosse ao escritório.

Elaine sabia o que estava prestes a acontecer. Enquanto caminhava pelo corredor, ela se perguntava como a Sra. Prentice se sentiria ao saber que suas mensalidades, durante todos esses anos, tinham sido provenientes da venda de bens roubados. Ela estremeceu ao pensar nisso.

Quando ela entrou no escritório, a Sra. Prentice estava sentada em sua mesa. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Um lenço enrolado estava em sua mão.

"O que há de errado?" disse Elaine, com uma sensação de pavor se apoderando dela.

A Sra. Prentice saiu de trás de sua mesa, olhando com simpatia para Elaine, fungando.

"O que é isso?" disse Elaine.

"Seu pai..." A Sra. Prentice segurou as duas mãos de Elaine com força. "Ele se matou esta manhã."

ELAINE DIRIGIU o caminhão para casa em um estupor de robô.

As palavras "*Ele se matou hoje de manhã*" continuavam ecoando em seus ouvidos. Mas elas não tinham nenhum significado. Eram apenas ruídos aleatórios.

Ela olhou para o interior da caminhonete, para os dados difusos pendurados no retrovisor, para as luvas de trabalho de couro dele, para a foto desbotada de si mesma aos oito anos de idade em um traje de caubói, presa ao para-sol.

Eu sabia que nunca mais o veria, pensou ela, lembrando-se da sensação que tivera na prisão. Ela riu histericamente, com o lábio inferior tremendo. Em seguida, começou a perder o fôlego e quase saiu correndo da estrada.

Quando entrou na garagem da casa, ela estava apenas parcialmente consciente do que estava fazendo. Parecia que estava em um sonho, um pesadelo, e que estava se vendo de cima.

Ela se viu destrancando a porta da frente. Viu-se atravessando a pequena sala de estar e descendo as escadas para o porão. Ela se viu abrindo a gaveta de baixo da escrivaninha de metal surrada do pai e tirando o revólver 38.

Sob as ordens de seu pai, ela nunca havia tocado na arma antes, mas ela não parecia muito complicada de operar. Ela encontrou o botão que liberava os cilindros. Seus dedos os giraram lentamente - havia balas em todos os seis compartimentos.

Ela colocou a arma na bolsa, subiu as escadas e voltou para a caminhonete.

Foi tudo culpa de Ronald Eskew.

O canalha desprezível ia pagar.

Enquanto dirigia até o centro da cidade, Elaine visualizava a cena. *Você matou meu pai*, ela diria, enfiando a arma no peito dele. Não, debaixo de seu pescoço. Em seu pomo de Adão. Ela o faria implorar pela própria vida, ajoelhar-se e chorar como um bebê. Ela o faria se arrepender do dia em que nasceu. Ela o faria dizer a ela de onde tinha vindo o dinheiro falso. Quando estivesse satisfeita por tê-lo quebrado completamente, ela chamaria a polícia e o manteria lá até que eles chegassem.

JÁ ESTAVA ESCURECENDO quando ela parou na entrada principal do prédio de escritórios onde ficava a Rising Star Modeling Agency.

Ela estacionou o carro e saiu, sem se preocupar em trancar a porta.

Quando ela entrou no saguão, o segurança se levantou e disse: "Não é permitido estacionar aí, senhorita...".

Ela já estava indo em direção ao elevador.

"Ei, espere! Você não pode simplesmente..."

Ela entrou no elevador e apertou o botão 3.

"Espere!", disse o guarda, mas antes que ele pudesse chegar lá, as portas se fecharam.

Quando o elevador chegou ao terceiro andar, ela saiu do elevador, com o coração batendo forte nos ouvidos, mas parecendo muito, muito distante. Ela chegou à porta da frente da agência e girou a maçaneta.

Ela estava trancada. Então ela notou que as luzes do escritório não estavam acesas.

Elaine franziu a testa - ainda não eram nem seis horas. Onde diabos estavam todos eles?

As portas da escada se abriram e o guarda de segurança trotou em sua direção. "O que você acha que está fazendo?"

Ele parou, olhou para a porta e depois de volta para Elaine. "Eles se foram."

"O que você quer dizer com isso?" disse Elaine.

"Foi embora. Arrumaram a barraca e foram embora."

Elaine olhou pela janela para os escritórios escuros. Todas as mesas ainda estavam lá, os armários de arquivos, as cadeiras... mas havia lixo espalhado pelo chão.

"Eles não deixaram um endereço para encaminhamento, nada", disse o guarda. "Fugiram nos últimos seis meses do contrato de aluguel." Ele olhou para ela com simpatia. "Eles também lhe deviam dinheiro?"

Elaine ficou atônita. Eles tinham ido embora, todos eles tinham ido embora! Ronald Eskew devia saber que seu pai havia sido preso.

Ela se virou e voltou para o corredor atordoada.

Elaine conseguiu permanecer na Bromley Academy.

A Sra. Prentice conseguiu uma bolsa de estudos integral, que incluía alojamento e alimentação no campus. Todos os alunos sofreram com a morte de seu pai e foram muito gentis com Elaine.

Ela se enterrou em seus estudos, escondendo-se de sua dor. Ela não conseguia escapar do ódio profundo que brotava dentro dela por Ronald Eskew, ou qualquer que fosse o nome verdadeiro do homem. Ele crescia dentro dela como um câncer.

Um dia, na décima primeira série, ela e sua melhor amiga, Kaitlin, estavam no escritório do orientador educacional, preenchendo seus formulários de carreira. Elaine viu uma revista com um artigo intitulado "*Carreiras no Serviço Secreto*". Ela leu a parte sobre a Divisão Antifalsificação.

Naquele momento, ela decidiu que se tornaria uma agente do Serviço Secreto e que iria localizar Ronald Eskew e puni-lo pelo que ele havia feito.

O artigo dizia que, para se qualificar para o Serviço Secreto, era necessário ter um diploma universitário e que a concorrência era acirrada. Dizia também que se você fosse fluente em um idioma estrangeiro e/ou tivesse alguma formação especial relevante para a produção de moeda, como impressão em talhe-doce, suas chances de se tornar um agente eram muito maiores.

Impressão em talhe-doce, pensou Elaine. Ela não tinha ideia do que era isso, mas sempre gostou de arte e design gráfico.

Ela não mencionou seus planos para Kaitlin ou para qualquer outra pessoa. Era seu segredo.

Em seu último ano, Elaine se inscreveu em todas as principais faculdades do nordeste dos EUA que tinham departamentos de design gráfico fortes e mencionavam a impressão em talhe doce em seus catálogos de cursos. A Sra. Prentice e seus professores lhe escreveram cartas de recomendação brilhantes.

Elaine ficou entusiasmada ao ser aceita na prestigiosa Rhode Island School of Design and Architecture, com uma bolsa de estudos integral.

Kaitlin foi aceita na Northwestern University, em Chicago, também com uma bolsa de estudos integral. Ela planejava estudar economia.

Quando ambos se formaram em Bromley, despediram-se com lágrimas nos olhos e prometeram manter contato.

Quando Elaine chegou ao campus da RISD, sentiu-se estranha. Era como se, de repente, ela estivesse se libertando. A vida em Bromley tinha sido bastante rígida, mesmo no último ano, com as idas e vindas de seus alojamentos rigidamente controladas. E bastante isolada, a escola ficava na zona rural, a trinta minutos de Pittsburgh.

Agora, ela se encontrava em um dormitório misto com pouquíssima supervisão e morando no meio de uma área urbana, em Providence, Rhode Island.

O mais estranho era assistir às aulas com meninos. Elaine não ia à escola com meninos desde a segunda série, e se sentia tímida e desajeitada perto deles. Ela ficava com a língua presa sempre que eles falavam com ela.

Ela tentou ignorar o problema, dedicando-se aos estudos, o que não foi difícil - a faculdade era tão empolgante e diferente do ensino médio, especialmente em uma escola de design. Ela adorava seus cursos de estúdio - desenho, 2-D e 3D - e se saía muito bem neles.

Mas sua insegurança em relação ao sexo oposto persistia, e ela finalmente decidiu que precisava fazer algo a respeito. Ela achava que o fato de ser virgem era o principal problema. Se ela tivesse relações sexuais com um rapaz, se sentiria mais confortável com eles.

Sua colega de quarto, Ashley Page, era uma de suas colegas de classe mais experientes. Ela era o completo oposto de Elaine - uma artista do Brooklyn, baixa, curvilínea e de cabelos cacheados.

"Temos que transar com você, garota", disse Ashley com franqueza, quando Elaine se sentiu confortável o suficiente para falar abertamente com

ela. "De que tipo de homens você gosta?"

"Não sei", disse Elaine. "Forte, mas gentil." Como o pai dela.

"Forte, mas gentil", disse Ashley. "Isso elimina cerca de noventa e oito por cento da população masculina. E quanto à aparência? Alto, musculoso, magro? Loiro, moreno? Olhos azuis..."

"Não sei, Ashley. Isso importa? Só preciso de alguém que faça o trabalho."

Ashley riu. "Rapaz, você está cansado".

Elaine já havia desistido há muito tempo da ideia de que o processo de perda da virgindade seria um evento romântico. Era simplesmente uma barreira que ela queria romper - tanto literal quanto figurativamente. Ela achava que isso não só a deixaria mais à vontade com os rapazes, mas também a faria sentir-se uma mulher completa e plenamente funcional.

Ashley disse a Elaine que sua melhor aposta era ir ao centro esportivo da Brown University, que estava disponível para os alunos da RISD. "Quem sabe, você pode ter sorte e acabar se casando com um cara rico da Ivy League."

"Sim, claro. Eles ficarão muito impressionados quando descobrirem que sou de um gueto em Pittsburgh."

"Melhor do que o Brooklyn", disse Ashley.

"Você não esteve lá."

ELAINE SEGUIU o conselho de Ashley e se inscreveu em uma aula de Tae Kwon Do no centro esportivo da Brown. Lá, ela conheceu vários rapazes, embora apenas um deles fosse aluno da Brown. Os outros eram da RISD.

Os três primeiros encontros sexuais de Elaine foram como o conto de fadas de Cachinhos Dourados e os Três Ursos. O primeiro foi quente demais, o segundo foi frio demais e o terceiro foi perfeito... ou, pelo menos, foi o que ela pensou no início.

Too Hot foi o de Brown, um estudante de filosofia do segundo ano. Ele teve um orgasmo estremecedor no instante em que a ponta de sua masculinidade revestida de borracha tocou a vagina dela.

"Não é para durar mais do que isso?" disse Elaine.

Com o rosto corado, ele rapidamente vestiu a calça. "Quem você acha que eu sou, Super-Homem?" Ele disse a ela para sair de seu quarto.

Too Cold simplesmente não conseguia fazer sua máquina funcionar. Ele era um estudante de design gráfico bastante tímido que ela conheceu

enquanto fazia exercícios em uma bicicleta ergométrica. Elaine teve de dar o primeiro passo, perguntando a ele como fazer a máquina funcionar. Eles voltaram para o quarto dele e começaram a se beijar na cama. Ele teve uma ereção rápida, mas quando se atrapalhou com a camisinha e tentou desajeitadamente colocar-se dentro dela, já estava mole como massa. Eles tentaram novamente, três vezes. Finalmente, ele ficou tão humilhado que inventou uma desculpa de que estava estressado por causa de uma prova e pediu que ela fosse embora.

Just Right proporcionou a Elaine sua primeira experiência sexual satisfatória, mas ele era estranho desde o início. Cinco centímetros mais baixo que Elaine, ele fazia parte do time de hóquei da RISD, The Nads. Ele tinha um físico musculoso e grosso e um peito peludo, que Elaine achava excitante. Eles se conheceram na aula de Tae Kwon Do e combinaram de se encontrar em um bar.

Ela o encontrou sentado em uma cabine, esperando por ela, assistindo a um jogo de basquete na TV de tela grande. Assim que se sentou, ela notou uma proeminente abertura na calça jeans dele que, para seu espanto, persistiu durante todo o tempo em que conversaram. Ele só falava de hóquei e de como esperava se tornar um profissional, e que a RISD era apenas um "plano reserva" caso ele não conseguisse.

"Vamos sair daqui", disse ele finalmente, e segurou a mão dela ao saírem do bar. Ela esperava que ele a levasse para seu dormitório, mas, em vez disso, ele a levou para o outro lado da rua e diretamente para outro bar. Eles tomaram outro drinque e conversaram, continuaram a assistir ao jogo na TV, conversaram, e então ele a levou para outro bar. E outro. E outro.

Ela ficava olhando de relance para a virilha dele e teve vontade de dizer: *"Você não entendeu? Você não precisa me impressionar e conversar comigo a noite toda. Eu sou uma coisa certa.* Mas ela não queria assustá-lo.

Ela finalmente percebeu o que estava acontecendo quando foram ao terceiro bar. Ele sempre se afastava quando entravam, deixando que ela andasse na frente dele, sozinha, para se sentar no bar sozinha por alguns minutos. Ele sempre tinha uma desculpa - tinha que usar o banheiro, precisava comprar um maço de cigarros na máquina - o que quer que fosse. Então, ele se juntava a ela, aproximando-se e dizendo "Ei, linda", como se ela fosse uma completa estranha para ele. Ele queria que todos no bar o vissem se aproximar da bela loira que acabara de entrar, a quem todos os

outros caras estavam de olho, e então - sem esforço - pegá-la. Era uma coisa competitiva, do tipo macho alfa.

Estranho, mas compreensível, supôs Elaine. Ele era sexy demais para ser abandonado com base nisso... e aquele carão era promissor demais, especialmente depois do curso de filosofia da Brown.

Finalmente, ela não aguentou mais. "Quer voltar para o meu quarto?", sussurrou ela, segurando o braço grosso dele.

"Vamos para a minha."

Quando eles chegaram, ele trancou a porta e imediatamente ligou a TV. Estava passando outro jogo estúpido de basquete. "Você quer uma cerveja?", ele disse.

"Não", disse ela sonhadora. Ela abaixou o volume do aparelho de TV. "Eu só quero estar com você." A verdade é que ela só queria acabar com isso.

Eles se sentaram na cama e ele a beijou com muita língua. Quando ele abaixou as calças, sua ereção apareceu e balançou avidamente para cima e para baixo. Era curta e grossa, exatamente como ele era. Mas ela não estava reclamando - pelo menos estava duro. Com sorte, não explodiria ao menor contato com qualquer parte da anatomia feminina.

Ele a deitou habilmente na cama e mergulhou dentro dela, rompendo seu hímen com o primeiro e poderoso impulso - finalmente. Em um ou dois momentos, ele a levou ao seu primeiro orgasmo gerado externamente. Ele fez amor com um ritmo de máquina, sua masculinidade mantendo uma turgidez constante. Ele não parava, não parava, não parava. Ela manteve os olhos fechados o tempo todo e, depois de um tempo, achou que ele parecia distraído, como se sua mente estivesse em outro lugar.

De repente, ele começou a empurrar com mais força. "Vai, Rodriguez, vai!", ele gritou.

Por um segundo, ela pensou que Rodriguez era o nome carinhoso que ele dava ao próprio pênis. Então, ela abriu os olhos e viu apenas a parte inferior do queixo dele.

Ele ainda estava assistindo ao jogo de basquete na TV.

"Atire!", ele gritou. "O que está esperando, idiota?"

"Eu... podemos..." Elaine tentou se desvencilhar dele.

"Qual é o problema?", disse ele, olhando para ela.

"Já tive o suficiente." Ela rolou para fora da cama.

Ele olhou para ela por um momento, depois deu de ombros e entrou no banheiro. Elaine aproveitou a oportunidade para se vestir rapidamente. Quando foi buscar o sapato embaixo da cama dele, viu um pequeno comprimido azul no chão.

Ela se aproximou, olhando de soslaio para o rótulo.

VIAGRA.

Isso explica muita coisa, pensou Elaine. Ele deve estar em conserva.

Ele saiu do banheiro, ainda nu e ereto, com a camisinha ensanguentada pendurada no dedo.

Ela desviou o olhar.

"Você nunca fez isso antes?"

"Não", disse Elaine, calçando o outro sapato. *E certamente não vou fazer isso de novo com você.*

QUANDO ELAINE CONTOU a Ashley o que havia acontecido, ela começou a rir. Então Elaine também começou a rir. As duas riram tanto que choraram. "Vai, Rodriguez, vai!" Ashley repetia, entre acessos de histeria, batendo no colchão de sua cama.

Quando finalmente se recompuseram, Ashley olhou sombriamente para Elaine. "Então, como foi, no geral?"

Elaine deu de ombros. "Tudo bem, eu acho."

"Bem, isso é bom. Você veio?"

Elaine corou. "Algumas vezes."

"Isso é ótimo!"

"Sim. Em geral, acho que o sexo é superestimado."

DEPOIS QUE ELAINE perdeu a virgindade e não se sentiu mais como uma leprosa, ela voltou a se concentrar nos estudos. Na verdade, isso a deixou mais à vontade com os meninos. Mas ela não lhes dava muita atenção. O romance poderia vir depois - ela estava em uma "missão". Ela não contou a Ashley ou a qualquer outra pessoa o verdadeiro motivo pelo qual estava na RISD, que era parte de uma grande estratégia para conseguir um emprego no Serviço Secreto. Como a maioria dos outros alunos da RISD, Ashley era uma artista talentosa. Ela e todos os outros eram tão apaixonados pelo que faziam que Elaine às vezes se sentia terrivelmente fria e calculista, como alguém que estava usando a RISD apenas como um meio para atingir um fim.

Ainda assim, ela estava determinada a vingar a morte de seu pai. Nada poderia impedi-la de fazer isso. No fundo, ela simplesmente não achava que poderia seguir em frente na vida até que a justiça fosse feita. Ela iria localizar Ronald Eskew, legalmente, e puni-lo.

Para aumentar suas chances de conseguir um emprego no Serviço Secreto, ela se formou em russo. Ela havia aprendido que grande parte da atividade internacional de falsificação de moeda ocorria na Europa Oriental e nos países que compunham a antiga União Soviética. Embora o russo fosse difícil, era o idioma comum entre esses países, e ela achou que era a melhor opção. Ela frequentou as aulas de russo na Brown. Ela gostava de conviver com os alunos de lá, pois eles eram bem diferentes dos tipos artísticos da RISD.

OS QUATRO ANOS na RISD passaram incrivelmente rápido para Elaine. Ela e Kaitlin mantiveram contato uma com a outra, como haviam prometido que fariam. Nos primeiros dois anos, elas se comunicavam quase diariamente pelo Facebook. Mas, aos poucos, elas foram se distanciando, especialmente depois do primeiro ano, quando Kaitlin conheceu um estudante de direito incrivelmente atraente da Northwestern chamado Matthew e foi morar com ele.

Elaine ficou no quarto durante os quatro anos com Ashley, mas, assim como Kaitlin, Ashley acabou encontrando um namorado sério, outro estudante de design da RISD, um ano antes delas. Depois disso, Ashley passou a passar a maior parte das noites com ele.

O cupido nunca atirou suas flechas na direção de Elaine. De vez em quando, ela via algum jovem que lhe causava arrepios à distância, mas, quando entrava em contato físico, era sempre uma decepção. Assim como o "Sr. Rodriguez", como ela e Ashley se referiam ao jovem que a deflorou, Elaine inevitavelmente achava os mais bonitos vaidosos e egocêntricos demais. E, como o estudante de filosofia da Brown, os intelectualmente estimulantes pareciam todos inseguros na cama.

Em maio de seu último ano, Elaine recebeu um telefonema de Kaitlin, dizendo-lhe que ela e Matthew iriam se casar. Elaine viajou para Chicago para o casamento, que foi realizado em um belo parque às margens do Lago Michigan.

Quando Elaine voltou para Rhode Island, ela chorou muito.

Ela disse a si mesma que o amor não podia ser forçado, que ela não tinha escolha a não ser esperar pacientemente - ou impacientemente - que ele surgisse em seu caminho.

Certa tarde, Elaine voltou de sua aula de impressão em talhe-doce e Ashley estava na sala, o que era raro hoje em dia. Ela estava sentada em sua mesa de desenho e se virou para olhar para Elaine.

"O que diabos você fez?", perguntou ela, olhando fixamente.

Elaine franziu a testa. "O que há de errado?"

"Há alguns minutos, uma 'agência governamental' ligou e começou a fazer perguntas sobre você."

"O que eles disseram, exatamente?" O coração de Elaine já estava batendo forte.

"Todos os tipos de coisas pessoais - se você era honesto, se já roubou coisas, se usou drogas..."

Elaine estava com um sorriso de orelha a orelha.

Ashley ficou olhando. "Isso a deixa feliz? Estou perdendo alguma coisa?"

"Eu me candidatei a um emprego no Serviço Secreto."

"Você se candidatou a... *o quê?*"

"Um emprego no Serviço Secreto. Não é tão estranho assim, Ashley", acrescentou Elaine, um pouco na defensiva. Ela sabia que Ashley não entenderia. Como quase todo mundo na RISD, Ashley estava se candidatando a empregos em casas de moda e empresas de design em Nova York, Boston, Los Angeles e Chicago. Elaine havia se candidatado à maioria dos mesmos empregos - ela e Ashley haviam preenchido muitas das candidaturas juntas.

"O Serviço Secreto contrata muitas pessoas que têm experiência em design gráfico e impressão", explicou Elaine.

"Tenho certeza de que você tem razão, mas... nossa, Elaine. O *Serviço Secreto*?"

"Foi apenas um capricho, Ashley. Pensei em enviar uma inscrição e ver o que acontecia. Por que não?"

Ela não disse a Ashley que o formulário tinha 34 páginas e que ela havia se dedicado a ele por um mês inteiro. Elaine preencheu a maior parte do formulário on-line e se certificou de que nenhuma parte impressa estivesse por perto para que olhos curiosos pudessem ver. A parte mais difícil foram as redações de Conhecimento, Habilidades e Aptidões (KSA). Elas deveriam mostrar a "capacidade do candidato de lidar com pessoas, assumir responsabilidades e tomar decisões independentes".

Antes de Ashley sair para a próxima aula, ela olhou para Elaine por um longo momento. "Você é um pássaro estranho, Srta. Brogan." Ela deu um abraço caloroso em Elaine. "Mas eu a amo. Espero que você consiga o emprego, se é isso que realmente quer."

"É o que eu quero, Ashley. E obrigado pelo apoio."

O SERVIÇO SECRETO ligou dois dias depois e marcou uma entrevista para a segunda-feira seguinte, às 14h, no escritório de campo em Providence.

Elaine ficou eufórica no início, mas a sensação logo se dissipou. Ela percebeu que, de certa forma, esperava não chegar tão longe. O processo de vários estágios no qual ela estava prestes a se envolver voluntariamente era, no mínimo, intimidador.

Se ela passasse na entrevista, teria de fazer o TEA (Treasury Enforcement Agent Exam). Pelo que Elaine pôde perceber, o TEA era um pouco parecido com o teste SAT, mas para pessoas que queriam se tornar agentes do Serviço Secreto. Ele tinha três partes: Parte A, raciocínio verbal; Parte B, raciocínio aritmético; e Parte C, problemas para investigação. Havia guias de estudo comerciais disponíveis para ele. Ela estava estudando para as provas finais agora mesmo. Ela temia essa ideia.

Depois, se ela fosse inteligente o suficiente para passar no TEA, seria convidada a voltar ao escritório local para outra entrevista. Esse evento sombrio tinha o nome imponente de "Fator V". Um painel de três agentes sênior do Serviço Secreto o interrogava por noventa minutos para proporcionar uma tarde divertida.

Se você passasse no Fator V, então vinha o teste do detector de mentiras, um exame físico intensivo e um exame psicológico igualmente intensivo.

Somente se você superasse todos esses obstáculos, o Serviço Secreto levaria a sério a possibilidade de contratá-lo como Agente Especial. Todos os cargos no Serviço exigiam uma autorização de segurança Top Secret, portanto, você tinha de passar por uma verificação completa de antecedentes que não deixava pedra sobre pedra. Todos os endereços em que você já morou foram verificados e investigados. Entrevistas detalhadas eram realizadas com seus amigos, vizinhos, colegas de trabalho, colegas de classe, professores, ex-empregadores e qualquer outra pessoa que você já tivesse conhecido. Isso foi feito para avaliar sua honestidade, julgamento, reputação, responsabilidade financeira e, é claro, seu caráter geral. Então, e somente então, o Painel de Contratação se reuniria e tomaria uma decisão final sobre você.

O que mais incomodava Elaine era o exame psicológico. A essa altura, eles saberiam tudo sobre a prisão de seu pai por passar moeda falsa. Elaine era sábia o suficiente para saber que nenhuma agência de aplicação da lei jamais contrataria alguém que tivesse uma mentalidade de justiceiro, alguém que quisesse resolver um rancor pessoal contra um criminoso. Elaine sabia, desde o início, que tinha de esconder seu desejo sincero de vingar a morte do pai e criar a impressão de que se candidatar ao Serviço Secreto era uma ideia que só lhe ocorrera recentemente.

Esse era o principal motivo pelo qual ela havia se candidatado a todos os empregos "normais" com Ashley. A verdade é que ela não tinha interesse em nenhum deles.

O único emprego em que ela estava interessada era o de agente especial do Serviço Secreto.

ELAINE SE SAIU BEM nas entrevistas, passou no TEA por uma ampla margem e passou no exame físico e no teste do detector de mentiras. Houve um momento de tensão quando ela estava fazendo o teste do detector de mentiras e o entrevistador perguntou: "Você tinha algum conhecimento das atividades ilegais de seu pai?" Elaine respondeu "Não". Ela meio que esperava que as agulhas da máquina se movessem descontroladamente para fora da escala, mas não notou nenhuma mudança. Sua resposta era verdadeira, mas ela achava que sabia desde muito cedo, pelo menos

inconscientemente, que seu pai estava fazendo algo ilegal para pagar sua educação em Bromley. Aparentemente, a máquina não percebeu.

QUANDO O EXAME psicológico finalmente chegou, Elaine havia se formado na RISD e estava morando em um apartamento microscópico em Providence. Ela aumentou suas horas no café para se sustentar. Recebeu algumas ofertas de emprego, uma em Nova York e outra em Boston, mas recusou as duas, apostando que seria aceita no Serviço Secreto. Ela sabia que era loucura colocar todos os ovos em uma única cesta, mas não conseguia se animar com a ideia de trabalhar em uma empresa de design gráfico. Quanto mais avançava no processo de contratação do Serviço Secreto, mais determinada ela ficava para conseguir o emprego. Era um desafio.

QUANDO ELA SE sentou na cadeira confortável do consultório do psicólogo, estava surpreendentemente calma.

Seu nome era Dr. Steiner. Ele estava na casa dos 50 anos, com um cavanhaque branco como a neve e olhos azuis penetrantes. Ele parecia ser o tipo de homem que não perdia um truque.

Ele começou com os testes psicológicos habituais com Elaine - mancha de tinta de Rorschach, associação livre, desenho à mão livre - e depois começou a fazer perguntas sobre a infância de Elaine.

"Vejo aqui que seu pai foi preso por passar moeda falsa e roubo no canteiro de obras." Ele olhou para Elaine. "Como você se sente em relação a isso?"

Ela tentou se manter relaxada. "É claro que fiquei muito chateada. Eu tinha apenas dezesseis anos. Não tinha ideia de que meu pai estava envolvido em qualquer tipo de...".

"Não lhe perguntei o que achava disso *na época*, Sra. Brogan. Estou perguntando como se sente em relação a isso agora."

"Oh." O homem era aparentemente muito inteligente para cair nessa abordagem. "Não tenho certeza do que quer dizer. Você pode ser mais específico?"

Steiner fez sinal para ela. "Você se sente irritada com isso? Triste? Envergonhada? Vingativa? Você e seu pai devem ter sido muito próximos." Ele olhou para o arquivo. "Aqui diz que sua mãe foi embora quando você tinha... dez anos?"

"É isso mesmo." Elaine podia sentir o suor escorrendo por suas costas. Ela havia preparado uma dúzia de respostas diferentes para essa pergunta, mas não sabia qual delas usar. "Meu pai não era um homem sofisticado, Dr. Steiner. Ele tinha apenas a nona série do ensino fundamental. Agora que tenho um pouco de distância do meu crescimento, sinto muita pena dele. Sei que ele estava fazendo o melhor que podia."

O Dr. Steiner assentiu com a cabeça. "Você não está com raiva dele, então?"

"Não mais. No começo, eu estava com raiva dele por ter se matado e me deixado sozinha. Mas agora já me conformei com isso. Ele simplesmente não conseguia lidar com a situação."

"O relatório da polícia diz que ele nunca revelou onde conseguiu o dinheiro falso." Steiner olhou para ela. "Você tem alguma ideia de onde ele veio?"

"Não", mentiu Elaine. "Eu sempre achei que ele o obteve de quem estava comprando os materiais roubados do canteiro de obras." Ela deu de ombros. "Honestamente, nunca pensei muito nessa parte - tenho certeza de que ele não sabia que o dinheiro era falso, independentemente de sua origem."

"Estou vendo." Steiner a estudou por um longo momento. "Então, seu desejo de se tornar uma Agente Especial não tem nada a ver com a prisão de seu pai..."

Essa era a pergunta tão temida. "Bem, eu não iria tão longe. É claro que a prisão de meu pai me fez não gostar de falsificadores um pouco mais do que de outros tipos de criminosos. Basicamente, sou uma pessoa muito moral. Candidatei-me a esse trabalho porque acho que será gratificante ajudar a proteger os Estados Unidos contra atividades criminosas de todos os tipos."

Que besteira, pensou Elaine.

Ela esperou ansiosamente enquanto o Dr. Steiner voltava a olhar o arquivo. Ele folheou algumas páginas, coçou a barba, pensando, depois fechou o arquivo. "Isso é tudo, Sra. Brogan. Obrigado pelo seu tempo".

Elaine se levantou da cadeira de forma incerta. A entrevista tinha parecido muito curta. Ela se perguntou se havia estragado tudo com seu tom de moralidade. "Então... eu passei?"

"Nós o informaremos."

Quando Elaine recebeu a carta oficial informando-a de que havia sido aceita no Serviço Secreto, ela soltou um grito e deu cambalhotas em seu pequeno apartamento.

Ela ligou para Ashley e Kaitlin e lhes deu a fantástica notícia.

Ashley ainda não entendia por que Elaine queria o emprego e percebeu que Kaitlin achava um pouco estranho, mas as duas a parabenizaram.

Um mês depois, Elaine começou a se perguntar se havia cometido um erro. O processo de qualificação já tinha sido ruim o suficiente, mas o curso de treinamento do Serviço Secreto foi como ir da frigideira para o fogo. Foi uma das experiências mais desafiadoras e estressantes pelas quais Elaine já havia passado.

A primeira parte do curso foi realizada no Federal Law Enforcement Training Center em Glynco, Geórgia. Durante dez semanas, ela e quarenta e sete outros novos contratados receberam uma educação intensiva em direito penal e técnicas de investigação. A maior parte do curso foi "aprendizado de livros", como seu pai teria chamado, algo em que Elaine se destacou.

As coisas ficaram difíceis durante a segunda parte do curso. O curso intensivo de dezessete semanas para agentes especiais foi realizado no Centro de Treinamento James J. Rowley do Serviço Secreto, em Laurel, Maryland. Não havia sinais que indicassem a existência da instalação, exceto por avisos de PROPRIEDADE DO GOVERNO - MANTENHA-SE FORA ao redor do perímetro cercado de 500 acres. O centro contava com seis milhas de estradas, trinta e um edifícios, incluindo a área central simulada de uma cidade, bunkers subterrâneos, pistas de obstáculos, um

campo de tiro, uma pista de direção em alta velocidade e um aeroporto e heliponto simulados, incluindo maquetes perfeitas do Air Force One e do Marine One, o avião e o helicóptero do presidente, respectivamente.

O treinamento foi intenso. Embora o conhecimento de Elaine sobre impressão em talhe-doce a tivesse indicado para trabalhar na Divisão Antifalsificação, ela teve de passar pelos mesmos requisitos rigorosos que qualquer outro agente do Serviço Secreto, inclusive aqueles que protegiam o Presidente dos Estados Unidos.

"Na metade do período, metade de vocês terá desistido", disse o instrutor com cara de couro no primeiro dia, "e a outra metade desejará muito ter desistido". Ele olhou fixamente para os estagiários, com os olhos arregalados. "Aqueles de vocês que sobreviverem até o final saberão como proteger este país contra terroristas, ameaças contra infraestruturas críticas, incluindo nosso sistema financeiro." Ele deu uma risada. "Vocês também aprenderão a matar um assassino em potencial de três maneiras diferentes antes que seu corpo caia no chão."

Uma das coisas que Elaine aprendeu rapidamente a detestar foram os ataques simulados a caravanas presidenciais, a um avião ou helicóptero presidencial recém-pousado ou a edifícios onde os mais altos funcionários do governo estavam sendo protegidos. Os ataques começavam com bombas "flash-bang", simulando tiros repentinos e inesperados. Recortes de papelão controlados por computador de pessoas pulavam nas janelas e nas ruas, algumas empunhando várias armas mortais e outras que eram apenas civis inocentes segurando uma carteira ou um telefone, apanhados no meio do caos. Os agentes tinham que reagir com precisão em uma fração de segundo, sem pensar, sabendo exatamente o que fazer em cada cenário.

Se havia um lema pelo qual o Serviço Secreto se pautava, esse lema era: *Espere o inesperado.*

Uma parte importante do treinamento envolveu a substituição de respostas humanas instintivas - como recuar ao som de um tiro - por respostas praticadas que foram projetadas para neutralizar o atacante e proteger o alvo pretendido.

É claro que o treinamento com armas de fogo e pontaria era fundamental. Elaine nunca gostou de armas e, na primeira vez em que segurou uma pistola, lembrou-se do dia em que seu pai se suicidou e ela levou a arma dele para os escritórios da Rising Star Modeling Agency, com a intenção de dar uma lição em Ronald Eskew.

Elaine se esforçou para atingir os altos padrões de pontaria exigidos pelo Serviço Secreto. À noite, ela se remexia e se virava, com as vozes do instrutor ainda em seus ouvidos. *Fique em posição de prontidão! Trave a correção para trás. Desencaixe o coldre com uma mão. Verifique a câmara e o compartimento do carregador. Verifique, verifique, verifique duas vezes!*

Parecia que os ouvidos de Elaine soavam o tempo todo com os sons dos tiros, embora ela usasse protetor auricular. O odor pungente de pólvora impregnava seus cabelos e roupas.

Ela teve que se qualificar em uma pistola calibre .357 e em uma espingarda, além de estar familiarizada com praticamente todas as outras armas conhecidas pelo homem. Havia um cofre de armas no local, onde era mostrada uma grande variedade de armas, inclusive aquelas feitas com os mais recentes avanços tecnológicos, como armas de celular. Ela teve de aprender a atirar na escuridão, de um veículo em movimento e a atingir com precisão alvos em movimento de várias posições. Teve de aprender a sacar a arma em uma fração de segundo, a desligar a trava de segurança e a disparar com precisão exata.

O DISPOSITIVO de treinamento que Elaine mais temia era o Dunker. A horrenda engenhoca ficava em uma enorme piscina que simulava acidentes marítimos do Air Force One e do Marine One. Amarrados nos assentos perto de um instrutor que se fazia passar pelo presidente, a máquina era lançada na água gelada em um ângulo aleatório. Debaixo d'água, muitas vezes de cabeça para baixo, você tinha que se orientar, soltar o cinto de segurança e resgatar o "Presidente", que estava inconsciente. Era preciso nadar com segurança até a superfície e protegê-lo de qualquer dano. Como muitos dos alunos, na primeira vez em que Elaine foi mergulhada, ela inalou metade de um pulmão cheio de água. Ela tinha certeza de que iria se afogar.

Somente o Dunker fez com que seis alunos desistissem do programa.

No final da quarta semana em Laurel, Elaine estava dizendo a si mesma que, se tivesse bom senso, deveria desistir também, que deveria abandonar essa ideia maluca de ser uma agente do Serviço Secreto. Ela poderia usar seu diploma da RISD para conseguir um emprego comum em uma loja de fotocópias, projetando artigos de papelaria e cartões de visita. Mas, então, em sua mente, ela veria o rosto sujo de Ronald Eskew e tomaria uma nova decisão.

O PIOR PESADELO de Elaine veio na forma de seu instrutor de artes marciais. Todos os instrutores usavam pseudônimos. Essa mulher em particular se chamava Luna Faye.

Luna Tic, pensou Elaine, teria sido mais apropriado.

Luna era uma torre de poder de um metro e oitenta e cinco de altura. Seu rosto parecia o de uma víbora, com mandíbulas triangulares e olhos penetrantes. Sua voz era uma oitava mais baixa que a de Elaine. Ela ostentava uma figura masculina, com pernas que pareciam troncos, afuniladas em um torso robusto. Seus seios pareciam dois cupcakes achatados sobre cinquenta quilos de músculos peitorais.

Elaine era a única estagiária que parecia, se vestia e agia como uma mulher, ou que pelo menos tentava. Isso parecia enfurecer Luna.

No primeiro dia, na frente de todos os outros estagiários, Luna levantou gentilmente o braço de Elaine pelo pulso. "Suas unhas são *tão* bonitas", disse ela com sua voz rouca. "Você mesma as faz ou as manda fazer em um salão?"

Houve muitas risadas.

Apesar da ridicularização de Luna, Elaine realmente se saiu bem no curso, pelo menos em termos de aprendizado dos movimentos básicos de artes marciais. Todos os exercícios aeróbicos, natação e corrida que fazia na RISD a mantinham em ótima forma, e ela dominava facilmente os movimentos difíceis que deixavam os outros alunos doloridos por dias, como alguns dos chutes mais desafiadores do Tae Kwon Do.

O problema de Elaine era que, depois de passar tantos anos em instalações esportivas, ela havia desenvolvido o hábito de olhar para o próprio reflexo nos espelhos da parede para se certificar de que estava se movendo corretamente. E, para falar a verdade, para ver se estava bonita.

Luna percebeu isso no terceiro dia. "Você não consegue parar de se ver bonita no espelho, não é, querida?"

Todos os outros trainees riram.

Toda vez que Elaine se olhava no espelho, mesmo que por uma fração de segundo, Luna a derrubava sem piedade. "Isso não é um desfile de moda, boneca. Se tirar os olhos do seu agressor, você está morta, assim como a pessoa que deveria estar protegendo."

Na segunda semana de treinamento, enquanto Elaine se arrastava para fora do tatame pelo que deve ter sido a décima vez, Luna disse: "Você se

olha tanto nesse maldito espelho que vou começar a chamá-la de Alice. Alice através do espelho".

Todos os alunos se divertiram com isso.

"Não podemos fazer o treinamento em outro lugar?" sugeriu Elaine. "Talvez lá fora?"

"Lá fora?" Luna riu. "Ora, boneca, você apenas admiraria sua beleza nos reflexos da janela."

Houve mais risadas.

ELAINE QUERIA ESTRANGULAR A MULHER, mas também sabia que Luna estava certa. Quando atuava como agente especial em uma função de proteção, ela não podia olhar para nada além do rosto, das mãos e dos pés de um agressor. Ela descobriu que olhar para seu reflexo era um hábito incrivelmente difícil de abandonar.

Luna apenas exacerbou o problema, constantemente provocando Elaine durante as sessões de treinamento com comentários como: "Seu cabelo está fora do lugar" ou "Seu fio dental está aparecendo".

Cada sessão com Luna se tornava um inferno.

ELAINE COMEÇOU a se preocupar que seu hábito de "Alice" fosse seu calcanhar de Aquiles, o ponto fraco que a tiraria do programa de treinamento e do Serviço Secreto para sempre. No dia anterior à sua avaliação final na aula de artes marciais de Luna, Elaine encontrou a mulher grande a caminho da pista de obstáculos.

"Por que você não joga a toalha agora mesmo, Alice? Você não vai conseguir."

"Não estou desistindo", disse Elaine.

"Você não sabe atirar nem a pau, é péssimo na pista de obstáculos. Minha avó sabe dirigir um carro melhor do que você, e ela está morta há vinte anos. Não há a menor chance de você passar na minha avaliação amanhã."

"Não estou desistindo."

Luna deu de ombros. "Encare os fatos, querida, você é muito feminina para esse tipo de trabalho. Por que não consegue um emprego no balcão de cosméticos de alguma loja de departamentos e se poupa da humilhação?"

Elaine passou por ela.

Luna ficou olhando, rindo. "Se você continuar assim, estou lhe avisando - você pode lascas o esmalte."

ELAINE NÃO DORMIU MAIS do que duas horas naquela noite, preocupada com a avaliação das artes marciais de Luna.

Luna fez Elaine esperar até o final da sessão e assistir a todos os outros receberem suas avaliações. Seis dos alunos foram reprovados e tiveram que fazer a "caminhada da vergonha" de volta ao prédio principal para entregar seus equipamentos e desistir oficialmente do programa.

"Agora, quem sobrou?" disse Luna, olhando em volta.

Elaine levantou a mão lentamente.

Luna disse, com um suspiro: "Tudo bem, Alice, vamos lá", como se o fato de Elaine não ter passado no teste fosse apenas uma formalidade.

Elaine colocou seu protetor bucal e Luna começou a rodeá-la.

"Seu batom está borrado", disse Luna, dando uma leve cutucada nela. "Você não quer dar uma olhada no espelho, Alice?"

Elaine manteve seus olhos fixos no rosto de víbora de Luna. *Nem mesmo pisque*, ela desejou a si mesma.

"Seu rímel está escorrendo", disse Luna.

Ignore a vadia. Se não passar nesse teste, você está fora do Serviço Secreto.

"Vamos, Alice", brincou Luna. "Você não quer dar uma olhada na sua linda cara de boneca naquele espelho?"

Naquele momento, um dos alunos gargalhou.

Os olhos de Luna se voltaram para essa direção.

A perna direita de Elaine se levantou. Foi um chute de pressão executado com perfeição. Ele se conectou firmemente com a mandíbula de Luna. A cabeça da mulher grande se ergueu e, em seguida, sua estrutura pesada caiu com força, batendo no tapete com tanta força que ela soltou um sonoro "ugh!".

Elaine pulou em cima dela e torceu seus braços para trás, conforme necessário para algemá-la.

Todos os outros alunos ficaram atônitos. Ninguém jamais havia derrubado Luna antes.

Luna rolou rapidamente e se levantou, limpando a boca com a mão. Ela olhou para seus dedos. Eles estavam manchados de sangue.

Elaine se afastou, aterrorizada.

A sala estava tão silenciosa que tudo o que ela conseguia ouvir era o som de sua própria respiração superficial.

Luna olhou para Elaine por um longo momento e, em seguida, seus lábios se fecharam em um sorriso carmesim. "Muito bem, garota. Parece que há esperança para você, afinal."

DAQUELE DIA EM DIANTE, parecia que o resto do treinamento seria uma ladeira abaixo para Elaine. Ela estava cheia de alegria, grata por não ter cedido à tentação de desistir no meio do caminho, como alguns dos outros. Ela e Luna se tornaram próximas. Elaine estava grata por ter enfrentado um instrutor tão formidável e ter passado em todos os testes. Seu pai teria ficado orgulhoso.

Quando a décima quinta semana de treinamento finalmente começou, Elaine estava animada - foi quando os módulos de combate à falsificação começaram.

O instrutor do primeiro dia era um homem que usava simplesmente o pseudônimo "Judd". Havia rumores de que ele era um funcionário dos mais altos escalões da Divisão Antifalsificação do Serviço Secreto, talvez até mesmo o diretor de toda a unidade.

Quando o homem careca entrou na sala, todos pararam de falar. Embora ele fosse magro e andasse com uma bengala, havia uma intensidade nele que era intimidadora. Ele tinha cabelos ruivos e uma pele corada. Ele parecia mal-humorado antes mesmo de abrir a boca.

Em silêncio, ele avaliou os trinta e dois alunos da classe de Elaine. Ele não parecia impressionado.

"Quem pode me dizer o que é impressão em talhe-doce?" Ele disse isso de forma tão abrupta que alguns dos alunos pularam.

Elaine olhou em volta - os estagiários que haviam chegado até aqui no programa eram todos os melhores e não demoraram a dar respostas voluntárias. Ninguém disse uma palavra.

"Nenhum de vocês sabe?" disse Judd, sacudindo o troco em seu bolso.

Elaine não queria que sua turma parecesse um bando de idiotas. Ela levantou a mão.

Judd olhou para ela e acenou com a cabeça.

"A impressão em talhe-doce é um processo especial que usa uma chapa gravada ou gravada. A placa é manchada com tinta e limpa, e a tinta deixada nos recessos cria a imagem real no material impresso."

Judd levantou uma sobrancelha. "Isso é absolutamente correto."

Ele se voltou para o centro da sala. "E o que há de único em qualquer documento impresso usando o processo de entalhe?"

Mais uma vez, a classe inteira ficou muda. Correndo o risco de parecer uma sabe-tudo, ela levantou a mão novamente.

Judd novamente acenou com a cabeça para ela.

"As superfícies de tinta dos documentos impressos em intaglio são ligeiramente elevadas na frente e recuadas no verso. Você pode sentir isso com seus dedos ao tocá-los."

"Correto", disse Judd. Ele abriu o caderno grosso que continha os materiais do módulo. "Agora, por que a impressão em talhe-doce é particularmente eficaz contra falsificadores?"

Elaine achou que ele olhou para ela, mas não tinha certeza.

"Por vários motivos", disse Elaine. "Primeiro, uma prensa de impressão em talhe-doce custa dez vezes mais do que uma prensa de impressão offset. Segundo, as chapas de talhe-doce custam *centenas* de vezes mais. Terceiro, a impressão em talhe-doce produz níveis muito finos de detalhes que..."

"Você já terminou?", disse ele, olhando para ela como se ela tivesse acabado de cagar no chão da sala de aula.

O rosto de Elaine ficou corado. "Eu pensei que você..."

"Ninguém gosta de um espertinho. Me veja depois da aula".

Ele se virou para os demais alunos e disse: "Hoje discutiremos o processo de impressão em talhe-doce em detalhes..."

JUDD NÃO OLHOU MAIS para Elaine durante o resto da palestra, que durou a manhã inteira - uma eternidade para ela. Ela queria rastejar para baixo da cadeira e desaparecer. Estava mortificada por ter feito papel de boba na frente de seus colegas - sentia-se tão humilhada agora que realmente queria desistir. Se esse monstro era típico das pessoas que trabalhavam na Divisão Antifalsificação, ela não queria ter nada a ver com elas. Será que ela havia passado por todo esse sofrimento só para acabar trabalhando para idiotas detestáveis?

Depois de um tempo, ela percebeu que sua mágoa estava se transformando em raiva. Como ele ousava repreendê-la daquele jeito na frente de todos os seus colegas e depois dizer a ela que o encontrasse depois da aula, como se fosse um encenqueiro do ensino fundamental?

Quando os alunos terminaram de se retirar da sala, Elaine já havia se decidido. Ela não se importava com quem era esse "Judd" ou com o nível hierárquico em que ele trabalhava. Ela iria colocar o velho bastardo em seu lugar.

Ela se aproximou dele no momento em que ele estava recolhendo suas coisas.

"Acho que você me deve um pedido de desculpas", disse ela corajosamente. "Você não tinha o direito de me atacar daquele jeito na frente de toda a classe. Eu só estava tentando responder à pergunta..."

Ele estava sorrindo para ela.

"O quê?", disse ela, confusa.

"Sinto muito por ter feito isso com você, mas você não gostaria que todos pensassem que você é o bichinho de estimação do professor, não é? O único motivo pelo qual me dou ao trabalho de vir aqui e dar essa palestra do Mickey Mouse é a pequena chance de descobrir um diamante em bruto, como você." Ele retirou um cartão de visita e o entregou a ela. "Quando você se cansar de trabalhar para o Serviço Secreto, mocinha, ligue para mim. Você é exatamente o tipo de pessoa que gostamos de ter na Treasury."

Ela olhou para o cartão. Ele dizia simplesmente "Gene Lassiter", com um número de telefone impresso embaixo.

Ele pegou sua mochila, sorriu novamente e, segurando sua bengala, saiu mancando da sala.

No dia em que Elaine se formou e se tornou oficialmente uma agente especial do Serviço Secreto dos Estados Unidos, ela se sentiu como se estivesse andando no ar. Quando recebeu a estrela dourada de cinco pontas que estava presa ao seu distintivo, seus olhos se encheram de lágrimas.

Não importava para ela que houvesse uma nota em seu arquivo do diretor da academia que dizia que, devido à sua baixa pontuação de pontaria, ela "não era recomendada para o serviço de proteção".

Ela tinha conseguido!

Ela e o restante dos novos agentes se encontraram em um bar em Washington e ficaram completamente chapados.

Luna Faye apareceu. Ela estava usando um deslumbrante vestido preto com decote halter que exibia seus ombros e peito tonificados.

"Você está fabulosa!" disse Elaine, dando-lhe um grande abraço. Ela realmente estava falando sério.

"Você me inspirou, querida", disse Luna modestamente, estendendo as mãos com as palmas para baixo para que Elaine pudesse ver sua manicure.

"Francês? Muito elegante, Luna."

"Não sei se vale trinta dólares."

"É."

Luna sorriu. "Você sabe que eu tive que jogar tudo o que eu tinha em você para ver se você aguentava."

"Eu sei", disse Elaine, enxugando uma lágrima. "Fico feliz que você tenha feito isso."

Luna a avaliou de forma equilibrada. "Isso só vai ficar mais difícil, garota. Isso é só o começo." Ela olhou em volta e baixou a voz para que ninguém mais pudesse ouvir. "Não estou falando apenas das dificuldades que você terá de enfrentar do lado de fora. Estou falando do lado de dentro também. O Serviço é uma organização extremamente competitiva. Você acabará trabalhando para pelo menos um idiota de primeira classe, talvez mais. Terá de sobreviver com muito mais do que sua aparência e charme."

Elaine assentiu com a cabeça. "Eu entendo."

"Bom." O rosto de Luna relaxou em um sorriso. "De qualquer forma, bebê-boneca, parabéns!" Ela deu outro abraço caloroso em Elaine. "Estou tão orgulhosa de você que até daria um pulo!"

Na segunda-feira, quando Elaine chegou a Great Falls, Montana, a temperatura era de cinco graus negativos. A cidade, com uma população de apenas 60 mil habitantes, era plana como uma panqueca. Não havia horizonte. O prédio mais alto, onde ficava o novo escritório do Serviço Secreto, era a "Torre" do US Bank, com impressionantes sete andares.

Quando Elaine recebeu a carta de notificação informando-a de que havia sido designada para o escritório de campo do Serviço Secreto em Great Falls, Montana, ela tentou manter a cabeça erguida. Ela sabia que seria enviada para o local menos desejável do país, que essa era a prática padrão para todos os novos agentes especiais.

Tremendo ao trancar seu Toyota batido, ela disse a si mesma que poderia suportar viver em Great Falls por um ou dois anos e que deveria aproveitar ao máximo. *Veja o lado positivo*, pensou ela. *É uma cidade pequena. As pessoas serão muito mais amigáveis do que em Pittsburgh.*

"Você não pode estacionar a porra do seu carro aí, senhora."

Elaine se virou - havia um homem gordo limpando a neve da calçada, com um charuto na boca. "Qual é o seu problema, você não sabe ler?", disse ele, apontando para a placa de proibido estacionar.

Bem, pensou ela, a *"maioria" das pessoas provavelmente era mais amigável do que em Pittsburgh*. Ela desceu o carro em uma vaga.

Para o seu primeiro dia de trabalho, ela havia comprado um terno azul-marinho novo e mandado arrumar o cabelo. Quando a recepcionista

atarracada conduziu Elaine ao escritório do SAIC - Agente Especial Encarregado - o homem levantou-se lentamente da mesa, olhando para ela.

"Srta. Brogan?", disse ele. Os olhos dele desceram para as pernas dela, para os sapatos, depois voltaram para o rosto dela.

"Prazer em conhecê-lo", disse ela, apertando a mão dele.

"Eu não sabia que você estava..." A recepcionista estava parada ali, observando-o olhar para Elaine. Ele olhou para ela, com o rosto vermelho. "Obrigado, Susan. Isso é tudo."

Susan saiu, lançando-lhe um olhar de reprovação.

O nome do SAIC era Bill Saunders. Ele começou a conversar nervosamente, contando a Elaine sobre o novo escritório, que havia sido estabelecido em Great Falls há apenas um ano. Ele tinha cerca de trinta e cinco anos, barriga tanquinho, era quase careca, e o pouco cabelo que lhe restava estava salpicado de caspa. Elaine notou que ele estava usando uma aliança de casamento, o que ela achou que era uma coisa boa - a excitação que ela sentiu nele fez soar o alarme em sua mente.

Ele descreveu as responsabilidades dela e mencionou que haveria muito mais treinamento sobre "assuntos corporativos", como ética, diversidade e consciência interpessoal.

Quase no final da reunião, Elaine perguntou: "Haverá tempo para eu trabalhar em alguns de meus próprios casos?"

"Seus 'próprios' casos? Como assim?"

Elaine deu de ombros. "Casos que se originam de minhas próprias pistas, talvez casos em outros estados."

"Já está tentando sair de Great Falls?", disse ele, sorrindo.

"Não, eu só..."

"Não vejo por que você não pode trabalhar em casos externos. Desde que você faça o trabalho exigido, faça seu DOPS."

"Meu-DOPS?"

"Resumos diários de operações".

"Oh."

"De qualquer forma, desde que você faça o trabalho exigido, não vejo isso como um problema."

ELAINE PASSOU as primeiras semanas se adaptando. Havia apenas um outro agente de campo trabalhando no novo escritório, Ken, um homem que estava no Serviço havia apenas dois anos. Ex-detetive da polícia de

Chicago, ele tinha muita experiência e passava a maior parte do tempo trabalhando sozinho. A maior parte das atividades no escritório de Great Falls dizia respeito a fraudes financeiras, falsificação de cheques e invasão de contas na Internet. Great Falls, Montana, não era o centro das atividades de falsificação de moeda ilegal do mundo. Ou o centro de qualquer outra coisa, ao que parecia.

Bill Saunders parecia inventar desculpas constantes para entrar no escritório de Elaine e conversar com ela, ou chamá-la ao seu. Quando tinha de pegar um arquivo ou a xícara de café, ele se aproximava desconfortavelmente dela, às vezes "acidentalmente" encostando nela. Ela notou que ele frequentemente inalava discretamente quando fazia isso, como se estivesse saboreando o cheiro do perfume dela.

Certa noite, eles estavam analisando uma lista de bancos em Montana que estavam recebendo um determinado tipo de cheque falso, e Bill se aproximou e pegou a mão dela.

"Elaine", disse ele, com a voz vacilante, "preciso lhe contar uma coisa".

"Não faça isso", disse ela, afastando a mão. Ela estava esperando isso desde o primeiro dia. Ela olhou para a porta aberta do escritório dele, com medo de que Susan os ouvisse.

"Susan foi embora, e Ken está em Billings esta noite."

"Não me importo", disse Elaine, levantando-se. Ela estava sentada ao lado dele em seu aparador. Ela colocou vários metros de distância entre eles.

Seu rosto ficou vermelho, e seu couro cabeludo ficou ainda mais vermelho. "Elaine, não consigo suportar isso. Desde que você veio trabalhar aqui..."

"Bill, não faça isso. Por favor?"

"Você não se sente atraído por mim?"

"Essa não é a questão, Bill. Você é meu chefe."

"E daí?"

Elaine abriu a boca, mas fechou-a novamente, não querendo parecer uma novata recitando regras do manual do funcionário do Serviço Secreto. "Você é casado."

"Na verdade, não."

Ela apontou para a aliança de casamento no dedo dele. "Suponho que você vai me dizer que isso é um anel decodificador de agente secreto?"

Ele deu uma risadinha. "Joan e eu terminamos. Vamos nos divorciar."

Claro que sim, pensou Elaine.

Bill observou a expressão dela. "Olhe, vou tirar o anel, se isso a faz se sentir melhor". Ele fez isso, colocando-o na gaveta da escrivaninha. "Eu nem vou usá-lo em casa."

"Bill..."

"O que foi?", disse ele, alcançando a cintura dela.

"Não vou fazer isso", disse ela, afastando-se. "Eu me recuso a estragar minha carreira."

"Bagunça? Do que está falando? Isso só pode ser bom para sua carreira."

"Você sabe que não pode fazer isso, Bill." Ela procurou desculpas. "Se começássemos algo e depois desmoronasse, seria ruim. Muito ruim."

Sua expressão ficou fria. "E depois que eu conseguir meu divórcio?"

Mesmo que se sentisse atraída por ele, e ele realmente se divorciasse, ela não se permitiria envolver-se com seu chefe, não em um lugar como o Serviço Secreto. Mas se ela lhe dissesse isso, não sabia o que ele poderia fazer. Ela não tinha muita experiência com homens, mas seus instintos lhe diziam para ter muito cuidado com esse.

"Bem", disse ela, "é claro que se você fosse solteiro, as coisas seriam diferentes". O rosto dele se iluminou com isso. "Agora, podemos deixar isso de lado e voltar ao trabalho?"

"Com certeza", disse ele.

NAS SEMANAS SEGUINTEs, Elaine cumpriu diligentemente suas obrigações, esperando que a paixão de Bill passasse. Ela parou de usar perfume e tentou se vestir bem, esperando que isso ajudasse.

Muitas vezes, ela chegava cedo e passava uma ou duas horas trabalhando no que agora considerava ser o caso "Ronald Eskew". Ela pesquisou o nome em todos os bancos de dados criminais, mas não encontrou nada. Ela tinha certeza de que Ronald Eskew era um pseudônimo que o homem usava apenas para o seu golpe desprezível da Rising Star Modeling Agency.

Elaine desejou poder voltar no tempo até o dia em que confrontou Ronald Eskew em seu escritório. Se ao menos ela tivesse se lembrado de pegar algo com as impressões digitais dele. É claro que, naquele momento, ela não poderia saber o que estava prestes a acontecer com ela e com seu pai.

Ela começou a fazer pesquisas detalhadas de todas as agências de modelos que haviam sido criadas no ano seguinte ao fechamento - ou desaparecimento - da Rising Star. Havia mais de cinquenta agências criadas durante esse período nos EUA. Uma a uma, ela começou a investigá-las meticulosamente.

UM DIA, quando Elaine e Bill estavam trabalhando juntos no escritório dele, analisando os detalhes de um novo caso de fraude com cheques bancários, Bill subitamente a agarrou e a beijou.

"Pare com isso", disse ela, debatendo-se contra ele. Ele a empurrou de volta para a mesa e pressionou sua boca contra a dela com avidez. Ela podia sentir a ereção dele pressionando sua coxa. Antes que ela percebesse, a mão dele passou por baixo da saia dela, os dedos roçando sua vulva.

"Bill!", ela ofegou, empurrando-o com força para longe.

Ele se afastou, respirando com dificuldade.

"Isso não é *aceitável*. Você está entendendo?"

Ele piscou os olhos, limpando a boca. "Eu entendo."

"Você sabe?"

"Sim. Pode voltar para seu escritório".

QUANDO ELAINE FOI para casa naquele dia, teve um mau pressentimento sobre o que havia acontecido. Ela não dormiu nada naquela noite. Na manhã seguinte, foi a um café no centro da cidade e tomou café da manhã, temendo a ideia de confrontá-lo novamente. As coisas seriam estranhas, na melhor das hipóteses.

Quando ela chegou ao escritório, ele já estava lá. Ela passou pela porta dele.

"Bom dia, Elaine", disse ele com firmeza.

"Bom dia", disse ela, voltando atrás.

Ele estava sentado em sua mesa, com os braços cruzados.

Com um sorriso caloroso no rosto, ele disse: "Que diabos você pensa que está fazendo?"

"Desculpe-me?"

Seu rosto estava vermelho, mas não de vergonha. "Você acha que os computadores de aplicação da lei estão aqui para sua diversão pessoal?"

Ele tocou em uma impressão em sua mesa. "Você se importaria de me dizer quem é Ronald Eskew?"

"Bill... Eu lhe perguntei se não havia problema em eu trabalhar em meus próprios casos, e você disse que sim."

"Eu disse?"

"Sim. No primeiro dia em que estive aqui. Você disse..." Agora ela notou outro olhar nos olhos dele.

"O abuso de bancos de dados de aplicação da lei é uma violação grave de sua autorização de segurança. Eu poderia demiti-lo por isso."

Elaine engoliu. Então era assim que Bill Saunders lidava com seu ego masculino ferido. Ela se lembrou das palavras de Luna. *Você vai acabar trabalhando para pelo menos um idiota de primeira classe, talvez mais.*

"Bill", disse ela, esforçando-se para manter a calma, "por favor, não me demita. Não usarei mais os bancos de dados". Ela decidiu que era melhor se colocar à mercê dele do que confrontá-lo sobre o verdadeiro motivo pelo qual ele estava fazendo isso.

Ele a fitou por um momento com evidente ressentimento. "Bem, você tem feito um trabalho razoavelmente decente aqui. O que eu vou fazer é recomendar uma transferência."

Elaine ficou surpresa. "Uma transferência? Para onde?"

"Você descobrirá em breve. Farei a solicitação esta manhã." Ele pegou sua caneta e desviou o olhar dela. "Isso é tudo."

ELAINE ESTAVA FURIOSA, em um dilema sobre o que fazer. Sentiu-se tentada a voar para Washington e registrar uma queixa formal de assédio sexual, mas pensou melhor - fazer isso tão cedo em sua carreira provavelmente a tornaria conhecida como uma encenqueira. Ninguém a quereria nesse momento. Além disso, ela não tinha provas de nada, incluindo a permissão de Bill para usar os bancos de dados confidenciais. Seria a palavra dela contra a dele.

Ela tentou dizer a si mesma que a transferência era uma coisa boa. Praticamente qualquer lugar era melhor do que Great Falls, Montana.

"**B**ulgária?" Elaine disse, olhando para a transmissão confidencial em sua mão.

Bill sorriu.

"Seu desgraçado", disse ela em voz baixa.

Sua expressão ficou mais sombria. "Vou fingir que não ouvi isso."

Elaine ficou parada, olhando para ele.

"Eu não tive nada a ver com o local que eles escolheram para transferi-la", disse Bill. "Simplesmente disse a eles que achava que seus talentos estavam sendo desperdiçados aqui -" ele olhou de mau gosto para as pernas dela - "e acho que estão. Talvez na Bulgária você encontre uma situação que seja mais *aceitável* para você."

Ele se voltou para os papéis em sua mesa. "Você sairá amanhã. Faça um resumo de tudo em que está trabalhando e entregue-o na minha mesa até as cinco horas de hoje."

NAQUELA NOITE, Elaine ficou até tarde, arrumando suas coisas pessoais no escritório e colocando-as em caixas. Bill examinaria tudo com um pente fino e enviaria para a Bulgária.

Ela se sentia tão amarga quanto o clima lá fora.

Quando estava prestes a sair, ela se sentou novamente em sua escrivaninha rígida. Olhou para a tela escura do computador, hesitou, depois o ligou e fez o login no sistema. *O estrago já foi feito*, pensou ela.

Ela abriu os bancos de dados criminais e continuou seu trabalho no caso Ronald Eskew.

Depois de apenas uma hora, ela se deparou com algo interessante.

Houve uma agência de modelos que foi criada em Dayton, Ohio, apenas dois meses após o desaparecimento da Rising Star. Ela ficou aberta por apenas oito meses e depois fechou. De acordo com os registros da cidade, o proprietário era R. E. Crawford.

Crawford - esse era o nome que seu assistente havia usado.

E quanto a Robert E. Crawford?

Elaine digitou o nome no banco de dados criminal do FBI, aguardando ansiosamente.

Depois de um momento, ele voltou com um fósforo.

Ronald E. Crawford, também conhecido como Robert A. Eskew, também conhecido como Steven B. Hayes, também conhecido como Edward T. Cane, também conhecido como... A lista continua.

Ela abriu o restante do arquivo.

Seu coração deu um baque quando as fotos do homem apareceram, vistas de frente e de lado, com um número.

Era ele! Ele ainda tinha o bigode caído e a barba também.

Ela folheou o arquivo, seu coração batendo cada vez mais rápido. *Procurado por fraude de mala direta, phishing de computador, passar cheques sem fundo, falsificação de moeda...* uma dúzia de crimes de colarinho branco.

Elaine franziu a testa, confusa, rolando para frente e para trás o longo arquivo. Onde ele estava agora? Obviamente, ele havia sido preso, pois havia fotos.

Ah, lá estava ele. Cinco anos atrás...

Condenado por três acusações de fraude por correspondência direta, Decatur, Illinois. Ele foi sentenciado a dois anos em uma prisão de segurança mínima de Illinois.

E depois?

O arquivo parecia terminar aí.

Então ela notou a última linha.

17 de setembro de 2006. Falecido.

Morto? pensou ela, *entorpecida.* O homem está morto?

Isso não pode ser...

Com um crescente sentimento de decepção, ela clicou em mais alguns botões. Finalmente, ela encontrou o atestado de óbito.

Causa da morte: insuficiência cardíaca. Na opinião do médico examinador, o falecido faleceu pacificamente em seu sono.

ELAINE DEIXOU MONTANA ATORDOADA.

Enquanto olhava pela janela do avião, vendo Great Falls afundar, sentiu como se o tapete da vida tivesse sido arrancado de debaixo dela.

...faleceu pacificamente em seu sono.

Isso não era possível! O homem repugnante, responsável pela morte de seu pai, havia *falecido pacificamente enquanto dormia*.

O bastardo! O sortudo e desprezível bastardo!

Somente nas últimas horas Elaine percebeu plenamente que tudo o que havia feito desde que seu pai se suicidou - todas as decisões importantes que havia tomado e todas as ações resultantes dessas decisões - foi motivado por seu desejo de se vingar de Ronald Eskew.

E agora o homem estava morto!

Simplesmente não era justo. A maior ironia era que ele havia morrido muito antes de ela terminar a faculdade.

Elaine sentiu todas as emoções imagináveis e não sentiu nada. Ela havia recusado dois empregos perfeitamente bons, havia passado por aquele processo infernal para ingressar no Serviço Secreto - e para quê?

Ela era a capitã de um navio sem leme.

QUANDO O AVIÃO aterrisou em Chicago, em vez de trocar de avião para o voo para Washington, D.C., ela comprou uma passagem para Pittsburgh. Ela não tinha voltado para casa desde que se formou em Bromley. Algo lhe dizia que estava na hora de se reconciliar com seu passado.

Ela alugou um carro no aeroporto de Pittsburgh e se viu dirigindo para sua antiga casa em Garfield. Mil lembranças inundaram sua mente enquanto ela dirigia pela Penn Avenue, passando por marcos familiares - o pequeno mercado onde costumava fazer compras, a lavanderia, o ponto de ônibus onde ela havia caminhado milhares de vezes para ir e voltar para sua casa.

Ao passar lentamente pela pequena e humilde casa, ela parecia ainda mais pequena e humilde do que ela se lembrava, e a vizinhança muito mais degradada. Ela podia ver a varanda que seu pai havia construído nos fundos, com a pintura descascando. Ela podia se ver como uma garotinha, segurada nos braços de seu pai.

Sua tataravó era uma princesa irlandesa. Ela morava em um lindo castelo. Ele tinha um fosso e um -

O que é um moap, papai?

Ela sentiu uma pontada no coração e acelerou.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, ela parou na Bromley Academy for Girls. Ela entrou no escritório principal. A Sra. Prentice havia se aposentado há muito tempo e tinha sido substituída por uma nova e jovem diretora. Havia um segurança de plantão na recepção, também novo. Até ele era um estranho.

"Posso ajudá-lo?", disse ele.

"Sou formada em Bromley", disse Elaine. "Só vou dar uma volta pelo terreno, se não houver problema..."

"Fique à vontade."

Elaine voltou para o carro alugado e, do porta-malas, pegou um pequeno vaso de crisântemos. Ela caminhou pela neve até os fundos do prédio principal, passando pelo campo de futebol, atravessando a colina, até chegar aos restos da igreja. A Sra. Prentice havia providenciado para que o corpo de seu pai fosse enterrado ali, no antigo cemitério. A escola havia pago por tudo.

Elaine se agachou em frente à lápide simples e limpou a neve.

EM MEMÓRIA DE PATRICK KEEGAN BROGAN, UM PAI MARAVILHOSO E GRANDE AMIGO DA BROMLEY ACADEMY FOR GIRLS

ELAINE OLHOU para as palavras gravadas na laje, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela colocou o pote aos pés do marco. De repente, ela caiu para frente, chorando, dominada por um sentimento de solidão e desespero.

"Eu gostaria de poder falar com você, papai", ela ofegou, pressionando as mãos e o rosto contra o mármore frio. "Não sei o que fazer."

Ela chorou por alguns minutos e, em seguida, percebeu um som de barulho atrás dela na neve. Ela se virou. Duas meninas de cerca de doze

anos de idade, a cavalo e com capacetes, estavam se movendo ao longo da lateral do cemitério.

Elaine enxugou os olhos e acenou. As meninas acenaram de volta.

Ela pensou em Kaitlin e em como elas haviam se distanciado.

Quando Elaine voltou para o carro, sua dor se transformou em uma doce tristeza. Ela conseguiria lidar com a situação, de alguma forma. Ela era uma Brogan. *Somos feitos de uma raça irlandesa forte*, ela podia ouvir seu pai dizer. Ela iria para a maldita Bulgária e veria o que acontecia.

Se as coisas não melhorassem, ela deixaria o Serviço Secreto.

Sofia, na Bulgária, acabou sendo uma surpresa agradável. A cidade tinha um sabor nitidamente europeu, com prédios com sacadas que davam para avenidas arborizadas de paralelepípedos que se movimentavam com bondes lentos. O ar de verão estava repleto do cheiro de flores e dos sons de risadas e da romântica música de acordeão. Havia uma simplicidade no povo búlgaro e em sua maneira de viver que Elaine achou encantadora e realista.

No centro da cidade, os homens e as mulheres estavam mais bem vestidos do que nos Estados Unidos, os homens de terno e as mulheres com saias ou vestidos elegantes, a maioria usando salto alto. Quando andavam em casais, a mulher geralmente pegava o braço do homem à moda antiga.

Os homens, com seus olhos escuros e aparência morena, eram bastante bonitos, mas sua atitude em relação às mulheres deixava muito a desejar. Em algumas partes do país, meninas de apenas quatorze anos ainda eram leiloadas em feiras para quem desse o maior lance.

Ainda assim, Sofia era um lugar emocionante para Elaine se encontrar. Muito mais interessante do que Great Falls, Montana.

No dia de sua chegada, ela foi recebida no aeroporto por um motorista búlgaro do escritório e formalmente acompanhada até um apartamento no centro da cidade. O apartamento havia sido alugado para ela semanalmente até que ela pudesse encontrar acomodações permanentes. Era lindo, com móveis antigos e tetos de três metros de altura, com vista para uma praça tranquila e arborizada.

Quando ela chegou ao escritório do Serviço Secreto, uma recepcionista corpulenta disse: "Estávamos esperando você", em inglês com sotaque. Ela apontou para o final do corredor. "O escritório do SAIC é o último no final do corredor."

Elaine não sabia nada sobre o SAIC, exceto que seu nome era Nick LaGrange. Ela seguiu pelo corredor e parou na porta marcada com o nome dele.

Havia um homem alto, de ombros largos, debruçado sobre uma escrivaninha cheia de papéis, xícaras de café manchadas e outros detritos. Ele estava contando o dinheiro de um envelope, murmurando para si mesmo e rabiscando em um pedaço de papel. Elaine não conseguia ver seu rosto - ele tinha cabelos castanhos longos e desgrehados que o obscureciam. Ele usava jeans desbotados e esfarrapados, botas de caminhada e uma jaqueta de voo de couro rachada sobre uma camisa de linho com aparência amassada.

Ele olhou para cima, tirando o cabelo do rosto. Ele viu Elaine e deu um sorriso caloroso. "Olá."

Ele era o homem mais bonito que ela já havia visto.

"Sou Nick LaGrange", disse ele, oferecendo-lhe sua mão de aparência forte. "Você deve ser Elaine?"

"Sim", disse ela finalmente. Ela não queria deixar isso passar.

"Estou prestes a sair em uma missão secreta. Quer vir comigo para conhecer o lugar?"

Elaine olhou incerta para seu terno de negócios.

"Não se preocupe, você está vestida da maneira certa para essa tarefa." Ele fez uma pausa. "Tem sua pistola de serviço com você?"

"Sim, é claro." Elaine começou a abrir sua mochila.

"Deixe-o aqui." Com um leve sorriso, ele disse: "Eu li a nota em seu arquivo".

CINCO MINUTOS DEPOIS, eles estavam entrando em um velho Mustang vermelho-cereja que estava estacionado em uma garagem perto do escritório. Nick colocou a chave na ignição e o motor ganhou vida.

"Comprei este carro em Nova York, enviei-o para o Reino Unido e dirigi até aqui, vindo de Londres", disse ele, orgulhoso, ao sair da garagem. "Um Boss 429 original. Modelo de 68." Ele olhou para ela. "Você provavelmente não gosta muito de muscle cars..."

"Não", admitiu Elaine. Ela ainda estava um pouco ofendida com o comentário que ele havia feito sobre a anotação em seu arquivo.

Eles dirigiram pelo centro de Sofia, com Nick buzinando e contornando bondes e grupos de pedestres. Dirigindo com os joelhos, ele pegou um saco de tabaco e começou a enrolar um cigarro. Ele colocou a fumaça perfeitamente enrolada entre os lábios e acendeu o cigarro.

Ele sorriu quando a viu observando. "Tive muita experiência na faculdade. Quer que eu enrole um para você?"

"Não, obrigada", disse ela, sorrindo. Esse cara era um verdadeiro personagem.

Enquanto seguiam pela cidade, ela notou que todos olhavam para o automóvel americano antigo enquanto ele passava.

"Esse carro não é um pouco chamativo para um agente do Serviço Secreto?", disse ela.

Nick riu. "Não há segredos neste lugar, Elaine. Todo mundo conhece todo mundo. E os americanos se destacam aqui como polegares doloridos." Ele virou uma esquina e acenou para um homem que estava parado em uma esquina, fumando um charuto. "Qualquer búlgaro consegue identificar um *chuzhenetz* - um estrangeiro - a cem metros de distância. Eles percebem pela maneira como você se veste, anda, se movimenta, pelo formato do seu rosto e por centenas de outros sinais. Aqui também é preciso ter cuidado. Na Bulgária, um estrangeiro só escreve uma coisa: M-O-N-E-Y".

"Há quanto tempo você está aqui?"

"Cinco anos. Cinco longos anos. Antes disso, Varsóvia. Antes disso, Paris."

"Você gosta de estar no exterior, então?"

"Gosto de estar o mais longe possível da sede e de seus malditos DOPS."

Ele virou à esquerda, em uma praça. Entrou em uma vaga de estacionamento ao longo da rua.

"O que exatamente é essa missão secreta?" disse Elaine, nervosa.

Nick terminou seu cigarro e jogou a bituca pela janela. "Você já ouviu falar do Turkey Roll?"

"Não."

"Parece um sanduíche, não é? É um golpe que eles fazem por aqui."

Eles saíram do carro e atravessaram a rua. Havia uma enorme igreja em estilo bizantino na extremidade da praça, com cúpulas douradas reluzentes e

telhados curvos e azul-turquesa.

"Essa é a Catedral Alexander Nevsky", disse Nick. "Provavelmente a maior atração turística daqui."

De repente, Nick pegou a mão de Elaine. "Para que isso funcione, precisamos parecer um casal", disse ele, em voz baixa.

Ela se perguntou se ele estava dizendo isso apenas como uma desculpa para segurar a mão dela. Era um *desejo*, pensou Elaine.

Depois de caminharem apenas alguns metros, um homem apareceu do nada e passou diretamente na frente de Elaine. Ele se abaixou para pegar algo na calçada, e tudo isso aconteceu de forma tão abrupta que Elaine quase tropeçou nele. Ele pegou um rolo grosso de notas americanas de cem dólares.

Por um instante, Elaine ficou com raiva - se o homem não tivesse cortado a frente dela, ela mesma o teria encontrado.

Ele olhou para Elaine e depois para Nick.

"Seu?", disse ele, segurando o dinheiro.

Agora Elaine percebeu que talvez esse fosse o golpe. O rolo de peru.

Nick olhou para ela e depois disse ao homem: "Sim, o dinheiro é meu". Quando ele pegou o dinheiro, o homem se afastou rapidamente.

Ele disse: "Dividimos meio a meio. Ok?"

Nick olhou para Elaine novamente. "Bem..."

"Vamos até ali", sussurrou o homem, apontando para trás de um prédio.

Ele os conduziu até a esquina.

Elaine olhou nervosamente em volta, com medo do que poderia acontecer em seguida. Ela não gostava dessa situação, de estar em um país estranho, misturada com criminosos e desarmada.

O homem tirou o elástico do dinheiro e rapidamente começou a contá-lo. *Edin, dvama, trima, chitirima...*

Havia trinta notas de cem dólares no rolo, ou seja, três mil dólares.

Ele entregou metade delas a Nick, depois olhou para Elaine, com os olhos arregalados. Ele se virou e saiu correndo, correndo ao longo da lateral do prédio.

Dois homens trotaram até eles vindos da direção oposta. Um deles vestia um terno amarrotado, o outro usava uma roupa de corrida de aparência suja. O segundo apontou para Nick, balbuciando em búlgaro.

O bem-vestido mostrou um distintivo da polícia para eles. "Este homem diz que vocês roubaram o dinheiro dele."

Nick olhou nervosamente para Elaine. "Não sei do que está falando. Eu não roubei dinheiro algum."

"Esvazie seus bolsos!"

Nick hesitou.

"Você quer ir para a cadeia?"

Com relutância, Nick colocou a mão nos bolsos da jaqueta e os virou do avesso. Depois, dos bolsos da calça jeans, ele tirou as chaves do carro, a carteira e um isqueiro. "Está vendo?"

"Ali!", disse o outro homem, apontando para o pequeno bolso do relógio na calça jeans de Nick.

Nick suspirou e pegou o rolo de dinheiro. "Olhe, ele estava apenas na calçada. Eu não o roubei de ninguém."

"Da!", disse o outro homem, arrancando-a da mão de Nick. Ele desenrolou as notas, depois franziu a testa, olhando de volta para Nick. "*To ne vsichko e tuk!*"

"Ele disse que você pegou parte do dinheiro dele", disse o policial.

"Eu não peguei nada disso", disse Nick. Ele apontou para a parte de trás do prédio. "Um outro cara pegou o rolo e me deu metade".

"Outro cara?", disse o policial, olhando em volta. "Que outro cara? Não estou vendo outro cara."

Nick olhou para Elaine.

"Você quer ir para a cadeia?", disse o policial novamente. Ele olhou de soslaio para Elaine. "Você quer que *os dois sejam* presos? A prisão búlgara é muito ruim. Não é como na América."

Nick olhou em volta e abriu a carteira. "Olhe, eu lhe darei todo o dinheiro que tenho..." Ele tirou algumas notas de cem dólares e outras centenas de euros.

O policial olhou para Elaine.

"Eu não tenho dinheiro", disse ela, com a garganta seca. Ela esperava que esse fosse o golpe de que Nick estava falando, e não outra coisa.

O policial fez uma pergunta ao outro homem. O homem olhou para Nick. "Ok", disse ele finalmente, e embolsou todo o dinheiro. Ele se virou e voltou para a esquina, murmurando para si mesmo.

Apontando para Nick, o policial disse: "Você deve ter cuidado. A Bulgária é muito perigosa para estrangeiros".

Ele se afastou na direção oposta.

Quando ficaram sozinhos novamente, Nick olhou para Elaine com conhecimento de causa. Seus lábios se curvaram em um sorriso.

"Ele não era um policial de verdade..."

"Não", disse Nick.

"Não estou entendendo - o que foi isso?"

"Isto", disse Nick, tirando a mão do bolso de trás. Ele mostrou uma única nota de cem dólares. "Ela saiu daquele rolo de dinheiro - tudo provavelmente era falso. Dois policiais disfarçados - policiais de verdade - ficarão de olho nesses caras até descobrirmos."

ASSIM QUE ENTRARAM no Mustang e voltaram para o escritório, Elaine disse. "Você deveria ter me deixado levar minha arma. Eu não sou incompetente."

"Eu disse que você era incompetente?"

"Não, mas..." Ela estava com raiva de si mesma por querer impressioná-lo, mas não conseguia evitar. "Você me faz sentir incompetente. Não sou uma garota indefesa."

"Não se torne feminista comigo, ok? Eu não presto muita atenção às regras, mas quando se trata de coisas importantes, eu sigo as regras. Se algo acontecer com você, eu serei o responsável". Ele olhou para ela. "Está tudo bem para você?"

"Bem, sim, é claro que é. Só não quero que você pense que sou inepto."

"O Serviço Secreto deve ter pensado que você tinha outros recursos que compensavam sua fraqueza na pontaria." Ele olhou para as pernas dela.

"Muito obrigada", ela murmurou.

"Eu não quis dizer isso. Eu quis dizer, por exemplo, impressão em talhe-doce." Ele olhou para ela com curiosidade. "Seu arquivo diz que você sabe muito sobre isso."

"Eu deveria saber alguma coisa sobre isso. Eu me formei nisso."

Nick pareceu surpreso. "Onde diabos você pode se formar em impressão em talhe-doce?"

"RISD. Essa é a Escola de Rhode Island..."

"Eu sei o que ela representa. É uma escola muito boa."

Ela deu de ombros modestamente. "Acho que sim." É claro que era uma boa escola - era uma das melhores escolas de design dos EUA.

Nick disse: "Seu conhecimento de impressão em talhe doce pode ser muito útil aqui. O principal crime com o qual lidamos neste escritório é a

falsificação. Mas tenho certeza de que você já sabe disso".

Eles dirigiram em silêncio por alguns minutos. Embora Elaine se sentisse um pouco frustrada com o modo como ele estava agindo em relação a ela, ela tinha uma sensação muito boa de estar com Nick LaGrange. Seu jeito aberto, honesto e confiante era muito atraente.

Ao passarem por um grupo de homens de aparência rude em uma esquina, seus pensamentos se voltaram para os golpistas com os quais tinham acabado de se envolver. "Esses caras são muito espertos", disse ela. "Por uma fração de segundo, fiquei furiosa quando o primeiro homem passou na minha frente e parecia ter pegado aquele grande rolo de dinheiro. Achei que eu deveria ter encontrado o dinheiro em vez dele."

"Sim. Eu sempre tenho a mesma sensação, mesmo sabendo que é um golpe". Ele sorriu para ela. "Todos nós somos gananciosos, Elaine. É a natureza humana."

QUANDO VOLTARAM AO ESCRITÓRIO, Nick retirou alguns detritos de uma das cadeiras de hóspedes e ofereceu a ela um assento.

"Então, o que você acha desta nota?", disse ele, entregando a Elaine a nota de cem dólares. Ele também lhe entregou uma lente de aumento.

O olhar dele lhe disse que se tratava de um teste.

Ela esfregou cuidadosamente a cédula entre o polegar e o indicador. Ela havia sido impressa com uma prensa de entalhe, pois podia sentir os sulcos no papel. Ela olhou para a nota com a lupa, inspecionando os detalhes mais finos.

Depois de um momento, Nick disse: "Quer uma nota genuína para comparação?"

"Não preciso de uma", murmurou Elaine, olhando para a parte da frente da cédula. "Esta é definitivamente falsa."

Nick levantou uma sobrancelha. "Como você sabe?"

"Em primeiro lugar, a tinta que muda de cor não está correta. Ela muda de preto para dourado, mas o..."

"Sim, ótimo. E?"

"E as linhas no rosto de Franklin não têm o mesmo espaçamento, especialmente em torno da linha da mandíbula. Além disso, a microimpressão não está tão nítida quanto deveria estar." Elaine fez uma pausa. "Ainda assim, é um trabalho de falsificação bem feito."

Nick sorriu. "Nada mal, Elaine. Nada mal mesmo. Normalmente, temos que enviar contas tão boas para os Estados Unidos para ter certeza."

Ele pegou o telefone e digitou um número. Enquanto esperava, abriu a gaveta e retirou uma pilha de notas de cem dólares com uma polegada de espessura. "Veja o que você acha delas."

Quanto mais Elaine trabalhava com Nick LaGrange, mais ela gostava dele.

Era tão empolgante estar perto dele, sempre apaixonado pelo que estava fazendo e tão confiante em si mesmo e nas habilidades de todos ao seu redor, inclusive nas dela. Elaine se sentia completamente segura com ele, como se ele irradiasse uma espécie de energia mágica e protetora que afastava o mal.

Ela também gostava de seu trabalho. Descobriu que tinha um talento natural para reconhecer cédulas falsas, algo que Nick percebeu logo de cara. Ele lhe deu tarefas que a ajudaram a desenvolver ainda mais sua habilidade na detecção de falsificações, como fazer listas detalhadas de todas as principais diferenças que ela encontrava cada vez que um novo tipo de cédula falsa surgia na região. Parecia que nesse escritório de campo do Serviço Secreto em particular, você podia criar seu próprio trabalho, o que era uma boa mudança em relação à posição rígida em Great Falls.

Para Elaine, identificar falsificações era fácil, como resolver aqueles quebra-cabeças de imagens que ela tanto gostava quando era pequena. *Há dez diferenças entre as meninas nessas duas fotografias. Você consegue encontrá-las?*

Logo, Nick estava enviando todas as notas falsas encontradas pelos outros agentes do escritório para Elaine examinar. Com o tempo e muita prática, ela conseguiu distinguir as falsificações tão rapidamente que os agentes dos escritórios de campo do Serviço Secreto nas proximidades - em Moscou, Bucareste, Frankfurt e Roma - começaram a enviar-lhe cédulas

suspeitas para verificação, a fim de obter uma resposta rápida. O envio de dinheiro em papel para Washington para ser verificado pelos canais oficiais era lento e exigia muita burocracia. Ao tornar isso desnecessário, ela começou a desenvolver uma reputação de rapidez e confiabilidade e até ganhou um pouco de fama na região.

ALGUMAS SEMANAS depois de ela ter se instalado, Nick entrou animado em seu escritório, com um pedaço de papel na mão.

"Lembra-se da falsificação que pegamos naquela operação secreta no primeiro dia em que você esteve aqui?"

"Sim..."

"Acontece que ela corresponde a algumas outras que surgiram na Europa Oriental. Acabei de receber este relatório do Tesouro, e ele diz que essas notas podem estar vindo de uma impressora KBA Giori genuína."

Isso foi um pouco chocante. A KBA Giori era uma empresa na Alemanha que fabricava todas as prensas de talhe doce usadas para imprimir dólares americanos. As máquinas eram fabricadas sob contrato ultrassecreto para o governo americano. Pelo que Elaine sabia, a fábrica em Wurzburg tinha uma segurança mais rígida do que o Pentágono.

"Como isso é possível?" disse Elaine.

"Bem, tenho certeza de que você sabe que a Giori fabrica basicamente as mesmas máquinas para praticamente todos os países do mundo."

"Sim..."

Nick deu de ombros. "Algum país do terceiro mundo pode ter vendido uma de suas máquinas para uma quadrilha criminosa. Todas as impressoras Giori estão registradas, com exceção de uma que nunca chegou ao Chile há cerca de cinco anos. Ninguém nunca descobriu o que aconteceu com ela." Nick fez uma pausa. "Isso é *grande*, Elaine. Talvez o maior caso em que já trabalhei. Meu Deus, se alguém realmente colocar as mãos em uma máquina KBA Giori genuína, como as que temos no Bureau of Engraving and Printing, e descobrir como usá-la corretamente, poderá fazer uma falsificação perfeita, tão boa que nem mesmo o Departamento do Tesouro seria capaz de perceber a diferença."

"Mas havia muitos erros na que eu verifiquei."

"Sim, mas pelo que me disseram, outras anotações que eles encontraram são melhores. Quem tem essa máquina está em uma curva de aprendizado, descobrindo como usá-la à medida que avança."

"Você pode me conseguir digitalizações das outras anotações? Eu gostaria de vê-las."

"Vou ver o que posso fazer", disse Nick. "Depois que eles vão para o Treasury, trazê-los de volta é como arrancar dentes."

NO FINAL DO MÊS, quando Elaine estava cuidando da papelada, ela perguntou se poderia ver o DOPS de Nick para ter uma ideia melhor de como o escritório de Sofia funcionava.

Ele franziu a testa para ela. Gesticulando em torno de seu escritório bagunçado, ele disse: "Você acha que eu faço DOPS?"

"Eu apenas supus que..."

"Eu preferiria passar uma tarde no dentista a preencher esses resumos. Prefiro ser amarrado e forçado a ouvir o discurso do presidente sobre o Estado da União. Prefiro comer brotos de bambu..."

"Mas você não tem que fazer o DOPS?"

"Bem, sim. Todo mundo tem que fazer isso. De vez em quando, meu chefe em Washington me liga e me repreende. Eu me tranco aqui por algumas horas e invento coisas, preencho o máximo que posso. É pura tortura".

"Terei prazer em fazer seu DOPS, Nick."

"Você vai fazer meu DOPS?"

"Sim, posso fazê-los quando faço os meus. Não me importo de fazer o DOPS - eles me fazem sentir organizada."

Ele apontou para ela. "É sua vez, garota!" Ele assentiu lentamente com a cabeça, pensando no assunto. "Sim. Perfeito! Posso dizer ao meu chefe que 'sincronizamos nossos DOPS'. Ele vai gostar disso." Nick sorriu para ela. "Parece um pouco perverso, não é?"

Elaine corou.

ELAINE LOGO DESCOBRIU que esperava ansiosamente por cada momento que passava com Nick e que se sentia vazia quando ele estava fora do escritório ou em uma missão.

O ponto alto de sua semana era quando Nick entrava em seu escritório e dizia: "Vamos sincronizar nossos DOPS".

Eles arrumavam seus papéis e iam para uma cafeteria etíope do outro lado da rua que servia um café delicioso, e Elaine sentava-se lá e escrevia todos os DOPS de Nick, com ele atendendo a todas as suas necessidades.

Ele lhe comprava um cappuccino duplo e o preparava do jeito que ela gostava - com uma colher de açúcar branco misturado e meia colher de demerara polvilhada sobre a espuma. Ela gostava de pensar que ele polvilhava a espuma com *carinho*.

Nick ficava em volta dela. "Posso lhe trazer um muffin? Um suco de laranja espremido na hora? Mil dólares em dinheiro?"

Eles conversaram muito durante esse ritual de uma hora e passaram a se conhecer melhor. Ela não sabia o que Nick achava disso, mas Elaine adorou cada segundo.

Após três meses de trabalho na Bulgária, ela finalmente admitiu para si mesma. Ela estava se apaixonando loucamente, irremediavelmente e sem parar por Nick LaGrange.

Nick parecia conhecer todo mundo em Sofia e levava Elaine com ele para "fazer a ronda" em uma variedade de clubes e bares mais obscenos da cidade, o que ela achava deliciosamente intrigante. Pelo menos no início.

Ficou claro que Nick tinha muitas namoradas casuais, do tipo que frequentava bares e vivia da generosidade dos homens que encontrava ali, principalmente estrangeiros "ricos".

Na terceira noite em que saíram, duas moças que claramente conheciam Nick pararam na mesa deles. Uma delas tinha um corte de cabelo de pajem, com uma franja preta cortada reta sobre seus olhos escuros. A outra tinha uma trança loira grossa que chegava até a fenda do bumbum, cujas características eram tão claramente delineadas por um spandex preto apertado que ela poderia ter trabalhado como modelo vivo em uma aula de anatomia.

"Venha festejar conosco, Neekie!", disse a morena, com a boca cheia de batom vermelho brilhante, puxando a jaqueta de couro dele.

"Você não vê que estou com um colega?" disse Nick, com o rosto corado. Do jeito que Nick disse isso, Elaine se sentiu como uma peça de equipamento de escritório.

A loira olhou de soslaio para Elaine com seus olhos escuros. "Você pode chamar sua colega de Neekie. Nós não nos importamos."

Quando finalmente se livrou deles, olhou de soslaio para Elaine. "Eu só ando com eles para manter meu ouvido perto do chão. Dessa forma, você pega um monte de coisas".

"Espero que ele responda à penicilina", disse Elaine.
Nick sorriu.

AS MULHERES BÚLGARAS MAIS JOVENS se vestiam com esmero, usando saias curtas, saltos altos e blusas decotadas. Elas davam muita atenção ao cabelo, à maquiagem e às mãos e aos pés - metade delas usava unhas postiças e tinha extensões de cílios. Para Elaine, parecia que todas as moças de Sofia estavam em uma competição de vida ou morte entre si para ver quem era a mais sexy. Havia tantas mulheres bonitas que Elaine se sentia positivamente simples e ordinária em seus enfadonhos ternos de negócios cinza e sapatos sensatos.

Certa noite, quando ela, Nick e dois outros agentes - ambos homens casados - estavam em um bar, Elaine fez a seguinte observação a Nick quando uma moça passou com uma saia tão curta que dava para ver a parte de cima da meia preta com babados.

"A vida é difícil aqui, Elaine", disse ele. "Não é como nos Estados Unidos, onde há todos esses sistemas para proteger as mulheres e dar-lhes oportunidades iguais e tudo o mais. Aqui, as mulheres precisam dos homens para sobreviver, e não há homens bons o suficiente para todos." Nick deu de ombros. "Para conseguir um bom homem, elas têm de tirar o máximo proveito de todos os seus bens."

"E aposto que você tira o máximo proveito dos ativos deles", disse Elaine.

Nick olhou para os outros dois agentes e sorriu. "Bem, você sabe o que dizem. 'Quando em Roma...'"

Elaine queria estrangulá-lo.

Em dezembro daquele ano, Elaine estava tão atolada na verificação das notas suspeitas de cem dólares enviadas por outros escritórios que não tinha tempo para mais nada. As paredes de seu escritório estavam cobertas por enormes folhas de papel com centenas de números de série de cédulas, interligadas como enormes árvores genealógicas, mostrando quando e onde cada nota havia sido encontrada e as interconexões geográficas entre elas. Isso ajudava outros agentes a rastrear a origem das notas falsas e a localizar as impressoras ilegais. O trabalho de detetive de Elaine já havia sido parcialmente responsável por duas grandes apreensões, uma na Romênia e outra na Chechênia.

"Você e eu formamos uma ótima equipe, Elaine", dizia Nick com frequência. "Você os localiza e eu os prendo".

Com a aproximação das festas de Natal, Elaine começou a se sentir deprimida - a época do Natal a deixava deprimida desde a morte do pai, pois ela não tinha família com quem passar as festas.

Uma semana antes do início das férias, Nick chegou com um novo conjunto de anotações suspeitas para ela verificar, com sua jaqueta de couro coberta de neve.

"Então, o que você vai fazer nas férias?", ela perguntou casualmente. Ela esperava que ele ficasse perto de Sofia e que talvez pudessem passar algum tempo juntos.

"Ah, provavelmente vou para Minorca para descansar um pouco. É o que eu costumo fazer."

Um pouco de R&R. Ela se perguntou qual - ou quais - das garotas do bar ele estava levando com ele.

"E você?" disse Nick, sorrindo educadamente.

"Ah, estou pensando em fazer uma viagem com um amigo para Roma ou Paris." A parte vaga do "amigo" era uma mentira, um esforço para deixá-lo com ciúmes. *Um esforço patético*, pensou ela.

"Parece bom", disse ele, sem se incomodar. "Mas eu iria para o sul se fosse você. Os invernos aqui são de matar".

Quando ele se virou, Elaine teve vontade de jogar seu peso de papel de vidro nele. Mas ela não queria que ele fosse embora.

"Nick?", disse ela.

"Sim?"

"E as duas notas que enviamos ao Tesouro, provenientes da imprensa Giori genuína?"

"Ah, esses?", disse ele. "Não sei o que aconteceu, você sabe como eles são. Vou perguntar de novo."

Depois que ele saiu, ela teve a nítida sensação de que ele estava sendo evasivo.

ELA ACABOU PASSANDO as férias em Paris. Ela visitou o Louvre, a Torre Eiffel, Versalhes e fez um passeio de barco pelo rio Sena.

E ela estava infeliz.

Quando Elaine voltou para Sofia, sua obsessão por Nick se intensificou. Quando ele encostava o braço no dela, a eletricidade percorria todo o seu corpo. Quando ele deixava suas mensagens telefônicas, ela as reproduzia repetidamente na privacidade de seu escritório ou sala de estar, onde podia saborear o som da voz dele. Seu estado emocional oscilava descontroladamente para um extremo ou outro com base na menor inflexão ou no olhar dele. Ela desejava que ele pegasse sua mão, como no primeiro dia em que ela chegou a Sofia.

Elaine só podia imaginar o choque que ele sofreria se soubesse o tumulto emocional que estava causando dentro dela.

Ela se sentia como uma colegial, desejando incessantemente um garoto que não sabia de sua existência.

Ela se odiava por isso, mas parecia não poder fazer nada a respeito.

Você deseja tanto o Nick simplesmente porque não pode tê-lo, pensou ela, tentando se convencer do que sentia. Ele está fora de seu alcance, e isso o torna ainda mais atraente. Se ele estivesse facilmente disponível, você não estaria interessada.

Ela não acreditou em uma palavra sequer.

UM DIA, ela entrou no escritório de Nick e ele estava tão concentrado em algo na tela do computador que pareceu não perceber.

"Nick?", disse ela.

"O quê?", murmurou distraidamente.

Ela se aproximou gradualmente, olhando por cima do ombro dele. Ela quase esperava ver pornografia na tela.

"Já estive na região de Provence, na França?", disse ele. Ele estava percorrendo uma série de pequenas vilas no campo.

"Não", disse Elaine. "Parece adorável. Está pensando em tirar férias lá?"

"Sim. Um permanente."

"O que você quer dizer com isso?"

"Quero dizer que vou me aposentar. E em breve."

Elaine ficou surpresa. "Você não é um pouco jovem para se aposentar?"

"Ah, vou continuar trabalhando em alguma coisa. Mas algo que não coloque a vida em risco." Ele deu uma olhada para ela. "Tenho muito dinheiro guardado", disse ele. "Esse velho Mustang é a única coisa que tenho."

ELAINE SEMPRE PENSAVA no que Nick havia dito nos dias seguintes, perguntando-se como ele tinha tanto dinheiro "guardado" que poderia se aposentar aos 30 anos.

Certa noite, ela teve um sonho maravilhoso. Ela estava jantando com Nick em uma cozinha enorme e rústica. As janelas estavam abertas, com a brisa soprando pelo cômodo. Verduras frescas estavam espalhadas sobre a mesa. Do lado de fora, ela podia ver colinas douradas e choupos, como em uma pintura de Van Gogh.

Duas crianças estavam sentadas à mesa, um menino e uma menina, e ambos estavam falando francês. O menino preferia o Nick. A menina tinha cabelos loiros cor de morango.

Bateram na porta. De repente, a sensação e a textura do sonho mudaram. Por um segundo, ela estava de volta à sua pequena casa em Garfield.

"Vou buscá-la", disse ela, levantando-se da mesa.

Ao atravessar o corredor, ela se encheu de terror. O Serviço Secreto estava lá, e eles iriam prender Nick, levá-lo embora e destruir sua linda família e sua vida idílica com ele.

Quando sua mão tocou a maçaneta da porta, ela estava fria como gelo. Engolindo, ela a girou e abriu a porta.

As duas garotas que haviam abordado Nick no bar em Sofia estavam ali, a morena com o corte de cabelo de pajem e a loira com a trança nas costas e a calça justa.

"O Neekie está aqui?", disse a morena, com a boca manchada de batom sorrindo lascivamente. "Ele pode vir festejar conosco?"

Elaine acordou com um sobressalto.

ELA FINALMENTE DECIDIU LIGAR para Ashley e desabafar. Ela precisava conversar com alguém sobre sua obsessão - manter todos os seus sentimentos engarrafados estava deixando-a louca.

Ashley era boa em dar conselhos sobre o sexo oposto - desde que Elaine perdesse a virgindade com o "Sr. Rodriguez", Ashley tinha sido uma espécie de mentora para ela, pelo menos no departamento de romance.

"Você precisa dizer a ele como se sente", disse ela.

"Como?" disse Elaine, tremendo de frio. Ela estava em uma cabine telefônica em um subúrbio de Sofia, e fazia uns dez graus lá fora. Ela não teria ousado falar com Ashley sobre isso pelo celular ou pelo telefone de seu escritório ou apartamento.

"Se eu me aproximar dele e ele não estiver interessado, ficarei tão humilhada que não poderei olhá-lo nos olhos novamente. Terei de ser transferida para outro escritório de campo. E eu gosto daqui - *adoro* aqui!"

"Você *o ama* lá", disse Ashley.

Elaine não disse nada. Não havia necessidade.

"Veja bem, Elaine, não estou falando de "dar em cima" dele. Estou falando de dicas sutis. Você é uma mulher, sabe como fazer isso."

"Eu dei a ele todas as dicas sutis que existem, Ashley. Ele não responde a nenhuma delas."

Ashley ficou quieta por um momento. Elaine sabia o que ela estava pensando. *Bem, talvez o homem simplesmente não esteja interessado.*

Ashley disse: "Olhe, provavelmente é a questão chefe-subordinado. Ele sabe sobre o bastardo em Great Falls?"

Ashley era a única pessoa a quem Elaine havia contado sobre Bill Saunders. "Acho que não. Como ele poderia saber?"

"Não me pergunte, não sou um agente secreto."

"Ashley, nós não somos 'agentes secretos', nós aplicamos a lei, como o FBI".

"Tanto faz." Ashley nunca tinha entendido a escolha de carreira de Elaine. "A questão é que, se ele sabe sobre o canalha de Great Falls, provavelmente está morrendo de medo de se aproximar de você. Ele tem

medo de que você se descontrole e faça com que ele seja demitido por assédio sexual."

Elaine já havia pensado nisso. "Não acho que seja isso. Esse cara não gosta de seguir regras, Ashley. Essa é uma das coisas que o torna tão atraente - ele é um rebelde, faz o que quer."

"Sim, esses tipos são empolgantes."

Elaine suspirou. "Eu só acho que se ele estivesse realmente interessado em mim, ele correria o risco."

Bem, é isso aí, ela podia ouvir Ashley pensando.

"Olhe, Lainie, se você é tão louca por esse cara, deveria simplesmente contar a ele. Você sabe o que dizem. 'É melhor ter amado e perdido do que não ter amado...'"

"Vamos lá, não me venha com clichês!"

"Bem, você me pede conselhos e, quando eu os dou, você os rejeita. O que exatamente você quer que eu lhe diga?"

"Sinto muito. Estou muito chateado com isso. Você tem sido de grande ajuda, na verdade. Eu só preciso pensar um pouco mais."

"Você já pensou o suficiente - está apenas se deixando louco. Isso é ruim para sua autoestima."

"Sim", suspirou Elaine, abraçando-se e tremendo de novo. "Ouça, estou morrendo de frio, Ashley, tenho de desligar. Agradeço todos os seus conselhos e, por favor, *não conte* isso a ninguém."

"Como se eu fosse compartilhá-lo com todos os meus amigos agentes secretos."

DUAS HORAS DEPOIS, Nick entrou no escritório de Elaine.

"O que você acha de ir comigo em uma missão secreta em Belarus?"

Era como se ele tivesse ouvido toda a conversa telefônica. É claro que Elaine sabia que isso era impossível.

"Claro", disse ela, tentando esconder sua empolgação. "Qual é a tarefa?"

Nick explicou isso a ela. Ele suspeitava que havia uma pequena operação de falsificação no local e não conseguia obter nenhuma cooperação das autoridades bielorrussas, por isso queria ir investigar pessoalmente. "Seria apenas por alguns dias", acrescentou casualmente.

"Tudo bem", disse ela, esforçando-se para esconder sua alegria. Ela se perguntou se ele gostaria que eles se apresentassem como um casal novamente. Na verdade, ela se sentiu sexualmente excitada com a ideia de

ficar com ele por alguns dias em um hotel na Bielorrússia. Quem sabe o que poderia acontecer?

"Você precisará de um passaporte falso, é claro", disse ele. "De que país você quer ser? Você é bom em algum sotaque específico?"

"Você poderia me dar um passaporte de Ayerland, então? Alguns dizem que tenho um sotaque de Ayerland que não é nada ruim."

Nick começou a rir. "Isso é incrível! Você é irlandês ou meio irlandês?"

"Minha tataravó era uma princesa irlandesa. Ela morava em um lindo castelo."

Na verdade, o que Elaine disse foi: "Meu pai costumava murmurar em um sotaque irlandês por diversão. Brogan é um nome irlandês, mas acho que ele nunca conheceu nenhum irlandês de verdade".

"Bem, eu conheço algumas pessoas que podem fazer um passaporte irlandês. Esses países do antigo bloco soviético adoram o IRA."

QUANDO VOARAM PARA MINSK, a capital da Bielorrússia, Nick viajou com um passaporte britânico falso e listou sua ocupação no formulário de desembarque como "Engenheiro". Ele disse a ela para escrever "Contadora" no dela. O passaporte dela era uma emissão diplomática, supostamente concedida pelo Irish Department of Agriculture, Fisheries, and Food.

"Estamos casados há cinco anos, moramos em Londres e eu trabalho na British Petroleum. Não temos filhos. Estamos aqui de férias. Entendeu?"

"Sim."

Elaine estava tão animada que mal conseguia se conter. Quando saíram do táxi e se aproximaram do saguão do hotel, ela criou coragem para pegar a mão de Nick.

Ele a soltou rapidamente, franzindo a testa para ela.

"Pensei que deveríamos estar casados", disse ela, um pouco magoada.

"Nós estamos. Cinco *anos*, Elaine. Nenhum casal casado dá as mãos depois de cinco *anos*."

QUANDO ELES REALMENTE FORAM PARA o quarto de hotel que Nick havia reservado, Elaine ficou ainda mais decepcionada. Ela esperava que o quarto tivesse apenas uma cama grande. Em vez disso, não só tinha duas camas separadas, mas elas estavam em quartos separados. Era uma suíte projetada para uma família, com um quarto para os pais e um quarto para as crianças. Havia até banheiros separados.

Ela estava desapontada porque ele nunca a veria com o novo vestido, no qual ela havia gasto metade do seu salário.

"Achei que assim você teria mais privacidade", disse Nick, enquanto levava sua mala para o menor dos dois quartos.

"Obrigada", murmurou Elaine.

Ela foi para o outro quarto e desfez a mala com tristeza.

Alguns minutos depois, Nick apareceu em sua porta.

"Vou sair para ver o que posso fazer."

"Você não quer que eu..."

"Não, você precisa ficar aqui. Esteja pronto para checar todas as contas que eu trouxer - teremos que agir rápido."

OS TRÊS DIAS que passaram em Belarus foram infelizes para Elaine. Nick a fez ficar no quarto como uma prisioneira. Ele saía e procurava notas suspeitas de cem dólares, trazia-as de volta para que ela as verificasse e depois saía novamente, deixando-a sozinha quase o tempo todo. A única razão pela qual ele a queria com ele era para que pudesse determinar rapidamente se as notas que ele localizou eram falsas e ligá-las a outras notas que haviam surgido em outros lugares do Leste Europeu.

No terceiro dia, quando Nick estava se preparando para sair novamente, ela disse: "Estou ficando muito cansada do serviço de quarto, Nick. Não podemos ao menos sair para jantar?"

"Não posso fazer isso", disse ele.

"Por que não?", disse ela com raiva.

"Porque aqui é muito perigoso. Tenho quase certeza de que fui seguido hoje." Ele fez uma pausa, olhando para ela com simpatia. "Se algo acontecesse com você..."

"O quê?"

Ele desviou o olhar, tirando o cabelo do rosto. "É minha responsabilidade mantê-la segura, só isso."

Ele saiu sem dizer mais nada.

NICK NÃO RETORNOU até o início da manhã seguinte. Ele parecia abatido, com dois dias de barba por fazer no rosto. Tinha uma pequena bolsa de ginástica sobre o ombro. Com um suspiro, ele a colocou sobre a mesa de centro e abriu o zíper.

Estava repleto de maços de rublos bielorrussos de aparência suja, presos com elásticos amarelos brilhantes.

Silenciosamente, ele abriu o zíper de sua própria mala, abriu um fundo falso e começou a embalar cuidadosamente o dinheiro nela.

"Você se importa de explicar de onde veio isso?" disse Elaine.

"Um suborno falso", ele murmurou. "Eu me fiz passar por um agente corrupto da Interpol para me aproximar da fonte dessas falsificações que acho que estão vindo da Rússia." Ele olhou para ela. "Acho que estamos nos aproximando da origem delas, Elaine. Isso pode ser uma grande apreensão, uma verdadeira pena para nós."

Ele terminou de guardar as notas e fechou a mala. "São apenas cerca de dez mil, mas serão úteis para minhas operações secretas." Ele olhou para ela novamente. "Não quero informar que o dinheiro veio daqui, é muita coisa para explicar e muita papelada. Vou convertê-lo em dólares americanos e dizer que o dinheiro foi encontrado durante uma operação secreta em Sofia - podemos reciclá-lo muito mais facilmente dessa forma."

QUANDO VOLTARAM PARA SOFIA, Elaine pensou seriamente em pedir transferência para outro escritório do Serviço Secreto. Seu aniversário de um ano estava quase acabando. Tecnicamente, isso era possível.

Por que eu deveria continuar me torturando? pensou ela. Trabalhar lado a lado com um homem por quem ela estava loucamente apaixonada, mas que não retribuía seus sentimentos? Isso era masoquista.

Finalmente, Elaine não aguentou mais. Dois dias antes de seu aniversário de um ano, ela baixou o formulário de Solicitação de Transferência em seu computador e começou a preenchê-lo.

Quando chegou ao espaço em branco que dizia Motivo da solicitação de transferência, ela hesitou, com os dedos pairando sobre o teclado.

Não aguento mais isso - estou apaixonado pelo meu chefe e isso está me deixando louco.

"Bom dia, Elaine."

Ela levantou os olhos bruscamente. Nick estava parado na porta de sua casa, sorrindo para ela.

Ela rapidamente minimizou a janela em sua tela. "Bom dia."

"Você está livre na sexta-feira à noite?"

"Por quê?", disse ela, cautelosa.

"Pensei em sairmos para comemorar seu aniversário."

"I-" Ela fingiu surpresa. "Já faz um ano?"

"Claro que sim." Nick sorriu. "O tempo voa quando você está se divertindo."

Elaine o observou por um momento, parado ali com seu jeans e jaqueta de couro, o cabelo desgrenhado. Parecia ter acabado de sair da cama com uma de suas garotas do bar.

Ela queria estrangulá-lo.

Com um suspiro, ela disse: "Nick, eu realmente não quero sair com você e seu...".

Ele parecia intrigado. "Meu... o quê?"

"Amigas."

"Minhas *groupies*?" Ele riu. "É assim que você pensa nelas?"

Elaine não respondeu. Ele ficou ali parado por um longo tempo, olhando para ela. "Se eu não soubesse", disse ele, "eu pensaria que você está com ciúmes".

"Não seja ridículo", disse ela, corada. Ela abriu a janela em sua tela. Ele não podia ver o que ela estava fazendo, então não importava.

Ele disse: "A única razão pela qual essas garotas gostam de mim é porque eu gasto dinheiro com elas".

Elaine o ignorou, preenchendo outro campo no formulário de transferência.

"Tenho um presente para você", disse ele.

Ela olhou para ele. Sorrindo, ele colocou a mão no bolso e tirou uma pequena caixa de papelão. Era do tamanho de uma caixa de joias para um anel.

Continue sonhando, pensou ela, mas seu coração bateu um pouco mais rápido quando ele o colocou na mesa à sua frente. "Apenas uma lembrança de seu primeiro dia na Bulgária."

Tudo o que ela conseguia se lembrar do primeiro dia aqui era como era boa a sensação da mão dela na dele. Escondendo sua amargura, ela abriu a caixa.

Dentro havia um pequeno peru de plástico, com perninhas engraçadas penduradas. Nick o pegou, girou o botão na lateral e o soltou. Ele se movimentou loucamente pela área de trabalho, fazendo um barulho horrível.

Os dois começaram a rir.

"O Turkey Roll", disse Elaine.

"Aposto que você nunca esquecerá esse dia, não é?"

Não, pensou Elaine, *mas não pelos motivos que você pensa.*

Ele ficou ali parado e os dois observaram o brinquedinho se enrolar até cair de lado.

"Então?", disse ele.

"Bem, o quê?"

"Sobre a noite de sexta-feira. Você quer ir jantar ou não? Fiz reservas na Maison Godet. Seremos apenas você e eu". Ele sorriu. "Não são permitidos groupies."

O Maison Godet foi o melhor restaurante de Sofia, um ambiente íntimo e romântico.

De jeito nenhum ela iria se preparar para outra decepção.

"Que horas?", disse ela.

"Por volta das sete? Pego você na sua casa".

Depois que ele se afastou, ela olhou para ele, pensando que o jantar seria uma boa oportunidade para dizer a ele que estava pedindo uma transferência.

QUANDO CHEGOU A NOITE DE SEXTA-FEIRA, Elaine tirou a tarde de folga. Não foi para que ela pudesse se preparar para a noite com Nick. Ela não estava disposta a fazer nada de especial para se preparar - ela só queria relaxar por algumas horas, talvez tirar um cochilo para não ficar com sono se eles tomassem vinho no jantar.

De jeito nenhum farei algo fora do comum para tentar ficar mais bonita, pensou ela, enquanto estava sentada no Salon de Pierre, fazendo o cabelo e as unhas. *De jeito nenhum vou gastar meu bom dinheiro para tentar impressioná-lo*, pensou ela, enquanto pagava ao balconista da boutique pelo vestido de cashmere macio e esvoaçante que realçava o azul de seus olhos. *De jeito nenhum vou alimentar minhas esperanças apenas para que ele cruelmente as destrua novamente*, pensou ela, admirando sua nova roupa e penteado no espelho, com o coração batendo loucamente ao pensar no que poderia acontecer se ele a acompanhasse até seu apartamento para dizer boa noite.

Sou uma maldita tola, pensou ela, enquanto retocava os lábios no banheiro. *Sou a maior idiota que já passou por esta terra.*

"VOCÊ ESTÁ BONITA", disse Nick simplesmente, quando a pegou no colo.

"Obrigada", disse ela. "Você também."

Nick estava usando calça e um paletó esportivo sobre um suéter, o que era o máximo que ele se vestia, exceto quando alguém de Washington o visitava.

Quando estavam sentados no restaurante, Nick disse: "Você parece um pouco distraída. Está tudo bem com você?"

"Estou bem. Foi apenas uma longa semana."

"Sim. Para mim, também."

Ele começou a falar animadamente sobre um de seus casos. "Acho que vamos desmascarar a operação". Tratava-se de uma operação de falsificação na Rússia, mas a operação de impressão estava localizada em outro lugar. Nick suspeitava que fosse na Croácia, mas não tinha certeza. "Sem sua ajuda para identificar as falsificações, isso teria levado meses a mais. Não teríamos chegado tão longe."

"Fico feliz", disse ela.

Apesar de sua determinação em não se divertir, ela teve uma noite maravilhosa com Nick, como sempre. Ela nunca havia se sentido tão confortável com nenhum homem em sua vida. Os russos tinham uma palavra que descrevia isso perfeitamente -*rodnoi*. Um sentimento caloroso, próximo e familiar.

Era exatamente assim que ela se sentia com Nick. Como se eles estivessem destinados a ficar juntos, sempre, para sempre.

Quando estavam comendo a sobremesa, Elaine começou a se sentir irritada consigo mesma por ter deixado sua paixão correr tão solta. Ela tinha um emprego maravilhoso, e Nick era um chefe fantástico que realmente apreciava suas habilidades. E o melhor amigo que alguém poderia ter! Por que ela estava prestes a estragar tudo só porque o homem não tinha nenhum interesse romântico por ela? Ela se sentia egoísta, estúpida e imatura. Ela deveria simplesmente excluir a Solicitação de Transferência e, de uma vez por todas, fixar firmemente em sua mente que Nick era um *colega de trabalho*, e isso era tudo o que ele sempre seria. Ponto final.

"QUER IR TOMAR um drinque em algum lugar?" Nick disse, quando voltaram para seu Mustang.

Elaine olhou para o relógio - eram quase onze horas.

"Vamos lá", disse ele, com um sorriso de menino. "Vamos a um lugar que nenhum dos meus fãs pode pagar."

Ela sorriu, mas, por dentro, não estava rindo. Ficava impressionada com a rapidez com que seus sentimentos podiam mudar. Como ele podia ser tão frio e começar a falar sobre suas malditas groupies? Ela se arrependia muito de tê-las chamado assim. E como ele não sabia o que ela sentia por ele? Ele só podia ser um completo idiota se não conseguisse perceber. Mas os homens eram muito cegos às vezes.

"Eu prefiro ir para casa, Nick. Estou cansada." Ela abriu a porta do carro.

"Ok. Eu o acompanho até lá."

"Você não precisa fazer isso, Nick."

"Sim, eu sei."

Quando entraram no prédio e entraram no elevador, Nick parecia um pouco desconfortável. Ele a olhava de relance, mas ela evitava o contato visual.

Eles saíram do elevador e ela destrancou a porta de seu apartamento. Ela se virou para ele e sorriu. "Obrigada pelo jantar, foi muito bom".

"Que bom que você gostou." Antes que ela pudesse se afastar, ele tocou seu queixo. "Você está brava comigo por alguma coisa? Eu não fiz nada que a ofendesse, fiz?"

Não, pensou ela, olhando para os olhos castanhos dele. Esse é o problema, Nick. Você nunca faz nada que me ofenda.

"Estou um pouco cansado, só isso."

"Bem, se eu o ofender, você me dirá, certo? Acho que eu não aguentaria se alguma vez ferisse seus sentimentos ou algo assim."

"Por que isso, Nick?", disse ela, agora olhando diretamente nos olhos dele.

"Eu... não sei. Você é apenas... uma pessoa boa demais."

Os dois ficaram ali parados, olhando um para o outro.

"Eu queria lhe dizer o quanto gostei de trabalhar com você neste último ano, Elaine. Não sou muito bom em dizer esse tipo de coisa... mas você realmente alegrou as coisas por aqui. Para mim, quero dizer".

"Fico feliz", disse Elaine. "Eu também gosto de trabalhar com você, Nick".

Houve outro silêncio constrangedor.

"Bem", disse Nick, "vejo você na segunda-feira, então". Ele hesitou por um instante, olhando para além dela, para o apartamento dela.

"Vejo você na segunda-feira", disse ela.

Ele ficou ali parado, olhando-a nos olhos.

O tempo parecia ter parado completamente.

De repente, ele a agarrou e começou a beijá-la com paixão.

No instante seguinte, eles estavam caindo um sobre o outro, derrubando os móveis. Nick chutou a porta com o pé e a empurrou para o sofá.

Elaine se viu caindo em um longo, profundo e delicioso túnel de êxtase. Nada mais no universo existia, exceto ela e Nick. Ele arrancou suas roupas e a devorou, com seus lábios e língua explorando cada centímetro de seu corpo.

"POR QUE VOCÊ NÃO ME CONTOU?", sussurrou ele, em algum momento no meio da noite.

"Achei que você não gostava de mim."

"Meu Deus, eu sou louco por você, desde o primeiro dia em que você entrou na minha vida!"

Quando Elaine finalmente adormeceu nos braços dele, seu pior medo era que, quando acordassem, sob a luz sóbria e brilhante da manhã, Nick estaria todo inquieto e desajeitado, arrependido do que haviam feito e diria a ela que aquilo tinha sido um "deslize", que eles deveriam voltar a ser colegas de trabalho e amigos.

Mas isso não aconteceu.

Na manhã seguinte, ele a segurou perto de si, acariciando seus cabelos e seu rosto, olhando em seus olhos.

Eles fizeram amor novamente e, finalmente, se levantaram e se vestiram. Ele estava indo para a Rússia para uma operação secreta de um dia e só voltaria no final da noite de domingo.

Ela o abraçou com força. Não queria soltá-lo. Tinha medo de perdê-lo se o fizesse.

"Não a verei novamente até segunda-feira de manhã", disse ele, recuando gentilmente para poder olhar para o rosto dela.

"O que vamos fazer, Nick?"

"O que você quer dizer com isso?"

"No trabalho. Vai ser estranho, não vai?"

"Como assim?"

"Todo mundo vai saber. Não se pode esconder algo assim das pessoas. Elas sentem isso."

Nick deu de ombros. "Não estou nem aí."

ELAINE FICOU na cama muito tempo depois de ele ter saído, em uma euforia sem precedentes, sentindo o cheiro do perfume masculino dele nos travesseiros, ainda ouvindo sua voz, sentindo seu toque. Foi tudo como um sonho - ela não conseguia acreditar que tinha realmente acontecido.

Ela tinha um medo, parcialmente instilado por Ashley, de que, se isso realmente acontecesse, seria uma decepção, que a coisa real nunca estaria à altura de suas fantasias. Mas acabou sendo exatamente o oposto. Fazer amor com Nick foi ainda melhor do que ela imaginava, em parte porque ela nunca havia dormido com alguém por quem tivesse sentimentos tão fortes. O sexo com Nick não era complicado, era fácil e sem esforço - ela faria qualquer coisa para agradá-lo, e ele parecia ter a mesma atitude em relação a ela.

POR VOLTA das 10h30 da manhã, seu celular começou a tocar. Elaine ainda estava na cama. Ela estava em um estado tão sonhador e animado que quase não percebeu o som, até que percebeu que poderia ser Nick ligando para ela.

Ela puxou o cobertor em volta de si e pegou o celular na bolsa.

O visor exibia UNKNOWN CALLER.

"Alô?", disse ela, com a voz ainda rouca de luxúria.

"Ei, espertinho."

Elaine franziu a testa. "Desculpe-me?"

"É você, não é?", disse uma voz masculina rouca. "O espertinho que estava em minha aula de combate à falsificação na Laurel há algum tempo?"

As lembranças da aula de treinamento na Academia do Serviço Secreto foram voltando aos poucos. Era Judd, ou qualquer que fosse seu nome verdadeiro, o instrutor do Departamento do Tesouro. Gene Lassiter. Esse era o nome dele.

"Sim, sou eu", disse Elaine, sentando-se na cama.

"Por que você nunca me ligou? Ser enviado para a Bulgária deveria ser o suficiente para que você se cansasse de trabalhar para o Serviço Secreto."

"Não é ruim." Ela olhou para as roupas de cama bagunçadas. "Eu gosto de estar aqui." *Especialmente agora.*

Sua voz mudou de tom. "Detesto ter de lhe dizer isso, mas você está em apuros. Problemas sérios."

Ela se sentou ainda mais ereta, subitamente com medo. Ela se perguntou se ele já saberia que ela havia dormido com Nick. "O que você quer dizer com isso?", disse ela com cautela.

"Não deveríamos falar sobre isso pelo telefone. Tudo o que posso lhe dizer neste momento é que o SAIC de lá está prestes a ser preso. Você precisa sair daquele escritório, e rápido."

Elaine estava tendo dificuldade para assimilar tudo isso. "Preso por quê?"

"É melhor não falar sobre isso ao telefone." Ele fez uma pausa. "Na terça-feira estarei em Berlim, a negócios. Você pode me encontrar lá para conversarmos?"

"Bem... sim, acho que sim." A mente de Elaine estava acelerada, tentando entender o que Nick poderia estar fazendo para ser preso. E por que Gene Lassiter a estaria alertando sobre isso.

Ele disse: "Diga ao seu escritório que você tem um assunto pessoal em Berlim na terça-feira, um parente doente ou algo assim, e que você ficará fora apenas um dia. Certifique-se de que ninguém saiba de mais nada. Especialmente a SAIC. Está claro?"

"Sim. Sim, senhor."

A linha ficou muda.

Elaine passou o resto do fim de semana em um estado de desespero. Ela não conseguia acreditar que Nick estivesse fazendo algo errado.

Mas então se lembrou da viagem que fizeram à Bielorrússia e dos dez mil dólares em rublos bielorrussos que ele havia contrabandeado em sua mala. Ele havia pedido a ela que não denunciasse, dizendo que converteria o dinheiro em dólares e diria que havia sido encontrado em Sofia. Quando eles se reuniram com Elaine para preencher o DOPS, o dinheiro não foi mencionado. Ela também não ouviu falar dele desde então.

Na segunda-feira de manhã, Elaine se certificou de chegar ao trabalho antes dele, para que pudesse fazer suas reservas sem chamar muita atenção. Nick descobriria, é claro - ele tinha de aprovar todos os pedidos de licença pessoal.

Por volta das 10h30, ele apareceu na porta do escritório dela. "Oi", disse ele simplesmente. Ele a fitou, sorrindo, com seus olhos dizendo mais do que as palavras poderiam dizer. Ele baixou um pouco o tom de voz. "Como você está?"

"Tudo bem." Ela tentou se comportar da forma mais calorosa possível com ele. "Como foi a Rússia?"

"Fiz muito progresso desta vez." Ele abriu o paletó e entregou a ela um pequeno maço de notas de cem dólares. "Dê uma olhada nelas e veja se alguma delas corresponde às antigas."

"Tudo bem."

Ele ficou ali parado, observando-a. Olhando por cima do ombro, ele se aproximou e pegou a mão dela. Beijou-a com ternura, olhando-a nos olhos.

"Tem certeza de que está bem com o que aconteceu entre nós?"

"Sim." Seu rosto ficou corado.

"Eu sei que é um pouco estranho..."

"Nick, tenho que ir para a Alemanha amanhã."

"Alemanha?", disse ele, intrigado. "Por quê?"

"Uma amiga minha da faculdade - Heather - que se mudou para lá com o namorado. Ele a abandonou na noite passada." Elaine se sentiu horrível ao mentir para Nick. Mas disse a si mesma que isso era o melhor - ela iria falar com Gene Lassiter e esclarecer tudo. Lassiter obviamente estava no caminho errado em relação a Nick. Certamente Nick não havia aceitado aqueles rublos bielorrussos como um suborno real. "Heather está um caso perdido no momento. Eu disse a ela que iria vê-la." Elaine acrescentou: "Será apenas por um dia".

"Oh." Nick assentiu com a cabeça. Elaine pensou ter visto um lampejo de suspeita em seu rosto, mas não tinha certeza. "Bem, vejo você quando - quarta-feira?"

"Sim, quarta-feira."

"E quanto ao jantar de quarta-feira à noite...?"

"Eu adoraria."

Ele apertou a mão dela com carinho. "Vejo você na quarta-feira, então".

A reunião foi realizada no Ritz-Carlton, no centro de Berlim. Elaine encontrou Gene Lassiter sentado em uma mesa no bar, com duas cervejas à sua frente.

Ele a recebeu calorosamente e disse: "Espero que você goste de cerveja. Ninguém faz cerveja como os alemães".

Elaine não estava interessada em cerveja - estava interessada em descobrir exatamente o motivo pelo qual Nick estava sendo investigado -, mas tomou um gole, aguardando ansiosamente o momento certo.

O homem idoso ficou sentado ali, sorrindo para ela, com uma mão sobre a outra em cima de sua bengala com ponta de ouro. Ela tinha o formato de uma cabeça de cavalo.

"Você tem uma reputação e tanto", disse ele.

Elaine ficou ainda mais tensa. "O que você quer dizer com isso?"

"Identificando a moeda falsa. A notícia se espalha."

"Oh", disse ela, aliviada. Ela estava com medo de que ele, de alguma forma, soubesse que ela havia dormido com Nick. Ela disse a si mesma para parar de ser tão paranoica.

"É um dom", continuou Lassiter, "ser capaz de detectar falsificações a olho nu, sem usar muitos equipamentos sofisticados. Eu sabia que você era talentoso quando o tive naquela turma em Laurel."

"Bem, eu já deveria ser meio boa nisso", disse Elaine modestamente. "Isso é tudo o que tenho feito nos últimos doze meses." Ela desejou que ele lhe contasse sobre o problema que achava que Nick estava enfrentando.

"Sabe, há apenas três semanas, eu estava prestes a ligar para você e lhe oferecer um emprego na Treasury. Para participar de um novo projeto especial em que estou trabalhando." Havia um brilho em seus olhos. "Quando comecei a investigá-lo, foi quando descobri que o SAIC do seu escritório está sob investigação interna."

"Nick LaGrange?" disse Elaine, só para ter certeza absoluta de que estavam falando da mesma pessoa.

"Sim. LaGrange."

"Por que ele está sendo investigado?"

"Você tem conhecimento de algum caso relacionado a falsificações de uma máquina KBA Giori genuína?"

"Sim, o Nick tem mencionado isso de vez em quando."

"O que ele lhe disse, exatamente?"

Essas informações não eram confidenciais, portanto não havia mal algum em compartilhá-las. "Ele disse que existe a possibilidade de os russos, ou alguém na Europa Oriental, ter uma prensa de entalhe KBA Giori. Ele mesmo está trabalhando no caso."

"É mais ou menos isso", disse Lassiter. O idoso girou lentamente a bengala entre os dedos. "Então, você não teve nenhum envolvimento nesse caso..."

"Não."

"É muita sorte para você", disse Lassiter.

"Por quê? O que exatamente você acha que Nick fez?"

"Pelo que pude perceber, ele está queimando a vela nas duas pontas."

"Você quer dizer, aceitar subornos?"

"Exatamente. Para despistar o resto do Serviço Secreto e a Interpol."

"Não acredito nisso", disse Elaine.

"É melhor você acreditar nisso. LaGrange vai cumprir uma dura pena de prisão por isso, Elaine. O que ele está fazendo equivale a traição. Ele pegará vinte anos em uma penitenciária de segurança máxima. Se você teve algum envolvimento material nas atividades dele, pode ser arrastada com ele."

Elaine engoliu. Tecnicamente, ela havia falsificado seu DOPS para encobrir os rastros de Nick.

Lassiter estava estudando o rosto dela. "Qual é a proximidade entre você e LaGrange, afinal?"

"Não muito", disse Elaine, um pouco rápido demais. "Quero dizer, somos bons amigos. Mas é só isso." Droga! É claro que eles só podiam ser

bons amigos, aos olhos de Lassiter - Nick era o chefe dela!

Lassiter tomou um gole de sua cerveja, olhando para ela como se estivesse um pouco inseguro quanto às suas respostas. "O ponto principal é que precisamos de você na Treasury em um projeto muito interessante e empolgante, que tem a ver com deter esses criminosos que têm a imprensa Giori. É um projeto em que você pode realmente usar seu talento para identificar falsificações de forma espetacular." Ele fez uma pausa, levantando uma sobrancelha. "Você está interessado?"

Elaine refletiu sobre isso. Por que isso tinha de acontecer com ela e Nick? Apenas três dias depois de ter dormido com ele?

"Nós lhe daremos um aumento de 20%", acrescentou Lassiter.

"Não farei nada contra o Nick", disse Elaine.

"Não estou lhe pedindo isso. Mas você precisa sair da Bulgária e lavar as mãos disso. E nós realmente precisamos de você nesse novo projeto. Se você conseguir fazer isso, será uma conquista fantástica para você."

Por dentro, Elaine estava experimentando uma profusão de emoções conflitantes, desde a indignação até a tristeza. Ela estava com raiva por ter sido colocada em uma situação tão horrível. Mas a culpa não era de Lassiter.

"Você quer pensar sobre isso?" disse Lassiter.

"Se Nick for realmente culpado, não quero ficar na Bulgária, Sr. Lassiter."

"Gene", disse ele, sorrindo. "Me chame de Gene."

E laine voou de volta para a Bulgária sentindo-se incrivelmente perturbada. Ela não sabia como enfrentaria Nick novamente. Estava dominada pela culpa. Ela o estava traindo. Mas agora ela tinha quase certeza de que ele era culpado e não estava disposta a ir para a cadeia por ele.

Mas ela precisava ter certeza absoluta.

Quando chegou a Sofia, ela passou a noite inteira arrumando tudo em seu apartamento. Depois, às cinco da manhã, foi trabalhar, muito antes de qualquer outra pessoa estar lá, exceto o guarda na entrada da casa.

Depois de ter certeza absoluta de que o espaço estava vazio, ela vestiu um par de luvas de látex e entrou no escritório de Nick. Ele nunca trancava a porta, nem trancava a mesa ou os armários bagunçados. No entanto, a gaveta do fundo de seu grande armário de arquivos estava trancada.

Ela pegou suas ferramentas de serralheiro e, depois de se atrapalhar por quase cinco minutos, finalmente conseguiu abri-la. Enterrada no fundo da gaveta, escondida sob um suéter que cheirava a tabaco, havia uma caixa de papelão.

Por favor, não deixe que haja dinheiro nisso, pensou ela, enquanto abria as abas.

Seu coração afundou.

Lá estava ele, olhando-a de frente. Os dez mil dólares em rublos que Nick havia levado de Belarus. Ela reconheceu os elásticos amarelos que ainda estavam em cada pacote. Ele nunca os havia convertido em dólares

americanos, nunca os havia reciclado na conta usada para operações secretas.

"Desgraçado", sussurrou ela, olhando para a evidência condenatória. Agora ela se sentia traída. Ela havia falsificado seu DOPS, e o dele também.

Ela fechou a gaveta, trancou-a novamente e voltou para seu escritório.

NICK CHEGOU no horário de costume. Ela estava ocupada arrumando os itens pessoais de seu escritório.

Ele entrou pela porta dela e disse, com um sorriso: "Vamos sincronizar nossos DOPS". O sorriso desapareceu quando ele olhou em volta para as estantes vazias e as caixas de papelão. "O que está acontecendo?"

"Tenho que ir para Washington", murmurou ela.

Ele voltou a olhar para as caixas. "Como assim, você 'tem' que ir para Washington?"

"Eu estou sendo transferida." Ela evitou os olhos dele.

"Transferido... de que diabos você está falando?"

"Espalhou-se a notícia de que eu era capaz de verificar falsificações rapidamente, e eles me querem para um novo projeto em que estão trabalhando no Tesouro."

Ele pareceu atônito e depois desconfiado. Ela evitou seu olhar.

"O que diabos aconteceu na Alemanha?", disse ele. "Com quem você estava se encontrando lá?"

"Não posso lhe dizer isso", disse ela, tirando algumas pastas de arquivo da gaveta. Antes de ela e Lassiter se separarem, ele lhe disse que, em hipótese alguma, ela deveria revelar qualquer coisa a Nick. A história de cobertura era que suas habilidades em reconhecimento de falsificações eram necessárias para um novo projeto em Washington, que seu supervisor lá era um segredo e que seria uma violação de sua autorização de segurança revelar qualquer outra coisa. A documentação que a transferiu do Serviço Secreto para o Departamento do Tesouro seria enviada durante a noite. Passagens pré-pagas para Washington estariam esperando por ela no Aeroporto de Sofia.

Nick passou por trás da mesa dela e agarrou seu pulso. "Que diabos está acontecendo, Elaine?"

"Me solte!", disse ela, puxando seu braço.

Um dos outros agentes estava passando pela porta. Ele parou e olhou para dentro do escritório. Quando viu o rosto contorcido de Nick, continuou rapidamente.

Nick ficou ali parado, respirando com dificuldade. "Caso tenha se esquecido, sou o SAIC deste escritório. Estou lhe fazendo uma pergunta oficial. Com quem você estava se encontrando..."

"Eu não trabalho mais aqui", disse Elaine, com a garganta seca. "Agora trabalho para a Treasury."

Nick parecia que ela havia lhe dado um tapa no rosto. "Qual é o seu problema? A outra noite não significou *nada* para você?"

"Eu só preciso ir embora, Nick." Ela estava lutando contra as lágrimas. "Não tenho escolha. Por favor, não me pergunte mais nada."

"Você *tem* que ir embora? Aqui não é o maldito exército americano, Elaine. Você não *precisa* fazer nada." Ele fez uma pausa, sua expressão era de dor. "É outro homem?"

Ela não poderia fazer isso com ele, com ou sem autorização de segurança.

"Nick... você está prestes a ser preso."

LIVRO 2 - DINHEIRO

"Preso?" disse Nick LaGrange, perplexo. "Você deve estar brincando. Por que diabos eu seria preso?"

Elaine estava respirando com dificuldade. Ela teve de se forçar a manter a voz em um sussurro. "Por aquele dinheiro que você tem escondido na gaveta de baixo do seu armário de arquivos! Para começar."

Nick a encarou com incredulidade. "Você andou *bisbilhotando* meu escritório?"

"Você não me deixou escolha", ela murmurou e começou a fazer as malas novamente. "Não acredito que você me faria mentir em nossos relatórios para se proteger."

"E não acredito que você acreditaria na palavra de outra pessoa em vez da minha! Quem lhe disse que eu estava prestes a ser preso?"

Elaine não respondeu.

"Esse dinheiro... eu só não consegui trocá-lo ainda, só isso. I..."

Elaine não quis olhar para ele

"Tudo bem", disse ele. "Fuja para a porra de Washington! Não estou nem aí."

Ele se virou, olhou para trás e disse: "Sabe qual é o verdadeiro motivo de você estar fugindo? Você tem medo de se aproximar das pessoas".

Nick saiu do escritório.

ELAINE ESPERAVA que a viagem a Washington fizesse com que ela se sentisse melhor. "Longe da vista, longe da mente". Mas isso não aconteceu. Ela se sentia péssima pelo que havia acontecido entre ela e Nick.

Sabe qual é o verdadeiro motivo pelo qual você está fugindo? Você tem medo de se aproximar das pessoas.

Isso era um absurdo. O motivo pelo qual ela estava "fugindo" era que ele era um criminoso, tão ruim quanto os homens que eles supostamente estavam tentando colocar na cadeia. Por que ela tinha que se envolver com um homem desonesto? Nick era exatamente como o pai dela... um bom coração, mas uma alma corrupta.

Ela pediu três coquetéis no avião e bebeu até cair em um sono doentio e conturbado.

GENE LASSITER ENCONTROU Elaine pessoalmente no Aeroporto de Dulles. Eles foram até o Departamento do Tesouro em um SUV blindado, dirigido por um agente do Serviço Secreto. Ela não tinha ideia de qual era o novo projeto em que Lassiter queria que ela trabalhasse. Ela esperava que fosse tão empolgante quanto ele disse que era - qualquer coisa que a fizesse esquecer de Nick.

Elaine ficou maravilhada quando ela e Lassiter saíram do SUV e subiram os degraus entre os impressionantes pilares de granito do Treasury Building. Era difícil acreditar que ela estaria trabalhando nessa estrutura histórica, bem em frente à Casa Branca.

Durante a viagem, Gene Lassiter lhe disse que era o responsável por todos os "recursos secretos" incorporados ao papel-moeda americano que ajudam a evitar que ele seja falsificado.

Depois que ela recebeu um crachá de segurança, ele a levou até o terceiro andar, para seu escritório. Ele ocupava uma das cobiçadas suítes "semipreservadas".

O escritório tinha uma vista espetacular da Casa Branca. As janelas eram equipadas com cornijas de nogueira ornamentadas com folhas de ouro. Um lustre dourado pendia do teto, que era pintado com murais alegóricos de "Tesouro" e "Justiça". Lassiter disse a ela que o espaço parecia mais ou menos o mesmo da década de 1860. A única coisa que não parecia ser uma antiguidade era um mapa-múndi na parede com alfinetes de cores diferentes, principalmente na Europa.

"Seu escritório é muito impressionante", disse Elaine educadamente, como se isso fosse importante.

Ele sorriu e fez sinal para ela com a bengala. "Passe cerca de quarenta anos trabalhando aqui com o salário de merda que o governo lhe paga,

aguentando todas as besteiras burocráticas que eles jogam em você, trabalhando como escrava, e eles podem lhe dar um também, cerca de um ano antes de você se aposentar."

Elaine teria sorrido, mas havia uma verdadeira amargura em sua voz. Ainda assim, pelo menos ele era um homem honesto. Ao contrário de algumas pessoas que ela conhecia.

Ele lhe ofereceu um assento em uma confortável cadeira de couro, depois mancou com sua bengala até sua antiga mesa e se sentou, fazendo uma careta ao fazê-lo. Sua estrutura envelhecida parecia emaciada. Sua estrutura envelhecida parecia emaciada, com o terno de três peças pendurado em seus membros. Elaine notou que havia tremores em suas mãos.

Ele abriu a gaveta da escrivaninha e colocou alguns comprimidos na boca. "Mal de Parkinson", explicou ele, engolindo os comprimidos em seco. Ele apontou para ela. "Então, imagino que você esteja bastante curiosa sobre esse novo projeto em que quero que trabalhe..."

"Para dizer o mínimo", disse Elaine.

"Você tem verificado muitas dessas falsificações. Como tenho certeza de que notou, quem as está fazendo está ficando cada vez melhor."

"Sim, eu notei." Ela decidiu concentrar sua mente na tarefa que tinha em mãos. "Pelo que sei, as prensas de impressão Giori são muito complicadas - há uma curva de aprendizado para dominar o uso correto delas."

"É isso mesmo. Mas parece que os criminosos fizeram um grande avanço recentemente."

"Como é isso?"

Lassiter apontou para o mapa em sua parede com os pinos. "Há três semanas, em San Remo, na Itália, uma jovem levou cinquenta mil dólares americanos falsos para um cassino e os trocou por fichas. Todo o dinheiro - estamos falando de quinhentas notas falsas - passou direto pelo verificador na casa de câmbio do cassino, completamente sem ser detectado."

"Como as falsificações foram descobertas?" disse Elaine, fascinada.

"Alguém no escritório central do cassino em Marselha examinou algumas das notas com muito cuidado. Ele notou algumas discrepâncias e enviou uma delas para o Serviço Secreto para verificação."

"E a garota?"

Lassiter deu de ombros. "Desapareceu. Uma prostituta italiana. Ela provavelmente está morta agora." Ele olhou uniformemente para Elaine.

"Você tem noção do que tudo isso significa?"

"Isso significa que os bancos e as casas de câmbio não conseguem distinguir essas falsificações da moeda americana real."

"Exatamente. O que, como você pode imaginar, é um problema muito sério."

"Eu direi."

"A solução do Serviço Secreto é tentar rastrear fisicamente a máquina Giori. Na minha opinião, toda essa abordagem está errada e está desperdiçando um tempo valioso. Nick LaGrange colocou mais uma pedra no sapato. Quem sabe onde a maldita máquina está escondida ou quanto tempo pode levar para encontrá-la? Ela pode estar no Ministério das Finanças de algum governo hostil aos Estados Unidos - no Oriente Médio, na América do Sul, na Ásia... em qualquer lugar!"

"É verdade", disse Elaine.

"Do meu ponto de vista, uma abordagem muito mais inteligente e eficiente seria simplesmente atualizar o software das máquinas de verificação de moeda em todo o mundo para que elas detectem as cédulas *dessa* impressora específica e mantenham essas falsificações fora de circulação. É apenas uma questão de enviar um software de detecção atualizado, o que é fácil. O problema com essa impressora Giori fantasma seria resolvido dessa forma!" Ele estalou os dedos. "Fim do jogo."

"Parece um bom plano."

"Fico feliz que você pense assim", disse ele, sorrindo. "Porque você é o responsável por isso."

"Eu?", disse ela, surpresa.

"Sim, você. Quem mais sabe mais sobre essas falsificações em particular do que você? Você está estudando os detalhes delas há um ano e já viu mais delas do que qualquer outra pessoa. Você tem uma sólida experiência em impressão em talhe-doce, além disso..."

"Mas nunca fiz nada parecido com isso antes."

"Eu o supervisionarei pessoalmente. Você terá acesso a todos os recursos de que precisa, eu cuidarei disso. Nosso melhor programador, nosso melhor designer de recursos secretos e os engenheiros da KBA Giori, em Wurzburg, se você precisar deles."

Elaine ficou atônita.

"Mas ainda assim..."

"Além disso", disse ele, "não confio em mais ninguém para assumir isso". Ele apontou para as paredes como se elas tivessem ouvidos. "Todos por aqui têm muita bagagem política. Quero alguém de fora, alguém em quem eu possa confiar."

"Eu não sei o que dizer."

"Não diga nada, Elaine. Apenas comece a trabalhar."

O velho se virou de lado em sua cadeira, em direção a um enorme cofre embutido na parede. Depois de digitar um código em um teclado, ele se inclinou para frente e digitou uma combinação, bloqueando a visão dela para que ela não pudesse ver. Ele abriu o cofre, retirou uma sacola plástica e a empurrou para ela do outro lado da mesa.

Ela estava cheia de notas de cem dólares. Havia notas adesivas presas a todas elas.

"Essa bolsa contém todas as falsificações que surgiram em qualquer lugar do mundo e foram rastreadas até a máquina Giori. Hora, data e local encontrados. Algumas delas você já verificou."

Elaine olhou para elas - havia várias centenas de cédulas.

"O que você precisa fazer é examinar cada uma dessas cédulas e encontrar os defeitos comuns que elas têm em comparação com a moeda americana real. Os defeitos que você acha que terão maior probabilidade de permanecer nas cédulas, não importa o quanto os criminosos ajustem o processo de impressão e as chapas. Em seguida, você trabalhará com o pessoal de software daqui para encontrar uma maneira de detectar esses defeitos com máquinas de verificação de moeda e, então, enviaremos as atualizações de software para todos os bancos globais para acabar com esse maldito problema de uma vez por todas. Está claro?"

"Sim", disse Elaine. Era uma quantidade enorme de trabalho. Levaria meses.

"Você pode se instalar no escritório ao lado do meu", disse ele, indicando uma porta à direita. "Ele está desocupado no momento. Qualquer que seja o equipamento que você precise - microscópios, scanners ou o que quer que seja - nós o traremos para cá." Ele apontou para as contas. "Todas as noites, elas serão trancadas em meu cofre, juntamente com todas as anotações e outros materiais do projeto até que você termine. Quero que isso seja mantido em segredo absoluto."

Elaine assentiu com a cabeça.

Ele cruzou as mãos trêmulas sobre a mesa. "Alguma pergunta?"

Elaine mergulhou de cabeça no projeto, trabalhando dias, noites e finais de semana. Para ficar perto do escritório e evitar que ela "perdesse tempo" procurando um apartamento, Lassiter alugou uma suíte modesta para ela em um hotel a algumas estações de metrô de distância. Elaine nunca ia até lá, exceto para se deitar na cama ou acordar e tomar banho.

Lassiter a conduzia incansavelmente. Perfeccionista e com pouca paciência para erros, ele não era um homem fácil de se trabalhar.

Seu escritório no terceiro andar do Treasury Building logo pareceu o alojamento de algum terrorista demente determinado a derrubar o sistema financeiro americano. Estava repleto de equipamentos de aparência estranha, com as paredes ornamentadas cobertas com seus diagramas de interconexão no estilo árvore genealógica e seções muito ampliadas de notas falsas de cem dólares. Um dia, havia tantas xícaras de café cheias pela metade que ela se lembrou - dolorosamente - do escritório de Nick.

Ela era uma pessoa limpa e organizada, mas não havia tempo para arrumar tudo.

"Você pode limpar a bagunça depois", Lassiter repreendia, "quando esse maldito projeto estiver concluído".

Seus dias se tornaram um borrão sem fim. Todos os dados eram mantidos em uma chave de dados segura do tamanho de um saleiro, que eles chamavam apropriadamente de "o saleiro". Ao chegar ao trabalho, Lassiter tirava as notas e o saleiro do cofre, ia para o escritório dela, comparava incessantemente as notas umas com as outras com todos os seus

recursos tecnológicos, voltava para o escritório de Lassiter todas as noites, devolvendo as notas falsas e o saleiro ao cofre e voltava para o hotel. Sua visão parecia embaçada na maior parte do tempo, os olhos vermelhos, o pescoço e as costas doendo de tanto se curvar para olhar através das lentes do microscópio o dia todo. Ela aceitou bem a exaustão.

Ela trabalhava de segunda a sábado. Aos domingos, ela tirava o dia de folga.

Ela dormiu o dia todo e se serviu do serviço de quarto.

Fora isso, ela sobrevivia com uma dieta de cafeína e fast food. Ela perdeu cinco quilos no primeiro mês.

Ela pensava em Nick com frequência. No final de outubro, ela ainda não havia dito uma palavra sequer a Lassiter sobre ele - ela tinha medo de falar sobre Nick. Lassiter havia dado ordens estritas para que ela não tivesse mais nenhum contato com ele ou com qualquer outra pessoa do Serviço Secreto. Elaine estava registrada no hotel com um nome falso fornecido por Lassiter, e ele lhe dera um novo celular seguro e um número para usar. Ela tinha certeza de que o velho havia tomado essas precauções para que Nick não pudesse contatá-la, mas ele nunca disse isso. Ela tinha a nítida sensação de que ele sabia que havia mais do que uma amizade entre os dois.

Uma semana antes do Dia de Ação de Graças, Elaine finalmente teve coragem de perguntar a ele sobre Nick. Lassiter estava em seu escritório. Ele estava sentado em sua mesa de luz, de costas para ela, olhando através de uma lupa, analisando alguns dos defeitos comuns que ela havia encontrado nas falsificações.

"LaGrange?", disse ele, sem mover a cabeça. "Ouvi dizer que ele foi preso há algumas semanas."

Elaine sentiu uma pontada aguda no peito. "Ele está... na cadeia?"

Lassiter se virou e olhou para ela. "Pelo que sei, ele está sendo mantido pela Interpol em Bruxelas. Quando terminarem de interrogá-lo, ele será enviado para um dos centros da CIA e depois... não sei. Ele acabará enfrentando um julgamento criminal aqui nos Estados Unidos."

"Então, acho que eles o pegaram aceitando um suborno ou algo assim..."

"Suponho que sim", disse Lassiter vagamente. "Só sei que ele foi preso."

Elaine sentiu-se mal. Uma imagem lhe passou pela cabeça - seu pai, do outro lado do vidro da sala de visitas da prisão, com o rosto pálido e

olheiras. Nick provavelmente ficaria em cativeiro pelo resto de sua vida, a menos que conseguisse escapar de alguma forma.

Ela disse a si mesma que tiraria Nick LaGrange da cabeça, de uma vez por todas.

GENE LASSITER ENTROU no saguão do hotel por volta das três da tarde, como fazia todos os dias.

"Alguma coisa para mim?", disse ele ao gerente de plantão.

"Mais um desses", disse o homem, entregando discretamente um envelope.

Na frente, em uma caligrafia que Lassiter reconheceu, estavam escritas as palavras DELIVER TO ROOM 628. PESSOAL E CONFIDENCIAL.

Era o terceiro que recebia.

Mais tarde naquela noite, Lassiter sentou-se na sala de sua confortável casa em Georgetown, com a lareira crepitando à sua frente. Apoiando sua bengala no sofá, ele tirou o envelope do bolso de seu terno. Ele o rasgou e começou a ler.

Prezada Elaine...

Havia apenas um parágrafo escrito de forma sincera e, em seguida, a assinatura de Nick.

Que comovente, pensou Lassiter.

Ele a jogou no fogo.

Bebericando seu brandy, ele observou as chamas transformarem-no em fumaça e cinzas.

No início de dezembro, Elaine havia encontrado setenta e cinco defeitos de impressão diferentes que as notas falsas tinham em comum. Todas as discrepâncias eram microscópicas e não podiam ser vistas a olho nu. Encontrá-las era um processo frustrante, pois novas cédulas falsas chegavam a cada poucos dias, a maioria delas continuando a ser encontrada na Rússia e na Europa Oriental. Muitas vezes, os defeitos comuns a todas as cédulas anteriores desapareciam nas cédulas mais novas. Os criminosos continuaram a aprender, melhorando constantemente a qualidade de suas falsificações.

O Natal e o Ano Novo chegaram e se foram.

EM MEADOS DE JANEIRO, Elaine reduziu a lista de defeitos a dez erros, dez que as máquinas de verificação de moeda poderiam detectar facilmente se o software fosse atualizado. Lassiter chamou vários especialistas, inclusive um engenheiro da KBA Giori. Houve um grande debate sobre quais dos dez erros tinham maior probabilidade de persistir quando os criminosos aumentassem a qualidade das cédulas.

Finalmente, após uma semana de discussões acaloradas, chegou-se a um consenso sobre os três principais defeitos. 1) um ponto faltando em um dos zeros dos símbolos "100" microimpressos ao longo do fio de segurança; 2) na frente da cédula, um erro no formato da mancha de luz refletida na pupila do olho de Ben Franklin; e 3) no verso da cédula, um D fora de posição - fora de posição por apenas uma linha de gravação - na frase IN GOD WE TRUST.

Elaine começou imediatamente a trabalhar com o principal programador do Tesouro para modificar o software de verificação a fim de procurar notas com esses três erros e rejeitar a nota se um ou mais deles estivessem presentes.

No final de janeiro, o software foi aperfeiçoado e testado exaustivamente. As trezentas e tantas falsificações coletadas foram passadas repetidamente por uma máquina de verificação com o novo software, e ele detectou cada uma delas. Sem falhas.

O programador passou duas semanas disfarçando habilmente esse novo código para que, se os criminosos o pegassem, levaria anos para descobrir os três defeitos que ele estava procurando.

QUANDO O SOFTWARE ficou pronto e foi considerado perfeito, Lassiter levou Elaine ao Citronelle para uma comemoração. O Citronelle era considerado por muitos como o melhor restaurante de Washington.

"Elaine, você fez um trabalho absolutamente fantástico nesse projeto", disse ele, brindando-a jovialmente com champanhe. "Você pode esperar por uma carreira longa e frutífera no Tesouro."

"Obrigada", disse ela, cansada.

Ele riu com satisfação. "Eu daria qualquer coisa para ver a cara desses bastardos quando eles casualmente deixarem outra carga de suas malditas falsificações no banco local, e as máquinas devolverem tudo e dispararem alarmes. Eles vão se borrar nas calças. Eles passarão os próximos meses coçando a cabeça, tentando descobrir o que aconteceu."

Elaine sorriu e tomou um gole de champanhe, mas estava tão exausta e ainda tão alterada pelo clima das últimas semanas que não conseguiu se divertir.

Lassiter olhou para ela com simpatia. "Moça, quando eu voltar da minha viagem, quero que você tire um mês inteiro de folga. Vá para Aruba ou Cancun ou algum outro lugar e não faça nada além de se deitar ao sol e beber pina coladas o dia todo." Ele apontou para ela. "Isso é uma ordem."

Elaine assentiu vagamente com a cabeça.

E com quem devo compartilhar essas férias maravilhosas? pensou ela.

O LANÇAMENTO mundial do novo software estava programado para começar em 1º de marçost. No entanto, como a Rússia era o país que mais estava sofrendo com as falsificações, o plano de Lassiter era introduzir o

software lá, primeiro, como um "teste de campo" para ter certeza absoluta de que não haveria falhas. A teoria mais recente de Lassiter era que um dos grupos mais poderosos da máfia de Moscou havia, de alguma forma, adquirido uma das máquinas Giori de um país pobre do terceiro mundo.

LASSITER DEVERIA PARTIR em 14 de fevereiro, Dia dos Namorados. Seu plano era voar para Moscou, reunir-se com o Banco da Rússia, testar o software e depois tirar uma semana de folga na Alemanha, onde tinha parentes. Ele queria que Elaine permanecesse em Washington até que o teste fosse concluído, por precaução.

Elaine chegou ao trabalho mais cedo do que o normal para se despedir dele. Quando chegou ao escritório dele, ficou alarmada ao encontrá-lo caído no sofá de couro. Seu rosto estava pálido. Sua bengala estava no meio do chão.

"O que há de errado?", disse ela, correndo até ele.

"Eu... não estou me sentindo muito bem." Suas mãos estavam tremendo mais do que o normal. Ele tossiu algumas vezes. "Você poderia pegar meus comprimidos, Elaine? Eles estão na minha mesa."

Elaine foi rapidamente até a escrivaninha e abriu a gaveta de cima, mas não viu o frasco de comprimidos.

"A gaveta lateral", ele ofegou

Ela abriu o lado esquerdo.

"Não, o outro lado."

Elaine finalmente encontrou o frasco e torceu a tampa para ele.

"Obrigado", ele sussurrou. Ele colocou dois comprimidos na boca, com o lábio inferior trêmulo. Fechou os olhos, respirando pela boca.

"Devo chamar um médico?"

"Não, não", disse ele, levantando a cabeça e olhando para ela por entre as pálpebras semicerradas. "Vou ficar bem em um minuto." Ele olhou para o relógio e depois se esforçou para se sentar. "Meu voo sai em..."

"Você não pode ir para a Rússia assim! Nem pense nisso".

"Eles estão esperando esse software amanhã." Ele respirou mais algumas vezes. "Seria muito ruim, politicamente, atrasar esse teste..."

"Eu vou em seu lugar", Elaine deixou escapar. Assim que pronunciou essas palavras, ela se arrependeu - ele poderia pensar que ela queria roubar a glória dele.

Lassiter olhou para ela por um momento, depois olhou para sua mala pronta. "Eu não poderia lhe pedir para fazer isso."

"Ficarei feliz em fazer isso, Gene. Não é possível que você viaje assim."

"Você está tão exausto quanto eu..."

"Não estou *tão* exausto assim."

Ele olhava ansiosamente para sua mala.

"Droga, Gene, não vou deixar você cometer suicídio!"

Como não havia tempo para que o Departamento do Tesouro providenciasse uma viagem para a Rússia para ela, Lassiter disse a ela para ir até uma agência de viagens e comprar uma passagem de classe executiva para Moscou com seu cartão de crédito, só de ida, e que a passagem de volta seria entregue em seu quarto de hotel assim que ela chegasse. Ele disse a ela que ligaria para o escritório do Serviço Secreto em Moscou e informaria sobre a mudança de planos, que colocaria a reserva do hotel no nome dela e que a encontraria no Aeroporto Sheremetyevo e lhe daria "tratamento de primeira classe" durante todo o tempo em que ela estivesse na Rússia.

Lassiter colocou o software em uma chave de dados comum, protegida por senha, que ela prendeu em seu chaveiro.

Ela ficaria fora por apenas três dias, então levou sua bolsa e a menor mala. Como muitas vezes trabalhava até tarde, ela mantinha a mala pequena em seu escritório. Nela havia um terno de negócios, uma muda de roupa íntima e alguns cosméticos.

Na mala também havia algumas coisas que Lassiter não sabia. Uma delas era o passaporte diplomático irlandês falso que Nick havia feito para ela, que continha três mil dólares em dinheiro - seu próprio dinheiro de "emergência". O outro era outra coisa que Nick lhe dera quando eles foram para Belarus na missão secreta para levar em sua mala. Era uma pistola .357 equipada com silenciador, feita especialmente para o governo dos EUA pela Sig Sauer. A arma foi desmontada em três peças pequenas e escondida dentro de vários itens mundanos - uma lata de spray de cabelo, uma escova

de cabelo e um secador de cabelo - e passaria por qualquer scanner de segurança do aeroporto. Nick nunca a pediu de volta.

Lassiter não havia lhe dito para se armar, mas o software que ela estava carregando era tão importante que ela achou uma boa ideia.

Outra coisa que ela manteve na mala - o item mais querido que ela possuía - era o peru de corda que Nick havia lhe dado como presente de aniversário de um ano. Enquanto reorganizava os itens na mala, ela o segurava com carinho na mão e depois o colocava cuidadosamente em um dos bolsos.

No MOMENTO em que o táxi a deixou no Aeroporto de Dulles, ela estava muito nervosa, mas também animada.

Ela estava ansiosa para ver os resultados de seus esforços nos últimos seis meses.

O Banco da Rússia certamente ficaria impressionado.

Moscou, Rússia

"Senhoras e senhores, por favor, coloquem suas bandejas e assentos na posição vertical em preparação para nosso pouso no Aeroporto Sheremetyevo..."

Elaine olhou pela janela. Era de manhã bem cedo, mas ainda estava escuro lá fora. Ela podia ver as terras agrícolas abaixo, cobertas de neve. Podia até ver algumas das chamadas "dachas" espalhadas pelo campo, enormes mansões de tijolos que ficavam pela metade e abandonadas. Lembrou-se de Nick lhe contando sobre elas, inclinado sobre ela, olhando pela janela, com a bochecha quase tocando a dela.

A máfia russa construiu essas coisas depois que a União Soviética entrou em colapso. Em seguida, começaram as guerras entre as gangues e eles se mataram antes mesmo de as dachas ficarem prontas.

Elaine disse a si mesma para não pensar em Nick. Ela fez uma oração silenciosa por ele, esperando que, onde quer que ele estivesse, estivesse bem.

A grande aeronave logo aterrissou e parou no portão de embarque. Quando a aeromoça abriu a porta, Elaine foi uma das primeiras passageiras a desembarcar. Ela sabia que haveria uma grande fila no Controle de Passaportes e queria passar por ela o mais rápido possível para não deixar os agentes do Serviço Secreto esperando por ela.

Quando ela saiu para a área do portão, havia dois homens de terno cinza e gabardine observando todos que passavam. Ela podia ver a imagem do

Serviço Secreto a um quilômetro de distância. Ela ficou surpresa - não esperava que eles a encontrassem aqui mesmo no portão. Esse era realmente um tratamento VIP.

Os olhos de um dos homens se fixaram em seu rosto.

Ela se aproximou e ofereceu sua mão. "Elaine Brogan. Obrigada por me conhecerem, pessoal."

O homem agarrou o pulso dela e o outro segurou seu braço. "Serviço secreto dos EUA. Venha em silêncio, por favor."

"O que você está - espere um minuto -"

"Andem logo", disse o homem da esquerda, com o braço apertado. "Não queremos problemas."

"Meu nome é Elaine *Brogan*. Você não é do Serviço Secreto?"

"Sim, senhora."

Eles a estavam levando em direção a uma porta no corredor onde estava escrito SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO. Lutando contra o aperto deles, ela disse: "Vocês deveriam me encontrar e me levar ao meu hotel".

Os dois homens trocaram olhares e um deles deu uma risada. "Você está indo para um hotel, sem dúvida. Um com grades em todas as janelas." Ele digitou um código e eles a forçaram a passar pela porta. Eles continuaram por um corredor.

Elaine ficou subitamente em pânico. *Eles devem ter me confundido com outra pessoa.*

Eles a levaram por uma porta marcada como *DOPROC*. Ela era bem versada em russo e conhecia essa palavra: Interrogatório.

Elaine estava apavorada.

A sala sem janelas tinha uma mesa retangular longa e cheia de cicatrizes, com algumas cadeiras dobráveis de metal ao redor. Algumas xícaras de café vazias e jornais russos de aparência esfarrapada estavam espalhados.

"Você está na merda", disse um deles. Ele era mais alto e mais velho do que o outro, e tinha o rosto cheio de marcas.

"Passe-a para cá", disse o homem mais jovem.

Elaine olhou para eles, perplexa. "Entregar *o quê*?"

"Olhe, sabemos que você pegou, então pode parar com esse ato inocente. Você pode nos entregar voluntariamente ou vamos revistá-lo".

"E isso não será divertido", disse o outro homem, com um sorriso. "Pelo menos, não para você."

Elaine engoliu, olhando de um rosto para outro. Que diabos estava acontecendo com ela? Isso não fazia o menor sentido.

"Olhe, meu nome é Elaine Brogan e eu trabalho para..."

"Dê-me suas malas", disse o homem cheio de marcas de pústulas, e arrancou as duas malas dela. Ele jogou o conteúdo da bolsa e da mala dela sobre a mesa.

"Vocês estão realmente estragando tudo", disse ela, tentando manter a postura. "Vou fazer com que vocês dois sejam demitidos."

Quando ficou evidente que o que eles estavam procurando não estava nas sacolas, os dois homens olharam de volta para ela.

"Eu lhe disse que você estava cometendo um erro", retrucou Elaine. "Agora, um de vocês poderia fazer a gentileza de ligar para o seu escritório e..."

"Tire a roupa, senhora."

Elaine recuou. "*Desculpe-me?*"

O homem com cara de barba acenou com a cabeça para o mais jovem. "Dê-me sua faca." Ele olhou para Elaine enquanto sacava lentamente a lâmina, a prata brilhando nas luzes fluorescentes.

Elaine ficou paralisada de medo. Esses dois estavam fora de controle. Eles podiam fazer o que quisessem com ela nessa sala de interrogatório - não havia câmeras que ela pudesse ver, nem espelhos de duas vias.

O homem pegou a mala dela e a abriu totalmente. Ela estremeceu quando a faca cortou o forro.

"Você vai pagar por essa mala", disse ela, com a boca seca.

Seus olhos se arregalaram quando o homem retirou um cilindro preto e elegante. Era o "saleiro", a chave de dados de alta capacidade para o projeto que ela acabara de concluir. Ele continha todos os dados - os quatorze erros comuns nas falsificações, centenas de digitalizações de altíssima resolução das cédulas falsas, os três erros cruciais que o novo software procuraria. Em suma, todos os dados de pesquisa que haviam sido usados para criar as atualizações do software.

O coração de Elaine foi parar na garganta.

"Você está preso", disse ele sem rodeios. "Gene Lassiter nos disse que isso estava faltando em seu cofre ontem à tarde. Você pode esperar vinte anos em uma penitenciária federal, sem chance de liberdade condicional."

O outro homem pegou um saco plástico de EVIDÊNCIAS, colocou-o lá dentro e começou a escrever na etiqueta.

"Alguém plantou isso aí!"

"Claro, senhora."

"Estou sendo incriminado!"

"Uh-huh."

O quarto estava girando. A mente de Elaine corria de um pensamento para outro. Alguém havia lhe armado uma cilada. Gene Lassiter. Só podia ser o Lassiter! Ninguém mais tinha a combinação de seu cofre...

Então ela se lembrou do que havia acontecido em seu escritório ontem, quando ele estava caído no sofá.

Pode me trazer meus comprimidos, Elaine? Eles estão em minha mesa.

Ela havia aberto cada uma das gavetas da escrivaninha dele! Suas impressões digitais estavam em todas elas.

Ela tirou o celular do bolso. Ela tinha que ligar para alguém - Nick?

O homem cheio de marcas arrancou-a de sua mão. "Você não vai fazer nenhuma ligação." Ele o colocou no canto da mesa, longe do alcance dela.

Os dois homens foram para o outro lado da sala, fora do alcance dos ouvidos, conversando em voz baixa. Isso não podia ser... como Lassiter poderia ter feito isso com ela?

Elaine estava apenas vagamente ciente da conversa dos homens - ela sentia como se seus ouvidos estivessem cheios de algodão e as vozes estivessem distantes.

"...os documentos de extradição..."

"...mantê-la na Embaixada Americana enquanto..."

"...eles vão querer levá-la de volta a Washington em um jato diplomático para uma acusação formal..."

Isso não pode estar acontecendo, ela pensou atordoada. *Isso não pode estar acontecendo.*

Os dois homens foram até a porta. "Mantenha seu traseiro nessa cadeira", disse o que tinha o saco de provas, apontando para ela. Os dois saíram e fecharam a porta atrás deles.

Uma sensação de irreabilidade tomou conta dela. Elaine olhou para sua mala aberta, com todos os seus itens pessoais espalhados pela mesa.

Você passará os próximos vinte anos em uma penitenciária federal, sem chance de liberdade condicional.

Ela se viu vestindo um macacão laranja numerado, em pé na fila segurando uma bandeja de comida de metal, arrastando-se com algemas nos pulsos e tornozelos...

Assim como seu pai.

Os olhos de Elaine foram atraídos para um relógio na parede. Ela observou a agulha vermelha do ponteiro dos segundos se mover lentamente em torno do mostrador. Vinte *anos de prisão*. Ela se levantou de repente, com a visão embaçada. Havia uma pia no canto. Ela correu para lá e vomitou.

Ao limpar a boca, ela percebeu o silêncio que havia no quarto. E então ela olhou para a lata de spray de cabelo, a escova de cabelo... ela poderia montar sua arma. Talvez ela pudesse escapar.

Então, ela notou novamente como o quarto estava silencioso. De repente, ela ouviu vozes de homens no corredor. Eles estavam rindo e falando russo.

Ela olhou para a porta. A maçaneta girou.

Elaine voltou a se sentar rapidamente.

Vários homens russos enormes entraram na sala. Todos usavam macacões azuis da Aeroflot, com crachás de identificação com foto presos nos bolsos. Cada homem segurava um copo de papel fumegante na mão. Eles pararam de falar quando viram Elaine.

"*Kto ti?*", disse um deles, olhando fixamente. *Quem é você?*

"Quem é você?"

Um deles se virou e murmurou: "*Americanka*", para os outros. O grupo inteiro tomou seu café, observando-a.

"Acho que você não deveria estar aqui", disse outro homem, em inglês com sotaque carregado. "Esta é uma área segura do aeroporto."

"*Puskai ostayotcia, ona ochen krasivaya*", disse outro. *Deixe-a ficar, ela é muito bonita.*

Todos os homens deram uma risadinha bem-humorada. Ficaram ali parados, tomando seu café, sorrindo para ela.

Elaine olhou para a porta aberta. A placa que dizia DOPROC havia desaparecido.

"Onde estou?", disse ela, levantando-se.

Eles se entreolharam, perplexos.

"Você está na sala de recreação do carregador de bagagens da Aeroflot". O homem sorriu. "Gostaria de tomar um café?"

ELAINE JOGOU LOUCAMENTE todas as suas coisas de volta na mala e, em seguida, saiu correndo pela porta que dava para o saguão principal, com a

mente acelerada.

Os dois homens não eram do Serviço Secreto - eram da máfia russa! Ela havia sido enganada e os deixou escapar com a chave de dados.

Lassiter a usou para transportar a chave de dados para fora dos Estados Unidos. Ele deve tê-la vendido para a máfia russa.

Isso era inacreditável para ela, mas era a única explicação lógica.

Ela tinha que recuperá-lo. Era a única maneira de evitar ser incriminada. Se conseguisse recuperá-lo, poderia levá-lo de volta a Washington e procurar as mais altas autoridades - o Tesoureiro Executivo ou o Diretor do Serviço Secreto. Ela poderia explicar tudo o que havia acontecido - com certeza eles acreditariam nela.

Enquanto corria pelo saguão em direção ao Controle de Passaportes, ela contava mentalmente tudo o que havia acontecido ontem no escritório de Lassiter. Uma demonstração no Banco da Rússia? Pelo que ela sabia, não havia nenhuma demonstração - o projeto era tão secreto que a única informação que ela recebia vinha diretamente da boca de Lassiter. Além disso, ela não tinha nenhuma evidência de que ele tivesse dito a ela que estava indo para a Rússia, ou que ela tivesse concordado em ir no lugar dele! Ela mesma havia comprado a passagem de avião, com seu próprio cartão de crédito - uma passagem só de ida!

Meu Deus, pensou ela, parecia que eu tinha fugido dos EUA sem intenção de voltar!

Quando Elaine chegou à extensa área de controle de passaportes, encontrou-a lotada com centenas de viajantes cansados, esperando em filas intermináveis. Os dois ladrões russos provavelmente haviam deixado o aeroporto por outro caminho. Seria um milagre se ela conseguisse recuperar a chave de dados agora...

Bem à frente, Elaine podia ver as cabines com funcionários: PASSAPORTES RUSSOS, PASSAPORTES DA UE, TODOS OS OUTROS PASSAPORTES. No lado mais distante da sala, ela avistou outra cabine: PASSAPORTES DIPLOMÁTICOS/SERVIÇO VIP. Não havia fila em frente a ele.

Elaine correu naquela direção e retirou seu passaporte diplomático irlandês falso do compartimento escondido em sua mala. Quando ela o colocou sob a janela da cabine, o oficial russo uniformizado o abriu e olhou para ele enquanto ela estava ali, recuperando o fôlego.

O'NEILL, SHANNON, dizia o nome. O selo do Departamento de Agricultura, Pesca e Alimentação da Irlanda estava claramente visível no papel cinza-claro.

"E por quanto tempo você ficará na Rússia?", perguntou o policial lentamente, enrolando o r em Rússia.

"Só um tempinho, alguns dias", disse Elaine, usando seu sotaque irlandês. Ela olhou para além da divisória, para a área de retirada de bagagem. *Vamos lá*, pensou ela. *Vamos*, pensou ela.

O policial olhou atentamente para o rosto de Elaine, depois olhou novamente para o passaporte. Finalmente, ele pegou um carimbo pesado e *bateu com* ele em uma das páginas abertas. "Aproveite sua estadia."

Elaine saiu correndo da cabine e entrou na área de bagagens, depois foi direto para o corredor onde estava escrito LINHA VERDE - NADA A DECLARAR, rolando sua mala atrás dela. Quando ela chegou ao saguão do aeroporto, havia uma multidão de pessoas amontoadas ao redor da saída da alfândega - homens, mulheres, crianças, muitos segurando buquês, com os olhos examinando ansiosamente os passageiros que chegavam em busca de seus entes queridos.

Elaine seguiu em frente, tropeçando em pessoas e bagagens, procurando freneticamente os dois homens que a haviam enganado. Ela foi imediatamente abordada por um bando de motoristas de táxi vestidos de couro.

"Táxi barato para o centro!"

"Preço muito baixo..."

"Cem dólares..."

"Mercedes novo, muito confortável..."

"Saia do meu caminho", disse Elaine, passando por eles.

Ela seguiu as indicações para o transporte terrestre. Quando saiu para a calçada, foi atingida por uma rajada de ar frio que a deixou gelada até os ossos - a temperatura estava bem abaixo de zero. Ainda estava escuro lá fora, e o estacionamento estava coberto de neve.

Elaine examinou desesperadamente o estacionamento em busca dos homens, olhando pelas janelas dos veículos que passavam.

Eles provavelmente já devem ter ido embora há muito tempo, pensou ela, aterrorizada. *O que eu vou fazer?*

Ela tentou desesperadamente pensar em alguém que pudesse ajudá-la, mas a única pessoa que lhe veio à mente foi Nick. E ele estava em algum

lugar na cadeia.

Então, do outro lado do estacionamento, ela avistou o homem com o rosto cheio de marcas. Ele estava destrancando a porta de um grande SUV preto. O outro homem não estava com ele.

"Táxi?", disse uma voz atrás dela.

Elaine se virou, temendo que fosse o segundo homem. Mas era apenas um motorista de táxi, com a roupa usual de taxista russo - uma jaqueta de couro sintético marrom de aparência barata, um cachecol xadrez e um boné preto de motorista. Ele parecia inofensivo - grande, mas com os ombros curvados. Tinha olhos tristes que a faziam lembrar os de um basset hound.

"Faço um preço muito bom para o centro", disse ele, com o vapor saindo de sua boca. "Noventa dólares. Meu carro não é tão bom -" ele apontou para um Lada surrado que estava salpicado de lama marrom - "mas o preço é muito bom."

O SUV preto estava se afastando agora.

"Tudo bem, vamos", disse ela, indo em direção ao carro dele.

O homem grande se moveu surpreendentemente rápido para seu tamanho. Ele correu até o Lada e abriu a porta do passageiro para ela, jogando o banco da frente para frente. Ela subiu no banco de trás do pequeno e apertado veículo de fabricação russa.

Ele entrou no carro e ligou o motor. "Qual hotel?"

"Está vendo aquele SUV preto?" disse Elaine, apontando.

"Jeep?"

"Sim, jipe." Ela havia esquecido que era assim que os russos chamavam todos os utilitários esportivos. "Siga o jipe."

Quando ele se afastou, Elaine olhou nervosamente para o interior do carro, observando tudo, avaliando-o. Preso ao painel do carro havia um ícone quadrado de Maria Madalena. Ao lado dele, havia uma prancheta com folhetos coloridos de casas noturnas, com fotos de mulheres seminuas na frente. No compartimento abaixo, um atlas rodoviário com orelhas de cachorro e duas varas de pesca curtas, do tipo usado para pescar no gelo.

Ela não achava que ele fosse nada além do que aparentava ser, um motorista de táxi autônomo.

O utilitário esportivo estava ganhando velocidade. Logo desapareceu ao redor da rampa que levava à rodovia.

"Não perca o controle", disse Elaine, com a voz trêmula.

O motorista olhou novamente para Elaine. "Se você simplesmente disser qual é o hotel -"

"Eu não sei qual é o hotel!" Elaine tentou pensar em uma explicação que soasse razoável. "Esse é o meu amigo, não sei para onde ele está indo. Está bem?"

"Ok", disse o motorista, parecendo cético.

Elaine estava preocupada demais em recuperar a chave de dados para pensar em desculpas para um motorista de táxi. Ela olhou pela janela traseira para se certificar de que não estavam sendo seguidos. A estrada estava livre atrás deles.

Eles logo alcançaram o utilitário esportivo.

"Fique para trás", disse Elaine.

"*Shto?*", disse o motorista.

"Fique atrás do jipe, mas não o perca". Elaine não tinha certeza se ele havia entendido. "*Panyatno?*"

"*Panyatno*", disse ele, olhando para ela novamente pelo retrovisor. Ele sabia que algo estranho estava acontecendo.

Elaine estava tentando freneticamente pensar em uma maneira de parar o utilitário esportivo. Ela não tinha muito tempo, precisava agir *agora*. Ela pensou em ligar para o escritório de campo do Serviço Secreto de Moscou e tentar explicar o que havia acontecido, mas era muito arriscado. Lassiter poderia já ter ligado para eles, dizendo que ela havia roubado a chave de dados. A essa altura, ela não podia confiar em ninguém.

Elaine abriu sua mala e começou a montar a Sig Sauer, mantendo-a fora da vista do motorista. Pelo menos ela ainda tinha a arma.

Eles chegaram a um trevo - o SUV pegou a rampa que dizia MOSCOU - CENTRO.

O motorista continuou olhando para Elaine pelo retrovisor - ele tinha ouvido o clique da pistola quando ela a encaixou.

De repente, ele tirou um celular do bolso e começou a digitar um número com o polegar.

"*Ne zvonite telefon*", disse Elaine, alarmada.

Ele a olhou pelo espelho, hesitante, com o dedo posicionado sobre o teclado.

Ela pressionou o cano da arma contra a nuca dele. "Eu disse para não fazer ligações telefônicas. Coloque o maldito telefone no banco do passageiro."

Ele rapidamente jogou o dispositivo no outro assento e levantou as duas mãos para o alto. Ele a encarou pelo retrovisor, com os olhos de basset hound arregalados e assustados.

"Mantenha a direção!", disse ela, quando o carro começou a desviar para a outra pista.

Ele voltou a colocar as mãos no volante, mas parecia tão nervoso que Elaine teve medo de que ele entrasse em pânico. Ela sacou seu crachá do Departamento do Tesouro e o ergueu para que ele pudesse vê-lo pelo retrovisor. Falando russo lenta e cuidadosamente, ela disse: "Sou uma agente policial especial dos Estados Unidos. Não farei mal a você. Apenas faça seu trabalho e siga aquele jipe". Ela fez uma pausa e acrescentou: "Se você se sair bem, eu lhe darei uma grande gorjeta".

Ele parecia ainda mais assustado.

Elaine ficou confusa... depois percebeu que havia usado a palavra errada para "gorjeta", que era uma variante da palavra russa para chá. Ela lhe disse que, se ele fizesse um bom trabalho, ela lhe daria uma grande chaleira de chá.

"Eu quis dizer dinheiro extra", disse ela, esfregando os dedos. "*Dengi*. Entendeu?"

"Ah." Ele deu um sorriso nervoso. "Dinheiro extra é bom." Ele a observou por um momento pelo espelho. "É muito empolgante para mim ajudar o FBI americano. Gosto de uma vida emocionante. Minha vida é muito chata."

Ele acha que sou uma agente do FBI, pensou Elaine. *Deixe-o pensar isso.*

"Meu nome é Dmitry. Qual é o seu nome?"

"Janet", mentiu ela, dizendo o primeiro nome que lhe veio à cabeça.

"Janyet. Esse é um belo nome americano".

Agora eles estavam no trânsito intenso e estavam chegando aos primeiros semáforos que encontraram desde que saíram do aeroporto. Se ela esperasse muito mais, o homem do jipe poderia encontrar outra pessoa e, então, seria impossível recuperar a chave. Ela pensou em pular do carro, correr até o jipe e tentar pegar o motorista de surpresa. Ela poderia quebrar a janela e colocar a arma no pescoço dele... mas as janelas poderiam ser à prova de balas - a máfia russa era famosa por seus veículos fortemente blindados. Além disso, dezenas de pessoas em outros carros a veriam. Se alguém chamasse a polícia, não havia como prever o que aconteceria.

"Eu ajudo você, Janyet", disse Dmitry, invadindo os pensamentos de Elaine. "Se você quiser."

Ela estudou o rosto dele enquanto ele a olhava pelo retrovisor. Ela não tinha certeza se podia confiar nele. Empurrando o cano com um pouco mais de força no pescoço dele, ela disse: "Para quem você ia ligar no seu celular?"

Ele levantou as mãos inocentemente. "Eu só ligo para minha esposa. Ela se preocupa quando eu trabalho a noite toda." Ele olhou para o SUV novamente, balançando a cabeça. "Eu odeio a máfia! Sou um motorista de táxi *honesto*", disse ele enfaticamente, pronunciando o "h" em honesto. "A máfia não me deixa entrar no aeroporto e leva todos os meus clientes." Ele fez uma pausa. "Eu tenho uma filha. Ela estuda na Universidade Estadual de Moscou para ser médica." Havia um grande orgulho em sua voz. "Gostaria que o FBI americano viesse e matasse toda a máfia, como na televisão!"

"Essa é uma tarefa para sua polícia", murmurou Elaine.

"Nossa polícia?" Ele deu uma grande gargalhada. "Nossa polícia, a máfia, a mesma coisa." Dmitry levantou as duas patas grandes no ar. "Tudo uma grande máfia."

"Você realmente quer me ajudar?", perguntou ela.

"*Não*, Janyet. Eu já disse que quero ajudá-la". Ele fez uma pausa. "Por um pouco de dinheiro extra, é claro..."

"Então ouça com muita atenção..."

QUANDO ELA TERMINOU de explicar seu plano, o rosto de Dmitry ficou pálido.

"Janyet... isso é muito perigoso. Se eu fizer o que você diz, esse homem no jipe vai me matar."

"Ele não vai matar você. Ele não está interessado em você, Dmitry. Confie em mim. Ele lhe dirá para ir embora."

Dmitry engoliu, olhando para o SUV pelo para-brisa. Ele estava a apenas 30 metros à frente deles agora. Eles tinham acabado de cruzar o rio Moscou. O tráfego havia aumentado. O céu estava mostrando os primeiros tons violetas do amanhecer.

"Você pede demais, Janyet."

"Eu pensei que você tinha me dito que queria um pouco de emoção em sua vida?"

Dmitry estremeceu, parecendo se arrepender muito dessas palavras.

"Eu lhe pagarei bem", disse Elaine, lembrando-se do dinheiro que tinha com ela. "Muito bem."

Ela podia ver a tentação em seus olhos. Fazendo o sinal da cruz sobre o peito, ele pressionou o acelerador e se aproximou do utilitário esportivo.

Elaine baixou o vidro traseiro, levantando a pistola. O vento gelado batia em suas bochechas. O utilitário esportivo estava na faixa da esquerda, seguindo o carro da frente. Eles estavam abrindo caminho pelo lado direito.

"Mais perto!" Elaine gritou, por cima do vento. *Espero por Deus que isso funcione*, pensou ela. Quando se aproximaram do utilitário esportivo, ela apontou a arma para o pneu traseiro que estava girando.

"Mais perto!", disse ela. Ela não estava se arriscando.

Dmitry pressionou um pouco mais o acelerador. Agora a roda traseira do jipe estava quase ao alcance de seu braço.

Elaine apertou o gatilho.

O pneu explodiu e, em seguida, fez um som de "*flop-flop-flop*" quando a borracha começou a se despedaçar.

Dmitry pisou no freio e deixou o SUV desviar na frente deles.

"Agora!", disse ela.

"*Bozhe moi*", murmurou Dmitry, depois soltou o freio. Dois segundos depois, a parte dianteira do Lada bateu na traseira do SUV. Foi o suficiente para jogar Elaine para frente, mas não o suficiente para causar danos graves a nenhum dos veículos.

Os dois carros pararam no acostamento da estrada. Elaine se abaixou até o assoalho. Dmitry abriu a porta com relutância. Ele parecia apavorado quando viu o homem grande e cheio de marcas de pústulas abrir a porta do utilitário esportivo e vir em sua direção, fazendo cara feia.

"*Durak!*", gritou o homem. "Que diabos há de errado com você?"

"Você parou muito rápido", disse Dmitry em russo, caminhando cautelosamente em direção a ele. "Eu não estava preparado..."

O homem foi para trás do utilitário esportivo e olhou para o pneu furado, xingando.

"Eu o ajudarei a mudar", disse Dmitry, sem nenhum entusiasmo.

O homem abriu a porta traseira do SUV. "Dê o fora daqui."

Dmitry não precisou de mais persuasão. Ele voltou rapidamente para o Lada.

Enquanto conversavam, Elaine havia saído do carro. Ela estava agachada atrás do para-choque do Lada. O tráfego estava passando, alguns carros buzinando.

Assim que o homem se abaixou e tentou colocar o macaco embaixo do carro, ela correu para a frente.

A próxima coisa que o homem percebeu foi que o cano da Sig Sauer estava pressionando sua nuca.

"Deite-se de bruços no chão", gritou Elaine, com a adrenalina correndo em suas veias. Empurrando-o para o cascalho, ela agarrou os dois braços dele e os puxou para trás das costas. Ela apalpou ao redor e sentiu dentro da jaqueta dele. Havia uma pistola em um bolso. Ela a retirou e jogou a arma no aterro, na neve. No outro bolso, ela encontrou a chave de dados.

"Você está morta", disse ele, enquanto ela a guardava no bolso.

Ela pulou de cima dele e recuou em direção ao Lada. "Fique no chão!", disse ela, mas ele se levantou. Havia um brilho nocivo em seus olhos.

Dmitry estava com a porta do passageiro do Lada aberta para ela. Quando ela chegou à porta, o homem se curvou de repente e tirou algo do tornozelo. Um instante depois, o objeto estava virando de ponta-cabeça no ar em direção a Elaine, de ponta-cabeça, com o metal brilhando nos faróis do carro.

O estilete rasgou o casaco de lã de Elaine e perfurou sua lateral.

Elaine ofegou e tropeçou no banco traseiro do Lada. Dmitry olhava pelo retrovisor, congelado de medo, com os olhos arregalados.

"Vá!" Elaine gritou.

Dmitry pressionou o acelerador, queimando borracha.

O homem correu para o carro, batendo com o punho na janela do passageiro, mas o Lada o atingiu de raspão e o derrubou na calçada.

"*Bozhe moi!*" gritou Dmitry.

"VOCÊ ESTÁ MACHUCADO!" disse Dmitry.

Elaine se preparou e, em seguida, arrancou o estilete de seu lado. O sangue jorrou. Por um segundo, ela ficou apavorada, com medo de ter sido gravemente ferida. Mas o instrumento em forma de picareta havia perfurado apenas um centímetro ou mais de carne. Nenhum dano interno havia sido causado.

"Tenho um kit médico", disse Dmitry, esforçando-se para abrir o portaluvas.

"Apenas dirija, Dmitry!"

Com uma das mãos pressionando o lado do corpo para estancar o sangramento, ela abriu o kit de primeiros socorros, puxou a blusa manchada de vermelho e aplicou um curativo adesivo no lado do corpo.

Dmitry estava olhando nervosamente entre a estrada à frente e o retrovisor.

"Para onde vamos agora, Janyet? Para onde vamos agora?"

Elaine olhou para o tráfego intenso. Ela mudou de ideia sobre tentar voltar para o aeroporto. "Você sabe onde fica a embaixada americana?"

"Da." Ele dirigiu mais rápido, seguindo o carro da frente.

Se conseguissem chegar à embaixada, ela poderia ligar para o tesoureiro ou para o secretário tesoureiro e explicar tudo por telefone. Ela entregaria a chave de dados para a equipe da embaixada. Eles teriam de acreditar nela.

Ela mal podia acreditar que havia recuperado a chave de dados. Mas ela tinha conseguido!

Dmitry estava olhando distraidamente pelo retrovisor.

"Qual é o problema?" disse Elaine, ansiosa. Ela estava com medo de se virar e olhar. De jeito nenhum poderia ser o utilitário esportivo - seria impossível dirigir com aquele pneu rasgado.

"Hummer", disse Dmitry.

Elaine criou coragem para olhar. O veículo preto, largo e ameaçador, estava se aproximando por trás deles. O vidro do para-brisa do Hummer estava tão escurecido que era impossível ver o interior.

"É a máfia", disse Dmitry, com a voz trêmula de medo.

"Como você sabe?"

"A máfia gosta do Hummer."

Elaine lutou contra o pânico - ela não ia deixar que eles a pegassem agora, não depois de tudo isso!

O tráfego estava ficando mais intenso à medida que se aproximavam do centro da cidade. À frente, ela podia ver um rio de luzes vermelhas de freio que parecia se estender por quilômetros. A embaixada ficava do outro lado da cidade... eles nunca conseguiriam chegar lá.

Ela deu uma olhada no canteiro central para o outro lado da estrada. O tráfego de volta para o aeroporto Sheremetyevo estava se movendo livremente.

"Vire-se", disse ela.

Dmitry hesitou. "Mas..."

"Dê meia-volta!", disse ela. "Estamos voltando para o aeroporto."

O CÉU ESTAVA FICANDO MAIS claro, com uma neve fina caindo de nuvens cinza-metálicas. Elaine e Dmitry estavam a apenas alguns quilômetros do aeroporto Sheremetyevo, mas o Hummer estava no para-choque traseiro deles.

Se ela conseguisse despistá-los, de alguma forma, e conseguisse entrar no aeroporto, ela achava que havia uma boa chance de fugir do país antes que eles a pegassem. Ela tinha o passaporte irlandês falso, que ninguém conhecia, pelo menos por enquanto. Sheremetyevo era um aeroporto muito movimentado, com voos saindo a cada dois minutos para destinos em todo o mundo. Ela tinha muito dinheiro - poderia comprar algumas roupas em uma das lojas e se disfarçar, depois comprar uma passagem no primeiro voo que saísse.

Dmitry parecia petrificado, com as duas mãos segurando o volante como se estivesse se agarrando a ele para salvar sua vida.

Ela olhou novamente para o Hummer que estava atrás. "Que tal perdê-los em algumas estradas pequenas?" disse Elaine.

Dmitry apontou para o retrovisor. "Como? Eles têm o Hummer, nós temos o Lada."

Elaine apontou a arma para o painel de instrumentos. "Abra seu atlas rodoviário e me mostre onde estamos".

Dmitry pegou o livro desgastado e virou para o meio. Eles estavam se aproximando de uma cidade chamada Burtsevo. Elaine se inclinou para frente, estudando o mapa.

"Que tal pegar esta rota?", disse ela, indicando uma pequena rodovia que se ramificava em uma floresta. Parecia que ela continuava quase todo o caminho até o aeroporto. "Você consegue pensar em uma maneira de despistá-los por aqui?"

"Conheço bem essa *região*, Janyet - costumo pescar no rio." Ela viu uma linha azul grossa que serpenteava pelo meio da área verde. "Mas não há como despistá-los. Eu já disse a você - eles têm *Hummer* e nós temos Lada."

"Um Hummer é muito largo", disse Elaine, "e seu carro é muito estreito. Há algum lugar onde este carro possa ir que o Hummer não *possa* ir?"

Ela viu o lampejo de uma ideia passar pelo rosto dele.

"O quê?" disse Elaine.

Quando ele não respondeu, ela encostou a arma em seu pescoço novamente. "Fale, Dmitry."

Ele engoliu. "Na floresta, as árvores são muito próximas umas das outras. Muito próximas umas das outras para o Hummer."

"Desça na próxima saída."

DMITRY DESCEU a rampa de saída para Burtsevo o mais rápido que o pequeno Lada podia ir.

Elaine olhou pela janela traseira - o Hummer estava seguindo, mas atrasado. O motorista não havia previsto a curva repentina que Dmitry havia feito.

"Mais rápido", disse ela, enquanto giravam em torno da rampa.

Dmitry acelerou ainda mais, com os pneus rangendo. Felizmente, a neve já havia sido removida da calçada há muito tempo e a superfície estava limpa e seca.

Chegaram a uma estrada deserta que corria paralela à rodovia. Elaine segurava o atlas, acompanhando a rota. Chegaram a um cruzamento - havia uma placa apontando para a esquerda, para a cidade de Burtsevo, mas Dmitry continuou dirigindo em frente.

A calçada logo se tornou irregular, com vários centímetros de neve, com apenas algumas marcas de pneus.

Elaine olhou novamente pela janela traseira - a saída repentina tinha sido inesperada, mas o Hummer estava se aproximando deles rapidamente.

Logo à frente estava o início da floresta.

"Mais rápido!" disse Elaine.

Dmitry pressionou o acelerador com mais força, o pequeno Lada agora chacoalhava e balançava quando eles batiam em buracos cobertos de gelo. Elaine ofegou quando o carro voou sobre uma depressão e bateu de volta no chão - o ícone de Maria no painel caiu no assoalho.

Dmitry desviou o carro com força para a esquerda. Eles estavam descendo por uma pista muito estreita, a neve fresca e imaculada, as fileiras densas de bétulas surgindo rapidamente. O Hummer estava em seu para-choque traseiro agora - Elaine podia ouvir o estrondo de seu grande motor sobre o fraco ruído do Lada.

Dmitry pisou no freio. Um instante depois, o Hummer bateu neles e, em seguida, recuou enquanto o Lada derrapava à frente, jogado para frente pelo veículo pesado. Dmitry virou à esquerda, direto para a floresta, com a casca

branca das bétulas passando pelas janelas, chegando a centímetros do carro em ambos os lados. Elaine largou o atlas rodoviário e se abraçou ao encosto do banco do passageiro. Os troncos das árvores estavam se aproximando rapidamente, e Dmitry girava freneticamente o volante para um lado e para o outro para evitá-los. Ele era um motorista muito bom.

"Eles ainda estão atrás de nós?" perguntou Elaine.

"Sim, mas não muito..." Dmitry não completou a frase, puxando o volante com força para a esquerda. Houve um estrondo alto - o espelho retrovisor do lado de Elaine se quebrou. "Perto", ele terminou.

Elaine olhou pela janela de trás. O Hummer estava a pelo menos cinquenta metros atrás, abrindo caminho lentamente entre as árvores, tendo desviado do caminho de Dmitry para encontrar espaço livre. Ela o viu simplesmente passar por cima de uma bétula jovem e fina, a árvore se quebrando parcialmente de novo enquanto o veículo pesado avançava incansavelmente.

Se o Hummer os alcançasse aqui na floresta, os dois estariam mortos.

Elaine estudou o atlas rodoviário, tentando determinar onde estavam. Quanto mais se embrenhassem na floresta, mais tempo o Hummer levaria para voltar a sair...

Dmitry reduziu a velocidade do carro. Elaine olhou para cima - diretamente à frente deles, uma enorme bétula caída estava bloqueando o caminho. Parecia haver espaço suficiente para passar por baixo dela, pelo menos do lado esquerdo.

Dmitry reduziu a velocidade do carro, depois pressionou o acelerador novamente, mas continuou em frente.

Elaine disse: "Não!"

Ela foi arremessada para a frente e houve um estalo alto no telhado.

Agora o carro estava perfeitamente parado.

Dmitry pressionou o pedal do acelerador, o motor acelerou, mas o veículo foi imobilizado. Elaine olhou pela janela traseira. As rodas estavam apenas levantando arcos de neve.

"Estamos presos!", ela ofegou.

O Hummer ainda estava se aproximando. Ele estava se movendo mais rápido agora, abrindo caminho entre as árvores, e o motorista estava mais ajustado ao terreno.

Dmitry engatou a marcha à ré e tentou dar ré, mas o carro não cedeu. Elaine sentiu a traseira do Lada afundar mais um ou dois centímetros na

neve.

"Pare!", gritou ela para Dmitry. "Você só está nos enterrando ainda mais."

Ele soltou o acelerador e as rodas pararam de girar. Eles ficaram sentados em um silêncio abrupto, com o pequeno motor do Lada em marcha lenta e suave. Dmitry olhava impotente pelo retrovisor, enquanto o veículo que se aproximava lentamente abria caminho entre as árvores - ele os alcançaria em questão de um ou dois minutos. Pela expressão em seu rosto, Elaine podia dizer que ele achava que já estava praticamente morto.

Ela jogou o banco do passageiro para frente e pulou do carro. O galho da árvore ficou preso no teto, agarrado à placa de táxi rachada. Ela segurou a pistola pelo cano e deu vários golpes nela, mas a arma, feita de plástico, era leve demais para ter qualquer efeito.

Agora Elaine podia ouvir o barulho do motor do Hummer. Dmitry correu para o porta-malas e puxou uma chave de roda, depois voltou e deu vários golpes fortes na placa do táxi.

O som do motor do Hummer desapareceu. Elaine se virou para trás e olhou. O veículo havia parado a uns cinquenta metros atrás deles. As portas se abriram. Vários homens saíram, tirando pistolas de suas jaquetas.

"Abaixe-se!" disse Elaine, no momento em que o primeiro tiro foi disparado. O vidro traseiro do Lada se estilhaçou.

Dmitry entrou no carro.

Elaine caiu na neve. Houve vários pings e batidas metálicas quando as balas atingiram o carro. Ela se arrastou até o lado mais distante da porta aberta do passageiro para se proteger. A janela se estilhaçou acima de sua cabeça. Ela gritou, com pedaços de vidro atingindo seu rosto.

Usando a parte superior da porta para apoiar sua pistola, Elaine apontou com firmeza para um dos homens, o mais distante à esquerda. Ele estava agachado, preparando-se para atirar novamente.

Ela apertou o gatilho.

A bala passou longe, não chegando perto dele. Mas todos os homens caíram no chão. Ela disparou várias vezes, contando mentalmente a munição restante no carregador, como havia sido treinada para fazer.

Dmitry ligou o carro. As rodas giraram novamente, mas ele não avançou.

Elaine disparou outra rodada. *Restavam cinco*. Os homens permaneciam abaixados, mas corriam para a frente em pequenos surtos, como soldados

tentando derrubar qualquer posição inimiga.

"Continue batendo naquela placa", disse Elaine a Dmitry. "Eu dou cobertura a você."

Dmitry olhou para ela como se ela estivesse louca.

Elaine disparou mais dois tiros.

Ele deu mais alguns golpes na placa do TAXI, balançando-a como se sua vida dependesse disso. E dependia. Elaine disparou mais um tiro. *Restavam duas balas.* Dmitry estava praguejando para si mesmo em russo - o letreiro foi transformado em um emaranhado de metal e plástico, mas os detritos estavam presos sob o galho da árvore.

Algo quente estava escorrendo para os olhos de Elaine, embaçando sua visão. Quando ela o enxugou, viu que seus dedos estavam molhados de sangue vermelho vivo. O vidro havia feito alguns pequenos cortes em sua testa.

Vou morrer aqui, pensou ela. Vou ser morta a tiros no meio de uma maldita floresta russa.

Dando mais um grande giro, Dmitry deu mais um grande golpe no carro, dessa vez derrubando a pesada barra de aço no teto, logo atrás da placa. Ele cedeu. Ele bateu mais duas vezes e o para-brisa se estilhaçou, o teto ficou tão amassado que Elaine agora podia ver pelo menos meia polegada de espaço livre sob o tronco da árvore.

Ela disparou mais um tiro contra os homens que se aproximavam e, em seguida, entrou no carro.

Dmitry pisou fundo no acelerador. O pequeno Lada finalmente se inclinou para a frente, dando um pequeno salto e, em seguida, passou por cima da árvore.

Agora, Dmitry estava girando loucamente o volante para frente e para trás, tentando evitar mais bétulas - parecia que elas haviam se aproximado ainda mais.

Elaine se virou e olhou pela janela traseira aberta, com vapor saindo de sua boca. Por enquanto, o Hummer estava bem atrás.

"Onde está a ponte?", gritou ela para Dmitry.

"Muito perto, eu acho."

"Você *acha*?"

Ele desviou de outra árvore. De repente, eles estavam em uma pequena clareira. Eles aceleraram pela neve aberta e entraram em outra seção da floresta, esta muito menos densa de árvores. O Lada ganhou velocidade.

Dmitry tentou enxergar através do para-brisa quebrado, depois enfiou a cabeça para fora da janela. "Ali!"

Através do vidro rachado, Elaine podia ver uma ponte estreita, feita de madeira. Definitivamente, não era para veículos, mas para pedestres.

"Tem certeza de que esse carro vai caber?", disse ela ansiosa.

"Acho que sim."

"Droga", disse Elaine, olhando para trás pela janela traseira. O Hummer estava se aproximando deles novamente - as árvores estavam afastadas o suficiente para que ele pudesse seguir o caminho deles agora. Elaine podia ver o rio à direita - estava completamente congelado.

Dmitry desviou na outra direção, para longe da ponte.

"O que está fazendo?" disse Elaine.

"Precisamos de muita velocidade."

À esquerda, o Hummer estava vindo na direção deles. Alguém estava se inclinando para fora da janela do passageiro, mirando neles.

Antes que o homem pudesse atirar, Dmitry desviou novamente. Ele desviou de mais algumas árvores e, então, eles estavam indo direto para a ponte.

O Hummer deu uma guinada, seguindo o caminho deles.

Elaine largou a pistola e agarrou-se ao painel, preparando-se para o impacto. À medida que a ponte se aproximava deles, ela percebeu que as grades laterais de madeira não eram largas o suficiente para que o carro coubesse entre elas.

O Lada atingiu a estrutura em cheio, com o nariz do carro perfeitamente centralizado entre as grades. O pequeno automóvel deu um solavanco violento enquanto voava pela estreita passarela, com um estalo de metal de arrepiar os cabelos enquanto as laterais do veículo raspavam. O espelho que restava ao Dmitry e as duas maçanetas das portas foram arrancados. Em seguida, eles ficaram no ar por meio segundo... navegaram sobre uma pequena depressão do outro lado da ponte. O pequeno carro finalmente caiu no chão, deslizando para o lado, fora de controle, com Dmitry berrando como um louco. Como se estivesse se movendo em câmera lenta, ele perdeu velocidade até que a parte traseira girou e, finalmente, foi parada por outra árvore com um pequeno e anticlimático baque.

Agora o carro tinha dado uma volta completa e eles estavam de frente para a ponte. Os dois observaram, de boca aberta, o Hummer rugir em direção a ela. O enorme veículo bateu nos dois corrimãos, com a madeira se

estilhaçando e voando em todas as direções. Ele parou abruptamente no meio do caminho, com a madeira curvada em ambos os lados. Houve uma quietude assustadora por um segundo. Uma das portas se abriu. A extremidade traseira do Hummer se inclinou para baixo alguns metros. A outra porta se abriu - ela podia ouvir gritos - e então a ponte desabou. A extremidade traseira do veículo caiu no gelo, que estava a apenas alguns metros abaixo, com um estalo de cortar os ouvidos. Elaine pôde ver um dos homens tentando se desvencilhar de um airbag enquanto se abaixava até o gelo espesso e rachado, olhando para eles e gritando alguma coisa.

"Vamos sair daqui!" disse Elaine.

Dmitry ficou tão atordoado que precisou de um segundo para se recuperar e colocar o carro em movimento novamente.

ELES LEVARAM MENOS de dez minutos para chegar ao terminal Sheremetyevo II.

Quando pararam na entrada do estacionamento de longa permanência, Dmitry baixou a janela. Era o único pedaço de vidro intacto no carro - até mesmo o espelho retrovisor havia sido quebrado. Ele retirou o cartão de ponto da máquina e dirigiu até o outro lado do estacionamento, onde havia apenas alguns carros estacionados. Depois de triunfar sobre os perseguidores, Dmitry teve alguns breves momentos de alegria. Agora sua expressão era sombria.

"Isso o levará à seção de chegada", disse ele, apontando para uma passarela coberta.

Elaine saiu, jogou o assento para frente e entrou no banco de trás, ao lado de sua mala.

Ela começou a contar o dinheiro... mas com o dinheiro que precisaria para a passagem e para comprar roupas para se disfarçar, ela não tinha quase nada de sobra.

Ela acabou lhe entregando quinhentos dólares. "Dmitry, isso é um insulto, eu sei. Prometo que, quando voltar para os Estados Unidos, farei com que você seja pago -"

"O dinheiro não é tão importante agora, Janyet", disse ele, olhando desanimado pela janela.

Elaine sabia o que ele queria dizer e se sentiu mal. Ele estava aterrorizado por sua vida e pela segurança de sua família. Ela o estava deixando sozinho para enfrentar a ira da máfia russa.

Ele se aproximou e pegou a chave de roda. Ele a entregou a ela.

Ela olhou para a barra de metal pesada em sua mão. "Eu não posso..."

"Você precisa, Janyet."

Elaine pegou a chave de roda e levantou-a lentamente sobre a nuca dele. Sua mão tremia. Ela não podia machucar esse pobre homem! Ele havia arriscado sua vida para ajudá-la.

"Você *precisa*." Ele a olhou pelo espelho com seus olhos tristes de basset hound. "Se eles acharem que eu quero ajudá-la, eles me matam."

Ela abaixou a chave de roda. "Seria melhor se eu atirasse em você."

Seus olhos se arregalaram.

Ela agarrou o ombro dele através do sobretudo, apertando a carne e empurrando o cano da arma contra o tecido. "Você vai sangrar como um porco preso, mas não causará nenhum dano grave."

Ele fez uma careta. "*Da!* Faça isso, Janyet."

Cerrando os dentes, Elaine se forçou a puxar o gatilho.

A arma disparou, espalhando sangue por todo o painel.

Dmitry se inclinou para a frente, gemendo e praguejando sob sua respiração.

Elaine segurou a mala e colocou uma perna para fora da porta. "Diga a eles que eu atirei em você porque você não quis passar pela ponte. Diga a eles que ameacei sua família. Diga a eles..."

"Eu sei o que dizer a eles", Dmitry ofegou, ainda dobrado de dor. Fazendo uma careta, ele tirou um cachecol de lã xadrez verde do bolso lateral de sua porta e o entregou a ela. "Você vai sentir frio", disse ele.

Ela o pegou - estava velho e desgastado. "Obrigada, Dmitry." Ela ficou emocionada.

Ela arrastou a mala para a calçada gelada e fechou a porta do carro. Rezou para que ele ficasse bem.

Dmitry olhou para ela.

"Janyet?", grunhiu ele.

"Sim?"

"Boa sorte."

QUANDO ELAINE SUBIU a escada rolante até o nível de embarque, olhou em volta para ver se alguém estava observando. O espaço era tão grande e tão lotado que era impossível saber.

Ela olhou para uma tela gigantesca que mostrava os voos que chegavam e partiam. Havia cinco com a mensagem BOARDING piscando - um para Lisboa, um para Bangkok, um para Paris...

Ela deu uma olhada no relógio. O voo de Paris seria ideal - decolaria em trinta minutos, o que lhe daria tempo suficiente.

Puxando a mala atrás de si, ela se dirigiu a um grupo de lojas. Rapidamente, ela comprou uma parka jade, com enchimento de plumas, que chegava até os joelhos, e um boné verde combinando com um bico extra longo, quase do mesmo tom da jaqueta. Ela também comprou uma bolsa de couro natural, completamente diferente da preta.

Elaine encontrou um banheiro para deficientes e trocou de roupa suja e ensanguentada. Ela lavou o sangue que restava em seu rosto - havia alguns pequenos cortes onde a linha do cabelo encontrava o couro cabeludo. Quando terminou, prendeu o cabelo para cima e aplicou um bronzeador em todo o rosto, fez um sinal impossível de ser esquecido no alto da bochecha direita e usou bastante delineador. Colocou os óculos de leitura, vestiu o chapéu verde e, em seguida, colocou o longo cachecol xadrez verde que Dmitry lhe dera.

Quando ela se olhava no espelho, achava que parecia um pouco artística e inteligente. Como uma estudante de pós-graduação em filosofia.

Se ela conseguisse chegar ao Controle de Passaportes, poderia tirar os óculos e limpar a mancha com bastante facilidade.

Ela colocou a chave de dados no compartimento secreto da mala onde o passaporte estava escondido. Ela se desfez de tudo o que não precisava, incluindo sua velha mochila e a pistola desmontada, escondendo-as no fundo da lixeira do banheiro. Com sorte, ela já teria ido embora há muito tempo antes que tudo isso fosse descoberto.

Ela usou o dinheiro restante para comprar uma passagem de classe econômica no voo da Air France para Paris.

QUANDO ELAINE CHEGOU À ALFÂNDEGA, abriu caminho a cotoveladas até a frente de uma das filas mais curtas de NADA A DECLARAR. De vez em quando, ela olhava por cima do ombro, mas ainda não via ninguém a seguindo.

Ao se aproximar da máquina de raios X, ela começou a se preocupar com a possibilidade de a chave de dados aparecer em sua mala e causar suspeitas.

O funcionário da alfândega observou enquanto ela colocava a mala e a bolsa de mão na esteira.

"Você tem rublos russos com você?", disse ele.

"Não", disse ela, entregando-lhe o passaporte irlandês com a mão suada. Quando ele viu a capa diplomática preta, sua atitude se suavizou um pouco. Ele deu o maior sorriso que os russos já deram a estranhos, que era uma espécie de careta forçada.

Havia uma guarda observando uma tela que monitorava a máquina de raios X. Elaine podia ver a tela. A imagem da mala apareceu. Ela podia ver o cilindro preto, mas ele era apenas uma das muitas sombras na imagem - o carregador do celular e outros itens o mascaravam.

"Aproveite seu voo", disse o funcionário, entregando-lhe o passaporte.

Aliviada, Elaine dirigiu-se aos balcões de check-in. *Talvez eu consiga sair daqui*, pensou ela.

Havia algumas pessoas ainda na fila do balcão de check-in para o voo de Paris. Um casal de idosos, dois homens de negócios e três freiras.

Elaine entrou na fila e, despreocupadamente, olhou em volta. Ela ainda não via ninguém observando - não havia nem mesmo um segurança à vista.

Algo chamou sua atenção no corredor. Uma agente de segurança do aeroporto caminhava lentamente pelos balcões de check-in, examinando os passageiros. Ao lado dela estava o homem com o rosto cheio de marcas.

Elaine olhou para frente, aproximando-se um pouco mais das freiras que estavam à sua frente. Ela deu outra olhada para a direita. Agora, a segurança estava incomodando uma loira mais ou menos da idade de Elaine, pedindo seu passaporte.

Elaine estava tão assustada que não conseguia se mexer. Ela olhou para sua mala. Ela tinha que fazer algo com a chave de dados ou eles a revistariam e a encontrariam.

Ela deu um tapinha no ombro de uma das freiras. *"Pardonnez-moi. Tenho um problema."*

A freira se virou. Ela era baixa e rechonchuda, talvez com sessenta anos de idade, e olhava para Elaine através de óculos de armação de arame. *"Oui?"*

Elaine tentou parecer o mais perturbada possível, trazendo lágrimas aos seus olhos. *"La-la ligne aérienne, ils-ils que mes bagages-"*

"Você pode falar inglês, querida."

"Oh, obrigado! A companhia aérea me disse que tenho malas demais. Eles querem cem dólares a mais. Não tenho dinheiro suficiente para despachar isso, não sei o que vou fazer."

A freira parecia compreensiva. "Sinto muito por você, *madame*, mas tenho muito pouco dinheiro..."

"Não quero dinheiro. Você poderia despachar apenas esta mala para mim? Por favor? Só esta?" Elaine fez sinal para a mala. "Você não tem muita bagagem, não lhe custaria nada..."

Elaine deu uma olhada no segurança e no outro homem - eles ainda estavam interrogando a loira.

A freira olhou para a mala, hesitou, depois olhou para a pouca bagagem que ela e suas amigas estavam carregando.

Ela perguntou a Elaine: "Não há *narcotiques* nesta bolsa...?"

"Claro que não", Elaine ofegou, como se estivesse chocada com a sugestão.

"Muito bem." A freira pegou a alça da mala e a puxou para frente - seus dois companheiros tinham acabado de se aproximar do balcão de check-in. Ela sussurrou algo para eles.

Elaine se aproximou um pouco mais da freira e apoiou a mão no balcão de check-in, como se estivesse simplesmente impaciente. Ela continuou olhando para frente. Ela prendeu a respiração quando o agente de passagens perguntou às freiras se alguém havia lhes dado algum pacote para levar com elas.

"Não", disseram duas freiras em uníssono. A freira que havia pegado a mala permaneceu em silêncio. As quatro malas foram colocadas na esteira. A freira que havia despachado a mala de Elaine pressionou despreocupadamente o cheque de reivindicação em sua mão.

"Muito obrigada", sussurrou Elaine.

Finalmente chegou sua vez de fazer o check-in. Ela entregou a passagem e o passaporte ao funcionário.

"Não há bagagem para despachar?"

"Não", disse Elaine.

"Você tem o assento Vinte e Cinco E", disse o funcionário, entregando-lhe o cartão de embarque.

"Com licença", disse uma voz feminina atrás dela, e ela sentiu uma mão pesada em seu ombro.

Ela se virou lentamente.

A guarda e o homem com cara de barba estavam ambos parados ali.

"Passaporte?", disse o guarda, com um forte sotaque russo. A mulher parecia tão dura quanto unhas.

Elaine o entregou a ela, evitando contato visual com qualquer um deles.

O guarda o abriu. "O'Neill, Shannon...", ela leu, pronunciando o nome "Shah-none".

"Está tendo algum tipo de problema, não é?" disse Elaine, em seu sotaque irlandês.

Os dois trocaram um olhar.

"Sua bolsa, por favor", disse o guarda.

Elaine, com relutância, tirou-o do ombro. A mulher a revistou, e o homem cheio de marcas de nascença a observou com incerteza.

"Nichevo", disse ela a ele.

"Acredito que você tenha um bom motivo para me assediar", disse Elaine. "Eu trabalho para o Departamento de Agricultura da Irlanda e -"

"Você despachou alguma bagagem?", interrompeu o guarda.

Elaine olhou pelo nariz diretamente para os rostos dos dois, que não passavam de borrões através de seus óculos de leitura. "Eu não fiz isso."

O guarda se virou para a funcionária do balcão de check-in. Em russo, ela disse: "*Eta devushka registrirovala bagazh?*"

"Nyet", disse a atendente, balançando a cabeça.

Voltando-se para Elaine, o guarda disse: "Abra os braços, por favor".

"Ha! Suponho que você vai me revistar a seguir, então?"

"Abra os braços, por favor".

Elaine o fez, com um olhar indignado no rosto. A guarda a revistou cuidadosamente de cima a baixo, verificando o interior do casaco. Elaine reprimiu um estremecimento quando a mão da mulher roçou em seus ferimentos de faca.

Quando ela terminou, ela e o homem com cara de marca de nascença se entreolharam. Ele olhou incerto para o lado direito dela, mas não havia nenhuma evidência visível de qualquer ferimento ali. Elaine o viu olhar para a "verruga" na bochecha dela e depois para a bolsa de couro natural.

Elaine disse, em alto e bom som: "Vocês estão orgulhosos de si mesmos, fazendo um espetáculo sangrento com uma pessoa inocente? Vou fazer com que vocês dois sejam denunciados por isso".

Agora todas as pessoas nas outras filas estavam observando, e ambos estavam cientes disso.

"O senhor pode ir para o portão", disse o guarda, envergonhado. "Por favor, desculpe a intrusão".

NAQUELE MOMENTO, em Washington, D.C., Gene Lassiter estava sentado no banco de trás de um táxi que se dirigia ao Aeroporto Dulles. Ele tinha uma reserva com um nome falso em um red eye para o Kennedy, onde pegaria um voo para Berlim.

Ele estava satisfeito consigo mesmo. Até amanhã à tarde, os russos transfeririam o saldo de seu pagamento - oito milhões de euros - para sua conta bancária numerada na Suíça. Elaine Brogan já estava morta. Era uma pena que ela tivesse que ser sacrificada, mas no esquema geral das coisas, ela era insignificante. Hoje à noite, ele e sua amada Gypsy estariam juntos.

Cigana.

O simples fato de pensar nesse nome causava arrepios sexuais no corpo envelhecido de Lassiter. A espessa juba de cabelo preto encaracolado, os olhos escuros e encantadores. E aquela figura!

Lassiter fantasiava constantemente com Gypsy. O relacionamento deles estava florescendo há dois anos, desde que se conheceram em Berlim. Esses dois anos foram os mais gloriosos da vida de Lassiter. Para ele, Gypsy era o Viagra humano. O relacionamento havia liberado Lassiter, levando-o a níveis sexuais que ele nunca sonhou que existissem. Na última vez em que estiveram juntos, ele havia raspado os pelos pubianos de Gypsy, deixando a pele lisa, rosada e infantil. A diferença de idade de trinta anos só aumentou a emoção sexual, pelo menos para Lassiter.

No entanto, para ele, não se tratava apenas de um relacionamento físico. Ele estava loucamente apaixonado por Gypsy. Ele só se sentia verdadeiramente em paz quando eles estavam juntos. A última vez que se encontraram em um hotelzinho à beira-mar isolado no sul de Portugal. Tinha sido como um sonho, uma experiência magnífica e sensual que ele desejava que durasse para sempre. Eles passaram horas caminhando pela praia, de mãos dadas, observando o mar, as gaivotas voando, o nascer e o pôr do sol de tirar o fôlego. Lassiter sabia que eles eram um casal estranho. As pessoas os olhavam. Ele não se importava.

Infelizmente, Gypsy tinha um apetite insaciável pelas coisas materiais da vida. Coisas que ele nunca poderia pagar com seu mísero salário do governo. Mas Lassiter tinha o objetivo de fornecer essas coisas, não

importava o que fosse necessário. Ele só tinha mais alguns anos de vida e estava determinado a passá-los com a pessoa que amava.

Isso foi tão errado assim?

Seu celular começou a tocar.

Quando o tirou do bolso, reconheceu o número: a ligação era da Rússia.

"Encoste", disse ele ao motorista do táxi, com o telefone ainda tocando em sua mão.

"O que você está dizendo?", disse o homem. Ele estava usando um turbante e parecia não entender bem o inglês.

"Eu disse para encostar o carro por um segundo. Tenho que atender esta ligação."

Lassiter saiu e fechou a porta, tremendo na beira da estrada enquanto o tráfego passava.

"Sim?", disse ele ao telefone.

"Temos um *problema*", disse uma voz com sotaque russo.

"Que problema é esse?" disse Lassiter.

"Sua 'mula' pegou o pacote de volta."

"O que você quer dizer com isso?"

"Ela estava armada. Por que você nos enviou uma mula armada?"

Lassiter franziu a testa. Ele não podia acreditar que Elaine tivesse levado uma arma a bordo de um voo comercial. E onde ela a havia conseguido? Ele tinha certeza de que ela havia devolvido a arma emitida pelo Serviço Secreto antes de deixar a Bulgária.

"Não acredito nisso", disse Lassiter por fim.

"Sem pacote, sem dinheiro."

"Olhe, eu entreguei seu maldito pacote! Se seu pessoal é tão incompetente que não consegue lidar com uma mulher..."

"Sem pacote, sem dinheiro."

"Putaquepariu", disse Lassiter. "Onde ela está agora?"

"Não sabemos. Achamos que ela saiu da Rússia por Sheremetyevo. Talvez."

Lassiter sentiu pânico, mas conseguiu mantê-lo sob controle - ele havia tomado precauções para o caso de algo assim acontecer. "Olhe, vou entregar o pacote para você, como prometido. Dê-me um pouco de tempo."

A linha ficou muda.

"Merda", murmurou Lassiter, entrando novamente no táxi. Quando o motorista saiu para o trânsito, Lassiter abriu seu notebook e abriu um

programa de rastreamento por GPS. Quando ele havia escondido a chave de dados na mala de Elaine, ele também havia escondido um pequeno dispositivo de rastreamento por GPS.

Após alguns segundos, um mapa do mundo apareceu na tela. O pequeno ponto verde parecia estar bem em cima de Moscou. Mas quando ele expandiu o mapa, pôde ver que, na verdade, estava a cerca de 160 quilômetros a oeste, indo lentamente em direção à Europa.

Ela estava definitivamente em um avião.

Lassiter estimou rapidamente o tempo que teria decolado do Aeroporto Sheremetyevo e, em seguida, acessou o site do aeroporto e verificou o horário dos voos que partiam.

Um voo da Air France partiu para Paris quase no horário exato que ele havia imaginado. Ele aterrissaria no Aeroporto Charles De Gaulle em cerca de duas horas.

"Encoste novamente", disse Lassiter ao motorista.

"O quê?", disse o motorista.

Quando o voo da Air France iniciou sua aproximação final em Paris, o coração de Elaine estava batendo tão forte que ela pensou que o idoso sentado ao seu lado poderia realmente ouvi-lo.

Ela sabia que havia uma grande chance de alguém estar esperando por ela no portão de embarque quando o avião pousasse no CDG. As pessoas que quase a pegaram em Moscou poderiam ter verificado se havia realmente uma Shannon O'Neill que trabalhava para o Departamento de Agricultura da Irlanda e, é claro, essa pessoa não existia.

"Desculpe-me", disse Elaine, soltando o cinto de segurança. "Preciso usar o banheiro."

Com um suspiro, o homem sentado ao lado dela se levantou e a deixou sair.

"Pardon", disse um dos comissários de bordo, com sotaque francês, "você precisa se sentar. Nosso avião está prestes a aterrissar".

"Estou doente", disse Elaine, contornando a mulher.

Ela subiu pelo corredor até a parte de trás do avião. Não havia ninguém na cozinha - os dois comissários de bordo estavam ocupados na frente, dizendo aos passageiros para colocarem suas bandejas, preparando-se para aterrissar.

Elaine abriu a porta do banheiro e, escondendo-se atrás dela, deu uma rápida olhada na cozinha.

Ela viu o que precisava. Em um instante, ela o pegou e o escondeu sob o casaco.

O HOMEM russo que aguardava no portão de embarque o voo da Air France que chegaria de Moscou tinha um crachá da Interpol na carteira, mas não era um agente da Interpol. Ele estava de costas, fingindo ler casualmente um exemplar do *Le Monde*, observando cada um dos passageiros que passava pela pista de pouso.

A mulher que ele procurava era uma loira magra, de vinte e poucos anos, com cento e setenta e oito centímetros de altura, usando uma parca verde comprida, um chapéu verde e óculos. Ela poderia ou não ter uma verruga na bochecha esquerda.

Os passageiros saíram do corredor sem parar, mas ele não viu seu alvo. Quando o fluxo começou a se reduzir, o homem começou a se movimentar desconfortavelmente de um pé para outro. Ele não poderia ter deixado de vê-la...

Com exceção de três freiras, que ele examinou cuidadosamente - todas muito baixas para serem ela -, o avião parecia estar cheio de homens de negócios.

Depois de mais um momento, o fluxo de passageiros diminuiu e parou completamente. Na verdade, ele não conseguia ver a porta do avião, pois a pista de pouso fazia uma curva fechada.

Ele foi até o balcão do portão de embarque. Mostrando seu crachá para a atendente, ele disse: "Todos os passageiros já saíram do avião?"

"Um momento." A mulher pegou o telefone.

Ele olhou impacientemente para a pista de pouso, depois se virou, murmurou "*Tvoyu mat*" e se dirigiu a ela. Seu traseiro estava em risco - se ele não encontrasse a garota, estaria em sérios apuros.

O agente do portão gritou algo enquanto desaparecia no corredor de embarque.

Quando ele contornou a curva, bateu de frente com uma aeromoça da Air France, quase a derrubando.

"Você não pode embarcar no voo!", disse ela, ajeitando o chapéu. Ela apontou. "Volte para o portão de embarque imediatamente!"

"Cale a boca", disse ele, passando por ela.

Ele alcançou a porta da aeronave e entrou na cabine.

"Senhor?", disse outra aeromoça. "Você estava a bordo desse voo?"

Ele passou por ela, olhando para o corredor.

A aeronave inteira estava vazia.

Três horas depois, Elaine Brogan estava sentada em um canto escuro de um restaurante na esquina do Escritório de Bagagem Perdida do CDG, com o cheque de restituição de bagagem na mão suada. Ela tinha medo de se mexer.

Seus ferimentos estavam escorrendo sangue e ela tinha medo de que isso transparecesse no sobretudo azul claro da Air France que estava usando.

Elaine tinha certeza de que o homem com quem havia esbarrado no corredor de embarque já havia percebido o que havia acontecido. Ele teria verificado com os comissários de bordo se houve uma troca de tripulação. Felizmente, o homem não devia saber sobre o passaporte irlandês dela ou poderia tê-la impedido de embarcar quando ela passou pelo Controle de Passaportes.

No momento, Elaine estava atolada em indecisões sobre se deveria tentar recuperar a mala que havia dado à freira para despachar para ela. Ela provavelmente ainda estava dando voltas e voltas na esteira da área de restituição de bagagem ou já havia sido recolhida e levada para o escritório de bagagens perdidas e não reclamadas. Ela pensou que provavelmente conseguiria voltar para Washington com o passaporte irlandês, se fosse rápida. Mas Lassiter a havia incriminado tão bem que, sem a chave de dados, ela pareceria culpada. Pareceria que algo havia dado errado, que ela talvez não tivesse sido paga pelo produto e que estava tentando voltar e culpar Lassiter por isso.

No final das contas, seria a palavra dele contra a dela. Em quem eles acreditariam? Em um jovem de 26 anos do pior bairro de Pittsburgh, com um pai criminoso, que havia trabalhado no Tesouro por seis meses? Ou em um homem de cabelos grisalhos que havia dedicado toda a sua vida ao departamento?

A resposta era óbvia.

Elaine cerrou os dentes - precisou de toda a sua força de vontade para não bater com o punho na mesa, derrubar as cadeiras, gritar até a cabeça... o velho bastardo sorrateiro! Ele a havia usado da maneira mais fria e cruel que se possa imaginar. Todos aqueles meses em que ela havia trabalhado em seu "projeto secreto" para ele, apenas para que ele pudesse vender as informações resultantes a criminosos e depois incriminá-la por isso!

Ele também havia mentido para ela sobre Nick?

Ele deve ter.

Se algum dia ficasse cara a cara com Gene Lassiter, mesmo que dentro de um tribunal, ela achava que não conseguiria se controlar.

COM AS COSTAS rígidas de tensão, Elaine caminhou pelo corredor e passou pela porta do Escritório de Bagagem Perdida, tomando cuidado para não olhar para ela. Com o canto do olho, ela tentou ver se havia alguém observando, mas havia tantas pessoas subindo e descendo o corredor, e sentadas em uma cafeteria bem em frente à entrada, que era impossível ter certeza.

Ela havia se livrado da parka verde e do chapéu, comprando uma jaqueta barata cor de mostarda e um gorro de lã preto, enfiando o cabelo embaixo dele.

Depois de mais um passeio casual pelo depósito de bagagens, ela finalmente decidiu correr o risco.

Ela abriu a porta do escritório de bagagens perdidas e entrou.

Havia uma dúzia de pessoas na fila. Todas pareciam irritadas e frustradas - apenas uma pessoa estava trabalhando atrás do balcão, um francês de meia-idade que parecia se mover no mesmo ritmo lento, independentemente de quantas pessoas estivessem esperando.

Elaine entrou na fila, seus ombros eram dois blocos rígidos de ansiedade. Toda vez que ouvia a porta se abrir, seu coração batia mais forte. Sua visão estava confusa. Ela não havia dormido nada durante o voo para Moscou e agora estava acordada há trinta horas seguidas. Respirou fundo

algumas vezes, tentando esvaziar a cabeça, dizendo a si mesma que estava quase no fim. Se a mala estava lá, tudo o que ela tinha a fazer era reivindicá-la e depois chegar a Washington.

Depois de mais alguns minutos excruciantemente longos, um segundo funcionário apareceu atrás do balcão. Elaine correu para lá antes que qualquer outra pessoa pudesse chegar.

"*Oui?*", disse o homem.

"Esqueci de pegar minha mala quando meu voo chegou", disse ela, fazendo um esforço para parecer calma. Ela entregou o cheque de reembolso que a freira havia lhe dado em Moscou.

O funcionário deu uma olhada no jornal. "Um momento, por favor, ele ainda pode estar no carrossel."

Ele desapareceu por uma porta de abrir. Além dela, Elaine vislumbrou prateleiras empilhadas com fileiras e mais fileiras de malas, mochilas, bolsas esportivas e várias outras peças de bagagem não reclamadas.

Ela ouviu a porta se abrir atrás dela. Ela lutou contra a vontade de olhar por cima do ombro.

Depois de um ou dois longos e tortuosos minutos, o funcionário voltou com uma mala. A pulsação de Elaine se acelerou - era definitivamente dela.

Ele colocou a mala no espaço entre os balcões, mas não ao alcance dela. "Esta mala pertence a você, *oui?*"

"Sim."

"Por favor, tenha certeza, *senhorita*. Muitas bolsas são parecidas."

"Tenho certeza de que é meu."

"Alguma coisa a declarar?"

Elaine tentou não pensar na chave de dados escondida dentro dele. "Não, nada."

O funcionário grampeou seu cheque de indenização em um formulário e pediu que ela o assinasse. Com a mão escorregadia de suor, ela rabiscou algo ilegível no espaço em branco. Ele deslizou a mala pela abertura do balcão.

"*Après, s'il vous plaît?*", disse ele, olhando para a próxima pessoa na fila.

Elaine pegou a mala e rapidamente enfiou o recibo no bolso. Ela se virou, meio que esperando ser presa na hora.

Não havia ninguém lá.

Ela rezou para que a chave de dados ainda estivesse dentro da mala.

Sentindo-se um pouco mais confiante, ela saiu pela porta do Escritório de Bagagem Perdida e entrou no corredor.

Depois de dar apenas alguns passos, uma voz masculina disse: "*Senhorita!*"

Elaine continuou se movendo.

"*Mademoiselle!*"

Ela virou uma esquina.

Havia passos atrás dela - o homem estava correndo atrás dela.

"*Mademoiselle!*"

Uma mão agarrou seu braço.

Ela se virou.

Um homem corpulento e de rosto vermelho estendeu um pedaço de papel.

Era o recibo de sua mala - deve ter caído de seu bolso.

"*Merci*", disse ela, com as pernas quase se dobrando sob ela.

Ela se virou e saiu trêmula do aeroporto.

ASSIM QUE SAIU, olhou para cima e para baixo na calçada. Ela precisava sair daqui e da França o mais rápido possível. Seu plano era pegar um trem de Paris para Londres e depois voar de Heathrow para Washington. Ela sabia que o trem Eurostar partia da estação Gare du Nord. Ela poderia pegar um táxi até lá.

Ela avistou a fila de táxis e foi nessa direção, levando a mala atrás de si.

À frente dela, o homem de rosto vermelho saiu de uma das portas e olhou para cima e para baixo na calçada. Havia um celular em seu ouvido.

"*Merde*", disse ele, colocando o telefone de volta no bolso. Ele olhou para Elaine quando ela se aproximou. "Você pode me dizer onde estão os táxis? Minha esposa deveria ter ido me buscar, mas parece que ela se esqueceu."

"Por ali", disse Elaine, apontando para além dele.

Ele caminhou ao lado dela.

"Você está indo para o centro de Paris?"

Ela olhou para ele. "Sim."

"Talvez possamos dividir um táxi? Eles são muito caros".

Ela olhou para ele novamente - ele parecia seguro o suficiente. *Por que não?* ela pensou. Seria menos provável que ela fosse vista se estivesse com outra pessoa.

Seu celular começou a tocar.

"Ah, *cheri!*", disse ele, "*Eu pensei que você tinha perdido o seu marido!*" Ele parou e olhou para a estrada, depois começou a acenar. "*Ici, ici, ici!*"

Um BMW preto encostou na calçada.

Ele se voltou para Elaine. "*Mademoiselle*, eu ficaria feliz em lhe dar uma carona até o centro. Para onde está indo, exatamente?"

"Gare du Nord."

"Ah, isso é muito perto da nossa casa! Por favor...", disse ele, abrindo a porta dos fundos para ela. "Minha esposa não vai se importar."

Elaine hesitou. Eles estavam quase chegando à fila do táxi, e havia uma longa fila.

"É muito gentil de sua parte", disse ela. "Mas..."

Antes que ela pudesse protestar, ele pegou sua mala e a colocou no banco de trás, depois abriu a porta traseira para ela.

Ela se abaixou para entrar, mas primeiro olhou para a esposa do homem.

Atrás do volante estava um homem - o mesmo homem que a estava esperando no portão.

A mão dele disparou e um produto químico foi borrifado no rosto dela.

Elaine ofegou, com estrelas girando diante de seus olhos. Quando o outro homem a empurrou para o banco de trás, ela desmaiou.

O elegante jato Gulfstream estava voando a trinta e oito mil pés acima dos Alpes suíços, brilhando ao sol da manhã.

Elaine Brogan estava deitada em uma poltrona reclinada dentro da luxuosa cabine, dormindo sob um cobertor. Ela estava começando a se mexer.

A primeira coisa de que ela se deu conta foi de um gosto medicinal em sua boca.

Fui drogada, pensou ela, enquanto lutava para recuperar a consciência. Ela olhou ao redor, com a visão entrando e saindo de foco. Havia algumas poltronas de couro vazias... uma mesa de centro de teca... um buquê colorido de flores silvestres... uma fileira de janelas ovais.

Ela estava a bordo de um avião. Um jato particular, ao que parecia. Algo estava apertando sua cintura. Havia um cinto de segurança puxado ao redor dela, sobre o cobertor. Ela se esforçou para soltá-lo.

"Oh, você está acordada!", disse uma voz feminina com sotaque, vinda de trás dela.

Uma loira alta e magra deu um passo à frente de seu assento. Ela usava uma saia justa, blusa e jaqueta. Seu rosto era deslumbrante. "Posso lhe trazer um café? Espresso, cappuccino...?"

Era tudo tão estranho que Elaine pensou que poderia estar sonhando. "Onde estou?", disse ela com voz rouca.

"Você está a bordo da aeronave do Sr. Cattoretti", disse a mulher. Ela deu um sorriso prático. "Gostaria de um croissant? Uma torrada e caviar, talvez?"

A aeronave do Sr. Cattoretti. Elaine se esforçou para olhar pela janela - ela podia ver os picos das montanhas nevadas à distância e um céu azul impecável. Era início da manhã, pensou ela, ou bem no final da tarde. Quando voltou a olhar para dentro da cabine, viu sua mala ao lado de uma das mesas de centro. O que havia acontecido com ela? A última coisa de que ela se lembrava era daquele homem corpulento que lhe oferecera uma carona até o centro de Paris, e depois de ter sido empurrada para dentro do carro e de ter algo borrifado em seu rosto.

A memória voltou à tona. Superando a máfia russa, fugindo para Paris, a chave de dados...

Elaine se sentiu mal.

"*Signora?*", disse a comissária de bordo. Ela ainda estava parada, esperando uma resposta.

"Cafê, eu acho", disse Elaine finalmente.

"*Caffè Americano?*"

"Sim. Tudo bem."

A mulher sorriu, depois se virou e foi até um canto da cozinha, perto de uma porta que Elaine presumiu que levava à cabine de comando.

Elaine aproveitou a oportunidade para soltar o cinto de segurança, estremeando quando ele roçou em suas feridas de faca. Ela havia se esquecido delas também. Quando afastou o cobertor, teve medo do que veria, mas não havia sangue em suas roupas. Ela sentiu o curativo. Era novo, mais grosso do que o anterior. Alguém o havia trocado.

Ela olhou novamente para a mala. A chave de dados ainda estava lá?

Sua mente estava confusa novamente. Ela não tinha forças para se levantar.

A porta da cabine se abriu. Um jovem baixo e corpulento, vestindo uma jaqueta de couro, viu-a e sorriu. "Como está se sentindo?", disse ele, enquanto seguia pelo corredor. Ele estava vestido com roupas italianas caras. "Meu pai disse que pede desculpas por termos tirado você de Paris."

"Seu pai...?"

"Giorgio Cattoretti." Ele sorriu e ofereceu a mão a Elaine. "Eu sou Luigi."

Ela o sacudiu entorpecida. *Cattoretti...* o nome não significava nada para ela.

Ela olhou para sua mala, e o homem percebeu. "Posso lhe oferecer alguma coisa, *signora?*"

Quem eram essas pessoas? Os compradores da chave de dados?

A aeromoça trouxe o café e o colocou na mesa de centro. "Açúcar, creme", disse ela, apontando para dois elegantes recipientes brancos.

"Para onde estamos indo exatamente?" disse Elaine. "O que estou fazendo aqui?"

Luigi e a mulher trocaram um olhar.

"Vamos para Milão", disse Luigi. Ele deu uma olhada em seu Rolex. "Chegaremos lá muito em breve."

"E depois...?"

"Não se preocupe, por favor. Meu pai é um homem muito bom." Luigi sorriu. "Ele não machucou você."

O rosto de Luigi entrava e saía de foco. "Onde está o Nick?", disse ela sem graça. "Eu quero ir com ele..."

Ela desmaiou novamente.

Milão, Itália

Se você dirigir a leste de Milão pela rodovia A4 em direção a Verona, encontrará uma área industrial que se estende por quase cem quilômetros. Os dois lados da rodovia estão repletos de instalações industriais deselegantes e extensas - fábricas de processamento de alimentos, fábricas de autopeças e depósitos de caminhões. Não são as imagens comuns que os estrangeiros evocam quando pensam na bela e romântica Itália. No entanto, todo país precisa ter sua infraestrutura industrial, e a Itália não é diferente.

Um desses estabelecimentos ao longo desse trecho específico da rodovia, praticamente indistinguível de todos os outros, é uma empresa chamada DayPrinto S.p.A. Instalada em um amplo edifício turquesa de dois andares, a empresa está no mercado há trinta anos. Ela cuida da impressão de dezenas de jornais e revistas do norte da Itália. A empresa emprega duzentas e cinquenta pessoas e é de propriedade indireta, por meio de um complexo emaranhado de holdings offshore.

O único acionista é um homem muito reservado chamado Giorgio Cattoretti.

NA MANHÃ DE HOJE, Giorgio Cattoretti estava em seu elegante banheiro privativo, que ficava ao lado do escritório da DayPrinto, admirando-se no espelho. Ele tinha uma pele cor de bronze, cabelos negros como carvão e olhos escuros e sombrios. Seu rosto tinha o olhar imperioso de um

predador. Uma cicatriz grossa serpenteava pelo lado esquerdo de sua mandíbula, da orelha até o queixo bem definido. Embora tivesse cinquenta e três anos, ele ainda ostentava a figura magra e agressiva de um boxeador.

Ele ajeitou a gravata Valentino, tirou os punhos das mangas do paletó esportivo Armani e sorriu para si mesmo, com os dentes descoloridos brilhando em branco perolado.

O gato estava com boa aparência.

Seu interfone tocou.

"*Si?*" disse Cattoretti.

"Senhor, Luigi está prestes a chegar com uma mulher do Tesouro dos EUA".

"*Bene*", disse Cattoretti. "Traga-a diretamente para o meu escritório".

Ele estava ansioso para conhecer Elaine Brogan.

Elaine olhou ansiosamente pela janela do Rolls Royce enquanto ele ronronava pela rodovia. Ela estava sentada sozinha no banco de trás, com Luigi na frente, ao lado do motorista uniformizado. O elegante automóvel estava esperando na pista quando a aeronave chegou ao aeroporto particular de Milão.

Eles estavam dirigindo há cerca de uma hora e agora estavam passando pelo interior da Itália. Os efeitos posteriores das drogas já haviam passado. Ela exibia uma aparência calma. Por dentro, ela estava morrendo de medo.

Luigi disse: *"Meu pai é um homem muito bom. Ele não machucou você."*

Elaine esperava que ele estivesse dizendo a verdade.

O Rolls diminuiu a velocidade e parou na entrada de um complexo industrial. DayPrinto, S.p.A., dizia uma placa azul.

Uma empresa de impressão, pensou Elaine. Isso não foi uma surpresa.

Eles foram até a guarita, e o portão se abriu quando eles se aproximaram. Luigi acenou amigavelmente para o homem na cabine quando o carro passou.

O Rolls passou pelos fundos do prédio até chegar a uma área de carga. O motorista desceu e abriu a porta para Elaine.

"Signora", disse ele, fazendo-lhe uma pequena reverência.

Por mais assustada que se sentisse, ela não podia deixar de gostar do tratamento de celebridade. Era uma mudança bem-vinda depois de tudo o que ela havia passado. Ela duvidava que isso durasse muito tempo.

Luigi a conduziu para dentro do prédio. Os corredores eram escuros. Ao caminharem pelas instalações, seus passos ecoavam no piso de ladrilhos.

Todos os escritórios estavam vazios. Elaine só agora percebeu que era um domingo e que ninguém estava trabalhando.

Luigi parou em um elevador, digitou um código em um teclado e eles foram para o segundo andar. Eles saíram e Luigi parou em frente a uma porta sem identificação e bateu nela.

"*Prego*", disse uma voz grave, vinda de dentro.

Ao entrarem, um homem elegantemente vestido saiu de trás de uma enorme mesa. Ele tinha cabelos escuros e uma pele bronzeada. Estava na casa dos cinquenta anos e seu rosto esculpido era digno, quase aristocrático. Se não houvesse uma cicatriz grossa que ia da orelha até a mandíbula, ele poderia ser um descendente da família real italiana.

Ele pareceu surpreso quando viu Elaine. Ele a olhou de cima a baixo, como se estivesse impressionado. "Srta. Brogan! Que prazer inesperado."

Ele gentilmente pegou a mão dela e a beijou, depois deu um passo para trás e olhou para ela novamente, como se estivesse admirando uma obra de arte. "Você poderia ser uma modelo de moda..."

Elaine afastou a mão.

"Por favor, desculpe meus maus modos", disse ele, sorrindo apologeticamente. "Meu nome é Giorgio Cattoretti." Ele passou o braço por cima da mesa. "Eu lhe dou as boas-vindas à DayPrinto S.p.A."

Elaine olhou desconfortavelmente ao redor do escritório. A imponente escrivaninha era feita de uma única placa de pedra polida. Atrás dela, havia uma cadeira com trono de couro. Uma pintura sensual de Ruben dominava uma das paredes - um original, Elaine supôs. O piso era de granito preto e frio.

Luigi abriu sua jaqueta e entregou ao pai a chave de dados que havia sido colocada na mala dela.

"Ah, *grazie*", disse Cattoretti, com evidente satisfação. Ele a devolveu ao filho. "*Prenda questo di sotto.*"

Luigi saiu, fechando a porta atrás de si.

"Devo pedir desculpas pela maneira como você foi tratada tão rudemente em Paris", disse Cattoretti a Elaine, colocando a mão sobre o coração. Com um encolher de ombros impotente, ele disse: "Meus parceiros de negócios russos podem ser... bem, incivilizados é a palavra certa".

"Eu gostaria de saber por que você me trouxe aqui", disse Elaine.

Ele sorriu. "Os americanos são sempre tão diretos." Ele olhou para suas roupas sujas e amassadas, e ela viu um lampejo de desagrado cruzar seu

rosto. "Você não prefere se refrescar antes de conversarmos?"

Elaine de repente se sentiu constrangida. O homem estava impecavelmente vestido, com um terno de grife sob medida, enfeitado com joias de ouro - parecia que poderia ter saído da capa da *GQ*.

Ele fez um sinal para a porta além de sua mesa. "Por favor, aproveite o meu banheiro privativo. Ele está totalmente equipado." Ele deu um passo para trás e a avaliou. "Qual é o seu tamanho, cerca de um... sete?"

"Trinta e seis", disse ela.

"*Bellissima!* Vou encontrar algumas roupas que sejam mais...", ele olhou para o traje dela novamente "...apropriadas. Também mandarei trazer o café da manhã da nossa cozinha. Você vai achar a comida deliciosa. Nosso chef é da Toscana".

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, Elaine estava sentada em uma poltrona de latão ornamentada ao lado da pia no elegante banheiro privativo de Cattoretti, olhando para o espaço. A música de ópera emanava suavemente de alto-falantes escondidos em algum lugar do teto moldado.

Giorgio Cattoretti a impressionou bastante. Ele era tão charmoso e confiante. O homem irradiava um magnetismo pessoal que era quase palpável. Seu inglês era perfeito. Ele falava com sotaque americano, então Elaine presumiu que ele devia ter morado nos EUA por pelo menos alguns anos.

Ela se perguntou quem era ele, exatamente, e o que ele queria dela.

Levantando-se lentamente da poltrona, ela se despiu com dificuldade. Estava cansada demais para lutar mais, cansada demais para pensar.

Enquanto dobrava lentamente a blusa e a saia e as colocava na poltrona, ela se perguntou se poderia estar sendo filmada por uma câmera escondida em algum lugar. *Para o inferno com isso*, pensou ela. Se o homem era um voyeur, que se divertisse.

Elaine olhou para o seu corpo nu no espelho e seus olhos foram atraídos para o curativo acima do quadril. Fazendo uma careta, ela o retirou com cuidado. Havia três pontos pretos bem feitos na frente e atrás, perfurações de faca. Alguém a havia costurado enquanto ela estava inconsciente. Ela se perguntou quem teria feito isso. Esperava que não tivesse sido Luigi.

Ela entrou no chuveiro. A cabine espaçosa era feita de mármore rosa e os acessórios dourados eram todos de design italiano sensual. O piso de pedra estava quente contra seus pés - devia ser aquecido por baixo. Ela

abriu a água e ficou sob o fluxo quente e vaporoso, tomando cuidado para não molhar o curativo.

A porta do banheiro se abriu.

Elaine deu um pulo, cobrindo instintivamente os seios.

Havia movimento do lado de fora da baia.

Ela se encostou no mármore, com medo de respirar. Ela esperava que o italiano moreno abrisse a porta da cabine a qualquer momento, talvez completamente nu, com um sorriso no rosto e uma ereção ansiosamente balançando.

Houve mais movimento. Os cabelos finos em sua nuca se arrepiaram.

Então, ela ouviu a porta do banheiro se fechar silenciosamente e deu uma espiada para dentro do quarto.

Suas roupas haviam desaparecido da poltrona. Em seu lugar, havia uma pilha de roupas novas.

Ela terminou de tomar banho e pegou o vestido, dedilhando o material. Cashmere e seda. Era preto e de mangas curtas, com uma gola redonda na parte superior. Ela olhou para a etiqueta. *Prada*. Suas botas haviam sido substituídas por um par de sapatos de salto alto verde dos anos 1970. *Fendi*. Por baixo do traje, ela encontrou um novo pacote de meias-calças transparentes, no seu tamanho. *Levante*. Havia também um par de calcinha e sutiã. *Valentino*.

Certamente não houve tempo para que alguém saísse e comprasse todas essas coisas caras para ela.

Elaine segurou o vestido elegante em suas mãos. Só essa peça de roupa valia mais do que alguns meses de seu salário do governo.

Meu salário do governo, pensou ela com ironia. O único salário do governo que ela receberia agora seria o que pagavam aos condenados para trabalhar na lavanderia da prisão.

Ela abriu o pacote e colocou as meias até a altura da coxa, alisando o náilon pelas pernas. Elas a fizeram se sentir melhor. Colocou o resto da roupa íntima, dizendo a si mesma para não pensar no futuro, apenas no presente. Colocou os sapatos de salto alto e depois começou a pentear o cabelo.

O armário embaixo da pia estava cheio de cosméticos finos - *Kanebo*, *Estee Lauder*, *Shiseido*. Ela passou alguns minutos aplicando maquiagem, deixando-a mais espessa do que o normal.

Ela não se olhou no espelho de corpo inteiro até estar completamente vestida.

Sua boca se abriu. O reflexo a deixou boquiaberta.

Elaine Brogan não estava mais lá - outra pessoa estava de pé atrás do espelho, olhando para ela.

Uma outra pessoa elegante e arrebatadora.

Elaine sempre sonhou em ter roupas como essas, desde seus dias na Rising Star Modeling Agency. Ela se virou de um lado para o outro, observando a si mesma. Ela não apenas estava com uma aparência completamente diferente, mas também *se sentia* completamente diferente. Mais confiante e muito mais viva.

Eu poderia estar na capa da Vogue, pensou ela.

Ela se sentia pronta para lidar com o que quer que Giorgio Cattoretti quisesse lhe jogar.

QUANDO ELAINE VOLTOU para o escritório de Cattoretti, havia um carrinho de comida de bronze estacionado no meio do piso de mármore. Nele havia uma apresentação artística de frutas e queijos de aparência deliciosa, croissants recém-assados e um copo alto de suco de laranja espremido na hora. Um vaso fino continha uma rosa amarela de caule longo, com gotas de orvalho brilhantes grudadas em suas pétalas.

Quando o aroma dos doces quentes chegou às narinas de Elaine, ela percebeu que estava faminta. Ela pegou um croissant quentinho e o mordeu, depois deu uma volta pelo escritório com o vestido justo e sapatos de salto alto. Os saltos faziam suas pernas parecerem ter três metros de comprimento.

Uma das paredes estava repleta de estantes forradas com volumes encadernados em couro. Alguns deles pareciam muito antigos. Ela virou a cabeça para o lado e leu alguns dos títulos - *Maquiavel, Dante, Homero...*

Ela se perguntou se Giorgio Cattoretti havia de fato lido todos esses livros ou se eram apenas para exibição.

Ela notou que, atrás de seu aparador, havia placas e fotografias dele com diferentes pessoas bem vestidas. Políticos locais e empresários de destaque, talvez. As inscrições estavam todas em italiano, mas estava claro que Cattoretti havia doado muito dinheiro para instituições de caridade.

Elaine sentiu uma combinação de aversão e intriga em relação ao homem. Ele era obviamente um criminoso e, no entanto, era tão caloroso,

charmoso e sofisticado, ou pelo menos aparentava ser. Ela olhou para a porta que dava para o corredor. Ficou imaginando se ela estaria trancada.

Exatamente no mesmo momento, a porta se abriu. Giorgio Cattoretti entrou na sala. Ele olhou Elaine de cima a baixo, observando o vestido, suas longas pernas e os saltos altos. "*Magnifico!* Eu sabia que essa roupa ficaria esplêndida em você. Agora você é uma verdadeira *bella donna*."

Elaine sentiu uma pontada de prazer com essas palavras, mas não demonstrou. Ela notou que ele havia mudado de roupa - agora estava usando um terno cor de mel com uma gravata chocolate. Ela se perguntou se ele havia mudado por causa dela.

Ele lhe ofereceu o braço. "Gostaria de lhe mostrar a minha empresa. Acho que você vai achar muito interessante o que fazemos aqui."

Elaine hesitou. "Se o senhor não se importa, gostaria de saber por que fui trazida para cá."

Ele levantou as mãos pedindo desculpas. "Sinceramente, eu não sabia mais o que fazer, Srta. Brogan. Meus parceiros russos ligaram de Paris e me disseram que você havia entregado a chave de dados e me contaram tudo o que puderam a seu respeito, que era muito pouco, apenas que você era funcionário do Departamento do Tesouro dos EUA. Eu disse a eles para trazê-la aqui". Ele fez uma pausa e estudou o rosto dela. "Será que eu fiz a coisa errada?"

Elaine não sabia o que pensar dele.

"Primeiro, eu não 'entreguei' nada a ninguém", disse ela. "A chave de dados foi colocada em minha bagagem sem meu conhecimento."

"Estou ciente disso, mas não tem nada a ver comigo. Negocieei um contrato com os russos para comprar as atualizações de software que o Tesouro dos EUA estava desenvolvendo e foi exatamente isso que eles me entregaram. Paguei um bom preço por essas atualizações e pretendo mantê-las." Ele lhe ofereceu o braço. "Agora, posso ter o prazer de lhe mostrar o local?"

Cattorette conduziu Elaine pelo corredor até um elevador protegido por teclado, com a mão quente dele segurando a dela. Ela ainda não sabia o que pensar da atitude e do comportamento dele. Será que tudo isso era uma encenação? Ela não sabia dizer.

Quando as portas do elevador se fecharam e o elevador começou a descer, ela tentou esconder seu medo. Ela observou ansiosamente o visor mudar de 2 para 1, para G e depois para -1, -2...

Eles estavam indo para o porão.

Cattorette olhou para ela e lhe deu um sorriso descontraído.

Quando o visor mostrou -3, o elevador parou suavemente. As portas se abriram. Cattorette a conduziu por um corredor longo, largo e ladrilhado, com portas protegidas por teclado em ambos os lados. Havia muita atividade do outro lado das paredes - Elaine podia ouvir o zumbido de máquinas e uma cacofonia de vozes falando italiano e outros idiomas, talvez chinês ou japonês, mas Elaine não sabia dizer ao certo.

Ele parou em uma das portas e digitou outro código. Quando entraram na sala, a conversa caiu em um silêncio. Elaine esperava ver os equipamentos usuais de falsificação - uma prensa de impressão, um cortador de papel, prateleiras de secagem. Em vez disso, o enorme espaço estava repleto de fileiras e mais fileiras de mulheres de meia-idade sentadas atrás de máquinas de costura.

"Este é o nosso departamento de roupas de grife", disse Cattorette com orgulho. Várias das mulheres olharam com curiosidade para Elaine quando ela passou. Cattorette parecia estar procurando algo específico nas estações

de trabalho. Ele parou e pegou um vestido verde. Elaine viu que ele era idêntico ao Prada que ela estava usando. Havia uma pilha de vestidos semelhantes sobre a mesa. Ela notou uma pilha de etiquetas Prada ao lado da máquina de costura.

Ela olhou de relance para seu próprio vestido, perguntando-se se era uma cópia.

Cattoretti sorriu. "Você está usando o original. Todas as cópias que você vê aqui foram feitas a partir de um padrão criado a partir dele. Quando as etiquetas forem colocadas, elas serão distribuídas para venda em todo o mundo."

Ele fez uma pausa, examinando a costura da peça. "*Lavoro magnifico*", disse ele à mulher na estação de trabalho.

"*Grazie*", disse ela, radiante com o elogio. Parecia que ela adorava o chão que ele pisava.

Do outro lado do espaço cavernoso, várias mulheres asiáticas estavam em pé em mesas com pedaços de papel e vários materiais à sua frente. Elas conversavam com fones de ouvido em chinês, mediam vários pedaços de tecido e anotavam informações em blocos amarelos.

"É muito caro para nós fabricar a maioria de nossas linhas aqui", explicou Cattoretti. "Oitenta e cinco por cento de nossas cópias são feitas em Taiwan."

Então, ele era um fabricante de imitações de grife, pensou Elaine. Ela se perguntou por que ele estava lhe mostrando tudo isso.

Eles entraram em outra sala semelhante que cheirava fortemente a cola e couro. Pelo menos cinquenta pessoas, homens e mulheres, estavam trabalhando em longas mesas de madeira.

"Este é o nosso centro de calçados", disse Cattoretti. Havia botas, sapatos de salto alto e sandálias em vários estágios de montagem, todos exemplares de produtos de grifes famosas. A sala era enorme. As mesas se estendiam até onde ela podia ver.

Eles entraram em outra sala ampla. "É aqui que fabricamos nossas bolsas e carteiras". Havia centenas de itens em todos os estágios de produção, desde cópias de carteiras Gucci até bolsas Valentino e estojos de cosméticos.

"E este", disse ele, conduzindo-a por mais uma porta, "é o nosso departamento de joias".

Eles caminharam por várias fileiras de bancadas com trabalhadores olhando através de lupas, batendo com pequenos martelos e lixando pedras com esmerilhadeiras. Eles estavam fazendo colares, pulseiras, anéis...

"Vamos escolher algo bonito para você usar com esse vestido." Ele a conduziu de volta ao corredor e viraram outra esquina. No final do corredor, havia uma enorme porta de ferro que parecia um cofre de banco.

Cattoretti digitou um código em uma tela sensível ao toque do computador que estava montada na parede. Houve um baque forte. A porta maciça se abriu lentamente - devia ter dois metros de espessura.

"Chamamos isso simplesmente de '*la volta*'", disse Cattoretti. "O cofre".

O interior da sala parecia uma joalheria de alto padrão, com vitrines do chão ao teto.

Cattoretti levou Elaine até um armário, pegou uma chave e abriu uma porta de vidro. Atrás dela havia dezenas de colares Chopard. Os diamantes brilhavam e formavam pequenos prismas de vermelho, azul e amarelo no vidro.

"Parecem reais", disse Elaine, com a boca um pouco seca.

Ele deu uma risadinha. "Sra. Brogan, tudo em *La Volta* é genuíno, comprado legitimamente, a preços de varejo." Ele fez uma pausa. "Posso chamá-la de Elaine? Por favor, me chame de Giorgio." Ele sorriu calorosamente para ela. "Acho que vamos nos tornar grandes amigos, Elaine."

Ela tinha suas dúvidas sobre isso.

Ele apontou para as prateleiras. "É aqui que guardamos todos os originais caros... não apenas nossas joias, mas também nossas roupas e acessórios. No momento em que um novo design está disponível, nós o adquirimos e iniciamos o processo de cópia. Depois que o design é capturado, os originais são mantidos aqui."

Ele inspecionou vários colares e, finalmente, decidiu-se por um colar de safira azul brilhante e diamantes em ouro branco. Tirando-o da caixa, ele se colocou atrás de Elaine e o colocou em volta do pescoço dela.

"O que você acha disso?", disse ele, com os rostos de ambos visíveis no espelho atrás do vidro.

Elaine engoliu, olhando para as pedras em seu pescoço. Deve ter custado uma fortuna. *Ele está tentando me comprar*, pensou ela. *E talvez funcione.*

"É lindo", foi tudo o que ela conseguiu murmurar.

Cattoretti o colocou dentro de uma caixa de pelúcia da Chopard e o entregou a ela. "Você pode usá-lo na ópera hoje à noite."

"A ópera?", disse ela, surpresa.

"*Madame Butterfly* está em cartaz no La Scala, em Milão. É a noite de abertura. Andrea Bocelli está se apresentando. Você me daria a honra de me acompanhar?"

"Bem, eu..."

"A menos que você tenha outros planos..."

Outros planos? Ela quase sorriu. Esse era um bom plano.

"Por favor, venha até aqui - quero que você escolha mais algumas coisas."

Eles foram mais longe no espaço. Elaine pôde ver que era o início de um longo túnel. Ele era iluminado por lâmpadas suaves e embutidas no teto. A passagem se estendia até onde ela podia ver, estreitando-se em um ponto de fuga a centenas de metros de distância. Havia fileiras e mais fileiras de vestidos, vestidos, saias, tops, lingerie, sapatos, bolsas...

Cattoretti apertou um botão e as prateleiras giraram, uma nova prateleira aparecendo em cima e a de baixo desaparecendo. Ele pegou um vestido de noite azul-claro da prateleira mais próxima e o ergueu até os ombros dela, inclinando a cabeça para o lado. "Este Versace ficaria esplêndido em você." Ele o colocou sobre o braço dela e seguiu em frente. De outro cabide, ele tirou um casaco de pele de chinchila. "Esses combinam muito bem."

Elaine olhou atônita para as roupas luxuosas - juntas, elas devem ter custado de vinte a trinta mil dólares.

Levando-a mais para dentro do túnel, chegaram aos sapatos. "Escolha um belo par de sapatilhas para completar o traje." Ele olhou para o relógio. "Se você me der licença por um momento, tenho alguns assuntos urgentes que preciso resolver. Por favor, sinta-se à vontade para dar uma olhada o quanto quiser, experimentar as coisas, pegar o que lhe agrada." Ele deu a ela um sorriso vitorioso. "Monte alguns conjuntos bonitos, não é mesmo? Seria um grande prazer presentear uma mulher tão adorável com algumas dessas peças - elas só ficam aqui neste cofre, juntando poeira."

Ele a deixou sozinha no túnel, com a porta aberta.

Elaine percorreu as fileiras e mais fileiras de roupas de grife luxuosas. *Gucci, Loretta, Casadei, Bergamo...* Era hipnotizante. Ela nunca tinha visto tanta roupa bonita em um só lugar. *O túnel do amor*, pensou ela.

Um par de sapatilhas de cetim cinza da Miu Miu chamou sua atenção.

Ela soltou os sapatos de salto alto verdes e experimentou os chinelos. Seus pés se derreteram neles.

Vagando pelo túnel, ela se perdeu em todas as suas roupas. Experimentou tudo o que lhe chamou a atenção. Ela perdeu a noção do tempo.

Isso quase compensa todas as coisas ruins que aconteceram comigo, pensou ela. Se existe um paraíso especial para as mulheres, é aqui.

Ao experimentar peça por peça, ela decidiu que não se importava se Cattoretti a trancasse e a deixasse aqui para sempre. Seu corpo emaciado seria encontrado vestido da cabeça aos pés com Prada, com um sorriso bobo no rosto.

Quando Cattoretti finalmente voltou, ela estava experimentando um par de sandálias Bergamo.

"Sì!" disse Cattoretti, inclinando a cabeça para admirá-los. "Uma excelente escolha."

Elaine os tirou e voltou a calçar os sapatos de salto alto.

A visão do homem em carne e osso, os olhos sombrios e a cicatriz que descia por sua mandíbula, trouxeram Elaine de volta à realidade.

"Não posso aceitar essas coisas", disse ela, passando a mão por trás do pescoço para soltar o colar.

Cattoretti pareceu honestamente surpreso. "Por que não?"

"Acho que você sabe por que não."

Ele a olhou com uma mistura de perplexidade e curiosidade. Ele não parecia ofendido.

"Venha", disse ele, pegando a mão dela novamente. "Quero lhe mostrar outra coisa".

Quando saíram do cofre, Cattoretti levou Elaine de volta ao elevador e subiu um nível. Eles passaram por um labirinto de corredores que se cruzavam sem parar. Ela estava ficando com medo novamente. Talvez devesse ter aceitado as roupas.

Finalmente chegaram a outra porta fortemente protegida. Ela podia sentir uma vibração familiar sob seus pés. "Acho que você vai gostar do que está prestes a ver", disse ele, quando passaram pela porta.

Elaine deu apenas dois passos para dentro antes de parar, boquiaberta.

Lá estava ela, a peça central da sala - uma impressora KBA Giori de talhe doce, exatamente como o modelo usado no Bureau of Exchange and Printing. A engenhoca barulhenta estava lançando página após página de cédulas verdes e úmidas, as folhas voando com tal velocidade que eram apenas um borrão. Além dela, homens com macacões azuis da DayPrinto estavam colocando pilhas de notas recém-impressas em um grande cortador de papel. Do outro lado da sala, mais meia dúzia de homens rastejavam sobre duas cópias gigantescas de notas de cem dólares que estavam espalhadas no chão, examinando-as com as mãos e os joelhos.

"Impressionado?" Cattoretti gritou por cima do barulho.

Estupefato era a palavra certa. Elaine se aproximou da impressora, olhando para a placa do fabricante fixada na lateral. Era genuína, com as palavras KBA GIORI-WURZBURG, ALEMANHA estampadas no metal.

"Se você não se importa que eu pergunte", disse Elaine, "como você..."

"Houve uma pequena confusão em uma remessa para a América do Sul", disse ele, com um sorriso.

Elaine se lembrou do que Nick havia lhe contado sobre a imprensa Giori que havia desaparecido misteriosamente a caminho do Chile.

Elaine ficou olhando para aquele homem estranho, tentando entendê-lo. Um fabricante experiente de falsificações de grife e um mestre em falsificação de moedas? Para interceptar de alguma forma uma impressora KBA Giori a caminho do governo do Chile?

Ela se sentiu estranhamente atraída por ele. Estava cansada de lutar, e o poder dele oferecia a segurança de que tanto precisava.

A enorme prensa diminuiu a velocidade e depois parou. Cattoretti retirou uma folha recém-impressa de notas de cem dólares do funil e a entregou a ela. As notas não cortadas foram impressas no mesmo formato usado pelo Bureau of Engraving and Printing dos EUA, trinta e duas por folha.

Com uma sensação de irrerealidade, Elaine olhou para o papel em sua mão, o cheiro da tinta úmida inundando suas narinas.

De repente, ela se sentiu mal. Cambaleando, Cattoretti agarrou seu braço e a acomodou em uma cadeira dobrável de metal.

"Isso é chocante para você?" disse Cattoretti com incerteza.

"Isso é um eufemismo."

"Deixe-me pegar um pouco de água para você", disse ele, que foi até um refrigerador e voltou com um copo de papel cheio.

Elaine bebeu. A sala continuava girando - os homens, as máquinas, pilhas de notas falsas de cem dólares...

Foi isso que eu jurei parar, pensou ela com pesar. E foi isso que matou meu pobre pai e levou Nick para a cadeia.

Ela se perguntava onde Nick estava, novamente atormentada pela culpa, sentindo que, de alguma forma, era responsável. Ela afastou os pensamentos de sua mente - Nick estava fora de sua vida e ela nunca mais o veria. Tudo isso fazia parte do passado.

Cattoretti estava agachado ao lado dela, segurando sua mão. "Você está bem?"

Elaine não respondeu. Ela tinha quase certeza de que algum criminoso estava usando uma prensa KBA Giori de verdade para fazer as falsificações, mas aquilo ainda era um choque. Ela nunca tinha visto ou ouvido falar de uma operação de falsificação dessa magnitude. A configuração típica de produção de dinheiro falso consistia em um ou dois tipos técnicos trabalhando em um pequeno porão ou em um depósito

abandonado, geralmente com equipamentos improvisados que podiam ser quebrados e movidos ao primeiro sinal de problema. Em contraste, essa operação não só tinha uma impressora KBA Giori de verdade, como também parecia tão sofisticada e permanente quanto a da própria BEP. Até mesmo a máquina de corte de papel era igual às usadas na BEP.

"Beba mais água", disse Cattoretti.

Elaine tomou outro gole. Ela começou a se sentir um pouco melhor. Ao olhar para o outro lado da sala e ver os homens estudando as ampliações da nota de cem, sua curiosidade aumentou. Ela se levantou trêmula da cadeira e se aproximou das enormes ampliações coladas com fita adesiva.

Ela notou que todos haviam parado de trabalhar e a estavam observando.

"Se você estiver disposta a isso", disse Cattoretti, "pode me dar a honra?" Ele lhe entregou uma lupa e, em seguida, apontou para a página de cédulas recém-impressas - ela havia esquecido que ainda as estava segurando. "Ser aprovado por alguém do Tesouro dos EUA seria um verdadeiro golpe para nós."

Os homens estavam todos parados ali, observando curiosamente, a maioria com os braços cruzados.

Elaine levantou a lupa e começou a verificar metodicamente a folha de cédulas recém-impressa da mesma forma que havia verificado milhares de outras. Primeiro, ela esfregou o papel entre o polegar e o indicador, testando a textura. É claro que o papel foi impresso com uma prensa de talhe doce - a máquina estava bem à sua frente. Mas ela estava testando outra coisa. A maioria dos leigos não sabia que o papel em si era um grande obstáculo para muitos falsificadores, mesmo os profissionais. Esse papel tinha a sensação distinta da mistura genuína dos EUA, setenta e cinco por cento de algodão e vinte e cinco por cento de linho. Ela examinou as bordas com a lupa. Ele também continha os diferentes comprimentos de fibras vermelhas e azuis. Elas não eram apenas impressas no papel, como faziam os falsificadores amadores, mas tecidas diretamente no material, exatamente como a moeda americana genuína.

Ela segurou a página contra a luz. As marcas d'água graduadas necessárias também estavam lá. Todas elas pareciam corretas.

Eram as mesmas notas que ela vinha verificando no último ano, só que agora eram de qualidade ainda melhor. Elas continuaram a melhorar.

Elaine olhou para Cattoretti - ele a estava observando com um sorriso conhecedor. Ele estava bem ciente de tudo o que ela estava verificando. Mas será que ele sabia que ela era a responsável pelo desenvolvimento das atualizações do software? Não parecia saber.

Em seguida, vieram os fios de segurança. As tiras superfinas de poliéster estavam devidamente entrelaçadas no papel. Com a lupa, ela verificou o minúsculo *USA 100* que estava microimpresso na tira. Os caracteres eram claros e bem definidos. A lupa não era forte o suficiente para que ela verificasse o erro no zero do conjunto de números.

Ela ligou a luz ultravioleta embutida na lupa. O fio de segurança brilhou em vermelho, exatamente como deveria.

"Os fios estão certos", ela murmurou.

Cattoretti olhou para os outros homens, satisfeito.

Em seguida, ela voltou sua atenção para a tinta que mudava de cor na denominação *de 100* no canto. Ela inclinou lentamente a página e observou os números mudarem de cobre para verde em toda a página. Os matizes pareciam corretos, mas um técnico teria de verificá-los com um espectrômetro para ter certeza.

Essas eram as contas que ela estava verificando no último ano, não havia dúvida agora.

Cattoretti sorriu. "Então, passamos com louvor?"

"Ainda não", disse Elaine. Ela tinha a sensação de que, se quisesse continuar viva, seria melhor encontrar outras falhas além daquelas que as novas atualizações de software procurariam. Ele ainda não tinha tido a chance de verificar o "saleiro", mas o faria em breve. Ele não precisaria mais dela, a menos que ela conseguisse detectar alguns novos defeitos em suas falsificações que ninguém havia encontrado antes.

Ela se aproximou das enormes ampliações da nota de cem dólares espalhadas pelo chão.

"O blowup à esquerda é genuíno", aconselhou Cattoretti.

"Eu sei", disse Elaine.

Cattoretti levantou uma sobrancelha, mas não perguntou como.

Elaine começou a sair para o papel, mas depois se lembrou dos saltos altos. Ela tirou os sapatos de salto verde brilhante. Todos os homens estavam observando, alguns obviamente se divertindo. Ela também notou que a maioria deles tinha expressões céticas em seus rostos.

Elaine subiu no papel com os pés descalços e começou a se mover de uma área da ampliação para outra, procurando defeitos que não estavam incluídos na chave de dados.

"Para começar", disse ela, "o mostrador deste relógio não está certo". Ela apontou para a imagem do Independence Hall no verso da nota de cem dólares.

"Ele mostra quatro e dez", disse Cattoretti na defensiva. Essa característica só podia ser vista sob ampliação.

"Esse não é o problema. Os números romanos não têm o formato correto."

Os outros homens se entreolharam, incapazes de entender o inglês dela.

"*Numeri romani*", disse Cattoretti, traduzindo.

Um deles, um homem baixo com óculos de armação em forma de lágrima, disse: "*Stronzate!*" e começou a balbuciar com raiva em italiano, falando com as mãos. Parecia que ele estava dizendo "Como você pode ouvir essa bimba estúpida", ou algo parecido.

"*Comparero!*" Cattoretti latiu.

Com relutância, os homens se reuniram em torno do relógio explodido e começaram a compará-lo com o relógio original.

Elaine seguiu em frente, percorrendo lentamente o papel, verificando detalhes minuciosos, até chegar à parte da frente da cédula. Ela parou com os pés descalços sobre a ponte do nariz de Benjamin Franklin.

"O que está errado agora?" disse Cattoretti.

"O queixo do Franklin não está desenhado corretamente."

"Como assim?" disse Cattoretti, parecendo cético.

De repente, os homens do outro lado da sala começaram a conversar animadamente. O que usava óculos de armação em forma de lágrima chamou Cattoretti. "*Otto e dieci sono errati?*"

"Naquele relógio, é o oito e o dez?" Cattoretti perguntou a Elaine.

Ela acenou com a cabeça.

Agora os homens estavam olhando para Elaine com respeito.

QUANDO ELA TERMINOU A INSPEÇÃO, Cattoretti a conduziu para fora do porão e de volta ao seu escritório. Ela havia revelado apenas uma fração dos erros mais finos que havia visto.

Um sorriso desconcertante apareceu em seu rosto, como se ele tivesse acabado de descobrir algum tipo de segredo.

"O que há de errado?" disse Elaine, inquieta.

"Eu sei quem você é", disse ele, apontando para ela. "Você é a mulher que costumava trabalhar no escritório do Serviço Secreto na Bulgária. Aquela que tem 'um olho para uma farsa'."

Elaine não reagiu.

Ele sorriu com conhecimento de causa. "Não negue, Elaine. Sei que é verdade. Todos os envolvidos em falsificação na Europa ouviram falar de você. O boato era que você conseguia identificar uma falsificação tão rápido quanto qualquer máquina automática. Seus próprios escritórios de campo estavam enviando notas para você, em vez de enviá-las de volta para os Estados Unidos, para obter uma resposta mais rápida. Então, você desapareceu - ninguém sabia o que tinha acontecido com você". Cattoretti deu uma risadinha. "Eu deveria saber que o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos não deixaria alguém como você desperdiçar em um lugar esquecido por Deus como a Bulgária." Ele deu uma grande gargalhada. "Não posso acreditar! E aqui está você, bem aqui comigo, em meu próprio escritório!"

Cattoretti esperou que ela dissesse algo, mas ela permaneceu em silêncio.

Sua boca se abriu lentamente e então ele apontou para ela novamente. "Você também foi a responsável por criar as atualizações de software. Estou certo?" Ele deu um tapa na testa. "É claro que estou! É por isso que você desapareceu da Bulgária - você foi transferida para o Departamento do Tesouro para ajudar a criar as atualizações de software. É verdade?"

Elaine ainda não disse nada.

"É verdade? Sim, é verdade!"

"E se for?" Elaine finalmente disse.

"Não é óbvio? Você e eu - nós poderíamos fazer história juntos!"

Ela não podia acreditar nisso. "Você realmente espera que eu o ajude com sua operação de falsificação?"

Cattoretti pareceu genuinamente surpreso. "É uma ideia tão absurda assim?"

"Você destruiu minha vida!"

"Eu?" disse Cattoretti. "Você está terrivelmente enganada, Elaine. Já lhe disse antes que meus parceiros russos foram responsáveis pela obtenção da chave de dados. Eu não tive nada a ver com isso. Eu disse a eles o que

queria, e eles cuidaram do resto. Tudo o que eu sabia era que eles subornaram um funcionário de alto nível do Tesouro, um homem..."

"Gene Lassiter."

"É esse o nome dele?"

"Sim, ele era meu chefe", acrescentou Elaine com amargura.

"De qualquer forma, eu não sabia mais nada sobre isso. Há razões muito boas para que eu mantenha distância dos Estados Unidos. Eu não tinha conhecimento de nenhum outro detalhe, como os russos estavam adquirindo a chave de dados." Ele fez uma pausa. "Você precisa entender - eu realmente não tenho escolha a não ser trabalhar com eles. Somente uma organização do tamanho deles pode lavar a quantidade de dinheiro que eu posso produzir com essa máquina Giori. Não posso me arriscar a trocar o dinheiro por euros na Itália - vendo até o último dólar para os russos fazerem a lavagem."

Elaine queria acreditar nele, mas era difícil. Ela teria que pensar sobre tudo isso mais tarde - se é que haveria um mais tarde.

Cattoretti olhou para ela com simpatia. "Eu realmente sinto muito que alguém tão adorável como você tenha se tornado uma vítima nesse projeto, Elaine. Se eu soubesse que era assim que estava sendo conduzido, eu teria posto um fim nisso." Ele fez uma pausa, estudando-a. "É claro que não posso reverter o que aconteceu... mas posso compensá-la. Se você se juntar a mim em meus esforços, certamente poderei fazer isso. Ficarei feliz em fazer isso! E por que não? Posso lhe pagar muito bem pelo seu trabalho."

Elaine olhou para a porta. "E se eu me recusar a ajudá-lo?"

Cattoretti franziu a testa, parecendo insultado. "Você continua a me julgar mal, Elaine. Você não é uma prisioneira aqui". Ele fez um sinal para a porta. "Você é livre para sair quando quiser."

Ela olhou em seus olhos escuros. Ele sabia muito bem que ela não tinha para onde ir. Lassiter provavelmente já havia chamado o Serviço Secreto, o que significava que a Interpol também estava procurando por ela. Ela não ficaria nas ruas por muito tempo.

Ele a observou por um momento e depois disse: "Não há necessidade de tomar nenhuma decisão precipitada. Tudo o que eu peço é que você pense sobre isso. O que você tem a perder? Enquanto estiver na Itália, sob minha proteção, não tem nada a temer - ninguém pode tocá-la aqui". Ele deu um sorriso descontraído. "Sugiro que vá para minha casa e descanse um pouco, reflita sobre a situação. Minha equipe atenderá a todos os seus caprichos."

Temos uma piscina coberta, uma sauna, um chef particular e um massagista com dedos absolutamente mágicos. Passe algum tempo se deixando mimar, Elaine. Você merece."

Sem esperar por uma resposta, Cattoretti pegou o telefone em sua mesa. "Luigi? Quero que acompanhe a Srta. Brogan até Fontanella."

POUCOS MINUTOS DEPOIS, Elaine estava novamente sentada no banco de trás do Rolls Royce prateado que deslizava pelo interior da Itália, com Luigi e o motorista na frente.

Enquanto olhava pela janela, ela pensou no que Cattoretti havia dito. Ajudá-lo era realmente um pensamento tão ultrajante? Ela havia sido culpada pelo roubo da chave de dados, mas não estava colhendo nenhuma das recompensas. Por outro lado, a ideia de que ela estava ajudando um homem como Giorgio Cattoretti era abominável para ela. Ele podia ser elegante e sofisticado, mas ainda era um criminoso, assim como o homem que havia destruído seu pai.

Quantas vidas ele destruiu? Mas, por outro lado, quantas ele salvou ao criar centenas de empregos em uma parte economicamente reprimida da Itália? Seus funcionários não pareciam temê-lo - pareciam admirá-lo, tê-lo em alta conta.

O Rolls diminuiu a velocidade, aproximando-se de uma parada de quatro vias. Havia uma placa que dizia FONTANELLA - 3 KM e apontava para a direita.

Eles viraram naquela direção. Em poucos minutos, o Rolls diminuiu a velocidade novamente e saiu da rodovia, entrando em uma estrada pavimentada menor. Eles desceram uma ladeira fácil, atravessando a floresta, e depois subiram uma ladeira mais íngreme. Havia placas de PROPRIETA' PRIVATA afixadas de vez em quando.

Finalmente, chegaram a um alto muro de pedra com um enorme portão de madeira. A entrada era de estilo medieval - poderia ter sido a entrada de um castelo.

Depois de alguns segundos, o portão começou a se abrir para dentro, revelando um gigantesco conjunto de edifícios de pedra à distância.

Era um castelo.

Elaine se inclinou para a frente enquanto eles rolavam pela estrada que se aproximava. Duas imponentes torres de pedra formavam a frente da estrutura. As rodas do caro carro bateram suavemente quando atravessaram

uma pequena ponte... na verdade, havia um fosso. A água parecia preta e oleosa. Eles dirigiram pela entrada de automóveis em curva e passaram por dois homens de terno azul-escuro que estavam passeando com Doberman Pinschers. Luigi acenou, e os homens acenaram de volta. Eles se aproximaram de um arco em uma seção que se estendia entre as duas torres - havia uma porta interna pesada e fechada e um escudo externo de espigões de madeira afiados que estava abaixado até a metade do chão.

Elaine esperava que aquela porta também se abrisse, mas o motorista virou à esquerda e estacionou ao lado da torre.

Luigi foi até o porta-malas e pegou sua mala e a bolsa Balenciaga. Ao se aproximarem da parte inferior da torre, uma porta se abriu e um homem apareceu.

"*Signora!*", ele deixou escapar, sorrindo para ela. Havia covinhas profundas em suas bochechas. "Ah, você é mais adorável do que o chefe disse." Ele era muito magro e tinha um bigode preto caído. Usava um longo avental branco que cobria um terno escuro. "Meu nome é Antonio!" Ele pegou a mão dela e a apertou. "Mas você não pode me chamar de Tony."

Ele a conduziu para dentro do prédio. O saguão circular estava repleto de antiguidades, com o piso de pedra coberto por um tapete oriental desgastado. A sala tinha um cheiro antigo, uma combinação de pedra velha e madeira.

"Deixe-me pegar seu casaco", disse Tony. Ele deu um tapa em sua própria bochecha, olhando para ela novamente, agora que podia ver o vestido de grife. "*Mama-mia!* Esse vestido fica perfeito em você. Prada, não é?"

Elaine não pôde deixar de sorrir com sua admiração exagerada e infantil.

Ele pegou a bolsa Balenciaga e a mala de Luigi. Ele olhou para o piso de pedra e franziu a testa para o motorista. "Saia daqui, seus pés grandes estão bagunçando o meu piso!"

Luigi riu e passou por ele, chamando-o de *finocchio*, o que Elaine percebeu ser um insulto à orientação sexual de Tony.

Para Elaine, Tony disse: "Eu sou o pequeno chefe por aqui. O senhor Cattoretti é o grande chefe. Tony é o pequeno chefe". Ele sorriu, agarrou a mão de Elaine e a conduziu por uma escada sinuosa, com os quadris balançando orgulhosamente. "Vou lhe dar o melhor quarto da casa, signora, a Suíte Azul. A vista é *espetacular!*" Elaine quase escorregou nos degraus

estreitos e desgastados e Tony parou. "Você precisa tomar cuidado com esses saltos, *signora*..." Ele os examinou mais de perto, parecendo invejoso. "Fendi, *si*?"

Antes que ela pudesse responder, ele se virou e a conduziu para cima novamente. "A Suíte Azul é muito melhor do que a Suíte Vermelha."

Depois de subir o equivalente a cerca de três lances de degraus na escada circular de pedra, Tony parou e abriu uma porta para ela. "*Signora, prego...*"

Elaine entrou na sala com cautela. A primeira coisa que ela notou foi o teto abobadado, coberto por murais em azul pastel desbotado, mostrando cavaleiros de armadura a cavalo, que pareciam ser originais do castelo. Ao longo de uma parede curva, também pintada em azul pastel, havia uma cama com dossel e uma estrutura de carvalho que devia pesar uns 500 quilos. Havia um lavatório de mármore, um tear antigo, uma pintura de um menino de cabelos cacheados acariciando um cachorro...

O piso de pedra estava desgastado e, em alguns lugares, tinha um brilho polido.

"Quantos anos tem esse lugar?" perguntou Elaine, fascinada.

"A seção mais antiga foi construída no século VIII", disse Tony com tranquilidade, como se já tivesse respondido a essa pergunta muitas vezes.

Elaine começou quando se virou - havia uma armadura completa ao lado da porta, a máscara facial fechada, uma espada presa em uma luva metálica.

Tony deu um tapinha no capacete e sorriu. "*O senhor* vai protegê-lo." Ele colocou as malas no chão e admirou a aparência de Elaine novamente. Ele deu um tapa em suas mãos. "O chefe disse que você quer descansar. Mas talvez você queira dar um mergulho primeiro? Temos uma piscina, que é aquecida."

"Não, obrigado, eu..."

"Talvez você goste de uma massagem? Ou uma sauna?"

"Talvez mais tarde. Eu gostaria de tirar um cochilo".

"*Si, signora*." Tony mordeu o lábio, pensando. "Mas talvez você queira comer alguma coisa. Uma pequena *focaccia* com mussarela de búfala..."

"Não, estou realmente..."

"Ou um pouco de *prosciutto*? Acabei de cortar um pouco de carne fresca..."

"Não, obrigado, mas realmente não estou com fome. Tomei um grande café da manhã no..." Elaine não sabia como chamar aquilo. "...no escritório."

"Ah! Não é de admirar que você não esteja com fome! Você comeu a comida daquele *diletante* toscano. O homem se diz um chef... mas não consegue fazer um pão *focaccia*! Ele passou muito tempo na França, com aqueles franceses e suas maneiras estranhas de cozinhar!" Tony a olhou com mais atenção, preocupado. "Talvez eu possa lhe dar um pouco de Pepto-Bismol?"

Elaine riu. "Não, estou bem, de verdade."

Tony se inclinou para a frente e falou de forma conspiratória. "Cá entre nós, eu não deixaria aquele suposto chef fazer comida para o meu cachorro..." Ele deu de ombros, impotente. "Mas se o chefe quer contratar um cozinheiro de frituras para alimentar seus funcionários, o que posso fazer?"

Tony a examinou novamente, acenando com a cabeça em sinal de aprovação. "Você é uma senhora de muita classe, como disse o chefe."

Tony se virou e apontou para uma corda que pendia de um buraco no teto. "Se precisar de alguma coisa, é só puxar essa corda, que ela faz um ding-a-linga lá na cozinha. *Bene?*"

DEPOIS QUE TONY SAIU, Elaine olhou para as duas malas, hesitando, e decidiu pendurar tudo no guarda-roupa. Ela foi até a janela e abriu as pesadas persianas de madeira.

Ela se viu com vista para um pátio, a área interna do castelo. Só que o "pátio" era enorme, mais parecido com uma *praça* italiana, pavimentada com paralelepípedos e com postes de iluminação e estátuas. Havia um poço de pedra no meio, com um balde de madeira pendurado em uma corda. Ao longo de um dos lados havia uma fileira de automóveis, todos cobertos por lona - antiguidades, ela supôs. Na outra extremidade, havia uma longa fileira de belas fontes, ladeadas por dois canhões. No ponto mais distante, havia também outra coisa sob uma lona, um objeto que parecia muito maior do que um carro. Talvez um barco em um trailer.

Era tão tranquilo - ela podia ouvir o chilrear dos pássaros nos bosques além da muralha do castelo. Havia uma sensação de irreabilidade em tudo aquilo.

Princesa Alana, pensou Elaine. Talvez eu tenha chegado ao meu verdadeiro lar, afinal...

Ela olhou para trás, para a sala e para a armadura, para a máscara de aço. Isso a fez pensar em Lassiter - frio, oco e intocável. Ela queria matá-lo. Ele havia causado tudo isso. Ele fez com que ela fosse sequestrada e levada para a Itália, acusada de roubar informações ultrassecretas do Departamento do Tesouro dos EUA, pressionada a ajudar um falsificador internacional a aperfeiçoar sua moeda.

E ela se perguntou: será que Nick realmente estava sendo investigado ou Lassiter simplesmente inventou tudo isso para separá-la dele?

Ela sabia a resposta para isso. Lassiter era o criminoso, e não Nick. Ela se odiou por ter acreditado no velho perverso e não ter dado ouvidos a Nick.

Ela olhou com saudade para a cama. Estava cansada demais para pensar mais. Ficou pensando se deveria ou não tirar o vestido Prada antes de dormir.

Ela viu um pijama em uma prateleira sob a mesa de cabeceira. De seda pura.

Ela se vestiu com eles e, finalmente, deitou-se na enorme cama e se enrolou em um cobertor.

Quando Elaine acordou de seu cochilo, sentiu-se surpreendentemente fresca e energizada. Começou a pegar a campainha para chamar Tony, depois decidiu explorar o castelo por conta própria, se conseguisse se safar. Ela estava com um humor muito melhor e faminta.

Ela vestiu um confortável macacão de algodão que encontrou no guarda-roupa, que fazia maravilhas para sua silhueta. Era da Gucci. Claro que sim. A tonalidade cinza-calor realçava sua pele clara.

A vida no castelo combina comigo, pensou ela, feliz, ao abrir a porta do quarto. Ela desceu as escadas, descalça, com as pedras lisas frias em suas solas. Quando chegou ao final da escada em espiral, passou por um corredor escuro e em arco. Ele se abria para o que parecia ser a sala de estar, ou pelo menos uma das salas de estar. Uma lareira de pedra monstruosa dominava o espaço, com a lareira em chamas. O manto era composto de mármore sólido, esculpido na forma de uma concha e sustentado por duas ninfas de ambos os lados. O teto abobadado com vigas estava repleto de afrescos em tons pastéis de laranja e azul.

Ela vagou pela estrutura antiga, passando por uma biblioteca de dois andares com outra escada em espiral e depois por uma sala de bilhar. Luigi estava debruçado sobre a mesa, preparando uma tacada, enquanto outro homem moreno e corpulento observava. Os dois olharam para Elaine e ela continuou. Ela esperava que Luigi viesse atrás dela, mas ouviu o clique suave das bolas de bilhar e os homens conversando casualmente entre si em italiano.

Ela virou em outro corredor e entrou na cozinha, que era tão grande que poderia abrigar todo o seu apartamento.

Tony estava em um balcão, amassando massa. Ele olhou para cima. "Ah, *signora*! Você dormiu bem?"

"Sim, obrigado."

"Esse look Gucci ficou muito bem em você." Ele limpou as mãos em seu avental. "Você quer comer alguma coisa agora? Talvez algo leve, como uma salada *de mussarela* e tomate?" Antes que ela pudesse responder, ele preparou rapidamente a salada para ela. O queijo estava delicioso, os tomates tão frescos que explodiram em sua boca. Ela devorou tudo no balcão, faminta demais para ir até uma mesa. Tony sorriu com prazer, observando-a.

Quando ela terminou, ele disse: "Posso lhe mostrar o castelo?" Ele pegou a mão dela e a levou para fora da cozinha e para outra sala enorme.

"Esta sala é chamada de Salão Principal", disse ele.

Elaine inclinou a cabeça para trás, olhando para o teto abobadado. Devia ter três andares de altura. As paredes de pedra eram cobertas por tapeçarias e pinturas, com algumas estátuas perto das portas.

"É incrível", disse Elaine, sua voz ecoando no vasto espaço.

Tony parecia satisfeito. Ele lhe fez um tour formal pelo castelo, apontando várias pinturas e outras obras de arte. Havia um Picasso, um Rembrandt, um Goya e três Rubens. Ela se perguntou se Giorgio Cattoretti gostava de mulheres rubenescas ou se ele simplesmente gostava do estilo de Rubens. Havia estátuas de Boccioni, Rodin e Houdon. Era como um museu.

Tony parou em frente a uma escada em espiral que só levava para baixo. "Quer ver a masmorra, *signora*?"

"Há um calabouço?"

"*Sì*. É um lugar muito escuro e perverso. Muitas coisas horríveis aconteceram lá embaixo."

Nada era mais repulsivo para Elaine do que a tortura física. Nenhuma forma de comportamento humano era mais repugnante.

"É claro que eu quero ver!"

A MASMORRA CAUSOU arrepios em Elaine. Não havia luz elétrica - Tony teve de usar uma vela para mostrar-lhe o local. A área era composta de vários cômodos, alguns com pesadas portas medievais de madeira que tinham apenas pequenas janelas gradeadas no meio. Outro espaço

semelhante a uma caverna tinha uma grande lareira, que Tony explicou ser usada para aquecer "*strumenti*" usados para extrair informações das vítimas. Outro cômodo abrigava uma estante antiga, coberta de teias de aranha. Havia algemas pesadas e enferrujadas presas às paredes.

Quando Elaine viu uma bolha sombria correndo em um canto do piso de pedra - uma bolha que parecia ter uma longa cauda - ela deu um pulo. De pé, com os pés descalços, parecia que as criaturas estavam mordiscando seus tornozelos.

"Já vi o suficiente", disse ela, segurando o braço de Tony. "Vamos sair daqui."

QUANDO VOLTARAM ao andar de cima, Tony a conduziu a uma ala moderna que havia sido acrescentada ao castelo, com piso de ladrilho e luzes fluorescentes. O espaço limpo e bem iluminado era uma mudança bem-vinda em relação ao calabouço.

"Como vocês podem ver, esta parte do castelo foi reformada", disse Tony, com sua voz de guia turístico. Eles caminharam por um corredor amplo e moderno com claraboias. "Essa é a piscina, e há uma sauna do outro lado do corredor."

Passaram por uma sala longa e estreita com uma mesa de massagem onde tocava uma música suave e relaxante. Havia um jovem bronzeado, de calça jeans branca, fazendo exercícios com dois halteres, com os músculos ondulando sob a camisa polo branca. Ele deu um sorriso com covinhas para Elaine quando passaram por ele. Ele poderia ter sido um modelo de Chippendale.

"Esse é o Mario", disse Tony. "Ele é nosso personal trainer e massagista."

Tony parou no corredor. "Talvez você queira uma massagem agora?"

Isso é tentador, pensou Elaine. Então, outra porta chamou sua atenção - ela dava para uma sala de exercícios com esteiras espalhadas pelo chão.

No centro, suspenso no teto, havia um saco de pancadas. Ele estava pendurado ali, perfeitamente imóvel, implorando para levar uma surra. E Elaine era a pessoa certa para fazer isso.

"Você tem alguma roupa de ginástica que eu possa usar?", disse ela.

Tony levantou as mãos como se fosse uma pergunta ridícula. "Temos roupas? *Senhora*, esta é a casa de Giorgio Cattoretti!"

TONY A LEVOU a um vestiário confortável que estava repleto de roupas de ginástica, desde roupas de tênis da Givenchy e Dolce & Gabbana até calças e sutiãs esportivos de alta qualidade da Nike e Rossignol, muitos deles ainda com etiquetas. Era quase tudo roupa de mulher. Parecia que Cattoretti tinha muitas amigas mulheres. Ela notou que todos os banheiros do castelo estavam cheios de cosméticos femininos caros, assim como o banheiro particular de Cattoretti no DayPrinto.

Elaine escolheu uma calça de ioga simples, que caía bem, e um top.

Ao sair do vestiário, ela se aproximou lentamente do saco de pancadas. Ficou olhando para ele por um momento, respirando com dificuldade. Em sua mente, o rosto zombeteiro de Gene Lassiter apareceu nele. E depois o de Giorgio Cattoretti.

Elaine girou repentinamente e deu um poderoso chute circular no saco. Seus braços e pernas se transformaram em moinhos de vento à medida que ela salpicava o couro com uma combinação de chutes e socos - golpes, punhos para trás, crescentes, machados, ganchos. Ela sentiu uma pontada na lateral quando os pontos se romperam, mas não deu a mínima - toda a frustração reprimida estava saindo de seu corpo, e a sensação era maravilhosa. Às vezes, a bolsa se transformava em Ronald Eskew e Bill Saunders. Ela batia na bolsa sem piedade, até que o suor escorria por seus olhos.

Ela finalmente começou a se cansar, os socos e chutes diminuíram e depois pararam. Elaine ficou parada por um momento em frente ao saco, ofegante.

Ela girou e deu um último e poderoso chute circular na bolsa. O saco voou tão alto que quase a derrubou em seu giro para trás.

Uma voz atrás dela disse: "Espero que não seja *eu* que você esteja imaginando aí!"

Elaine se virou.

Giorgio Cattoretti estava parado na porta com seu terno Armani, observando-a.

"Tomei uma decisão", disse ela.

Ele pareceu surpreso. "Você tem?"

"Decidi ajudá-lo com seu projeto."

Cattoretti bateu palmas com as mãos. "*Magnifico!*" Ele abriu a boca, hesitou e depois disse a si mesmo: "Ah, por que não? Eu estava prestes a lhe oferecer um adoçante para ajudá-lo a se decidir, e ele ainda está de pé".

"Que 'adoçante'?"

Ele apontou para ela. "Foi você quem levou a chave de dados para fora dos Estados Unidos, não Gene Lassiter. Você deve receber o saldo do pagamento, não ele. Isso não é justo? Acho que sim."

"Qual é o valor do pagamento?"

"Oito milhões de euros", disse Cattoretti com tranquilidade.

Ela engoliu. Oito *milhões de* euros. Era difícil para ela pensar em quantias tão grandes de dinheiro.

"É claro que há uma chance de ele ir atrás disso", disse Cattoretti.

Deixe-o vir, pensou Elaine sombriamente.

"Com oito milhões de euros", prosseguiu Cattoretti, "você pode viver em qualquer lugar do mundo - pode simplesmente colocar o dinheiro em uma conta bancária e viver dos juros. Posso mandar fazer uma identidade completamente nova para você - passaporte, certidão de nascimento, carteira de motorista - tudo. Você quer um diploma universitário? Posso lhe dar um doutorado em Yale ou um mestrado em Oxford".

Elaine sorriu. "O que exatamente eu teria de fazer por esses oito milhões de euros?"

"Você precisa me ajudar a tornar minha moeda o mais perfeita possível. Meu Deus, com sua ajuda, não precisaremos nem da chave de dados! Podemos tornar minhas falsificações tão perfeitas que o Departamento do Tesouro terá de desenvolver um conjunto totalmente novo de atualizações de software, o que levará mais seis meses, no mínimo."

É verdade, pensou Elaine.

"Tudo o que peço é que me ajude a fazer com que minhas falsificações sejam boas o suficiente para passar pelas máquinas de verificação do banco novamente, com o software atualizado. Faça isso e o dinheiro será seu."

Oito milhões de euros, pensou ela com entusiasmo.

A noção de que ela poderia usurpar o dinheiro de Lassiter tinha um delicioso senso de justiça poética.

"Eu vou fazer isso", disse ela.

Menos de uma hora depois, em Paris, Gene Lassiter foi mancando até um telefone público na Rue de Rivoli. Ele olhou para cima e para baixo na rua, depois arrancou o plástico de um novo cartão telefônico internacional. Ele o usou para ligar para um número na Suíça.

Enquanto aguardava uma resposta, olhou para o relógio. Eram 17h40. O segundo pagamento já deveria ter chegado.

"Banque Cantonale du Valais", disse uma mulher, com sotaque francês.

"Sim, boa tarde. Tenho uma conta em seu banco e gostaria de verificar o saldo, por favor."

"Um momento." Lassiter olhou para cima e para baixo na rua novamente para se certificar de que não estava sendo observado.

Uma atendente entrou na linha e ele lhe deu o número de sua conta.

"Seu saldo é de exatamente quinhentos mil dólares americanos." O funcionário fez uma pausa. "Haverá mais alguma coisa?"

"Apenas quinhentos mil? Tem certeza? Eu estava esperando um telegrama para esta tarde."

"Só um momento." Houve uma longa pausa, com sons de cliques ao fundo. "Receio que não tenha havido nenhuma transferência recebida hoje para esta conta."

Lassiter desligou o telefone. *Malditos russos!* Depois que ele corrigiu o erro deles em Moscou e os ajudou a recuperar a chave de dados, eles pensaram que ainda não iriam pagá-lo!

Não havia como ele sustentar Gypsy com míseros quinhentos mil euros. Ele enxugou o suor de sua testa e se forçou a se acalmar.

Ele olhou para cima e para baixo na rua novamente, depois usou o cartão telefônico para fazer outra ligação. Essa era para Moscou.

Essas pessoas não tinham ideia de com quem estavam lidando. Não sabiam que ele havia colocado um dispositivo GPS na mala de Elaine Brogan. Ele acabara de verificar e agora seu computador mostrava que o dispositivo estava em um local a leste de Milão, na Itália. Onde ele tinha boas razões para acreditar que o comprador - e a gráfica Giori - estavam localizados.

Ele esperou impaciente enquanto o telefone tocava do outro lado.

"Da", disse uma voz, parecendo entediada.

"Sou eu. Quero saber por que você não transferiu o restante do dinheiro. Acabei de ligar para o meu banco e ele não está lá." Lassiter lutou para controlar seu temperamento. *Seja diplomático*, pensou ele. Não presume *que eles vão ferrá-lo*. "Talvez tenha havido algum engano..."

"Erro?", disse a voz calmamente. "Não houve nenhum erro."

"Ouça-me, seu idiota. Sei com certeza que seu comprador tem o produto - eu mesmo o coloquei nas mãos dele, depois que vocês estragaram tudo. Quero saber por que não recebi o segundo..."

"Seus serviços não são mais necessários."

Lassiter franziu a testa, sem ter certeza de que havia ouvido corretamente. "Desculpe-me?"

"Seus serviços não são mais necessários."

"O que diabos isso quer dizer?"

"Significa *Do sdvidanya*, otário".

A linha ficou muda.

"Hello?", disse ele, clicando no gancho algumas vezes. "Alô?"

Lassiter pegou um táxi, voltou para o hotel e fez planos para pegar o primeiro voo de Paris para Milão.

Ele receberia seu dinheiro, mesmo que tivesse que arrancá-lo dos dedos frios e mortos do comprador.

Elaine estava no quarto de Cattoretti, vestida com o vestido Versace, prestes a colocar o colar Chopard em seu pescoço.

Luigi apareceu na porta. "Desculpe-me, Sra. Brogan, mas Gene Lassiter foi pego tentando pular o muro da fortificação".

"*Grazie*, Luigi", disse ela com elegância.

Ela se afastou lentamente do espelho e então estava flutuando pela ampla escadaria de mármore. Gene Lassiter estava na base dos degraus do Salão Principal, de pé entre dois dos homens de Cattoretti, com os braços firmemente presos a eles. Enquanto ela descia, ele olhava para Elaine, com a boca aberta.

Ela flutuou até parar a três passos do fundo, olhando para ele com o nariz empinado.

"De joelhos", disse ela com frieza.

"Elaine, me desculpe, eu nunca quis..."

Os dois homens forçaram Lassiter a se abaixar, com a bengala caindo de sua mão trêmula e batendo no chão de pedra.

"Sua arma", disse ela a Giorgio Cattoretti, que havia se materializado ao seu lado. Ela pegou a arma fria em sua mão e a apontou para a testa de Lassiter.

"Por favor, tenha piedade de um velho estúpido!" gritou Lassiter. "Eu sou um tolo, um imbecil! Eu nunca deveria ter..."

"Você realmente acreditou que poderia se aproveitar de *mim*?" disse Elaine. Ela engatilhou a arma. "Ninguém se mete com um Brogan."

Cattoretti bateu palmas, observando-a com prazer.

"Por favor", implorou Lassiter, com um filamento de saliva pendurado em seu lábio inferior. "Você pode ficar com o dinheiro! Fique com ele! Fique com tudo! Eu não sou nada, uma ninharia impotente, incapaz de estar em sua presença." Lassiter estava tremendo tanto que suas rótulas faziam uma tatuagem no chão. "A razão pela qual eu o usei foi porque eu estava loucamente apaixonado por você. Eu tinha um ciúme terrível do Nick! Eu sei que uma desculpa patética e enrugada para um ser humano como eu nunca poderia ter a esperança de beijar o chão que você pisa. Por favor, tenha piedade de um velho nojento e egoísta!"

Elaine apreciou o gemido dele por um longo e delicioso momento. Finalmente, ela soltou o dedo do gatilho. Entregando a pistola de volta a Cattoretti, ela disse: "Não vale a pena desperdiçar uma bala com ele. Vamos jantar, querido?"

Elaine rolou de barriga para baixo, para que Mario pudesse trabalhar a parte superior de suas costas. Era uma fantasia deliciosa, quase tão deliciosa quanto a sensação dos dedos do belo e jovem italiano amassando seus músculos doloridos.

Quando Mario começou a massagear seus ombros, ela apertou o botão REWIND em sua mente e assistiu à sua fantasia novamente, dessa vez com um diálogo ainda mais satisfatório.

ELAINE TOMOU banho e se vestiu, depois desceu para jantar às cinco e meia. A ópera começava às oito, portanto, eles estavam jantando cedo. A longa mesa de mogno no Salão Principal estava disposta apenas para duas pessoas, com um lugar na extremidade mais próxima e o outro imediatamente à direita.

Giorgio Cattoretti estava vestido em um smoking Armani, com os cabelos penteados para trás e os dentes descoloridos brilhando. Se não fosse pela cicatriz que corria ao longo de sua mandíbula, Elaine achava que ele seria muito bonito.

"Você está deslumbrante", disse ele a Elaine, puxando a última cadeira para ela. Ela estava usando o vestido Versace e o colar Chopard, e havia prendido o cabelo com uma presilha cravejada de diamantes que Cattoretti lhe dera do cofre. Ao sentar-se à mesa, ela sentiu o calor da respiração dele em seu ombro.

Tony entrou na sala de jantar, vestindo um terno preto formal. Ele sorriu para Elaine, com suas covinhas à mostra. "*Senhora!* A senhora está

deslumbrante com esse Versace! *Belíssima!*"

"Obrigado."

Ele colocou um guardanapo branco em um braço e começou a servir o vinho. "Espero que seu apetite tenha voltado agora."

Cattoretti lançou um olhar preocupado para Elaine. "Você não tem estado bem?"

"É claro que ela não tem estado bem!" disse Tony. "Ela comeu um café da manhã no DayPrinto." Ele acenou com a cabeça para ela. "Não se preocupe, *senhora*. Minha culinária fará com que seu sistema volte ao normal. Fiz um *nhoque* com trufas que vai derreter em sua boca, *porchetta*, *vincisgrassi* e *spiedini*... não aquela porcaria pesada e molenga do norte que os *diletantes* servem..."

"Tony", alertou Cattoretti, enquanto servia a segunda taça de vinho.

Tony saiu indignado da sala. Cattoretti pareceu um pouco constrangido. "Esses tipos são os melhores cozinheiros, mas são muito difíceis de gerenciar."

"Acho que ele é maravilhoso", disse Elaine.

Cattoretti apenas grunhiu.

Elaine olhou ao redor da sala espetacular. Cobrindo quase uma parede inteira, havia uma tapeçaria desbotada representando várias figuras vestidas sentadas em um jardim. Pendurado na parede adjacente, em uma pesada moldura dourada, havia um grande retrato de um homem de nariz adunco com longos cabelos negros repartidos ao meio, pintado em estilo renascentista. Havia algo de vaidoso na expressão do homem. Ele tinha uma boca de aparência cruel.

"Esse é Galeazzo Sforza", disse Cattoretti, "o homem que construiu este castelo. No século XIV, ele também já foi duque de Milão. Ele o construiu como um retiro de verão".

"Um lugarzinho pitoresco", disse Elaine.

Cattoretti sorriu. "Sforza tinha a reputação de ser extravagante e também de ser perverso e tirânico. Ele tinha centenas de amantes. Quando se cansava delas, passava-as para sua corte. Ele também fez muitos inimigos. Diz-se que ele pregou um de seus traidores em seu próprio caixão, ainda vivo. Há outra história de um caçador furtivo - nesta mesma propriedade, na verdade - que ele forçou a engolir uma lebre inteira, com pele e tudo."

Elaine sentiu um traço de admiração no tom de Cattoretti.

"Na época dele, a masmorra estava sempre lotada", continuou Cattoretti. "Tony mostrou isso para você?"

"Sim, ele fez isso", disse Elaine, estremecendo um pouco.

"Infelizmente", disse Cattoretti, "Sforza acabou sendo assassinado. Seu corpo foi arrastado pelas ruas de Milão por uma multidão enfurecida." Cattoretti acrescentou, com um suspiro: "É uma pena. O homem foi um grande colaborador da cultura italiana, um nobre patrono da arte, do teatro, da música..."

Elaine teve a nítida sensação de que Cattoretti estava falando de si mesmo.

Tony entrou com os braços cheios de pratos pequenos. Ele os espalhou com precisão pela mesa, certificando-se de que cada um deles estivesse posicionado de forma que a apresentação da comida fosse orientada para eles. Ele apontou para um deles e disse: "Chamamos isso de *tartelete de fontina*, tem queijo fontina e..."

"Por favor, deixe-nos, Tony. Não precisamos de uma explicação sobre cada ingrediente que você usou."

"*Sim*, chefe." Parecendo um pouco magoado, Tony fez uma pequena reverência e desapareceu pela porta.

Cattoretti molhou um pedaço de pão no azeite de oliva e olhou novamente para o retrato de Sforza. "Sabe, às vezes fico impressionado com o que alguns homens fazem por amor." Levantando uma sobrancelha para Elaine, ele disse: "Você sabia que tudo o que Gene Lassiter fez foi por causa de uma amante?"

Elaine ficou chocada. "Não, eu não disse."

"É verdade. Os russos me contaram."

"Quem é ela?"

Cattoretti deu um sorriso estranho. "Alemão. É conhecido pelo nome de Gypsy. Os russos sabem muito pouco - os dois pombinhos são muito cuidadosos ao se comunicarem um com o outro. Eles sabem que Gypsy é muito mais jovem que Lassiter. *Muito* mais jovem. E mora em Berlim. Nada mais."

Muito interessante, pensou Elaine. Isso explicava muita coisa - não era de se admirar que Lassiter estivesse sempre indo a Berlim para visitar a "família". Para Elaine, o homem sempre parecera sexualmente neutro - nunca olhara para ela como muitos homens faziam, nem demonstrara

qualquer interesse por outras mulheres. Ela soube que ele havia se casado uma vez, há muito tempo, e que havia passado por um divórcio terrível.

Elaine ficou imaginando como seria essa cigana. Ela imaginou uma jovem de dezesseis anos, parecida com a Heidi, que Lassiter colocava no colo. Provavelmente com longas tranças loiras e um vestido branco com babados. Provavelmente o chamava de "papai".

"Aparentemente, sua querida 'Gypsy' é muito bonita", disse Cattoretti, como se estivesse lendo os pensamentos de Elaine. "Ou, pelo menos, Lassiter acha que sim. Olhos escuros... cabelo preto encaracolado e espesso, alta, com pernas longas..."

Isso não é nada para a ideia que Elaine tinha de sua aparência. "Como você sabe como ela é?"

"As mensagens de Lassiter para ela. Aparentemente, ele é um Casanova e tanto. Os russos gostaram de ler a correspondência dele com ela."

Elaine sentiu-se enojada ao pensar em Lassiter com uma garota jovem o suficiente para ser sua neta, e ao pensar que ele arruinaria a vida de Elaine por causa dela.

Mais uma razão para Elaine gostar de tirar o dinheiro dele.

Ela queria poder ver a cara dele quando descobrisse.

A abertura de *Madame Butterfly* no La Scala, com Andrea Bocelli, foi um evento de gala. A mídia compareceu em massa.

Quando o Rolls Royce prateado de Cattoretti parou na entrada do teatro, havia uma fila de cordas que ia da calçada até a porta da frente, com repórteres e equipes de TV se aglomerando contra ela.

Elaine observou os flashes das câmeras dispararem - um casal de celebridades estava saindo de uma limusine na frente deles. Quando Elaine e Cattoretti saíram do Rolls, ninguém prestou muita atenção, embora alguns fotógrafos tenham tirado fotos para o caso de eles serem famosos. Para Elaine, parecia que Giorgio Cattoretti era praticamente anônimo.

Isso mudou quando eles foram à recepção privada para os patrocinadores do teatro. Ela foi realizada em uma sala grande e elegante, com piso de teca embutido emoldurado por belos pilares creme. Houve gritos de "Giorgio!" e "The Cat!" quando as pessoas o viram entrar na sala. Ele entrou em plena forma, abraçando os amigos, beijando-os nas duas faces no estilo italiano, apertando as mãos, apertando os ombros - ele parecia conhecer todos na sala.

Ele não poderia apresentar Elaine com seu nome verdadeiro, é claro. No caminho para o teatro, eles haviam criado o pseudônimo "Marie De La Fontaine" e decidido que ela seria francesa, mas educada nos EUA, em Stanford. Elaine não tinha certeza se gostava do nome - Marie De La Fontaine soava como uma condessa ou uma stripper, ela não conseguia decidir qual.

De qualquer forma, Marie De La Fontaine foi apresentada a ministros do governo, estrelas do pop, embaixadores, magnatas dos negócios, artistas, escritores e políticos. Elaine podia perceber, pelo modo como as pessoas olhavam para ela, que Giorgio Cattoretti andava pela cidade com uma mulher diferente no braço todas as noites. Até mesmo as mulheres mais velhas, que pareciam fofoqueiras inveteradas, olhavam para Elaine com pouco mais do que uma leve curiosidade e logo passavam a examinar espécimes mais interessantes.

Uma coisa a deixou intrigada: Cattoretti a apresentou a dois estilistas mundialmente famosos, e ambos pareciam ser bons amigos de Cattoretti. Será que eles não sabiam o que ele estava fazendo no porão da DayPrinto?

Quando a cortina foi anunciada, ela havia bebido três copos de Dom Perignon e sua cabeça estava girando. Eles entraram no camarote particular de Cattoretti e Elaine foi até a grade, observando o teatro La Scala. Era de tirar o fôlego. Os assentos eram revestidos de veludo vermelho macio, o palco era emoldurado por esculturas ornamentadas em ouro dourado. Não havia paredes, mas fileiras de caixas de vários andares que formavam um semicírculo até o palco. Um majestoso lustre de cristal de três camadas descia do teto.

Elaine se sentiu muito feliz, como uma garotinha vivendo uma fantasia. Só que isso não era um sonho, era real.

"Você notou a lareira?" disse Cattoretti, tocando-a no ombro. Havia um retângulo de tijolos cortado na parte de trás da caixa.

"Esse era o camarote pessoal de Giuseppe Piermarini", disse Cattoretti, "o arquiteto desse magnífico teatro. Naquela época, não havia aquecimento central, é claro, então as lareiras eram necessárias no inverno. Além disso, naquela época, as óperas eram eventos que duravam o dia inteiro - a comida era frequentemente preparada entre os atos para manter o público satisfeito." Cattoretti olhou para o palco e deu uma risada. "Não há nada que os atores temam mais do que uma plateia fria e faminta."

Elaine sentou-se em um dos assentos de veludo e olhou por cima da grade para a multidão bem vestida abaixo deles. O ar estava impregnado com o cheiro de perfumes e colônias caras. Ela podia ver diretamente o fosso da orquestra - os músicos estavam todos se aquecendo, a mistura de notas de violino e flauta enchendo a atmosfera de entusiasmo.

Bem em frente a eles, em um camarote no segundo nível, estava sentado outro dos principais estilistas de Milão. O homem acenou para Cattoretti

com a cabeça e deu um sorriso conhecedor. Cattoretti sorriu de volta.

"Não estou entendendo", sussurrou Elaine.

"O que você não está entendendo?"

"Por que todos esses designers são tão amigáveis com você?"

Cattoretti sorriu. "Você não conhece o velho ditado: 'A imitação é a forma mais sincera de elogio'?"

"Sim, mas mesmo assim, suas imitações custam dinheiro para eles. Não é mesmo?"

"Custou-lhes dinheiro?" Cattoretti riu. "Minha querida, minhas imitações lhes *rendem* dinheiro."

"Como você dá a eles um corte ou algo assim?"

"Elaine, você não entende de marketing e psicologia do consumidor. Toda vez que alguém compra uma de minhas falsificações, isso é uma propaganda gratuita para o artigo genuíno. Meus clientes não podem comprar o produto verdadeiro... ainda". Ele levantou as mãos. "Eu não vendo imitações, Elaine - eu vendo *sonhos*".

Ele olhou para o público e sorriu para outro designer famoso, que sorriu de volta. "Meu negócio não é bom apenas para os designers, mas para a sociedade como um todo. Meus clientes sentem um profundo desejo de possuir o produto real, não uma mera "imitação". Ninguém em sã consciência acredita que está comprando uma bolsa Gucci genuína de quinhentos dólares por cinquenta dólares. A própria ideia é absurda. Seu desejo sincero de possuir o produto autêntico os motiva a trabalhar mais e a ganhar mais dinheiro, o que é bom para todos". Ele fez um sinal para ela. "Certamente você pode apreciar isso. Não é o jeito americano?"

"Sim, é claro que é", admitiu Elaine. Ela estava começando a admirar Giorgio Cattoretti. Ela poderia aprender muito com ele.

Pegando a mão dela, ele disse: "A cortina está prestes a subir".

LIVRO 3 - ASSASSINATO

No momento em que a ópera começou, o voo de Gene Lassiter estava aterrissando no aeroporto de Milão. Ele estava voando com uma identidade falsa, que usou para alugar um carro.

Usando os muitos recursos seguros que tinha à sua disposição, ele já havia rastreado a localização do GPS até um castelo a leste de Milão e já sabia muito sobre o proprietário, um tal de Sr. Giorgio Cattoretti. Uma das coisas que ele soube foi que o Sr. Cattoretti era um dos benfeitores do La Scala, e ele também soube que haveria uma estreia no teatro hoje à noite.

Assim que chegou aos arredores de Milão, ele parou o carro e ligou para Gypsy. Ele deveria estar em Berlim ontem, e Gypsy provavelmente estava furiosa.

QUANDO O CELULAR TOCOU, Gypsy estava luxuosamente reclinada em uma cama com dossel em um apartamento caro em Berlim, lendo um exemplar alemão da *Cosmopolitan*.

"Onde você esteve?" disse Gypsy. "Estou esperando sua mensagem há vinte e quatro horas."

"Tive um problema", disse Lassiter. "Mas estou quase terminando meu pequeno projeto. Por favor, seja paciente, meu amor."

"Acho que já fui paciente o suficiente", disse Gypsy, olhando pela janela para o clima deprimente. A cidade estava envolta em nuvens cinzentas baixas, as ruas molhadas por uma garoa tediosa que já durava uma semana. "Você não é o único peixe no mar, sabia?"

"Por favor, não seja assim, minha querida. Você sabe que ninguém se importa com você tanto quanto eu. Se tudo correr bem, podemos nos encontrar amanhã."

"Onde?" Gypsy disse com ceticismo.

"O que acha de Milão?"

"Itália?"

"Sim, meu querido."

"Bem..." Isso estava soando melhor. "Por que não vou agora? Posso fazer algumas compras e..."

"Não!" disse Lassiter. "Eu lhe direi exatamente quando e onde em algumas horas." Ele fez alguns ruídos de beijo nojentos ao telefone. "Mal posso esperar para ver você."

"Sim", disse Gypsy. "Não me ligue mais - só mande mensagens de texto. Dieter está ficando desconfiado."

"É claro. Eu só precisava ouvir sua voz, minha preciosa".

"Eu entendo", disse Gypsy.

Dieter entrou no quarto. Gypsy cortou rapidamente a conexão.

"Quem era?"

"Não é da sua conta", esbravejou Gypsy.

Dieter ficou parado com seu avental estúpido da PROST!, olhando como um cachorrinho ferido.

"Quando o jantar estará pronto?" disse Gypsy.

"Em breve, *schatz*."

"Espero que não estejamos tendo Koenigsberger Klopse novamente. Estou cansado disso."

"Não, *schatz*! Estou fazendo Schweinshaxe hoje à noite". Ele sorriu. "Seu favorito."

Gypsy fez uma careta. A comida alemã era muito chata, assim como os homens alemães. Já estava na hora de mudar. Os cofres de Dieter haviam se esgotado. Ele gastou todos os últimos euros que tinha em roupas e joias caras. Estava na hora de Gypsy encontrar um novo benfeitor. Gene Lassiter prometeu uma longa e frutífera carreira. O americano idoso havia concordado em comprar uma bela casa na Suíça, sem compromisso, onde Gypsy poderia viver em um estilo de vida adequado. Gene Lassiter planejava manter seu emprego no Tesouro dos EUA por mais alguns anos, o que significava que ele não estaria muito presente. Isso deixaria bastante

tempo para Gypsy encontrar amantes mais atraentes - e financeiramente generosos.

Dieter estava ali parado com seu avental, fazendo beicinho.

Gypsy levantou-se da cama e sentou-se na penteadeira Luís XV, um presente de aniversário de Dieter. O roupão se abriu, revelando as pernas lisas e recém depiladas de Gypsy.

Dieter ficou olhando.

"Me ligue quando o jantar estiver pronto", ordenou Gypsy. "Acho que vou fazer minhas unhas."

MEIA HORA DEPOIS, um sedã sem descrição parou na guarita do Castello Fontanella.

A janela do motorista se abriu quando o guarda de plantão saiu do carro.

"Tenho um encontro marcado com o Sr. Cattoretti", disse o homem em inglês.

O guarda olhou para dentro do carro - não havia mais ninguém lá dentro. O homem parecia bastante velho, na casa dos sessenta anos. Uma bengala estava sobre o banco da frente, com o cabo no formato de uma cabeça de cavalo. Parecia cara.

"*O Signore* Cattoretti não está aqui, senhor."

"Eu sei disso. Ele está na ópera agora, mas me disse para vir aqui e esperar por ele."

"Qual é o seu nome, *senhor*?"

"Malcolm Price. Sou um dos melhores clientes da DayPrinto, um amigo pessoal de Giorgio."

"*Um momento.*"

O guarda voltou para dentro do prédio e olhou para sua lista. Não havia nenhum Malcolm Price nela. Olhando de volta para o carro, ele ligou para Luigi.

"Há um homem aqui em Fontanella que diz ter um encontro com seu pai."

"Quem é ele?"

"Malcolm Price."

"Nunca ouvi falar dele."

"Diz que é cliente do DayPrinto."

"Eu disse que nunca ouvi falar dele."

"O que você quer que eu faça?"

"Livre-se dele", disse Luigi, e desligou o telefone.

O guarda hesitou, olhando novamente para a lista. Giorgio Cattoretti ficaria muito chateado se esse homem fosse um amigo íntimo. Cattoretti era exigente quanto ao tratamento dos convidados.

É melhor ligar para o Tony.

"Mande-o entrar", disse Tony, depois que o guarda explicou. "Eu o entretereirei até que o chefe volte".

TONY SENTOU O SR. Price no Salão Principal. O homem estava muito bem vestido e parecia distinto e sofisticado.

"Você gostaria de comer ou beber alguma coisa?" disse Tony. "Você gosta de um Chianti? Temos alguns novos de uma vinícola da Toscana, são muito bons."

"Chianti está ótimo", disse o hóspede, com um sorriso caloroso. Com a mão trêmula em sua bengala, ele olhou ao redor do vasto interior da sala. "Isso é incrível. Já estive em Dayprinto muitas vezes, mas nunca estive neste castelo antes. Giorgio disse que eu ficaria impressionado, e certamente estou."

"*Sim*", disse Tony, satisfeito. "Talvez você queira um *nhoque* com trufas? Eu fiz hoje à tarde."

"Não, não, não quero incomodá-lo."

"Oh, não há problema algum, acredite em mim! Eu o trarei *imediatamente*."

AO VOLTAR PARA A COZINHA, Tony pensou: "*Um cavalheiro tão simpático e bem-educado. É uma pena que ele esteja doente.*"

Tony trouxe o *nhoque* em uma bandeja de prata, junto com uma seleção de seus melhores queijos.

O homem idoso deu uma mordida no *nhoque* e seus olhos se fecharam.

"*Senhor*, o senhor está bem?"

Os olhos se abriram lentamente e ele começou a mastigar novamente, com uma expressão de êxtase no rosto. "Meu Deus... este é o melhor *nhoque que já provei!*" Ele olhou para Tony com admiração. "E foi *você quem fez?*"

VINTE MINUTOS DEPOIS, Tony estava orgulhosamente mostrando ao Sr. Price o interior do castelo. Quando subiram as escadas, ele parou em frente ao quarto de Cattoretti.

"Isso é... não! Não pode ser! Um Monet *original*?"

"*Sim*, é original. Mas o *Signore* Cattoretti não gosta..."

Era tarde demais. O hóspede já havia entrado no quarto. Ele se arrastou até o quadro de Monet. Apoando-se em sua bengala, começou a inspecioná-la de perto.

"Incrível." Ele olhou para Tony. "Você sabia que Claude Monet é um dos meus artistas favoritos?"

"*Sim*", disse Tony, desconfortável, olhando para trás, para a porta. Ele não queria ser rude, mas o quarto estava fora dos limites para todos - ele mesmo não tinha permissão para entrar aqui. O *Signore* Cattoretti ficaria furioso se soubesse.

"Oh, não!" disse o Sr. Price. "Parece que algo respingou aqui na esquina". Ele apontou.

Tony se aproximou mais. "Onde?"

De repente, um cano de arma foi enfiado em sua lateral. "Se você se mexer, vou abrir um buraco em você, sua bicha arrogante."

J á passava da meia-noite quando Elaine e Cattoretti deixaram o teatro. A noite inteira tinha sido como um sonho. Após o término da ópera, Cattoretti levou Elaine aos bastidores. Ela conheceu Andrea Bocelli e outros membros do elenco pessoalmente. Foi emocionante conhecê-lo - ele tinha uma presença maior do que a vida, ainda mais do que quando estava no palco.

Elaine já tinha ido à ópera antes, em Washington, e as apresentações foram emocionantes, mas nada se comparava ao que ela havia presenciado naquela noite. Ver *Madame Butterfly* no La Scala, o mesmo teatro onde a obra-prima de Puccini havia estreado há mais de cem anos, e com um elenco formado por alguns dos melhores artistas do mundo, foi uma experiência que ela jamais esqueceria.

Quando o Rolls Royce virou na estrada que levava ao Castello Fontanella, Cattoretti estava segurando a mão dela, acariciando-a, ainda falando sobre a ópera. Ela sabia que ele queria dormir com ela esta noite - era óbvio. Ela se perguntou se ele considerava isso "parte do acordo". E imaginou o que aconteceria se ela resistisse.

"Você já morou nos Estados Unidos?" perguntou Elaine, curiosa.

Cattoretti levantou uma sobrancelha. "Sim, eu disse. Por quê?"

"Seu inglês", disse ela. "É perfeito."

"Obrigado, *Cara*. Mas prefiro não falar sobre meu tempo nos Estados Unidos." Ele tocou distraidamente a cicatriz em sua bochecha. "Foi há muito tempo, e agora sou uma pessoa diferente."

Ao virarem na entrada da garagem, ele apertou a mão dela e disse: "Antes de seguirmos em frente com nosso plano, há um entendimento que precisamos ter entre nós".

"O que é isso?", disse ela, inquieta.

Cattoretti virou-se e olhou-a nos olhos. "Você deve me revelar todos os defeitos que vê no meu dinheiro, Elaine. Cada erro."

"É claro que sim", disse ela.

"Nada de se conter, como você fez hoje."

"Não", disse ela, balançando a cabeça.

"Bom." Cattoretti sorriu e acariciou a mão dela. "Eu consideraria qualquer coisa menos que isso uma traição."

QUANDO O ROLLS ROYCE passou pela guarita, Cattoretti virou-se bruscamente e olhou para ela. Não havia ninguém lá dentro. O portão da frente estava totalmente aberto.

Cattoretti disse algo ao motorista, preocupado. Houve uma breve troca de palavras. Cattoretti parecia irritado.

Quando o carro parou no pátio, Tony saiu correndo pela porta da cozinha, com o rosto branco como giz. Cattoretti saiu do carro. Tony estava falando rapidamente em italiano, acenando com as mãos, pedindo desculpas por alguma coisa. Ele parecia apavorado. Elaine não conseguia entender uma palavra.

Cattoretti passou por ele e entrou no castelo.

"O que aconteceu?" Elaine perguntou a Tony.

"Oh, Tony está em uma grande enrascada! Tony in *molto* trouble!" Ele voltou correndo para a cozinha, torcendo as mãos.

Elaine encontrou Cattoretti no Salão Principal, gritando com seu filho. Luigi estava olhando para o chão, envergonhado.

"*Sciocco!*" Cattoretti gritou e lhe deu um tapa. "*Perchè non mi avete telefonato?*"

Luigi disse algo para se defender. Cattoretti tirou o celular do bolso. Elaine se lembrou de que ele o havia desligado quando a ópera começou, mas não o havia tirado do bolso desde então.

Tão furioso que nem viu Elaine, ele se virou e subiu a escada de mármore, deixando seu filho parado com as bochechas vermelhas.

Elaine começou a perguntar a Luigi o que havia acontecido, mas quando viu a expressão dele, mudou de ideia.

Ela subiu as escadas lentamente e entrou com cautela no quarto de Cattoretti. Ela não o tinha visto antes, pois a porta estava fechada quando Tony lhe mostrara o castelo. Todos os móveis do quarto estavam revirados, com gavetas espalhadas por toda parte.

Cattoretti estava parado em frente à porta aberta de um cofre de parede. Havia maços de dinheiro lá dentro - ele estava contando tudo.

"*Merda!*", ele sibilou. Ele fechou a pesada porta de ferro.

"O que aconteceu?" disse Elaine.

Cattoretti se virou, com os olhos fervilhando de raiva. "Ele pegou seu dinheiro, foi isso que aconteceu! Oito milhões de euros, porra!"

"Quem o levou?" disse Elaine, atônita.

"Gene Lassiter!"

Elaine ficou chocada e olhou ao redor da sala. Lassiter havia entrado no castelo?

"Mas... como?"

"Aquele idiota do Tony o deixou entrar aqui", disse Cattoretti, passando a mão pelos cabelos. "Eu... eu não posso acreditar - ele entrou na minha casa e saiu com milhões!"

Elaine olhou de volta para o cofre. "Mas como ele abriu..."

"Eu guardo a maldita combinação em um pedaço de papel sob a gaveta da escrivaninha. Sou mais idiota do que meu filho." Ele passou a mão pelo cabelo novamente. "Nunca pensei que alguém pudesse passar por todos os..." Com a boca ainda aberta, ele olhou desconfiado para Elaine. "Como Lassiter me encontrou?"

Ela se afastou um pouco. Não gostou do brilho no olhar dele.

"Não tenho ideia de como ele encontrou você."

"Para me encontrar, ele deve ter encontrado *você*."

O braço de Cattoretti se esticou e agarrou o pulso dela. "Como ele sabia onde você estava?"

"Você está me machucando", disse Elaine, soltando o braço.

Cattoretti continuou olhando para ela, mas de repente sua expressão mudou. "Sua mala!"

Ele saiu rapidamente da sala e desceu as escadas. Elaine o seguiu, mas ficou para trás o suficiente para ficar fora do alcance dele. Ele atravessou o andar térreo e subiu para a Torre Leste, até o quarto.

Olhando ao redor do quarto, ele viu a mala dela. Ele a pegou e a jogou sobre a cama, depois começou a remexer nela, abrindo os bolsos, retirando

itens com força e jogando-os para um lado e para o outro. O pequeno peru de corda que Nick havia lhe dado caiu no chão de pedra.

"O que está procurando?" disse Elaine, pegando-a.

Cattoretti encontrou algo no forro. Pegando um canivete, ele fez um pequeno corte no tecido. O objeto era uma pequena caixa preta do tamanho de um pequeno estojo de maquiagem.

"O que é isso?" disse Elaine.

"Um rastreador GPS", disse ele, olhando atentamente para ela. Ele o deixou cair no chão de pedra e depois pisou nele com o calcanhar. Ele se despedaçou, com os componentes eletrônicos se espalhando pelas pedras.

Ele olhou para ela com ar de acusação.

"Eu não fazia ideia de que estava lá", disse Elaine. "Lassiter deve tê-la escondido lá quando colocou a chave de dados em minha mala."

Cattoretti apenas a encarou, respirando com dificuldade, o ar assobiando em suas narinas.

"Você acha - você acha que eu realmente estaria em *conluio* com Gene Lassiter?"

Cattoretti a encarou por mais um momento e, de repente, sua raiva se dissipou. "Não, claro que não." Ele a alcançou, e ela se encolheu.

"Não vou machucá-la", disse ele, tocando gentilmente a parte superior do braço dela.

Elaine engoliu. Ela não havia percebido o medo que estava sentindo.

Ele passou a mão pelo cabelo novamente. "É que eu nunca tive ninguém que entrasse em minha própria casa antes e fizesse algo assim..." Ele olhou para a janela. "Isso me faz sentir como se toda a minha segurança aqui fosse uma piada! Jesus Cristo, para que eu pago essas pessoas? E aquele maldito Tony..."

"Tenho certeza de que não foi culpa do Tony."

Cattoretti olhou para ela novamente e suspirou. "Não, é claro que você está certa. A culpa não é do Tony, ele é como uma criança." Cattoretti olhou para sua mão - ela ainda estava segurando o pequeno peru de corda. Um dos pés de plástico havia se quebrado.

Ele a pegou, mas ela a afastou.

"Valor sentimental?", perguntou ele, quando ela olhou de volta para ele.

"Sim." Por alguma razão, ela não queria que ele a tocasse.

Depois que ele saiu do quarto, ela olhou para o colar Chopard na cômoda e depois para o pequeno dispositivo em sua mão. Era irônico,

pensou ela, que um brinquedo quebrado que um órfão provavelmente jogaria fora significasse mais do que todos os presentes caros do mundo.

QUANDO CATTORETTI VOLTOU para o andar de baixo, serviu-se de um conhaque para acalmar os nervos. Tirou um charuto cubano do umidor no Salão Principal, saiu e deu um passeio lento pelo pátio, como fazia sempre antes de ir para a cama. O ar fresco o relaxou e clareou sua mente.

Ele parou perto do poço de água, olhando para a janela da Torre Leste, onde Elaine Brogan estava dormindo.

Você já morou nos Estados Unidos? ela perguntou.

Giorgio Cattoretti tocou distraidamente a cicatriz em seu rosto e se lembrou de quando decidiu se mudar para os Estados Unidos.

Cattoretti cresceu na seção Cinecittà ou "Cidade do Cinema" de Roma, onde se localizava a indústria cinematográfica italiana. Embora Frederico Fellini e seus colegas possam ter feito suas obras-primas em Cinecittà, não havia nada de glamouroso no subúrbio. Giorgio cresceu em um apartamento microscópico de dois cômodos que abrigava seus pais e seus quatro irmãos e irmãs. Seu pai era pedreiro e sua mãe trabalhava em uma fábrica de calçados.

Giorgio era o mais velho. Aos treze anos, ele estava perambulando pelas ruas, tentando desesperadamente encontrar uma saída, qualquer saída.

Em uma tarde quente de verão, ele entrou pela porta lateral de um cinema com ar-condicionado, apenas para fugir do calor. O que ele viu na grande tela de cinema por acaso, naquela tarde abafada, mudou sua vida para sempre. O filme era *O Poderoso Chefão*. Tinha acabado de tomar a Itália de assalto. É claro que Giorgio já havia assistido a muitos filmes de gângsteres, mas o esplendor com que a fictícia família Corleone prosperava nos Estados Unidos deixou Giorgio totalmente impressionado. Para o jovem e impressionável italiano, os personagens da história eram todos pessoas reais - Michael, Sonny, Fredo e Don Vito - vivendo vidas emocionantes, perigosas e fascinantes na cidade de Nova York... a completa antítese do futuro sem esperança que Cattoretti via à sua frente.

Giorgio assistiu ao filme um total de dezesseis vezes, até que o gerente o pegou e ameaçou entregá-lo à polícia. Ele ficou obcecado pelos americanos e por tudo o que era americano. Começou a ler tudo o que podia encontrar sobre os Estados Unidos e logo compreendeu completamente o

conceito do onipresente sonho americano. Parecia que qualquer pessoa poderia ir para "a terra dos livres" - qualquer pessoa de qualquer raça, credo ou cultura - e se tornar o que quisesse ser. Não havia limites. Não havia limites.

Isso fez com que ele se empenhasse na escola, principalmente nas aulas de inglês, com a vaga ideia de se mudar para os EUA quando terminasse o curso e se destacar.

Ele começou a imitar os americanos, a se vestir como eles, a imitar seus vários sotaques regionais - Texas, Nova York, Meio-Oeste. Assistiu a filmes e programas de TV americanos, até mesmo a novelas, prestando muita atenção a cada detalhe. Ele absorvia tudo como uma esponja e dizia a si mesmo que tudo o que aprendia poderia ser útil no futuro, quando ele fosse para os EUA.

Giorgio aceitou qualquer emprego de meio período que pudesse conseguir e começou a economizar dinheiro para alcançar sua ambição. Ele lavava pratos, entregava mantimentos e varria o chão. De vez em quando, ele tinha a sorte de conseguir um emprego como figurante em um filme que estava filmando uma cena externa em Cinecittà. Um deles era um filme de Fellini, e ele chegou a conhecer o próprio Federico Fellini, por um breve instante. Havia uma pilha de pôsteres de filmes por perto, e Giorgio pegou um deles e pediu ao diretor que o autografasse para ele. O pôster se tornou o bem mais precioso de Cattoretti.

A única coisa em que gastava dinheiro era em roupas. Ele se via como uma versão mais jovem de Michael Corleone - na verdade, seus amigos diziam que ele preferia Al Pacino, com seu corpo esguio e boa aparência morena.

"Você se veste como um gangster", dizia a mãe dele com frequência.

"Eu me visto como um americano, mamãe".

"Americano, americano, americano", murmurou ela, com as mãos nos quadris largos. "Você poderia me explicar o que há de errado em ser italiano?"

Giorgio olhava para ela impotente. Ela simplesmente não entendia.

SEMPRE QUE PODIA, ele pegava o ônibus para a região ultra chique da Via Veneto para observar todas as mulheres bonitas e bem vestidas. Ele encontrava um lugar privilegiado no Gran Caffè Doney ou no Caffè Busse e

pedia um único Negroni, bebendo-o o mais lentamente possível, observando a ação até que um dos garçons finalmente o expulsasse.

As mulheres que ele viu lá eram incríveis. Vestidas com as últimas tendências da moda de Milão, elas andavam para cima e para baixo na rua, conversando entre si em tom reservado, olhando as vitrines ou sentadas nas mesas ao ar livre para tomar cappuccinos, com as pernas longas e bem cuidadas cruzadas com recato - mulheres de todo o mundo, as mais belas, ricas e bem-educadas que se possa imaginar. Ele adorava inalar a fragrância combinada delas.

O aroma inebriante e doce da *classe*...

Giorgio sabia que não era nada para esses espécimes femininos requintados, apenas um adolescente desalinhado com um maxilar quadrado, olhos escuros e um rosto agradável. Ele sempre olhava para elas e, às vezes, havia um instante fugaz de contato visual provocante, mas, no segundo seguinte, elas notavam o resto dele, sua jaqueta barata de abotoamento duplo e sapatos bicudos, e desviavam o olhar como se ele fosse mais baixo do que a própria sujeira.

Ele garantiu a si mesmo que um dia, depois que se mudasse para os Estados Unidos e construísse seu império, teria dezenas de mulheres assim. Ele se casaria com uma delas e teria filhos com ela, e depois manteria mais três ou quatro como amantes, como Michael Corleone. Ele seria tão rico, tão bonito e tão mundano que essas mulheres seriam quase descartáveis para ele, como cigarros. Fume e jogue a bituca fora.

QUANDO GIORGIO TINHA DEZESSETE ANOS, seu sonho finalmente começou a se materializar.

Um tio que havia imigrado para os EUA voltou a Cinecittà para uma breve visita. Silvio Lombardi era um homem com cara de furão e barrigudo que havia crescido em um vilarejo perto de Pescara. Giorgio o conhecia apenas como tio Silvio. Ele havia entrado ilegalmente nos EUA e era dono de uma espécie de empresa de importação em Manhattan. Giorgio tinha certeza de que o negócio era um disfarce e que o tio Silvio era um mafioso tão grande quanto Don Corleone. Ele usava ternos de risca de giz com abotoaduras de ouro e fumava charutos grossos. Ele só podia ser da máfia.

Silvio imediatamente se afeiçãoou a Giorgio, que só se dirigia a ele em inglês.

"Então, você gosta dos Estados Unidos, Giorgio?", disse ele um dia, fumando um charuto.

"Claro que sim. Eu daria tudo para ir até lá!"

"Você fala um inglês quase tão bom quanto o meu. Como você fala um inglês tão bom?"

Giorgio deu de ombros. "Cinema."

Silvio o avaliou. "Você mesmo encontra o caminho para a América, eu o ajudo quando você chegar lá. Eu lhe dou um emprego." Ele tirou uma caixa prateada fina de seu paletó esportivo e entregou a Giorgio um cartão de visita.

Silvio nunca esperou ver seu jovem e inquieto sobrinho novamente.

Ele havia subestimado muito Giorgio Cattoretti.

TRÊS MESES DEPOIS, Giorgio estava na porta do pequeno e esqualido apartamento de sua família em Cinecittà, com uma mala rasgada na mão. Sua mãe e seu pai estavam sentados no sofá, assistindo à TV.

Imitando Michael Corleone, ele disse em inglês: "O tio Silvio me fez uma oferta irrecusável".

Sua mãe e seu pai se entreolharam sem saber o que fazer.

Nenhum deles entendia uma palavra de inglês.

O NAVIO DE CARGA, chamado *Bianca*, estava atracado em Trieste. Cattoretti não só teve que pagar ao capitão o equivalente a mil dólares em liras pelo privilégio de ser clandestino, como também deveria trabalhar junto com a outra tripulação do convés a bordo do navio envelhecido enquanto ele estivesse em alto mar.

O navio partiu no início da manhã. Com os olhos secos, Giorgio observou a costa italiana deslizar enquanto o enorme navio porta-contêineres seguia para o sul pelo Mar Adriático, ao redor da ponta da "bota" do sul da Itália.

"Boa viagem", ele murmurou para si mesmo, enquanto o último vislumbre de sua pátria afundava nas águas azul-esverdeadas cintilantes do Mediterrâneo.

O *BIANCA* LEVAVA uma tripulação internacional de fuzileiros navais mercantes e, para a alegria de Cattoretti, todos se comunicavam em inglês.

O capitão designou um jovem sueco de cabelos loiros e musculoso chamado Anders para mostrar a Cattoretti o caminho a seguir. E Anders o fez, literalmente.

No primeiro dia, ele ensinou seu jovem aprendiz a fazer vários dos nós de marinheiro mais comuns - o recife, o engate de madeira, a bolina e a curva do lençol. Cattoretti achava o trabalho no convés exaustivo - pintar, emendar linhas quebradas, limpar - mas adorava cada minuto.

Cattoretti achou fascinante o navio de contêineres e todos os equipamentos. Ele fez inúmeras perguntas a Anders sobre o assunto. O sueco estava entusiasmado com sua vocação e muito feliz em responder - ele era um marinheiro comum que trabalhava diligentemente para obter seu certificado de Able Seaman e esperava ser capitão de navio algum dia.

"Qual é o tamanho desse navio em comparação com outros navios porta-contêineres?" perguntou Giorgio.

"Relativamente pequeno. O *Bianca* tem um comprimento de cento e sessenta e dois metros, uma largura de vinte e três metros e um TEU de mil e cem..."

"O que é TEU?"

"Unidade equivalente a uma tonelada. Um contêiner padrão de quarenta pés equivale a dois TEUs. O que significa que este navio pode conter cerca de quinhentos e cinquenta contêineres."

No final da viagem de uma semana, o cérebro de Cattoretti estava transbordando de informações detalhadas sobre o navio e sua operação. Ele arquivou tudo em sua cabeça - poderia ser útil mais tarde.

Uma noite, enquanto olhavam para a água escura, Anders disse: "Então, Giorgio, algum dia você pretende trabalhar a bordo de um navio de contêineres?"

"Não", disse Cattoretti. "Estou planejando ter uma frota inteira deles."

AO SE APROXIMAREM da costa leste dos EUA, eles se depararam com uma terrível tempestade. O *Bianca* foi sacudido como uma rolha durante toda a noite. Cattoretti ficou mortalmente doente e vomitou várias vezes em um balde de aço.

A tempestade finalmente cessou ao amanhecer, e as águas finalmente se acalmaram.

Giorgio levou o balde para o convés para esvaziá-lo no mar. Quando ele se dirigiu à popa do navio, notou que alguns cabos de aço estavam passando

do topo da pilha de contêineres mais recuada para a água. Os cabos estavam esticados, vibrando de vez em quando.

Cattoretti olhou para cima e viu que havia uma lacuna na pilha de contêineres - um deles estava faltando.

Ele subiu de volta à proa e contou a Anders.

"Contêiner ao mar!" Anders gritou: "Contêiner ao mar!"

O capitão parou o grande navio. Usando o guindaste, a tripulação levou mais de uma hora para colocar a caixa retangular de ferro de volta a bordo e prendê-la no lugar.

"Ainda bem que você notou", disse Anders, quando estavam novamente em movimento. "Poderíamos ter arrastado essa maldita coisa pela água até Nova York."

"Ninguém teria sentido o arrasto no navio?" disse Cattoretti.

"Está brincando? O motor dessa embarcação é tão potente que o arrasto seria insignificante."

QUANDO O *BIANCA* entrou no porto de Nova York, Giorgio subiu em seu esconderijo apertado, atrás de uma parede falsa em um compartimento de armazenamento de âncoras.

Quando passaram pela Governor's Island, Giorgio conseguiu espiar por uma vigia e vislumbrar a Estátua da Liberdade.

A visão do monumento que ele havia visto tantas vezes em fotos lhe causou arrepios. *Dêem-me seus cansados, seus pobres, suas massas amontoadas...*

Giorgio pode ter sido pobre, mas não estava cansado, nem fazia parte de nenhuma "massa amontoadas". Ele estava destinado a grandes coisas. Os Estados Unidos da América - a terra das oportunidades - iriam lhe dar essas coisas.

Em breve, ele sairia do navio e pisaria na América.

Em breve, ele seria um americano.

O tio Silvio ficou chocado quando Cattoretti apareceu na porta de sua casa, mas manteve sua promessa e acolheu o sobrinho. Ele deixou Giorgio dormir no sofá da sala de estar de seu apartamento bagunçado. Ele providenciou uma certidão de nascimento e uma carteira de motorista falsas para seu jovem parente surpreendentemente habilidoso.

Cattoretti logo aprendeu que seu tio barrigudo não era Don Corleone, apenas um criminoso de segunda categoria entre milhares na metrópole de Nova York. Silvio gostava de "um pouco disso, um pouco daquilo". Ele vendia relógios Rolex falsos, operava um pequeno serviço de acompanhantes no apartamento, fornecia "atrizes e atores" para um pequeno produtor de filmes pornográficos, traficava um pouco de cocaína e, ultimamente, havia se "diversificado" na fabricação de documentos falsos, como diplomas universitários e cartões da Previdência Social.

Sempre havia uma garota hospedada no apartamento. Quando Cattoretti chegou, era uma loira alvejante que se chamava "Fantasia". Ela participava de um dos filmes que Silvio estava produzindo. Tinha uma grande tatuagem na parte inferior das costas, marcas de agulha nos braços e seios de silicone do tamanho de bolas de basquete.

Certa noite, Cattoretti acordou com ela ajoelhada ao lado do sofá, Tateando sob o cobertor em busca de seu pênis. Quando ela o tocou, ele ofegou e, apesar de seus esforços, ficou ereto. Quando se deu conta, a garota estava agachada na frente dele, fazendo-lhe um boquete.

Em meio a tudo isso, Silvio abriu a porta do quarto e passou com seu roupão de banho e chinelos surrados. Ele apenas olhou para elas e

continuou até a cozinha.

Um momento depois, ele voltou, comendo um sanduíche de pastrami. Ele fez uma pausa, observando como se estivesse distraído com algo ligeiramente interessante na televisão. Depois de um momento, voltou para o quarto e fechou a porta.

Cattoretti se revirou no sofá a noite toda, imaginando o que seu tio faria com ele na manhã seguinte.

Para sua surpresa, quando foi à cozinha tomar o café da manhã, Silvio colocou uma xícara de café à sua frente e deu uma risadinha. "Você está pendurado como um cavalo, Giorgio. Quer participar de um dos meus filmes pornôs?"

GIORGIO CATTORETTI não estava interessado em ser um astro pornô. Ele queria se tornar um mafioso rico e poderoso, como os personagens de *O Poderoso Chefão*.

Ele começou vendendo relógios falsos para seu tio. Silvio havia conquistado uma humilde fatia do negócio de falsificação de Rolex na parte baixa de Manhattan, mas a máfia estava entrando no mesmo mercado. As coisas estavam começando a esquentar. Silvio havia passado vários anos desenvolvendo sua própria fonte para o produto, dois nervosos importadores taiwaneses que recebiam os relógios falsificados diretamente do Extremo Oriente.

Giorgio era muito bom em recrutar novos vendedores e treiná-los para vender os relógios na rua.

Seu problema era que não conseguiam trazer quantidades grandes o suficiente para competir com a máfia. A máfia controlava todas as docas da região de Nova York. No momento, Silvio e seus parceiros taiwaneses estavam pagando pessoas para contrabandear os relógios para o país em voos comerciais, dentro de malas.

Certa noite, quando todos estavam jantando em um restaurante italiano, Cattoretti disse: "Por que você não traz um contêiner inteiro deles?"

"Como passamos pelo costume?", disse um dos taiwaneses. "Você é mesmo um menino-gênio."

"Calma." Giorgio se lembrou da experiência que tivera na viagem de volta. "Você pode arrastar um contêiner atrás do navio."

Todos os homens riram. "De que diabos você está falando? Arraste o contêiner para trás do navio. Você bebeu uísque demais, rapaz!"

Todos riram novamente.

Tirando uma caneta do bolso, Giorgio pegou um guardanapo e começou a fazer um esboço. "Se você construir um contêiner como esse, com laterais cônicas, poderá transportá-lo atrás do navio. Então, quando o navio chegar ao porto de Nova York, você poderá pegar o contêiner com um barco a motor e levá-lo para outro lugar para descarregá-lo."

Os três homens olharam uns para os outros.

Eles não estavam mais rindo.

OS IMPORTADORES MANDARAM FABRICAR o contêiner submersível especial em Taiwan. Totalmente à prova d'água e soldado com chapas de ferro, ele era cônico em ambas as extremidades para reduzir o arrasto ao mínimo. Havia uma única escotilha selada usada para carga e descarga. Parecia um enorme charuto cinza.

A primeira viagem de Taiwan ocorreu sem problemas. O navio porta-contêineres arrastou o "charuto" para o porto, e Silvio e Cattoretti o pegaram facilmente passando por trás do navio em uma grande lancha alugada.

Eles transportaram o contêiner para um local remoto na costa de Jersey e, em seguida, transferiram toda a mercadoria para um caminhão que os aguardava. O contêiner foi enchido com água e afundado, com o local marcado com uma pequena boia de pesca. Mais tarde, ele foi arrastado de volta para Taiwan atrás do mesmo barco e usado novamente.

Em poucos meses, o negócio de falsificação de Rolex de Silvio estava prosperando. Ele estava ganhando mais dinheiro com isso do que com todos os seus outros negócios juntos.

"Você está se saindo bem, Giorgio", disse ele. "Vou fazer de você um sócio."

Passaram-se mais alguns meses, e Giorgio logo entendeu que Silvio não tinha intenção de torná-lo sócio.

E Cattoretti não tinha intenção de desperdiçar mais ideias brilhantes com seu tio ganancioso e ingrato.

DUAS NOITES antes da chegada de um novo carregamento a Nova York, Cattoretti carregou deliberadamente uma pequena caixa de relógios na Times Square, que ele sabia ser controlada pela máfia. Não demorou muito para que ele sentisse uma mão agarrá-lo pela parte de trás do colarinho. Ele

foi arrastado para um beco e jogado contra uma parede de tijolos, com a mão segurando-o pela garganta. A caixa caiu no chão, com alguns dos relógios se espalhando pela calçada.

"Que porra você pensa que está fazendo?", disse o homem. Ele tinha o rosto de um buldogue.

"Quero fazer um acordo com seu chefe", grunhiu Cattoretti. "Tenho algo para vender."

O buldogue riu, mandando seu hálito de alho para o rosto de Cattoretti.

"Eu sei onde você pode conseguir um contêiner inteiro de Rolex falsos."

O bandido deixou Cattoretti deslizar pela parede até que seus pés tocassem a calçada. Ele pegou um dos relógios. Era um modelo novo, que nunca havia sido vendido em Nova York antes - uma cópia de um Rolex Sea Dweller.

Ele levantou uma sobrancelha e olhou para Cattoretti.

MEIA HORA DEPOIS, Cattoretti entrou em um armazém abandonado no distrito de vestuário.

"Para baixo", disse o homem com cara de buldogue, empurrando Cattoretti para uma cadeira que estava presa ao chão.

Não havia nada na sala mofada além de uma mesa de madeira frágil e algumas cadeiras dobráveis. Garrafas de cerveja e bitucas de cigarro estavam espalhadas pelo concreto. Havia manchas escuras e pegajosas que poderiam ser sangue seco. Cattoretti tentou não olhar para elas.

Um homem alto, de pele cor de oliva, entrou na sala, com um casaco de lã de aparência cara enrolado nos ombros. Ele usava luvas de couro preto e fumava um charuto longo e fino.

Ele soltou uma baforada de fumaça, avaliando o jovem italiano.

Esse cara é o cara de verdade, pensou Cattoretti. Ele tinha a sensação de que se tratava de Joey Russo, um poderoso chefe da máfia que tinha uma grande participação no comércio de Rolex falsos.

"Vito me disse que você sabe algo sobre um contêiner de relógios e quer fazer algum tipo de negócio."

"É isso mesmo", disse Cattoretti.

Ele riu. "Você tem coragem, garoto, isso eu admito. Um punk como você, querendo fazer um acordo com Joey Russo. Ele não tem coragem,

Vito?" Ele fez um gesto com a mão. "Tem bolas como a porra de um garanhão."

Vito deu uma risadinha.

Russo pegou um dos Rolexes falsos e o inspecionou, girando-o para frente e para trás sob a lâmpada. "Nada mal. Onde estão os outros?"

"Eu lhe venderei essa informação."

Russo começou a rir, revelando dentes finos, como os de uma barracuda. "Você fala merda, garoto. Sabe como eu sei que você fala merda? Porque eu tenho meu dedo em todos os canais de importação de Nova York. Não é possível que um contêiner inteiro de relógios chegue sem que eu saiba."

"Está chegando", disse Cattoretti.

"Sim?" Russo olhou novamente para o relógio.

Cattoretti permaneceu em silêncio.

Vito o agarrou pelo colarinho, mas Russo o impediu.

"Quanto você quer por essa informação, garoto?"

"Cinco mil. Metade adiantado e metade depois que você receber os relógios."

Russo olhou para Vito, depois estudou o rosto jovem e determinado de Cattoretti por um momento, fumando seu charuto. Ele sacou sua carteira.

"Chefe, acho que não..."

"Eu não pago para você pensar, Vito."

Russo contou vinte e cinco notas de cem dólares e as entregou.

Cattoretti guardou o dinheiro no bolso, olhando nervosamente para os dois homens. "Leve-me a um lugar público. Eu lhe direi onde você pode pegar os relógios."

ELES LEVARAM Cattoretti a um restaurante italiano no Lower East Side, e ele lhes contou a rota que o caminhão seguiria depois de carregado na costa de Jersey. Ele não lhes disse como os relógios foram trazidos de Taiwan. Quando Russo perguntou, ele disse que não sabia. Ele estava guardando isso para mais tarde.

Cattoretti usou o dinheiro para se hospedar em um hotel decente no centro da cidade, onde foi continuamente vigiado. Na manhã seguinte, ele foi às compras e comprou um terno sob medida, muito parecido com o que Joey Russo usava.

Ele era seguido em todos os lugares que ia.

POR VOLTA das onze horas da noite seguinte, os homens de Russo pararam o caminhão de Silvio e o sequestraram, deixando Silvio e dois de seus ajudantes atordoados na rua.

Naquela noite, Joey Russo esperou que o outro sapato caísse. Ele não sabia qual das outras famílias de Nova York ele havia atingido, mas sabia que elas iriam retaliar.

Não aconteceu nada.

"PARA QUEM ESSE GAROTO TRABALHA, PORRA?" disse Russo, olhando de um rosto para outro. Vito e vários de seus outros homens estavam sentados em seu escritório.

"Ele não trabalha para a Conti, eu verifiquei", disse Vito.

"Para Morella, também não. Eu conheço cada um de seus homens."

"Então quem?" disse Russo. "Talvez uma das famílias de Vegas esteja comandando isso?"

"Não", disse Vito. "Eles não vendem relógios chinocas."

Joey Russo e seus homens estavam perplexos. O caminhão carregado de relógios que eles haviam roubado parecia ter caído do céu.

NO DIA SEGUINTE, ele e Vito foram até o quarto de hotel de Cattoretti. Eles não bateram na porta.

"Belas linhas, garoto", disse Russo, entregando-lhe os vinte e cinco mil dólares restantes e admirando o novo terno. "Com a minha ajuda, você pode ir longe. Agora, vai me dizer para quem trabalha? Não é para uma das gangues aqui de Manhattan, eu sei disso com certeza."

Cattoretti não disse nada. Ele e seu tio eram tão pequenos e tão desconhecidos que, no esquema geral das coisas, eram anônimos. Nesse caso, sua insignificância estava trabalhando a seu favor.

Russo fez sinal para ele. "Certo, e quanto aos relógios? Vai me dizer como eles entraram aqui?"

"Já lhe disse que não sei", disse Cattoretti. A ideia do contrabando de contêineres submersíveis era valiosa demais para ser entregue de graça. Ele planejava vendê-la para eles também, assim como as informações sobre o caminhão. Mas por um preço muito mais alto. "Talvez eu consiga descobrir se vocês se afastarem e me derem um pouco de espaço para respirar. Acho que eles estão usando um novo método de contrabando."

Russo e Vito se entreolharam.

"'Novo método'? O que você quer dizer com isso?"

Cattoretti deu de ombros. "Algo inteligente que nunca foi feito antes. Algo a ver com navios porta-contêineres."

Russo olhou para Vito. "Você acredita nesse garoto?" Ele fez um sinal para Cattoretti. "Uma barata nem sequer peida nessas docas sem que eu saiba. Na verdade, elas pedem permissão. Estou certo, Vito?"

"Eles pedem permissão", disse Vito.

"Então, quando você fala sobre algum 'novo método', você está falando merda, garoto."

"Eu estava certo sobre o caminhão, não estava?"

Joey Russo suspirou, olhando para seu companheiro. "Muito bem, garoto, você venceu. Vamos lá, Vito, vamos lhe dar um pouco de espaço para respirar."

GIORGIO CATTORETTI PASSOU alguns dias estressantes tentando descobrir o que fazer. Ele sabia que estava em uma situação difícil. Ele não tinha um plano. O fato era que ele não tinha ideia do que estava fazendo. O dinheiro que lhe fora pago não duraria muito mais tempo. Seu tio estava atrás dele por tê-lo vendido a Russo. E era apenas uma questão de tempo até que Russo descobrisse quem era Silvio - um zé-ninguém. Então Cattoretti sabia que estaria em sérios apuros. Eles iriam arrancar dele as informações sobre o contêiner submersível e provavelmente o matariam. E a Silvio também.

Ele decidiu falar com Russo novamente.

"Mudei de ideia", disse ele, depois de ser revistado e conduzido ao escritório de Russo.

O gângster levantou-se lentamente de sua mesa. "Do que está falando? Nós tínhamos um acordo".

"Ainda temos um acordo. Mas não quero ser pago com dinheiro."

"Com o que você quer ser pago?" disse Russo, desconfiado.

"Quero um emprego em sua organização. Um bom emprego."

Russo e Vito se entreolharam.

"Também não é um bagageiro. Algo importante."

Russo o estudou por um momento, depois saiu de trás de sua mesa. O pulso de Cattoretti se acelerou.

Russo colocou calorosamente um braço ao redor de seu ombro.

"Estou lisonjeado, garoto, por você querer vir trabalhar para mim." Ele olhou para Vito. "Faz com que eu me sinta um modelo a seguir". Ele deu

um tapinha nas costas de Cattoretti. "Se você me der as informações que estou esperando, terei prazer em encontrar um lugar para você na minha organização. Temos muitas vagas. Certo, Vito?"

"Bem, sim, claro, chefe."

QUANDO CATTORETTI SAIU, Vito disse: "Por que você disse isso a ele?"

Russo deu de ombros. "Mantenha-o motivado."

UMA HORA depois que Cattoretti saiu, um dos homens de Russo entrou no escritório.

"Descobri quem é o garoto."

"Quem?"

"O nome é Giorgio Cattoretti. Eu o localizei por meio de um cara que faz carteiras de motorista falsas. Ele trabalha para seu tio, um cara chamado Silvio Lombardi."

"Silvio Lombardi? Nunca ouvi falar dele."

"Isso não é uma surpresa. O cara não é ninguém. Faz filmes pornô, tem um serviço de acompanhantes no Lower East Side. Ele não é nada, chefe."

Russo deu uma baforada em seu charuto, pensando.

NO DIA SEGUINTE, quando Cattoretti voltou ao hotel após o jantar, notou dois homens bem arrumados e de terno sentados no saguão.

Quando ele entrou no elevador, ambos se levantaram de suas cadeiras e foram em sua direção.

Enquanto o elevador subia para o terceiro andar, seu coração batia furiosamente. Com um pouco de sorte, ele poderia fugir descendo pela escada de incêndio de seu quarto.

Quando ele saiu do elevador e destrancou a porta, encontrou mais dois homens esperando por ele.

Havia uma bolsa na cama que ele nunca tinha visto antes, bem aberta. Cinco Rolex Sea Dwellers falsos estavam nela, ainda em suas caixas.

Silvio. Seu maldito tio o havia incriminado. Quem mais poderia tê-los colocado lá? Ele não tinha outros inimigos em Nova York.

"FBI", disse um dos homens, mostrando um distintivo.

O outro lhe deu um tapinha.

"Você está preso, seu Dago estúpido".

GIORGIO CATTORETTI FOI LEVADO para a delegacia de Midtown North. Ele se viu cercado pelos flancos mais baixos da humanidade: prostitutas, cafetões, traficantes de drogas, assaltantes e suas vítimas.

Ele foi fotografado, teve suas impressões digitais coletadas e foi autuado por dois crimes distintos: tráfico de mercadorias ilegais e violação da lei de imigração dos EUA. Ambos eram crimes. Um sargento da recepção gentilmente o informou que ele poderia pegar uma sentença de até cinco anos de prisão.

Ele não aproveitou seu direito a uma ligação telefônica. Não havia ninguém para telefonar.

Ele foi conduzido à sala de audiências diante de uma juíza de aparência severa. A mulher hispânica olhou para ele do banco como se ele fosse um inseto. Cattoretti ouviu as palavras passarem por ele enquanto ela falava com os agentes de prisão. "O Estado está solicitando-" "-recomendar que a fiança seja estabelecida-" "tráfico de Rolex falsificados-"

O juiz estava lhe fazendo uma pergunta.

"O quê?", disse ele sem graça.

"Eu perguntei se você é representado por um advogado?"

Cattoretti olhou fixamente para a mulher. As palavras não significavam nada para ele. Sua vida havia terminado.

"Você tem um advogado?", disse ela.

"Advogado? Hum, não."

"Então o tribunal indicará um para você. O senhor será mantido na prisão, sob fiança de cem mil dólares". Ela bateu o martelo. "Próximo caso."

Cattoretti não se lembrava de ter sido conduzido à cela.

CATTORETTI MERGULHOU em um estado de total desespero. Apenas oito meses nos Estados Unidos e já havia sido preso! E sem ter a quem recorrer para obter ajuda.

Sua vida foi parar no esgoto.

Na manhã seguinte, bem cedo, a porta da cela se abriu com um estrondo. Cattoretti estava enrolado em sua cama.

Um jovem bem-arrumado, vestindo um terno azul de risca de giz, entrou. Uma pasta estava em uma das mãos e uma pequena cadeira dobrável de metal na outra.

"Olá, Sr. Cattoretti", disse ele, sentando-se. "Sou Stephen Petit, seu advogado nomeado pelo tribunal. Quer me contar o que aconteceu?"

Cattoretti olhou nos olhos do homem. De repente, um instinto de sobrevivência tomou conta dele.

"Ele me forçou a fazer isso", desabafou Cattoretti, à beira das lágrimas.

"Quem o forçou?"

"Meu tio. Ele disse que se eu conseguisse encontrar uma maneira de ir para os Estados Unidos, ele me daria um emprego. Eu não tinha ideia de que ele era um criminoso." Cattoretti começou a falar alto, mas se conteve, fingindo estar envergonhado. "Ele me disse que eu tinha que vender os relógios, ou ele me jogaria na rua."

"Quem é seu tio? Qual é o nome dele?"

Cattoretti enxugou os olhos. Ele hesitou, lembrando-se da *omertà*, o código de silêncio da máfia. Mas Silvio não era da máfia, era apenas um pequeno bandido, um zé-ninguém. "Seu nome é Silvio Lombardi."

STEPHEN PETIT VOLTOU no dia seguinte.

"Seu tio estava limpo", disse ele. "A polícia revistou o apartamento dele e não encontrou nada."

Eu deveria saber que ele estaria preparado, pensou Cattoretti. "Meu tio é uma cobra. Eu nunca deveria ter vindo para os Estados Unidos." Ele começou a chorar novamente.

Petit, com simpatia, colocou a mão no ombro de Cattoretti. "Olhe, você é apenas um jovem que se aproveitou de algo. Já falei com o promotor público. Ele não está interessado em arruinar sua vida - o que lhe interessa é impedir que todos esses Rolex falsos cheguem à cidade. Ele está sob muita pressão do prefeito. É ruim para o turismo - as pessoas compram esses relógios na Times Square, são roubadas e reclamam com a polícia". Ele fez uma pausa. "Se você pudesse dar a eles algo para continuar, algo que os levasse à *origem* desses relógios..."

Cattoretti hesitou. Essa era sua única moeda de troca. "Eu... não tenho certeza."

Petit se inclinou para a frente confidencialmente. "Olhe, eu sei como é com os italianos, Giorgio, com Silvio sendo da família e tudo mais. Mas você precisa cuidar de si mesmo. Os Estados Unidos são um país de cão, especialmente na cidade de Nova York. Se você souber quem está comprando os relógios do seu tio, posso fazer um acordo com o juiz. Você

pode se declarar culpado e sair com seis meses de prisão, e a sentença será suspensa. Você não ficará nem um dia atrás das grades".

Cattoretti não entendia o sistema jurídico americano. Declarar-se culpado parecia perigoso.

"Tem certeza disso?"

"É claro que tenho certeza disso, sou seu advogado. Isso se chama acordo judicial, é feito todos os dias. Você muda sua declaração para culpado e diz de onde vêm os relógios, e fica livre. Ninguém está interessado em punir gente pequena como você - nossas prisões já estão superlotadas". Petit fez sinal para ele. "Você olha o juiz nos olhos e diz que cometeu um erro, que está arrependido, que aprendeu a lição. É a sua primeira vez - isso é tudo o que ele precisa para justificar que você seja liberado com um tapa no pulso."

Cattoretti engoliu.

HAVIA um homem de aparência distinta sentado no banco da sala do tribunal. Ele tinha um rosto robusto e cabelos grossos e penteados. Ele olhou para Cattoretti.

"O tribunal foi informado de que o réu deseja mudar sua alegação de inocente para culpado", disse ele. "Isso está correto?"

"Sim, meritíssimo."

O juiz olhou para os outros. "Todas as partes estão de acordo?"

Stephen Petit assentiu com a cabeça. "Sim, meritíssimo."

"O Estado concorda, meritíssimo", disse o promotor público.

Uma onda de alívio tomou conta de Cattoretti.

O juiz olhou para ele, em silêncio por um longo momento. "Uma das razões pelas quais esta cidade é uma fossa de crime é devido a pessoas como você, vermes que entram no país ilegalmente e depois se aproveitam de nossos bons cidadãos, vendendo-lhes produtos falsificados, drogas e Deus sabe o que mais. Pessoas que desprezam as leis deste grande país. Pessoas que não têm respeito por americanos honestos e decentes". A voz do juiz tremia de justiça. "Há alguns sistemas judiciários que toleram essas pessoas. Em Manhattan, nós as punimos em toda a extensão da lei."

Cattoretti teve uma sensação de pânico. Ele olhou para Stephen Petit, mas o homem apenas ficou parado, com as mãos cruzadas e os olhos fixos no juiz.

"Giorgio Cattoretti, você foi pego em flagrante em um quarto de hotel com mercadorias falsificadas, com a clara intenção de vendê-las. Para fazer de você um exemplo, eu o condeno a cumprir cinco anos na prisão estadual de Attica, Nova York. Depois de pagar sua dívida com a sociedade, você será deportado dos Estados Unidos."

A sala começou a girar. Stephen Petit estava fechando calmamente sua pasta.

"Houve um engano!" Cattoretti gritou, enquanto o oficial de justiça agarrava seu braço. "Meu advogado mentiu para mim... Sou inocente! Fui incriminado pelo meu tio! Fui incriminado!"

Ele foi arrastado para longe aos gritos.

Por um instante, ele vislumbrou o rosto de Joey Russo, que estava de pé no fundo da sala de audiências.

Havia um sorriso no rosto de Russo.

Os homens da Prisão Estadual de Attica disputavam o jovem e belo italiano como cães excitados.

A vida se tornou um inferno para Cattoretti. Nas primeiras semanas, ele foi leiloado todas as noites, como um pedaço de carne de primeira. Ele lutou com unhas e dentes contra os estupradores, teve o nariz quebrado várias vezes, assim como a mandíbula, várias costelas, os dois pulsos... mas é claro que, no final, ele sempre perdia. Quando as coisas se acalmaram, três curadores acabaram compartilhando-o, passando-o de uma cela para outra. A única maneira de manter a sanidade mental era dizer a si mesmo que tinha sorte por não tê-lo matado.

Ele jurou que de alguma forma, algum dia, iria se vingar dos três.

À medida que os dias se transformaram em semanas e as semanas em meses, Cattoretti desenvolveu uma profunda aversão ao governo e ao sistema jurídico americanos. A ideia de que este era um país onde alguém poderia ser submetido a anos de tortura ininterrupta por vender alguns relógios falsos era impensável para ele.

"A Terra dos Livres." "Liberdade e justiça para todos." *Que piada*, pensou ele. Os Estados Unidos eram tão corruptos quanto a Itália, os juízes, advogados e criminosos pagavam uns aos outros. Stephen Petit havia sido comprado por Joey Russo e, pelo que ele sabia, o promotor público também havia sido comprado por Russo.

Um ano depois que Cattoretti foi condenado à prisão, Joey Russo estava trazendo grandes quantidades de heroína para Nova York usando contêineres submersíveis exatamente como o que Cattoretti havia projetado.

GIORGIO CATTORETTI FOI LIBERADO da Attica depois de cumprir dois anos, três meses e oito dias.

Com apenas vinte e dois anos de idade, ele já era um homem destruído. Ele passou pelos procedimentos de deportação em um estado de estupor.

Dessa vez, quando ele viu a Estátua da Liberdade deslizar pelo navio de carga em sua viagem de volta - paga pelo Departamento de Imigração dos EUA - ela parecia estar rindo dele.

Quando Giorgio Cattoretti chegou à Itália, sentiu-se tão derrotado que não suportou encarar sua família ou amigos. Ele não voltou para Cinecittà. Em vez disso, estabeleceu-se em uma seção decadente de Milão. Ele assumiu um cargo de trabalhador braçal em uma fábrica de calçados, como sua lamentável mãe.

Mas Giorgio Cattoretti era um sobrevivente. *O gato sempre cai de pé*, disse a si mesmo.

Em Milão, Cattoretti observou que a Itália estava muito atrás dos EUA no que se refere à venda de produtos falsificados, principalmente imitações de marcas de roupas de estilistas italianos. Ele começou a pensar que poderia conquistar um nicho saudável nesse setor comercial, vivendo no centro do setor de moda mundial. Ele poderia ter acesso a novos designs muito rapidamente e vencer seus concorrentes no mercado.

Cattoretti sabia que, para entrar no ramo de design e produção de roupas falsas, ele precisaria de uma base de operações, um negócio legítimo de algum tipo que pudesse servir de fachada.

Em Attica, ele manteve seus ouvidos abertos. Aprendeu muitas abordagens incomuns para convencer as pessoas a fazer o que você queria que elas fizessem.

Após vários meses de pesquisa, ele restringiu sua escolha a uma empresa em particular, uma gráfica. Ela se chamava DayPrinto, S.p.A. e estava localizada a uma hora de carro a leste de Milão. As instalações incluíam prensas de impressão e um grande departamento de design gráfico, além de muito espaço no porão e no depósito.

Essa empresa era de propriedade de um empresário milanês de 52 anos chamado Reggio Martino. Ele possuía várias outras empresas na área e era um pilar da comunidade.

Ele era perfeito.

TODOS OS DIAS DA SEMANA, das quatro às cinco da tarde, Reggio Martino ia ao mesmo salão de chá na Via Torino, tomava um conhaque e um charuto e lia *Il Giorno*.

Um dia, quando ele saiu pela porta, deu de cara com uma loira carregando uma sacola de compras. Ou melhor, ela esbarrou nele - ela não estava olhando para onde estava indo. Ela caiu na calçada molhada, com tomates e maçãs rolando em todas as direções.

"Signora, a senhora está bem?" disse Reggio, pegando sua mão para ajudá-la a se levantar. "Sinto muito..."

"Meu tornozelo", disse ela, com uma dor de cabeça. Ela olhou para ele com grandes olhos azuis que quase pararam seu coração.

Ele se agachou ao lado dela. Ela não podia ter mais do que dezesseis anos de idade. Mais para quatorze, pensou ele, olhando-a mais de perto.

"Deixe-me ajudá-la a chegar ao meu carro - eu lhe darei uma carona até o hospital." Reggio colocou o braço em volta dela para apoiá-la e a conduziu até seu carro.

"Estou bem, de verdade", disse ela, mas ele abriu a porta e a ajudou a entrar.

"Deixe-me pegar suas compras", disse ele.

Enquanto se curvava sobre a calçada, pegando as frutas e os legumes, ele se perguntava se alguém tinha visto o que havia acontecido, mas, pelo que ele sabia, ninguém estava prestando atenção por causa da chuva.

Quando Reggio entrou no carro, a garota estava inspecionando seu tornozelo fino e delicado. Foi difícil para ele desviar o olhar.

"Não está quebrado", disse ela. "Se você pudesse me levar para casa..."

"Com certeza", disse ele, ligando o motor.

Ela lhe disse onde morava. Enquanto dirigia, ele olhava para ela com frequência, conversando educadamente. Ela era de um pequeno vilarejo na Úmbria, estudou em uma escola de secretariado e dividia um apartamento com a irmã, que era costureira.

"Este é um carro lindo", disse ela, dando uma olhada no interior.

"Obrigado", disse Reggio com orgulho. Era um Lancia 1967. Ele o mantinha em perfeitas condições.

Ela estava massageando o tornozelo novamente, com o cabelo loiro escondendo o rosto jovem. Ela estava deslumbrante. Reggio pediu a Deus que o ajudasse a combater os pensamentos que estava tendo.

Quando chegaram ao bairro dela - uma área degradada no bairro nordeste de Milão - ela o guiou por várias ruas laterais. "É aqui que eu moro", disse ela em voz baixa. Ela parecia envergonhada.

Reggio estacionou em frente ao prédio em mau estado. Ele deu a volta até a porta, segurando as compras enquanto a ajudava a sair. Eles entraram pela entrada suja.

"Moro no quinto andar", disse ela, virando-se para a escada.

"Não há elevador?"

"Não, mas posso ir."

Reggio a ajudou a subir dois degraus, mas era evidente que a pobre garota estava sentindo dores terríveis. Ele se curvou e a pegou em seus braços, tentando não grunhir.

"Você é muito forte", disse ela suavemente, colocando as mãos em volta do pescoço dele.

Reggio sorriu. Ele tentou não demonstrar a tensão enquanto a carregava escada após escada. O doce perfume dela fazia cócegas em suas narinas, provocando novamente os pensamentos perturbadores, mas excitantes. Sempre que ele olhava para o rosto dela, parecia que havia um olhar sonhador em seus olhos azuis claros.

Ele sentiu que estava tendo uma ereção. Ele se odiou por isso - ela era uma mera criança!

Quando chegou ao quinto andar, ele a colocou gentilmente na entrada do apartamento, respirando com dificuldade, com a testa escorregadia de suor.

"Muito obrigada", disse ela, e procurou a chave na bolsa, apoiando-se em um sapato de salto alto. Ela abriu a porta e eles entraram, Reggio ajudando-a a se sentar em um sofá de aparência suja.

O apartamento de um cômodo era deprimente, escuro e cheirava a tabaco velho. Havia duas camas de solteiro, uma mesa de centro maltratada e um guarda-roupa. Um lugar terrível para duas jovens viverem. Pelo menos um lado do cômodo era relativamente limpo e organizado - havia algumas bugigangas femininas espalhadas.

"Onde está sua irmã?" perguntou Reggio, enquanto limpava a cabeça careca com seu lenço.

"Ela trabalha à noite."

"Oh." Ele olhou para as lindas pernas dela enquanto ela as apoiava na mesa, depois desviou o olhar rapidamente.

"Você se importaria de fazer um café?", disse ela. "Você deve estar com sede também, depois de me carregar por todos esses degraus."

Reggio olhou para o relógio. Ele precisava voltar para casa... e não confiava em si mesmo com ela. Ele havia cometido alguns deslizamentos ao longo dos anos, mas, ao contrário da maioria dos homens que conhecia, conseguia ser um marido fiel. Ele não precisava dessa tentação.

Reggio foi até a cozinha microscópica e preparou o café. Serviu duas xícaras e levou-as de volta para a sala de estar.

"Obrigada", disse ela com gratidão, tomando um gole. "Você se importaria de me trazer uma aspirina do banheiro?"

Ele colocou a xícara no chão e entrou no pequeno quarto. Abriu o armário de remédios, que estava praticamente vazio - apenas um tubo de pasta de dente, um barbeador de segurança e um frasco de aspirina.

Estranho.

"Há quanto tempo você e sua irmã moram aqui?", perguntou ele, tentando não parecer suspeito.

"Apenas alguns dias. Ainda não tivemos a chance de mudar nossas coisas do antigo apartamento."

"Estou vendo." Se Reggio não soubesse, teria pensado que um solteiro morava aqui, e não muito bem arrumado.

Ele lhe devolveu a aspirina. Enquanto ela tomava um dos comprimidos, ele pegou seu café e tomou um gole. A sujeira tinha um gosto horrível, mas ele estava com tanta sede por causa do esforço que tomou o café em dois goles.

"Bem, eu realmente preciso ir", disse ele.

"Você se importaria de fazer só mais uma coisa para mim antes de ir embora?"

Ele suspirou. "O que é isso?"

"Pegue um pouco de gelo na geladeira? Gostaria de colocar um pouco no meu tornozelo para evitar que ele inche."

Reggio foi até a cozinha, pegou um pouco de gelo, embrulhou-o em um pano de prato e o trouxe de volta para ela.

"Você é muito gentil", disse ela. "Sinto muito por ter lhe dado todo esse trabalho..."

"Não é nada."

Ela se inclinou para a frente, alcançando desajeitadamente a tira do tornozelo de seu sapato. "Você pode me ajudar...?"

Reggio engoliu com força e se ajoelhou na frente dela. Por que ele estava fazendo isso? Ele sabia que era melhor assim.

Com uma mão trêmula, ele soltou a tira e tirou o sapato de salto alto. Ele olhou para o tornozelo, que estava a poucos centímetros de seu rosto. Não parecia nem um pouco inchado. Na verdade, era o tornozelo mais bonito que ele já tinha visto.

De repente, havia dois tornozelos, depois três tornozelos, depois quatro...

Incapaz de controlar seus membros, ele caiu para a frente e se espatifou no chão.

GIORGIO CATTORETTI SAIU DO GUARDA-ROUPA.

"Ele já saiu?"

"Frio", disse Polina, levantando uma das pálpebras de Reggio. Ela era uma prostituta drogada de 15 anos que Giorgio havia encontrado vendendo seus produtos na Viale Renato Serra.

"Apreste-se, ele não vai ficar assim por muito tempo."

Enquanto Polina se despiu, Giorgio rapidamente pegou a luz de estúdio debaixo da cama, montou o tripé e o guarda-chuva e, em seguida, retirou o restante dos adereços - dois ursos de pelúcia, um travesseiro em forma de coração e alguns livros escolares - e os espalhou.

"Ponham-no de pé", disse Giorgio. Eles lutaram para tirar o homem inconsciente do chão, depois o forçaram a se ajoelhar, usando o braço do sofá para apoiá-lo.

Polina vestiu a parte de cima do uniforme de colegial - uma blusa branca e um suéter preto com uma insígnia vermelha com monograma. Da cintura para baixo, ela estava completamente nua.

Ela se sentou na cama bem em frente a Reggio, com as pernas abertas e a vulva recém-barbeada a poucos centímetros do rosto dele.

Giorgio olhou através da lente da câmera. "Isso é bom, mas coloque a mão dele em sua coxa... sim. Certifique-se de que a aliança de casamento esteja aparecendo..."

UMA SEMANA DEPOIS, Reggio estava sentado atrás da mesa em seu escritório, examinando os demonstrativos financeiros. Ele quase havia se esquecido do incidente perturbador com a jovem loira. Ele acordou sozinho no apartamento dela e se perguntou se teria tido um derrame - ele não se lembrava de nada do que havia acontecido. Na manhã seguinte, ele foi ao médico para fazer um check-up, mas foi informado de que, além de estar um pouco acima do peso, sua saúde física era excelente.

Sua secretária tocou o interfone.

"Você tem uma visita", disse ela. "É seu sobrinho."

"Sobrinho?" disse Reggio. "Que sobrinho?"

Houve uma pausa. "Giorgio."

"Eu não tenho esse sobrinho. Livre-se dele".

Um momento depois, o interfone tocou novamente. Parecendo envergonhada, sua secretária disse: "Ele diz que é o...", ela baixou a voz para um sussurro, "...filho ilegítimo de um parente seu em Pescara".

Filho ilegítimo... Pescara. Que bobagem foi essa?

"Mande-o entrar", disse Reggio. Ele daria uma lição a esse imbecil - alguns vendedores diziam qualquer coisa para conseguir um pé na porta.

Um homem jovem, de cabelos escuros, entrou em seu escritório. Ele estava vestido com um longo sobretudo e um cachecol de aparência cara, calças de lã e sapatos pretos finamente polidos. Uma cicatriz espessa e vacilante descia por sua mandíbula.

"Olá, Reggio", disse o homem de forma amistosa. Havia um brilho peculiar em seus olhos que Reggio não conseguia interpretar.

Ele tinha um envelope na mão. Ele o deslizou pela mesa.

Intrigado, Reggio a abriu. Quando viu as fotos brilhantes em preto e branco, ele ofegou e as colocou de volta na pasta.

Ele olhou para a figura escura em seu escritório. "Quem é você?"

O homem sorriu. "Meu nome é Giorgio Cattoretti. Sou seu novo parceiro de negócios."

Nos dez anos seguintes, Giorgio Cattoretti transformou a DayPrinto na maior operação de produtos de grife falsificados da Europa. A Reggio Martino foi comprada. À medida que a empresa crescia, Cat usou os lucros para comprar uma dúzia de outras empresas, todas relacionadas às suas operações de falsificação. Uma fábrica de tecidos, uma empresa de caminhões, uma fábrica de adesivos, um fabricante de botões e solas de sapato.

Ele adorava trabalhar no centro do setor de moda do mundo. Como muitos homens do sul da Itália, ele tinha uma queda por loiras naturais altas e magras como um trilho, exatamente o oposto do tipo de mulher com quem cresceu em Roma. Ele namorou algumas das modelos jovens mais impressionantes do setor - finlandesas, russas, suecas, belgas, polonesas - seduzindo-as uma após a outra com seu charme e sua boa aparência sombria. A vida era ótima. Ele se lembrava de seus dias de juventude em Roma com grande satisfação, quando perambulava pela Via Veneto com suas roupas desalinhadas e todas as mulheres chiques e bem vestidas o olhavam com desprezo.

Que eles me olhem com desprezo agora, ele sempre pensava.

O CONGLOMERADO CATTORETTI cresceu e as várias divisões alcançaram uma sinergia invejável. Cada uma delas apoiava as atividades ilegais da Cattoretti, mantendo os custos dos produtos baixos e os lucros altos. Ao mesmo tempo, cada uma protegia a outra, e as atividades legítimas contínuas mantinham as autoridades italianas sob controle.

Cattoretti tornou-se um especialista em gestão de pessoas. Ele se via como uma espécie de artista - considerava seus negócios como sua tela e seus funcionários como sua paleta. Ele reduziu a rotatividade a zero, pagando a seus funcionários 50% a mais do que eles poderiam ganhar em qualquer outro lugar.

Ele era proprietário de todas as empresas, por meio de uma teia de aranha de holdings offshore que se tornavam cada vez mais complexas.

O Gato não aceitou nenhum parceiro.

UMA DAS PRIMEIRAS coisas que Cattoretti fez, quando começou a ganhar um bom dinheiro, foi cuidar de algumas "pontas soltas" nos EUA.

O primeiro dos três estupradores de Attica, que havia sido libertado pouco depois de Cattoretti ter sido deportado, foi encontrado boiando no rio Hudson, com o pênis decepado firmemente costurado em sua boca com linha de pesca. Cattoretti ficou encantado ao saber que o médico legista da cidade de Nova York havia determinado que a grotesca "cirurgia" havia sido realizada enquanto o homem ainda estava vivo.

O segundo estuprador foi encontrado em sua cela de prisão com um dos cassetetes dos guardas enfiado tão fundo em seu reto que ele morreu de ferimentos internos.

O terceiro foi encontrado em um playground do Bronx em uma manhã, severamente espancado na cabeça e no pescoço. Seus testículos estavam faltando. Mais tarde, eles foram encontrados em seu estômago.

Joey Russo, Vito e dois de seus homens morreram em uma explosão. O fato ocorreu na Baía de Hudson, à noite.

Em um barco a motor.

CATTORETTI FICOU PARTICULARMENTE ENTUSIASMADO quando colocou as mãos em uma empresa de navegação que possuía uma dúzia de navios porta-contêineres. Embora nunca tenha se esquecido de seus inimigos, também nunca se esqueceu de seus amigos, especialmente das pessoas que o ajudaram e foram gentis com ele.

No dia em que assumiu o controle da empresa, ele começou a procurar Anders, seu companheiro de tripulação sueco no *Bianca há* tantos anos.

Levou três meses, mas ele finalmente chegou a Anders, em um hotel em Trieste.

"Anders, este é Giorgio Cattoretti. Você se lembra de mim?"

Houve um longo silêncio. Então: "Giorgio! Meu Deus... seu arrogante. Quanto tempo se passou? Dez anos?"

"Doze."

"Você ainda está nos Estados Unidos?"

"Não. Eu moro na Itália agora. E você?"

"Ainda sou tripulante da *Bianca*. Acredite ou não." Ele parecia um pouco envergonhado. "Então, você conseguiu sua frota de navios porta-contêineres?" Sua voz estava carregada de sarcasmo.

"De fato, eu fiz."

Agora, o silêncio foi ainda maior.

"Anders, eu nunca esqueço meus amigos. Estou chamando você porque quero que seja o capitão da maior embarcação."

QUANDO CATTORETTI COMPLETOU 35 ANOS, decidiu que era hora de se casar. Ele já havia restabelecido o relacionamento com a família e comprado para os pais um elegante apartamento em Roma. Ele pediu à mãe que o ajudasse a encontrar uma noiva adequada.

Ele logo se encontrou com Isabella Scarso, uma jovem simples e bem-educada que trabalhava como contadora em uma grande loja de departamentos. Não havia grandes faíscas entre eles. Em seu terceiro encontro, Cattoretti soube que ela era a esposa perfeita para ele.

Eles estavam em um restaurante caro e desfrutaram de um longo e luxuoso jantar. Depois da sobremesa, ele colocou uma pequena caixa de joias sobre a mesa para ela. "Isabella", disse ele com sinceridade, "acho que você é uma mulher maravilhosa. Quero que você seja minha esposa. Se concordar, você viverá em segurança e conforto pelo resto de seus dias. Nossos filhos frequentarão as melhores escolas e serão criados como membros da realeza. Mas...", ele apontou para ela. "...eu passarei apenas alguns dias por mês aqui em Roma. Meus negócios estão no norte, em Milão. Quando estou em Roma, sou cem por cento seu. Quando estou fora, não pertencem a ninguém". Ele fez uma pausa. "Nós nos entendemos?"

"Sim, Giorgio, é claro."

AOS QUARENTA E CINCO ANOS, Cattoretti ficou entediado com o negócio de falsificação de roupas de grife. Decidiu que queria enfrentar o maior desafio da falsificação: fabricar papel-moeda falso.

Ele começou com o euro, mas depois passou a usar o dólar americano. Falsificar dinheiro americano lhe dava mais satisfação, pois sabia que, de uma forma pequena, estava prejudicando o governo do país que o havia tratado tão mal.

Ele adquiriu novas impressoras e as modificou, mas logo descobriu que nunca conseguiria fazer uma nota falsa de cem dólares de alta qualidade sem usar uma das impressoras de talhe-doce fabricadas pela KBA Giori, na Alemanha. Mas era impossível para qualquer pessoa, exceto para os escritórios oficiais de impressão do governo, comprá-las.

Cattoretti aplicou toda a sua experiência e conhecimento ao problema. Ele pensou em construir uma das máquinas com peças de reposição, mas a venda de peças de reposição para as prensas Giori foi denunciada à Interpol.

Cattoretti soube que a fábrica da KBA Giori estava localizada em Wurzburg, Alemanha, na linha férrea. As impressoras eram cuidadosamente embaladas e carregadas diretamente nos trens para o norte da Alemanha, onde eram despachadas por via aérea ou enviadas por contêineres para seus destinos finais.

Cattoretti finalmente concluiu que a única maneira de colocar as mãos em uma prensa KBA Giori era roubando uma delas. E a única maneira de fazer isso e escapar impune era quando a máquina estava em trânsito, quando estava entre a fábrica da Giori e o comprador.

Ele considerou a possibilidade de tentar certificar sua empresa de transporte como um fornecedor aprovado pela KBA, mas isso levaria muito tempo e poderia levantar suspeitas.

Havia outras maneiras, maneiras mais seguras e com as quais ele tinha muito mais experiência.

CATTORETTI COMEÇOU A IR à Alemanha com frequência, viajando para Wurzburg com documentos falsos e se passando por distribuidor de autopeças para carros italianos. A KBA Giori era a maior empregadora da pequena cidade de Wurzburg - parecia que praticamente todo mundo trabalhava na fábrica. O local tinha uma segurança mais rígida do que o Vaticano.

Cattoretti passou muitas horas bebendo em cervejarias e se misturando com os habitantes locais, fazendo amigos, desempenhando o papel de caixeiro-viajante amigável, acumulando informações aos poucos. Ele ficou impressionado com o quanto as pessoas diziam quando estavam bêbadas.

Não demorou muito para que ele localizasse alguns homens diferentes que trabalhavam no departamento de expedição e recebimento da KBA Giori.

Ele as examinou uma a uma, procurando por sujeira. Se não encontrasse nenhuma, ele criaria alguma.

Ele finalmente teve sorte quando casualmente iniciou uma conversa com um homem chamado Niklas Kaiser. Kaiser tinha quarenta anos de idade e pesava 90 quilos, era divorciado e tinha uma filha de quinze anos que visitava nos fins de semana.

Ele também trabalhou como contador no departamento de expedição e recebimento da KBA Giori.

Cattoretti logo observou que Niklas Kaiser apresentava um comportamento estranho, um comportamento promissor. Kaiser ia com frequência à biblioteca e a vários bares que ofereciam computadores com acesso gratuito à Internet.

No entanto, Kaiser tinha seu próprio notebook e assinava uma assinatura de Internet sem fio em casa.

CERTA MANHÃ, quando Niklas saiu da cama, ficou chocado ao encontrar um homem estranho em sua cozinha. O intruso estava sentado calmamente à mesa, descascando uma maçã com uma faca de lâmina longa.

"*Guten tag*, Niklas", disse o homem. Ele tinha pele escura, cabelos cor de sal e pimenta e usava luvas pretas. Uma cicatriz longa e assustadora descia por sua mandíbula.

Niklas se afastou, apavorado, com a gordura tremendo sob o roupão. "Quem é você?"

"Incesto", disse Cattoretti.

"O quê?"

"Incesto", disse Cattoretti novamente, fazendo um gesto com a faca.

No canto da mesa, havia três impressos. Niklas os reconheceu e teve uma sensação de afundamento. Os três títulos, traduzidos para o inglês, eram *Father Knows Best*, *Wicked Stepmother* e *Taboo Easter*.

Niklas olhou de volta para o homem em sua cozinha.

"Você tem uma imaginação e tanto", disse o intruso, cortando uma fatia da maçã e colocando-a na boca. "Gostei particularmente do *Tabu de Páscoa*. Eu nunca teria pensado em fazer algo assim com um ovo cozido... especialmente com minha própria filha."

Niklas ficou corado.

"Você ganha muito dinheiro escrevendo essa porcaria?"

Niklas estava atônito demais para responder.

"Não importa, eu estava simplesmente curioso. Nestes tempos difíceis, um homem tem de fazer o que puder para ganhar a vida." O intruso apontou para a foto na mesa de centro. "Eu também estava curioso para saber o que sua filha pensaria se lesse essas histórias e soubesse que seu velho e querido *Vater* era o autor." O bastardo sorriu. "E sua ex-esposa - como será que ela reagiria se soubesse que o ex-marido bastardo dela era na verdade Birget Schmidt, o rei alemão do incesto pornô?"

Niklas não se perguntou como ela reagiria. Ele sabia. A megera o levaria ao tribunal, teria seu direito de visita revogado e ele nunca mais veria a filha. Pior ainda, isso criaria um escândalo terrível - uma história suculenta como essa estaria em toda a TV e nos jornais. A KBA Giori o demitiria imediatamente - era uma empresa de duzentos anos e extremamente conservadora.

"Qual é o problema, Niklas? O gato comeu sua língua?" O homem riu como se fosse uma piada particular.

"O que você quer?" Niklas sussurrou, com a garganta seca.

"Muito simples, Niklas. Eu quero informações."

"Que informações?"

"Quero saber todas as vezes que uma impressora KBA Giori é enviada para a América do Sul. Quero saber o nome do navio, o número do contêiner e o destino final."

Niklas ficou olhando. O que esse homem estava pedindo para ele fazer poderia levá-lo para a cadeia por vinte anos. Ele olhou para as impressões e para a foto de sua filha.

"Isso é impossível", disse ele. "Eu não tenho acesso..."

"Mas você pode *ter* acesso, Niklas. Eu já vi como você é bom com computadores."

NAQUELA MESMA NOITE, Cattoretti chamou Anders no *Stella*, o maior de seus navios porta-contêineres.

"Anders, este é Giorgio. O que você acha de ganhar um milhão de euros?"

Houve apenas uma breve pausa. "Estou ouvindo."

"Você precisará tirar uma licença da *Stella* e trabalhar como marinheiro comum por um tempo..."

NOS DEZOITO MESES SEGUINTEs, Niklas Kaiser informou obedientemente Giorgio Cattoretti sobre os envios de contêineres da KBA Giori para a América do Sul. Um para a Argentina, um para o Brasil e um para o Equador. Foi somente na quinta remessa que Anders passou a ser membro da tripulação do navio alemão que transportava a impressora KBA Giori.

A máquina tinha como destino Santiago, no Chile, em um navio chamado *Emilie*.

Duas semanas antes da partida programada, Giorgio Cattoretti viajou para Bremerhaven, na Alemanha, ainda usando a identidade falsa do distribuidor italiano de autopeças. Lá, ele providenciou o envio de um contêiner com suas mercadorias para um distribuidor de autopeças no Chile.

Das docas de Bremerhaven, ele observou silenciosamente o guindaste do *Emilie* pegar o contêiner e colocá-lo no topo de uma pilha, com dezenas de outros.

Todas as caixas de metal marrom enferrujado eram exatamente iguais.

A única maneira de diferenciá-los era pelos números estampados nas laterais.

QUATORZE DIAS DEPOIS, um caminhão chegou à doca de carregamento do Ministério da Fazenda em Santiago. Três guardas armados apareceram e começaram a descarregar as caixas sem identificação que continham a nova impressora KBA Giori que eles haviam encomendado.

Usando um pé de cabra, um dos funcionários do ministério abriu cuidadosamente a caixa, com os outros observando.

Quando retiraram a embalagem, todos ficaram boquiabertos.

Eles se viram olhando para pilhas e pilhas de pneus Pirelli novos.

O DEPARTAMENTO DE INTELIGÊNCIA DO CHILE e a Interpol foram imediatamente acionados. Parecia que, de alguma forma, os números dos contêineres haviam sido misturados no manifesto de carga do navio alemão. Um simples erro - os pneus poderiam ser enviados ao proprietário legítimo e a impressora recuperada.

Foi difícil localizar o proprietário legítimo dos pneus. Descobriu-se que não havia nenhuma empresa no Chile com o nome que estava listado nos documentos de remessa. O endereço listado em Santiago provou ser o de uma casa de massagens. Não havia registros do caminhão que havia

recolhido o conteúdo do contêiner da KBA Giori nas docas, e ninguém se lembrava de como ele era.

Por outro lado, na Europa, descobriu-se também que o nome da empresa italiana que havia enviado os pneus era falso. Essa empresa não estava registrada na Itália. O endereço fornecido para ela em Trieste acabou sendo o de uma escola para deficientes auditivos.

Todos os pagamentos foram feitos em dinheiro. Não havia como rastrear o dinheiro.

Os investigadores então perceberam que não era o manifesto de carga que havia sido modificado, mas os números dos próprios contêineres. Alguém a bordo do navio havia conseguido subir nas pilhas, cobrir os números com tinta cor de ferrugem e estampar novos números em branco.

A essa altura, o *Emilie* já havia chegado de volta à Alemanha. Um dos membros da tripulação, um homem loiro da Noruega, havia desaparecido, provavelmente no Chile. Uma investigação mais aprofundada de seus registros mostrou que ele havia sido contratado para a tripulação usando documentos falsos.

Após seis meses de investigação, as autoridades esgotaram todas as suas pistas e concluíram que a prensa Giori roubada provavelmente nunca seria recuperada.

Foi registrada uma reclamação de seguro.

Os procedimentos de remessa foram alterados na KBA Giori para que nada disso volte a acontecer.

UM ANO DEPOIS, Giorgio Cattorette estava usando a complexa máquina para produzir suas primeiras notas falsas de cem dólares dos EUA, que eram toscas, mas promissoras. Levou mais dois anos até que ele conseguisse fabricá-las bem o suficiente para que passassem pelas máquinas de verificação automática. Então, o Tesouro dos EUA teve a ideia de programar as máquinas para reconhecer suas falsificações...

"Papà!" disse Luigi, quebrando seu devaneio.

Cattorette ainda estava de pé no pátio do castelo, olhando para a Torre Leste. Ele estava tão perdido em suas lembranças que seu charuto havia se apagado.

"O quê?", disse ele, voltando-se para o filho.

Luigi estava caminhando em direção a ele pelos paralelepípedos. Havia algo em sua mão.

"Encontrei isso no seu quarto", disse ele, entregando o celular ao pai. "Gene Lassiter deve tê-lo deixado cair quando estava procurando a combinação do cofre."

Cattoretti ligou o aparelho e, em seguida, percorreu os nomes da lista de contatos um a um, lendo-os.

Quando viu o nome GYPSY, ele parou.

Havia meia dúzia de mensagens de texto enviadas para esse número, a última delas há apenas algumas horas.

Ele as leu, depois olhou para Luigi e deu uma risadinha. "Nós vamos recuperar os oito milhões, meu filho. Até o último euro."

Elaine Brogan dormiu mal na noite em que o castelo de Giorgio Cattoretti foi roubado.

Ela sonhava com Gene Lassiter à espreita no castelo, com as impressoras Giori produzindo montanhas de papel-moeda e com Giorgio Cattoretti e a ópera.

Ela também sonhava com Nick. Dormia com o peru de corda quebrado que ele lhe dera de presente debaixo do travesseiro. Ela e Nick estavam em um café etíope do outro lado da rua do escritório do Serviço Secreto em Sofia, onde estavam "sincronizando seus DOPS". Eles estavam conversando, rindo e desfrutando imensamente da companhia um do outro. Durante o sonho, ela percebeu que aqueles dias haviam acabado e que tinham sido os momentos mais felizes de sua vida. Ela se perguntou se Nick havia aproveitado aqueles momentos tanto quanto ela.

Elaine foi acordada pelo bip suave de um pequeno despertador na mesinha de cabeceira, um despertador que ela não se lembrava de estar lá quando foi para a cama. Estava começando a clarear lá fora, mas estava escuro demais para ver as horas. Ela acendeu a luz e olhou para a tela do pequeno despertador.

6:45.

Quando ela olhou para o outro lado do quarto, percebeu que havia flores na cômoda, rosas vermelhas em um lindo vaso antigo. Junto ao vaso havia um bilhete.

Ela se levantou da cama e leu o livro.

O bilhete foi escrito com uma caneta tinteiro, em um papel de carta com monograma creme, com um *G* e um *C* extravagantes gravados em ouro na parte superior. A caligrafia tinha um toque ousado e vistoso.

BOM DIA, Elaine,

Sinto muito pelo que aconteceu ontem à noite e pelo comportamento suspeito que tive com você. Você pode me perdoar?

Selecionei essa roupa do cofre e a enviei para você. Espero que ela o anime.

Giorgio

ROUPA? pensou ela, olhando ao redor do quarto. Então ela viu o terno de negócios - estava pendurado na maçaneta da porta do guarda-roupa. Um Dolce & Gabbana - é claro -, um blazer de sarja de lã azul-marinho com listras azuis claras e shorts urbanos combinando. Por baixo, uma blusa de babados de seda transparente Oscar de la Renta. Os sapatos eram Lanvin, um par de sandálias de cetim preto trançado.

Então ela notou um P.S. na parte inferior do bilhete:

Você encontrará sua agenda de trabalho para hoje na cômoda.

Ela pegou a impressão do computador e a leu.

HORÁRIO DE TRABALHO DE HOJE

6H45 ACORDAR

6h45 - 7h15 Banho rápido na piscina de água mineral

7h15 - 8h00 Café da manhã saudável preparado sob medida (consulta com nutricionista para futuras preferências)

8:00 - 9:00 Visitas de maquiagem e cabeleireiro

9h00 - 9h30 Prepare-se para o trabalho (o motorista esperará por você no pátio)

9h30 - 10h00 - Chegada ao DayPrinto
10.00 - 13.00 Trabalho
13h00 - 14h00 Tempo livre - salão de beleza no local aberto às segundas, quartas e sextas-feiras
14h00 - 15h00 Almoço (preparado pelo chef do DayPrinto)
15.00 - 18.00 Trabalho
18h00 - 18h30 Viagem de volta a Fontanella
18h30 - 19h30 Exercícios conforme desejado
20.30 - ? Jantar, espero que comigo (?)

ELAINE SORRIU PARA SI MESMA. Que agenda de "trabalho"!

Ela olhou de volta para o terno de negócios, tocando o tecido exuberante. O homem certamente sabia como animar uma mulher pela manhã.

Ao vestir o luxuoso roupão de seda e descer a escada em espiral, ela pensou em seu dia típico de trabalho nos últimos seis meses para Gene Lassiter e o governo dos EUA.

7:00 ARRASTE sua bunda para fora da cama

7:00 - 7:30 Tomar café instantâneo e tentar acordar

7:30 Tomar banho e comer (iogurte e suco congelado)

7:30 - 7:45 Passeio pela chuva e neve até a estação de metrô

7:45 - 7:55 Pare e compre xampu e loção para as mãos (não se esqueça dos cupons!)

7:55 - 8:30 Fique em pé no trem lotado entre um homem que não toma banho e uma mulher que fala sozinha incessantemente

8:45 - 9:00 Passeio pela chuva e neve até o Treasury Building

9:00 - 12:00 Trabalho

12:00 - 1:00 Pegue um sanduíche e entregue a lavagem a seco (não se esqueça dos cupons!)

1:00 - 5:00 Trabalho

5:00 - 5:30 Volte para a estação de metrô, em meio à chuva e à neve

5:30 - 6:00 Fique em pé no trem lotado entre um adolescente com mau hálito e um homem assustador que se esfrega em mulheres jovens

5:45 - 6:30 Atravesse a chuva e a neve para conseguir uma vaga na aula de ioga (não se esqueça do cupom!)

7:30 - 8:00 Volte para casa com chuva e neve

8:00 - Jantar no micro-ondas e desmaiar na frente da TV

10:00 Arraste a bunda para a cama.

POUCOS MINUTOS DEPOIS, ela estava nadando um relaxado nado de costas na piscina de água mineral aquecida, observando a luz do sol matinal passar pelas claraboias.

Isso é que é viver, pensou ela.

A água parecia veludo.

QUANDO ELA FOI TOMAR o café da manhã no Salão Principal, Tony preparou uma omelete perfeita para ela, acompanhada de suco de laranja espremido na hora.

Ele ainda parecia chateado com o roubo.

Quando ela começou a comer a omelete, ele disse: "Você acha que o Tony fez algo errado ontem à noite? Eu só tento fazer *o Signore* feliz. Ele quer que eu trate todos os convidados muito bem, e é isso que o Tony sempre faz."

"Tenho certeza de que você não sabia que o homem era perigoso", disse Elaine.

"Não!" Tony disse enfaticamente. "Como eu poderia saber disso? Ele é velho, anda com uma bengala, parece doente - como eu poderia saber que ele era *um bandido*?"

"Não foi culpa sua, Tony."

Ele pareceu muito aliviado com isso. "Obrigado, *senhora*. Espero que conte isso ao *signore* - ele a ouve e gosta muito de você."

"Eu já disse a ele."

"*Grazie!*" Tony se emocionou. "*Grazie, signora!*"

POUCO ANTES DAS DEZ, o motorista a deixou sair na entrada do prédio principal do DayPrinto.

Ao sair do Rolls, Elaine se viu no reflexo de uma das grandes janelas do saguão - ela estava deslumbrante com o terno D&G.

Ela entrou no prédio com uma sensação inebriante, usando a roupa elegante, com a bolsa Gucci no ombro. Uma mulher de negócios poderosa e internacional. Ela também se sentiu um pouco boba, pois não havia nada na bolsa além de um pedaço de papel - sua agenda do dia.

Assim que a recepcionista a cumprimentou, Luigi apareceu.

"*Buon giorno*", disse ele, e deu um sorriso educado. "Siga-me, por favor". Ele a conduziu por um corredor. As instalações pareciam muito diferentes em um dia de semana - havia muita atividade nos escritórios, funcionários andando para cima e para baixo nos corredores carregando papéis. Vários olharam com curiosidade para Elaine.

"Este é o seu escritório", disse ele, parando em frente a uma porta e abrindo-a. Elaine entrou. "Antes, nosso gerente de produção trabalhava aqui. Agora ele trabalha para nossa empresa de transporte em Trieste."

O espaço luxuoso era mobiliado como o de Cattoretti, com piso de mármore e escrivaninha de pedra polida, mas não havia obras-primas originais na parede, apenas uma gravura de Monet emoldurada.

Elaine colocou a bolsa Gucci sobre a escrivaninha elegante. "Obrigada."

"Greta, venha logo", disse ele, e saiu do quarto. Alguns segundos depois, uma mulher apareceu na porta, batendo formalmente na moldura. Ela estava vestida com um elegante terno cinza de negócios, com uma blusa bem engomada.

"Eu sou Greta", disse ela, com um sotaque alemão rigoroso. "Sou sua assistente pessoal." Ela deu um sorriso formal e apertou a mão de Elaine, segurando-a com firmeza e confiança. "Espero que tenha tido uma viagem agradável esta manhã?"

"Sim", disse Elaine, um pouco surpresa. A mulher estava de pé, como se estivesse em posição de sentido, com seus sapatos pretos sensatos precisamente juntos, as mãos cruzadas à sua frente. "Você precisa de alguma coisa? Um café, talvez?"

"Agora não", disse Elaine. Ela não estava acostumada com isso. Ela nunca tinha tido um assistente administrativo antes, muito menos uma assistente pessoal.

"Muito bem. O cronograma de trabalho que preparei para você, com a orientação do Signore Cattoretti, foi satisfatório?"

"Sim, está tudo bem, obrigado."

"*Sehr gut*." Greta acenou formalmente com a cabeça e fez sinal para a porta. "O Signore me pediu para acompanhá-lo até a área de produção, se

estiver pronto."

QUANDO ELAINE ENTROU na enorme sala que abrigava a impressora Giori, todos os técnicos estavam tão ocupados que mal a notaram. Havia um novo conjunto de ampliações espalhadas no chão, e os funcionários estavam se debruçando sobre elas.

Cattoretti se aproximou e beijou suas duas bochechas, no estilo italiano. "*Buongiorno!*" Ele admirou o terno de negócios D&G e olhou para as longas pernas dela. "*Bellissima!* Você estabeleceu um novo padrão de elegância para todas as mulheres de negócios na Itália!"

Elaine corou quando alguns dos trabalhadores olharam para ela.

"Você escolheu o terno", disse ela sem jeito. "Qualquer pessoa ficaria bem com essa roupa."

"O que há com vocês, mulheres americanas, que não conseguem aceitar um elogio?"

Elaine se sentiu como uma debutante em um encontro com um homem mais velho.

Cattoretti sorriu para ela. A desconfiança que ele havia demonstrado na noite anterior havia desaparecido completamente. "Vamos começar?"

ELAINE PASSOU a manhã inteira examinando as novas ampliações que haviam sido feitas desde a última versão da nota falsa de cem dólares. Os técnicos ficaram acordados a noite toda corrigindo os erros que ela havia encontrado ontem.

Com o passar da manhã, a ansiedade que ela sentia em relação à sua nova "mudança de carreira" começou a desaparecer. De vez em quando, uma voz rude surgia dentro dela e dizia: "*Essas pessoas são criminosas e esse é exatamente o tipo de operação que você foi treinada para caçar e destruir*".

Ela tentou ignorar a voz. Mas, de vez em quando, ela se pegava olhando para a cicatriz que corria pela bochecha de Cattoretti.

ÀS DUAS DA TARDE, Cattoretti e Elaine foram ao escritório dele para o almoço particular programado. A refeição foi servida pelo próprio "*diletante*" do DayPrinto, na mesa de conferência de Cattoretti, com louças brilhantes da Tiffany.

O alto astral de Cattoretti foi ainda mais elevado pelo progresso que estavam fazendo hoje.

"Suas unhas estão muito bonitas", disse ele, enquanto desdobrava o guardanapo.

"Obrigada", disse ela. Antes do almoço, a manicure veio de fora, aparentemente uma que Cattoretti e alguns dos outros executivos da DayPrinto usavam.

Quando começaram a comer, Cattoretti disse: "Este prato se chama *Cotoletta all orecchio di elefante*. Você sabe o que isso significa?"

"Não. Espero que não venha de fato de um elefante".

Cattoretti riu. "Receio que não haja muitos elefantes na Itália. O nome significa literalmente 'costeleta de orelha de elefante', mas é feito de carne de porco."

Quaisquer que fossem os ingredientes, o prato era um dos mais deliciosos que Elaine já havia provado. No entanto, isso não era algo que ela compartilharia com Tony.

Enquanto comiam, Elaine ficava cada vez mais preocupada com o acordo que havia feito com Giorgio Cattoretti. Será que ele realmente lhe pagaria os oito milhões de euros que prometera, depois que Lassiter os tivesse roubado?

Quando achou que era o momento certo, ela disse, da forma mais casual possível: "Quando você acha que o passaporte estará pronto?"

"Passaporte?" disse Cattoretti.

"Aquele que você prometeu ontem", disse ela casualmente.

"Oh." Ele cortou um pedaço da carne. "Luigi está cuidando disso. Essas coisas levam tempo. Ele me prometeu que estaria pronto às cinco horas da tarde". Cattoretti fez uma pausa, olhando para ela. "Você não está pensando em ir embora tão cedo, está, *cara*? Depois que terminarmos essas revisões, eu esperava que você ficasse comigo, que me ajudasse a continuar melhorando minha moeda quando o governo americano perceber e fizer outra rodada de atualizações de software para as máquinas de verificação."

"Pretendo continuar", mentiu Elaine. "É que quando terminarmos isso, eu gostaria de tirar umas férias."

"Um merecido prêmio", disse Cattoretti.

A verdade é que ela temia que, se ficasse aqui por mais alguns dias, ficaria tão viciada em todo o luxo e poder que não conseguiria ir embora. Os banhos de água mineral, as massagens, os ternos de mil dólares, o Rolls

Royce com motorista, o convívio com celebridades internacionais... tudo isso era incrivelmente sedutor. Ela podia ver facilmente como as pessoas honestas podiam passar para o outro lado e ficar lá.

Ela também não confiava em Giorgio Cattoretti.

Ele cortou outro pedaço de carne e mastigou lentamente, sorrindo para ela. "No ritmo em que estamos progredindo, parece que podemos terminar essa revisão hoje. O que significa que estaremos prontos para entrar em produção total amanhã. Os russos estão muito ansiosos para colocar as mãos nessas novas falsificações. Você acha que isso é possível?"

"É possível", disse Elaine. Ela se certificaria disso.

ELES TRABALHARAM sem parar o resto da tarde. No próximo conjunto de placas, Elaine os ajudou a corrigir todos os erros que estavam armazenados e marcados na chave de dados, os erros que ela havia encontrado nos últimos seis meses quando trabalhava para a Lassiter.

Pouco depois das seis da tarde, mais um conjunto de placas foi feito e ela encontrou mais três discrepâncias, erros que ela achava que a Treasury poderia facilmente criar um novo software de máquina de verificação para procurar. Os técnicos estavam exaustos. Muitos deles não dormiam há mais de quarenta horas.

Os olhos de Elaine estavam injetados de sangue e seu pescoço doía, mas ela continuou trabalhando, determinada a terminar o trabalho hoje.

ÀS SETE E meia da noite, a máquina de gravação controlada por computador terminou de esculpir mais um conjunto de placas. Com sorte, o último.

Elaine verificou as novas notas de amostra quando saíram da prensa de entalhe e passou mais de meia hora comparando-as com uma nota genuína de cem dólares da última série. Ela não conseguiu identificar um único erro. Tudo havia sido consertado.

A sala estava estranhamente silenciosa. Cattoretti havia colocado a trilha sonora de *Madame Butterfly*, e a música triste se espalhava pelo espaço. Todos os técnicos desgastados estavam parados em seus macacões DayPrinto, observando-a, com as mãos manchadas de tinta nos bolsos, esperando.

Pelo que parecia ser a quinquagésima vez hoje, ela tirou seus novos Lanvins e caminhou lentamente pelo último conjunto de ampliações,

descalça, analisando cada detalhe. A tensão na sala era quase palpável.

Por fim, ela se voltou para Cattoretti. "Eu examinei isso com um pente fino e não consigo encontrar um único... erro". Algo chamou a atenção de Elaine, algo no verso da cédula. Ela virou a cabeça, olhando para as palavras IN GOD WE TRUST. Silenciosamente, ela traçou o arco da linha de gravação do canto do "D" de DEUS até a cúpula no topo do edifício.

Estava fora de posição por uma linha de gravação. Nas ampliações, parecia um erro gritante, mas, na realidade, estava fora de posição por apenas um décimo de milésimo de polegada. Mas era grande o suficiente para ser detectado por qualquer máquina de verificação de moeda, mesmo nos modelos mais antigos.

"Há algo errado?" disse Cattoretti.

Elaine se voltou para ele e deu um sorriso vitorioso. "Está tudo perfeito."

OS HOMENS FICARAM LOUCOS, pulando para cima e para baixo, dando tapas nas costas uns dos outros. As rolhas de champanhe estouraram. Cattoretti começou a borrifar Dom Perignon em todos eles. Alguém trocou a música para uma canção pop italiana de ritmo forte e alguns dos homens mais jovens começaram a dançar nas ampliações.

Quando o tumulto diminuiu um pouco, Cattoretti bateu palmas até que todos ficassem quietos. Em italiano, ele disse: "Começaremos a produção total amanhã. Mas antes, vamos tirar alguns minutos para imprimir um milhão de dólares, só para mostrar que podemos fazer isso!"

Houve mais aplausos, e todos se esforçaram para ligar a grande prensa Giori.

MEIA HORA DEPOIS, Elaine estava sentada sozinha no escritório de Cattoretti, esperando que ele subisse do porão.

Ela não sabia por que havia decidido traí-lo na última hora. Foi incrivelmente arriscado. Não, era suicida. Assim que Cattoretti ou um de seus funcionários tentasse trocar uma das novas notas em um banco ou em uma casa de câmbio, ele saberia o que ela havia feito.

Mas ela não conseguiu ir adiante com isso. Uma parte de si mesma a havia impedido, uma parte que não queria que ela ajudasse um homem como Giorgio Cattoretti.

Ela tinha que fugir esta noite. Ela não sabia para onde poderia ir, mas teria que dar um passo de cada vez. Os bancos e as casas de câmbio estavam todos fechados no momento e não abririam novamente até amanhã de manhã.

Mas então eles podem descobrir.

A porta se abriu. Giorgio Cattoretti entrou no escritório, com uma pequena bolsa Gucci de couro em uma das mãos morenas. Ele estava com um sorriso de orelha a orelha, a cicatriz ao longo de sua mandíbula se estendia em uma linha branca.

"Você não sabe como estou feliz", ele riu, colocando a bolsa no chão. "Você sabe há quanto tempo estou trabalhando nesse projeto, Elaine? Seis anos! Seis longos *anos*. Primeiro, tive de aperfeiçoar o papel, depois a tinta, o fio de segurança, a microimpressão e, por fim, os detalhes minuciosos que somente uma impressora KBA Giori pode produzir, o que significou pegar uma. Demorou um ano só para entender como aquela maldita máquina funcionava. Se não fosse por você, o Departamento do Tesouro dos EUA estaria me tirando do mercado neste exato momento."

Elaine sorriu. Por dentro, ela estava apavorada.

Ele abriu a bolsa - ela podia sentir o cheiro das notas recém-impressas do outro lado da sala. Ele retirou uma das notas de cem dólares e olhou para ela, com os olhos embaçados. "Veja! Uma verdadeira obra-prima!" Ele olhou para a pintura a óleo em sua parede. "Nosso amigo Rubens ficaria orgulhoso."

Elaine podia ver o verso da cédula na mão dele. Ela tentou não olhar para ela. Para ela, parecia que as palavras IN GOD WE TRUST estavam tão fora de lugar que até mesmo um leigo perceberia isso a vinte metros de distância. Mas é claro que isso era ridículo.

Ele olhou de volta para Elaine. "Você não está feliz, *cara*?"

"Sim, é claro. Só estou cansada." Ela fechou os olhos e os esfregou, principalmente para evitar olhar para ele.

"É claro que você deve estar exausta", disse ele com simpatia. Ele se aproximou e acariciou o pescoço dela com ternura. "Você trabalhou muito hoje".

Já passava das cinco horas e ela não tinha visto nenhum sinal de Luigi. Mas ela estava com medo de perguntar sobre o passaporte - não queria correr o risco de deixá-lo desconfiado.

"Precisamos comemorar nossa vitória", disse Cattoretti, pegando a mão dela. "Hoje à noite, jantaremos no melhor restaurante de Milão."

O restaurante, Il Luogo de Aimo e Nadia, estava localizado na parte central da cidade. Em vez de ser levado de carro até lá no Rolls Royce, Cattoretti dirigiu ele mesmo, em um Porsche cabriolet azul metálico brilhante.

O interior do restaurante tinha um estilo de simplicidade moderna - paredes brancas e gritantes que só eram quebradas por algumas pinturas abstratas a óleo. Parecia muito italiano.

Cattoretti trouxe a bolsa Gucci e a colocou em uma das cadeiras vazias.

A comida estava deliciosa, mas Elaine teve dificuldade para comer. Tudo o que ela conseguia pensar era no dinheiro falso que estava na bolsa. Ele havia dito a ela que todos os dólares que ele imprimisse seriam enviados para a Rússia e lavados lá. No entanto, se isso era verdade, o que ele estava planejando fazer com esse dinheiro?

O pior medo de Elaine era que ele usasse parte do dinheiro para pagar a refeição. Ela imaginou que a conta chegaria a várias centenas de euros - Cattoretti pediu uma garrafa de vinho que custou mais de trezentos euros.

Enquanto tomavam café e *tiramisù*, Cattoretti estalou os dedos para o garçom e pediu a conta.

O homem trouxe a comida em uma bandeja elegante e os deixou sozinhos.

Cattoretti ficou sentado tomando seu café, olhando agradavelmente para Elaine. "Você parece distraída, *cara*. Não gostou de sua refeição?"

"Não, estava delicioso." Ela sorriu e tocou seu estômago. "Comi um pouco demais, só isso."

"Bobagem", disse ele, olhando para baixo, para a figura dela, "você come como um pássaro".

"Eu só estava pensando. Você teve notícias do Luigi sobre o passaporte?"

"Ah, sim. Receio ter más notícias sobre isso".

Elaine ficou tensa. "Más notícias?"

"Sim. Infelizmente, vai demorar um pouco mais do que o esperado. Nosso contato no ministério ficou doente hoje. Luigi disse que levará pelo menos mais dois dias para ser entregue. Provavelmente não até o final da semana."

"Tudo bem", disse Elaine, com o estômago revirando. No final da semana! Eles descobririam a falha nas falsificações muito antes disso.

O celular de Cattoretti começou a tocar. Ele o puxou e deu uma olhada na tela. "Com licença", disse ele, e atendeu a chamada no saguão.

Elaine se mexeu desconfortavelmente na cadeira - ela ainda podia vê-lo pela porta, falando ao telefone, acenando com a cabeça. Ele ainda estava olhando para ela.

Por favor, não deixe que ninguém descubra o erro nas falsificações, pensou ela. *Por favor?*

Quando Cattoretti voltou à mesa, ele sorriu e se sentou novamente. Ele deu uma olhada na conta que estava na pequena bandeja de prata e pegou a bolsa Gucci.

Elaine cravou as unhas nas palmas das mãos.

Cattoretti tirou a carteira da bolsa, abriu-a e colocou seu cartão de crédito na bandeja.

Ela deu um grande suspiro de alívio.

O garçom veio com uma máquina de cartão de crédito portátil e Cattoretti digitou seu PIN.

"E agora", disse ele, levantando-se da mesa, "tenho uma pequena surpresa para você".

ELES ESTAVAM de volta ao Porsche, atravessando o centro de Milão. O estômago de Elaine estava embrulhado em nós, o café e a sobremesa borbulhavam de vez em quando.

Surpresa? pensou ela. *Que tipo de surpresa?*

Eles estavam dirigindo há vários minutos. Cattoretti não disse uma palavra.

"Posso saber para onde estamos indo?" disse Elaine finalmente.

"*Cara*", disse ele, com ar de advertência. "Eu lhe disse: é uma surpresa. Você não quer que eu a estrague, quer?"

"Nunca gostei muito de surpresas", disse Elaine debilmente.

"Sério? Minha experiência diz que a maioria das mulheres adora surpresas - presentes, viagens e assim por diante."

"Bem, acho que não sou como a maioria das mulheres".

Ele deu uma risadinha. "Não, *cara*, mas eu não sou como a maioria dos homens. Você sempre gostará das minhas surpresas."

Em um semáforo, ele virou bruscamente para a direita e acelerou por uma rua estreita, com os pneus queimando um pouco de borracha. Ele parecia relaxado, dirigindo com apenas uma mão no volante, trocando as marchas casualmente.

Elaine podia sentir o suor escorrendo por sua lateral. "Você não está com raiva de mim por nada, está?"

"Irritada?" Cattoretti se aproximou e apertou a mão dela. "Como eu poderia ficar com raiva de você, depois de ter exorcizado tão brilhantemente todos os pequenos erros das minhas falsificações?"

Elaine lutou contra o pânico que a dominava. Havia um leve sarcasmo em seu tom? Ela não sabia dizer.

De repente, ele diminuiu a velocidade do carro, olhando para além dela, pela janela. Parecia estar olhando para as janelas de um bar. Sem nenhum aviso, ele fez uma inversão de marcha que jogou Elaine contra a porta.

"Desculpe", disse ele. "Vi uma vaga de estacionamento nesta direção. Elas são difíceis de encontrar."

Ele parou o Porsche e, em seguida, estacionou paralelamente entre duas motocicletas grandes.

Ele desligou a ignição. Sorrindo para ela novamente, ele pegou sua mão. "Tudo bem, vou parar de mantê-la em suspense. Nós vamos pegar seu dinheiro hoje à noite. Todo ele."

"Meu dinheiro?", disse ela, confusa.

Ele fez sinal para o outro lado da rua, para o bar: "Em alguns minutos, a amada Gypsy de Gene Lassiter chegará lá". Ele sorriu com satisfação. "Vamos trocar Gypsy pelo dinheiro".

GENE LASSITER ESTAVA SOFREND O seu quinto ou sexto ataque de ansiedade desde que havia fugido com o dinheiro do castelo de Cattoretti.

Ele estava sentado em frente ao laptop em seu quarto de hotel em Milão, hiperventilando, com as palmas das mãos suadas, atualizando a tela do computador a cada minuto ou dois, na esperança de encontrar um e-mail de Gypsy. Ele estava apavorado com a possibilidade de ter perdido seu doce amor para sempre. Se isso tivesse acontecido, ele não sabia o que faria.

Ele não tinha como entrar em contato com Gypsy por telefone. Não se atrevera a anotar o número em lugar algum - o único lugar onde o tinha guardado era em seu celular, que evidentemente havia perdido em algum lugar na noite passada, possivelmente na casa de Cattoretti. Ele sabia que Gypsy estava morando em Berlim com um homem chamado Dieter, mas isso era tudo.

Ele olhou para a bolsa cheia de dinheiro que havia tirado de Cattoretti. De que adiantava todo aquele dinheiro sem Gypsy? Tudo o que ele havia feito era para a sua amada amante. Sem Gypsy, todo aquele dinheiro não passava de tinta no papel.

O quarto do hotel era uma bagunça nojenta, com pratos, xícaras e copos sujos do serviço de quarto espalhados por toda parte. Lassiter estava com medo de sair do prédio. Ele não havia saído do quarto desde que fizera o check-in na noite passada, com medo de que os homens de Cattoretti pudessem encontrá-lo de alguma forma. Ele tinha a sensação de que Gypsy estava indo para Milão naquele dia, apesar de ter sido proibido por ele.

Gypsy era loucamente impulsiva. O que era parte da atração.

Lassiter atualizou a tela novamente, com o rosto contorcido pela angústia. A noção de que Gypsy não estava mais interessada nele era demais para suportar.

Então, um pensamento horrível o atingiu, um que ele percebeu que estava à espreita sob a superfície de sua consciência o dia inteiro.

E se Gypsy realmente tivesse encontrado outro amante?

Segurando a cabeça com as mãos, Gene Lassiter começou a chorar como um bebê.

O BAR ERA elegante e moderno, com sofás confortáveis espalhados, as paredes decoradas com pinturas impressionistas. Estava lotado com um público moderno de 30 e poucos anos, todos locais, todos bem vestidos, e estava tão cheio que era difícil respirar.

Cattoretti cumprimentou algumas pessoas enquanto conduzia Elaine a uma mesa de pé em um canto. Ela estava parcialmente escondida por um

pilar, mas ainda assim permitia uma boa visão da porta da frente.

Uma garçonete veio até a mesa. Cattoretti pediu Chianti para os dois.

No limite, Elaine olhou em volta da sala, observando todas as pessoas. A última coisa com que ela se importava agora era receber o dinheiro. Ela não o queria mais. Ela só queria fugir. Talvez ela pudesse se desculpar e ir ao banheiro feminino, e sair pela porta dos fundos.

Mas sem passaporte, com a Interpol e só Deus sabia quem mais estava procurando por ela, ela não achava que iria longe.

Cattoretti estava observando todas as pessoas, procurando por Gypsy.

Elaine olhou ao redor da sala - dentro de seu campo de visão, havia várias mulheres altas com cabelos longos, escuros e cacheados.

"Como você a reconhecerá?" disse Elaine.

"Às nove horas, Greta ligará para o bar e perguntará por Gypsy." Ele sorriu. "Quando ela atender ao telefone, nós a conheceremos."

À MEDIDA que os minutos passavam e Elaine observava todas as pessoas bebendo e conversando entre si, sua curiosidade começou a superar seu desejo de fugir. Ela queria ver como era a cigana, que tipo de garota Gene Lassiter se esforçaria tanto para ter.

Exatamente às nove horas, ouviu-se o som fraco de um telefone tocando. O barman atendeu.

"Essa é a decisão de Greta", sussurrou Cattoretti, observando.

O barman ouviu por um momento, depois abaixou o fone e olhou em volta para a multidão.

"Gypsy é *qui*?", ele gritou. "Cigano?"

Elaine se inclinou para a frente, observando todas as pessoas. Ninguém parecia reagir.

"Gypsy!", gritou o barman mais alto.

"Talvez ela...", começou Elaine, mas então notou que a multidão estava se separando perto do bar para deixar alguém passar.

"Lá está ela", sussurrou Cattoretti.

Uma figura alta e esguia se movia em meio à multidão. A jovem só era visível por trás, com uma espessa juba de cabelos cacheados que descia até a altura das costas. Ela usava um par de jeans de couro preto justo e um suéter branco.

Quando chegou ao bar e pegou o telefone, Elaine viu as unhas compridas pintadas com esmalte preto ou azul muito escuro. Ela ouviu por

um momento, depois disse uma ou duas palavras e devolveu o telefone ao barman.

A garota desapareceu no meio da multidão novamente, agora se dirigindo para a porta da frente.

"Vamos", disse Cattoretti, já de pé.

ELES SAÍRAM e começaram a seguir Gypsy pela rua. Ela caminhava com determinação, com os quadris balançando com altivez. Elaine agora estava dominada por uma estranha curiosidade, novamente se perguntando o que Lassiter achava tão irresistível nela que o levaria a correr riscos tão grandes, a destruir a vida de outras pessoas.

Quando ela se aproximou de um beco, um grande sedã preto virou bem na frente dela, cortando seu caminho.

Cattoretti se moveu rapidamente, empurrando Gypsy para o banco de trás. "Vá na frente", disse ele a Elaine.

"Meu nome é Giorgio Cattoretti", Elaine o ouviu dizer do banco de trás, enquanto o carro se afastava. "Peço desculpas por tê-la tirado da rua dessa maneira."

"Onde está Gene?", disse uma voz suave, com sotaque alemão, quase um sussurro. Ela parecia assustada. "Eu não entendo - o que está acontecendo?"

"Não se assuste", disse Cattoretti tranquilizadamente. "Não vamos machucá-lo. Gene está bem. Você o verá muito em breve, eu prometo."

Elaine não resistiu e se virou para olhar.

Quando ela viu o rosto de Gypsy, ficou atônita.

Os olhos profundos, as pesadas sobrancelhas negras, o nariz aquilino, os lábios cheios e sensuais...

Uma criatura realmente impressionante.

O que mais surpreendeu Elaine foi o bigode e a barba negros, grossos e bem aparados de Gypsy.

Gypsy era um homem.

Gene Lassiter conheceu Gypsy em um bar gay de couro em Berlim. O Ministry of Muscle ficava no bairro abertamente gay de Schöneberg e atraía o público de couro e borracha. O salão principal do bar era uma pista de obstáculos - você tinha que se abaixar para passar por um labirinto de botas de couro penduradas no teto. A área de encontros ficava nos fundos, cercada por tambores de óleo vazios e uma pesada corrente de âncora preta.

Foi lá que Lassiter viu Gypsy pela primeira vez. No momento em que viu o jovem, ele parou em seu caminho. Gypsy estava sentado entre dois fetichistas hardcore, um deles vestindo um par de calças de couro preto, acentuadas por uma peça de couro laranja elétrico rudemente saliente. O outro era um "gummiboy", vestido da cabeça aos pés com uma roupa de borracha justa.

"*Entschuldigung*", disse Gypsy a seus dois companheiros, com sua voz suave e sedutora. Ele se levantou e, observando a aparência relativamente conservadora de Lassiter - calças comuns e jaqueta de couro - mudou para o inglês: "Eu simplesmente *preciso* conhecer essa bela raposa prateada..."

"Raposa prateada" era um código para um homem mais velho, como Lassiter, que se interessava por rapazes jovens e não se importava em pagar por isso.

Uma hora depois, os dois estavam no hotel de Lassiter. Não o hotel oficial, onde ele estava registrado com seu nome verdadeiro, mas um estabelecimento sórdido e exclusivamente gay em Schöneberg, não muito

longe do Ministério do Músculo, onde não era necessário passaporte ou outro documento de identidade.

Naquela primeira noite, Lassiter e Gypsy fizeram coisas com as quais ele só havia fantasiado - Gypsy parecia entender perfeitamente e antecipar todos os desejos sexuais mais perversos de Lassiter, e prontamente os satisfazia.

Agora, Lassiter estava sentado na cama do bagunçado quarto de hotel em Milão, olhando para a mensagem de e-mail que havia chegado da conta de Gypsy.

NÓS TEMOS O GYPSY. VAMOS TROCÁ-LO PELO DINHEIRO.
G.C.

Era de Giorgio Cattoretti...

O velho foi tomado pelo pânico. O que aquele italiano bruto poderia fazer com sua amada cigana?

Lassiter levantou-se da cama, tremendo, e arrastou a bolsa de lona até a porta.

Ele tinha que salvar Gypsy.

TRINTA MINUTOS DEPOIS, o sedã de Cattoretti virou em uma estrada em uma área degradada nos arredores de Milão. Ela corria ao lado de um corpo de água estreito, um pequeno rio ou canal. A água parecia tão negra quanto a noite.

"Essas vias navegáveis são chamadas de *navigli*", comentou Cattoretti. "Elas foram projetadas por Leonardo da Vinci, no século XV. Elas percorrem todo o caminho até o Lago Como."

Todos no carro estavam quietos - ninguém estava interessado em um relato de viagem. Eles estavam prestes a se encontrar com Gene Lassiter para trocar Gypsy pelo dinheiro roubado.

O carro parou. À esquerda, havia um enorme armazém, com as paredes desmoronando. Devia ter centenas de anos de idade. À direita, o canal.

Elaine ficou inquieta enquanto eles esperavam. Ela não sabia o que Cattoretti planejava. Ela não confiava muito nele. Mas tinha quase certeza de que ele não estava armado, e achava que Luigi também não estava. Se eles tinham um truque na manga, ela não sabia qual seria.

Depois de alguns longos minutos, um carro virou na estrada do outro lado do armazém. Ele se aproximou lentamente, de frente para eles. A

estrada era larga o suficiente apenas para um veículo. O automóvel parou cerca de quinze metros à frente deles. Os faróis acenderam e apagaram.

"É ele", disse Cattoretti. Ele abaixou o vidro traseiro. "Jogue o dinheiro pelo lado do passageiro!", ele gritou.

"Eu quero ver a Gypsy!" Lassiter chamou de volta.

"Você está me trocando por dinheiro?" Gypsy ofegou. "Como um pedaço de *carne*?"

"Quieto!" disse Cattoretti. Para Luigi, ele disse: "*Acenda a luz em todo o interior*".

A luz da cúpula acendeu.

"Deixe-o ver você", disse Cattoretti a Gypsy.

O jovem se inclinou para frente, com a luz incidindo sobre seu rosto peludo.

"Agora jogue o dinheiro no chão!" Cattoretti gritou.

Lassiter empurrou uma sacola pela janela do passageiro. Ela caiu na calçada.

"Para trás!" Cattoretti gritou.

O carro de Lassiter se afastou lentamente.

"Ok, vamos pegá-lo", disse Cattoretti a Luigi.

Enquanto o sedã avançava lentamente, Cattoretti ficou de olho no carro de Lassiter e abriu sua porta. Quando chegaram à bolsa, ele abriu a porta com cuidado e rapidamente a puxou para o banco de trás. Ele abriu o zíper e deu um sorriso de alívio. Ela estava cheia de maços de notas de quinhentos euros.

"Há uma bomba na bolsa!" gritou Lassiter.

Todos ficaram paralisados.

Lassiter estava segurando algo pela janela do carro - parecia um celular ou um dispositivo de controle remoto.

"Oh, meu Deus", Elaine ofegou.

"*Merda*", disse Cattoretti. "Aquele velho idiota. Ele está blefando."

Elaine se virou e olhou para a bolsa no colo de Cattoretti, esperando que ela explodisse todos eles a qualquer momento.

"Soltem Gypsy ou eu mato todos vocês!" gritou Lassiter.

Cattoretti colocou o braço para fora da janela e fez algum tipo de sinal.

Um tiro foi disparado. O que quer que Lassiter estivesse segurando em sua mão se despedaçou, com pedaços caindo no canal. Ele gritou. Uma

segunda bala o atingiu no pescoço, fazendo com que sua cabeça se inclinasse grotescamente para um lado.

O treinamento do Serviço Secreto de Elaine entrou em ação. Ela avaliou a situação em dois segundos. *Atirador de elite no prédio.*

Ela abriu a porta de sua casa e correu em direção a Lassiter. "Não atirem!", ela gritou.

"Pare!" Cattoretti gritou, mas ela já estava se dirigindo para a porta do passageiro do carro.

Ela a abriu. Lassiter estava caído sobre o volante, com sangue escorrendo pelo assento e pelo assoalho. Seu pescoço e peito estavam abertos. Dois dedos de sua mão esquerda estavam faltando. Elaine havia sido treinada em Avaliação de Trauma. Uma olhada rápida lhe disse que ele não viveria mais do que um ou dois minutos.

Ela ouviu Cattoretti gritar: "Pare! Volte aqui!"

Elaine olhou pelo para-brisa. Gypsy havia saltado do sedã e estava correndo na direção oposta, ao longo do canal. Cattoretti saiu correndo atrás dele.

"Ajude-me", gemeu Lassiter, gorgolejando sangue.

Elaine voltou sua atenção para o idoso. Ela podia ver a vida se esvaindo dele. Ela gentilmente colocou o braço em volta dele, com lágrimas nos olhos. Mesmo depois de tudo o que ele havia feito a ela, ela sentiu compaixão pelo homem moribundo.

"Por que, Gene?" disse Elaine. "Por quê?"

Ele olhou para ela, com o rosto pálido como um fantasma. "Os russos... eles me chantagearam." Ele tossiu mais sangue. "Eles... disseram que iriam... expor... a cigana. Não deixe que eles machuquem a cigana."

Ele teve um espasmo violento e ficou perfeitamente imóvel, com a boca e os olhos ainda abertos, olhando para Elaine.

Ela saiu do carro, com a blusa e o blazer D&G manchados de sangue. Ela estava tremendo tanto que mal conseguia andar - estava em choque ao ver o corpo de Lassiter ser dilacerado por balas, o homem sangrando até a morte em seus braços. Nenhum treinamento de avaliação de trauma a havia preparado para aquilo.

O sedã de Cattoretti estava parado ali. Os faróis ainda estavam acesos, o motor em marcha lenta, todas as portas abertas, exceto a do motorista. A luz interna estava acesa e ela podia ver o rosto de Luigi - ele estava olhando em volta ansiosamente, como se não soubesse o que fazer.

Cattoretti não estava à vista.

Elaine olhou para cima e examinou o prédio em ruínas, mas não viu nenhum franco-atirador ou qualquer movimento. Estava estranhamente silencioso.

Ela tinha que sair daqui. Ela escalou os escombros da estrutura decadente, passando por entre as ervas daninhas e os tijolos soltos. Com passaporte ou sem passaporte, ela tinha que se afastar de Giorgio Cattoretti. Ela tinha visto um lado diferente do homem esta noite - ele era um assassino de sangue frio.

Ela subiu aos tropeços os degraus de concreto em ruínas até o primeiro andar do armazém abandonado, em pânico, apavorada com a possibilidade de ser a próxima. Quando ele descobrisse que ela o havia traído por não revelar todos os erros nas falsificações, certamente se livraria dela, e com vingança.

Dentro do prédio escuro, havia tábuas soltas e buracos em todos os lugares que ela pisava, além de garrafas de cerveja e lixo deixado para trás pelas crianças. O lugar fedia a urina. Ela ofegou quando um borrão sombrio passou por ela e desapareceu atrás de uma pilha de tijolos - parecia um rato grande e gordo.

Ela passou por uma porta decrépita e entrou em uma grande sala. Com cuidado, ela atravessou o chão na quase escuridão, tomando cuidado para não cair em um buraco. Se ela conseguisse chegar à outra extremidade do longo prédio, talvez pudesse se esgueirar, correr ao longo do canal até ficar fora de vista. Mas estava tão escuro lá dentro que ela mal conseguia ver para onde estava indo. E quanto mais ela entrava, mais escuro ficava. Ela decidiu que essa não era uma boa ideia.

Naquele momento, ela ouviu o som fraco de um tiro. Ela havia sido treinada para identificar armas pelo som de seus disparos. Não se tratava de um rifle de precisão, mas de uma pistola de baixo calibre.

Gypsy foi baleada, pensou ela.

Quando ela se virou, perdeu o equilíbrio. Quando se deu conta, uma perna havia mergulhado no espaço. Ela se agarrou ao chão, mal conseguindo evitar que caísse pela abertura irregular.

Com um suspiro, ela se levantou, com as bordas arranhando as canelas e os joelhos, e voltou a se equilibrar. Ela continuou com muito mais cautela, testando cada passo à frente com o dedo do pé antes de colocar o peso no chão.

Ela parou novamente - havia uma respiração atrás dela.

"Elaine?", disse uma voz.

Era Giorgio Cattoretti.

Talvez se ela ficasse parada, ele não pudesse vê-la.

Um segundo depois, uma mão segurou seu pulso. "Você não deve ter medo - já passou."

Alguns minutos depois, Elaine e Cattoretti estavam sentados no banco de trás do sedã, indo em direção ao castelo. Eles não haviam se falado desde que entraram no carro.

"Não vejo por que você está chateada, *cara*", disse Cattoretti por fim. "O homem destruiu sua vida. Você mesma disse isso."

"Você não precisava matá-lo", disse Elaine.

"Ele pode ter nos surpreendido com o que está por vir."

"Ele estava blefando."

"Achei *que* ele estava blefando, mas não tinha certeza. Como eu poderia saber? Você prefere que eu arrisque todas as nossas vidas para descobrir?"

Elaine não respondeu. Eles dirigiram por um momento em silêncio, depois atravessaram um dos canais.

"O que aconteceu com Gypsy?", disse ela.

Cattoretti olhou para ela e depois deu de ombros. "Ele fugiu."

"Achei que tinha ouvido um tiro de pistola quando estava no depósito."

Luigi olhou para seu pai pelo retrovisor e depois voltou a olhar para a estrada.

"Não estou armado", disse Cattoretti. "E Luigi também não está. Você deve ter imaginado isso."

QUANDO VIRARAM a estrada que levava ao castelo, Elaine olhou para a floresta. As últimas palavras de Lassiter ainda estavam reverberando em seus ouvidos.

Os russos... eles me chantagearam. Eles disseram que iriam expor a Gypsy.

Agora ela tinha certeza de que Lassiter havia mentido para ela sobre Nick. O velho havia inventado tudo apenas para atraí-la a Washington para que ela concluísse seu projeto.

Olhando para a floresta, ela se perguntou onde Nick estaria agora e se ele estaria feliz.

N aquele momento, Nick LaGrange estava descendo o barranco no lado leste do Castello Fontanella, a apenas 400 metros da entrada da garagem. Ele usava uniforme camuflado cinza e preto e tinha uma mochila pesada nas costas. Seu rosto estava pintado de preto com tinta de camuflagem.

Ele estava investigando um criminoso italiano chamado Giorgio Cattoretti nas últimas três semanas. Parecia que a verdadeira impressora KBA Giori, que estava por trás das cédulas falsas de qualidade cada vez melhor, poderia estar localizada nesse castelo. Dois dias atrás, ele havia obtido permissão para ir à Itália e verificar a situação.

Chegar perto o suficiente do castelo para ver o que estava acontecendo não seria uma operação fácil. Além das ravinas profundas que cercavam a estrutura em todos os quatro lados, havia também um fosso e um muro de fortificação de seis metros de altura. Pelas fotos de satélite, também parecia que os terrenos ao redor do castelo, na parte interna do fosso, eram patrulhados por guardas com cães.

Não seria fácil, e ele poderia acabar morto. Mas se era ali que a máquina Giori estava localizada, o risco valia a pena.

Quando parou e descansou por um momento, vislumbrou os faróis por entre as árvores. Um carro estava passando pela entrada da garagem que levava ao castelo, mas estava longe demais para ser visto.

Ele se perguntou se Giorgio Cattoretti estava nele.

CATTORETTI DISSE a Luigi para parar os Rolls na entrada da East Tower.

Ele fez um sinal para Elaine. "Tony ficará chateado se a vir assim." Ela olhou para seu terno de negócios manchado de sangue. "Vá se limpar e coloque essas roupas em seu guarda-roupa. Eu cuidarei delas mais tarde."

Cattoretti saiu do carro e destrancou a porta da torre. Elaine subiu as escadas, sozinha.

Ela tentou se convencer de que Cattoretti havia feito a coisa certa ao matar Gene Lassiter, e que Gypsy estava bem.

À MEIA-NOITE, Nick LaGrange estava deitado de bruços sobre o muro da fortificação. Havia apenas um guarda de plantão, patrulhando o terreno e, depois de atravessar o fosso a nado, Nick conseguiu evitá-lo.

Agora, ele podia ver as janelas das duas torres, bem como as janelas ao longo do pátio interno.

Nos últimos minutos, ele observou um homem magro, de cabelos pretos e avental lavando pratos. Em seguida, as luzes se apagaram e outro conjunto de luzes se acendeu na sala ao lado.

Ele estava usando um microfone a laser para tentar ouvir as conversas dentro do castelo, mas os pequenos vidros das janelas eram tão grossos que o dispositivo era de pouca utilidade. Ele continuou ouvindo um som fraco de estalos e percebeu que um dos cômodos devia ter uma mesa de bilhar.

Em suma, o castelo parecia muito silencioso. Se havia uma operação de falsificação em andamento nesse local, ele não conseguiu encontrar nenhuma evidência disso. Cattoretti possuía várias outras empresas onde a impressora Giori poderia estar localizada, sendo a mais próxima - e a candidata mais provável - uma gráfica chamada DayPrinto, S.p.A.

Se ele não conseguisse aprender nada aqui, veria o que poderia observar lá.

DEPOIS QUE ELAINE tirou a roupa suja de sangue e tomou banho, vestiu um terno Fendi e desceu as escadas. Ela encontrou Cattoretti na cozinha, conversando com Tony. Os dois estavam tomando café. Cattoretti estava lhe contando sobre o jantar que haviam comido no restaurante. Ninguém saberia que ele tinha acabado de ser responsável pela morte de uma - e possivelmente duas - pessoas.

Quando Cattoretti viu Elaine, ele fez sinal para Tony e disse: "O chef do Il Luogo de Aimo e Nadia é o único chef em Milão que Tony tem em alta conta".

"Quem disse que eu o tenho em alta conta?" disse Tony. "O homem coloca licor em seu *tiramisù*! A receita original do *tiramisu* não tem licor. O que faz dele um *diletante*, como todos os outros." Tony olhou para Elaine. "O problema é que moramos muito perto da França." Ele fez uma pausa. "O que Tony não entende é por que *o signore* come em restaurantes quando ele tem o melhor chef de toda a Lombardia trabalhando aqui mesmo em sua casa!"

CATTORETTI PEDIU a Elaine que saísse para dar uma volta com ele pelo pátio enquanto fumava um charuto. Ela teve de segurar a mão dele para manter o equilíbrio nos paralelepípedos irregulares.

"Você está com frio, *cara*?" disse Cattoretti.

"Não", disse ela, mas ele galantemente tirou o paletó do smoking e o colocou em volta dos ombros dela. Ele pegou a mão dela novamente enquanto caminhavam. "Fico feliz em vê-la com mais ânimo".

Era verdade. Ver Cattoretti e Tony juntos a animou um pouco. Ela não achava que o homem pudesse ser tão ruim, não se ele tivesse alguém como Tony trabalhando para ele.

"Espero que você entenda que tudo o que fiz esta noite, fiz por você", disse Cattoretti. "Eu o protegi e consegui o dinheiro de volta, o dinheiro que você merece."

"Sim", disse Elaine, sentindo-se culpada.

Ele deu de ombros, com o charuto entre os dedos. "Foi uma pena que Lassiter tenha morrido, mas não havia como evitar. Ele era um homem pequeno e egoísta, Elaine. Homens pequenos sempre recebem suas recompensas justas. Acho que o que ele fez com você foi uma covardia - havia várias maneiras de ele conseguir tirar a chave de dados dos Estados Unidos. Mas ele escolheu usar você para fazer isso. Desprezível e covarde."

As palavras fizeram Elaine se sentir melhor, mas ela também sentiu que Cattoretti estava tentando manipulá-la.

Ouviu-se um som vindo de algum lugar acima deles. Parecia o barulho de uma pedra em uma sarjeta.

Cattoretti olhou para cima com atenção. Um dos cães de guarda começou a latir do outro lado do muro da fortificação.

"O que foi isso?" disse Elaine.

"Provavelmente um animal. Há muita vida selvagem ao redor deste castelo".

QUANDO CATTORETTI TERMINOU SEU CHARUTO, ele acompanhou Elaine até o quarto dela na Torre Leste.

Quando entraram, ele ficou parado, olhando para ela. Havia um brilho de luxúria em seus olhos.

"Cara", ele sussurrou, levantou a mão e tocou o rosto dela com ternura. "Você é tão linda." Ele se aproximou mais, olhando para os lábios dela. Ela podia sentir o cheiro da fumaça do charuto nas roupas dele.

Seu coração estava batendo forte, mas não por luxúria.

"Isso... isso é muito rápido", disse ela. "Você é um homem muito atraente, mas nós mal nos conhecemos."

Ele a ignorou e, de repente, seus lábios se pressionaram contra os dela. Ela resistiu, mas isso só pareceu excitá-lo. Uma voz prudente dentro de sua cabeça disse: *"Você não tem passaporte e não tem dinheiro. Em questão de dias, esse homem descobrirá que você mentiu para ele sobre suas falsificações e que elas não valem nada. É melhor fazer com que ele goste de você muito mais do que gosta agora, se quiser ver seu próximo aniversário!"*

Ele a empurrou para baixo na cama, empurrando seu corpo contra o dela. Ela podia sentir a ereção dele pressionando sua coxa enquanto ele sondava sua boca com a língua. As mãos dele pareciam estar em todos os lugares, puxando o vestido dela para cima, segurando seus seios, os dedos esfregando seus mamilos. Ela sentiu uma excitação sexual suja, quase pornográfica, uma parte dela gostando do que ele estava fazendo com ela.

Deixe que ele faça o que quiser com você, disse a voz.

Seus olhos se abriram por um segundo... e ela viu uma luz vermelha no teto.

Ela ofegou, empurrando Cattoretti com força para longe.

"O que há de errado?" disse Cattoretti, respirando com dificuldade.

"I..." Elaine tentou não olhar para o pequeno ponto de luz. Era um feixe de laser, piscando e apagando no que ela pensou ser algum tipo de código. "Não posso fazer isso agora, não estou pronta."

Ele franziu a testa para ela, depois se virou e olhou para o teto.

Naquele instante, o pequeno ponto vermelho se apagou.

Elaine ficou deitada na cama sem fôlego, com medo de que ele aparecesse novamente. Ela havia reconhecido uma palavra - era Código Morse. A palavra que a atingiu como um raio de eletricidade. N-I-C-K.

Ele estava em algum lugar lá fora. Ele tinha ido atrás dela!

Cattorette estava observando seus olhos. O homem tinha instintos afiados.

"O que foi, *cara*?", disse ele, olhando novamente para o teto.

Elaine se sentou na cama. "Eu não estou pronta para isso."

"Estou vendo. E quando você acha que estará pronto?" As palavras foram ditas em um tom que lhe dizia que não era uma questão de "se", mas de "quando".

"Eu... não sei. Uma mulher não pode dar um cronograma para essas coisas."

Ele se levantou da cama e ajeitou o paletó, parecendo nervoso.

"Muito bem", disse ele. "Talvez seus sentimentos mudem quando chegarmos a Vernazza."

"Vernazza?" disse Elaine.

"Sim. Como seu passaporte só ficará pronto daqui a alguns dias, pensei em tirarmos umas férias lá. Tenho uma pequena vila à beira-mar. É muito isolada, muito romântica." Ele sorriu. "Você vai gostar de lá."

Olhando mais uma vez para o teto, ele disse: "Boa noite, *cara*", e saiu, fechando a porta atrás de si.

ASSIM QUE ELE SE FOI, Elaine foi até a janela e olhou para fora. Ela mal conseguia distinguir o pátio e as paredes da fortificação - estava muito escuro para ver qualquer outra coisa. Ela ficou ali por um momento e depois se afastou, com medo de que Cattorette a visse.

Ela voltou a se sentar na cama, com os braços arrepiados. Nick LaGrange estava aqui! Como ele a havia encontrado? Ele estava aqui para resgatá-la?

No momento em que ela começou a se perguntar se havia imaginado a pequena luz no teto, ouviu um som vindo da direção da janela.

NICK LAGRANGE ESTAVA SUBINDO LENTAMENTE pelo lado mais escuro da Torre Leste. Ele havia jogado um gancho no telhado e estava escalando a parede de pedra, com medo de que o guarda em patrulha o visse.

Ele ainda estava se recuperando do que havia testemunhado no pátio. Se não tivesse visto com seus próprios olhos, ele não teria acreditado.

Sua Elaine estava *aqui*, neste mesmo castelo. E, aparentemente, boa amiga de Giorgio Cattorette! *Muito* bons amigos.

Isso o chocou tanto que ele quase perdeu o equilíbrio na parede da fortificação, chutando a pedra contra a sarjeta. Por alguns segundos, quando o cachorro começou a latir, ele pensou que alguém o veria.

O que mais perturbou Nick foi quando viu que Cattoretti e Elaine estavam de mãos dadas. Ele se lembrou do dia em que a conheceu na Bulgária, quando segurou a mão de Elaine para brincar com o golpe do Turkey Roll. Quando voltaram para o escritório naquele dia, ele havia se apaixonado por ela, embora não tivesse percebido na época. Ver Cattoretti segurando a mão dela fez Nick arder de ciúmes. Por que diabos ela o havia abandonado na Bulgária depois de terem dormido juntos pela primeira vez? Aquilo tinha sido emocionalmente devastador para Nick. Ele ainda não havia entendido.

Ele descansou por um momento, recuperando o fôlego, e depois começou a subir novamente.

ELAINE LEVANTOU-SE DA CAMA E, sem fôlego, observou a janela quando viu uma mão enluvada abrir as persianas.

"Não se preocupe", uma voz sussurrou da escuridão do lado de fora, "sou eu, Nick".

Ele entrou pela janela.

Ele estava vestido da cabeça aos pés com fardas de camuflagem, com o rosto pintado de preto. Todos os tipos de equipamentos técnicos estavam pendurados nele. Havia um arnês em volta de seu peito, com um cabo de aço pendurado.

Ela queria correr para os braços dele... mas então viu a expressão em seu rosto.

Nick olhou para a cômoda. O colar de diamantes Chopard estava espalhado em cima. Ele olhou de volta para ela.

Somente agora Elaine percebeu como isso parecia.

"Isso não é o que parece", gaguejou ela.

"Não? O que é, então?"

Ela se sentiu na defensiva. "Isso se chama sobrevivência, Nick."

Ele olhou de volta para o colar. "Parece muito mais do que 'sobrevivência' para mim."

Agora ela percebeu que ele poderia ter visto ela e Cattoretti andando de mãos dadas no pátio - ela se lembrou do som que eles tinham ouvido.

"Nick..."

"Por que você me abandonou na Bulgária?"

"Nick..." Havia lágrimas em seus olhos. "Eu deveria ter dado ouvidos a você em vez daquele velho horrível. Me desculpe, eu..."

"Por que você não respondeu às minhas cartas?"

"Cartas? Que cartas?"

"Eu o rastreei até o hotel em que você estava hospedado em Washington. Sei com certeza que eles foram entregues."

Tudo estava ficando mais claro para ela agora. "Gene Lassiter, aquele bastardo..."

"Gene-quem?"

"Lassiter. Ele é a pessoa que conheci na Alemanha, que me disse que você estava sendo investigado. Ele me disse que você tinha sido preso e que tinha ido para a cadeia."

"Você acreditou nele, em vez de em mim?"

Havia umidade em seus olhos. "Nick... por favor."

Ele deu de ombros. "Sou apenas desleixado e preguiçoso, só isso. Nunca consegui trocar aqueles rublos."

"Eu sei, Nick, cometi um erro estúpido. Você pode me perdoar?" Uma lágrima escorreu por sua bochecha. "Eu *amo* você, Nick! Sou louca por você!"

Ele notou o pequeno peru de corda sobre a cômoda. Ele estava deitado de lado, com uma perna quebrada. Ele abriu um sorriso. "Você guardou essa coisa idiota?"

"É claro que eu o guardei!" disse Elaine, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ele se aproximou dela, estendendo a mão.

A porta se abriu.

Cattoretti estava parado em seu smoking, com uma pistola na mão. Seus olhos se voltaram para Nick e depois para Elaine.

Nick pegou sua arma.

Cattoretti disparou. Elaine gritou. Nick cambaleou para trás. Cattoretti disparou mais dois tiros.

Ambos atingiram Nick no centro do peito. Ele caiu no chão.

Lamentando-se, Elaine correu em direção a ele, mas Cattoretti a agarrou pelo pulso.

"Quem é ele?", gritou.

"Nick!", gritou ela, olhando para o corpo sem vida dele. "Nick!"

"Quem é ele?" exigiu Cattoretti.

O pitoresco vilarejo de Vernazza estava situado ao longo da costa acidentada da Riviera Italiana.

A viagem de carro de Fontanella até lá levou pouco mais de três horas. Eles partiram na manhã seguinte, logo após o café da manhã.

Elaine estava em um estado tão profundo de choque e tristeza com a morte de Nick que não sentiu nada. Ela havia tomado banho e se vestido naquela manhã como um autômato, seu corpo fazendo os movimentos, mas sua mente e suas emoções estavam completamente desligadas. Depois que Cattoretti atirou em Nick, Luigi arrastou o corpo até a masmorra.

Quando Tony preparou o café da manhã para ela, Cattoretti estava ocupada fazendo as malas. Ela e Tony estavam sozinhos no Salão Principal. O personagem caloroso e jovial que a havia recebido no castelo há alguns dias não existia mais. Essa versão de Tony era um homenzinho agitado e ansioso que parecia que poderia desmoronar à menor provocação. Seu rosto estava pálido, seus cabelos negros estavam desgrehados e suas mãos tremiam.

Quando ele se aproximou para servir o café, ele se atrapalhou e a xícara caiu no chão.

"Merda!", ele murmurou.

Elaine se agachou e o ajudou a recolher os pedaços.

"Você está bem?", disse ela.

"Não, o Tony não está bem. Tony *nervoso e nervoso!*", declarou ele. "Nunca vi nada assim em minha vida. Trabalho para o *Signore* Cattoretti há cinco anos e nunca vi *nada parecido com* isso." Ele baixou a voz para um

sussurro e olhou para a porta. "Dois cadáveres na masmorra! Eu nunca vi um cadáver antes, *senhora!* Nunca!"

"Como assim, dois cadáveres?"

"O homem que invadiu seu quarto e o outro."

"Que outro?"

Tony fez um gesto ondulado com os dedos. "Com o longo cabelo preto encaracolado. Ele estava no porta-malas do Rolls Royce, com um grande buraco na cabeça!"

Cigano, pensou Elaine de forma repugnante. Então, Cattoretti também o havia matado. A ideia de que os corpos de Nick e Gypsy tivessem sido jogados juntos no porão do castelo era tão repugnante que ela quase vomitou.

"Tony vai procurar um novo emprego", ele sussurrou, olhando para a porta que dava para o Salão Principal. "O Tony não gosta mais deste lugar."

CATTORETTI LEVOU Elaine até Vernazza no Porsche. A viagem durou três horas. Eles pararam para tomar café em Tortona, um belo vilarejo de dois mil anos, em um bar na *praça* principal.

Eram cerca de duas da tarde quando eles dirigiram pela estrada íngreme que levava à vila isolada de Cattoretti à beira-mar. Ele a chamava de seu "refúgio". Ela tinha uma vista esplêndida do mar.

Elaine não sentiu nada. Ocasionalmente, ela se pegava dando risadinhas e, em outros momentos, lágrimas quentes escorriam silenciosamente por seu rosto.

Ela só tinha um pensamento consciente. *Nick LaGrange foi o único homem que já me amou.*

QUANDO CHEGARAM à vila em Vernazza, Cattoretti estacionou o carro e levou a bagagem para dentro.

Atordoada, Elaine examinou a sala de estar. Ela estava equipada com móveis modernos, em couro preto, com uma grande escrivaninha de frente para o Mediterrâneo.

Cattoretti destrancou um armário na escrivaninha e depositou a bolsa Gucci lá, trancando-o novamente. Elaine notou que o armário continha um conjunto de pastas de arquivo.

"Faço muitos trabalhos particulares aqui", disse ele, como se sentisse a necessidade de explicar. "Muitas vezes uso esta pequena vila como um

retiro, um lugar para limpar minha mente."

Ele ficou ali parado, sorrindo para ela. Ela estava usando o vestido Prada preto que ele havia lhe dado no primeiro dia e os saltos Fendi.

Ele ficou conversando durante toda a viagem como se nada de anormal tivesse acontecido. Ela quase não ouviu nada do que ele disse, mas entendeu a essência da história. Um agente do Serviço Secreto, com quem ela tivera um caso na Bulgária, aparecera no castelo, sacara a arma e Cattoretti o matara em legítima defesa. Ele lamentava que o homem tivesse morrido, mas o que ela esperava que ele fizesse? Deixar que o homem o matasse?

É claro que Cattoretti não sabia que ela também sabia sobre Gypsy. Ele não tinha desculpas para isso. Gypsy havia sido morta a sangue frio.

"Você está tão bonita com essa roupa", disse ele suavemente, ainda olhando para ela.

Ele se aproximou lentamente, depois a abraçou e a beijou com avidez, passando a língua profundamente em sua boca, como havia feito na noite passada.

Dessa vez, Elaine não resistiu. Não havia mais sentido em lutar contra ele. Ele era tudo o que ela tinha agora. Ela não tinha para onde ir, ninguém que se importasse com ela e nenhum futuro com ninguém além dele.

Durante a viagem de hoje, ele lhe disse que abriria uma conta bancária suíça numerada para ela e depositaria os oito milhões de euros lá. Que seu passaporte estaria lá em breve e que ela poderia ir para onde quisesse.

Ele não tinha intenção de fazer nada disso, ela sabia. Ele iria transformá-la em uma de suas prostitutas, nada mais. Ele usaria o cérebro dela para melhorar a qualidade de suas falsificações, quando precisasse, mas, fora isso, ela seria sua escrava, como todos os outros ao seu redor.

Cattoretti logo estava em cima dela, esmagando seu corpo contra o dela, batendo nela como um animal.

ELES PASSARAM a maior parte dos dois dias seguintes no quarto da vila. Elaine estava lá e não estava. A Terra girava em seu eixo. A noite se tornava dia, e o dia se tornava noite novamente. Cattoretti era insaciável. Ele fazia com ela coisas que nenhum homem jamais havia feito. Ela o deixava satisfazer todos os seus desejos, por mais depravados que parecessem. Ele a amarrou, ejaculou em seu rosto e a sodomizou.

Elaine sucumbiu a tudo. Emocionalmente, ela estava entorpecida. Às vezes, ela se sentia como um manequim que ele torcia em várias poses sensuais para agradá-lo ou dar a ele melhor acesso às partes dela que ele desejava. De vez em quando, ela olhava para os tornozelos dele e esperava ver cascos presos, mas havia apenas dois pés comuns, com dedos, como os de qualquer outra pessoa. Ele era um ser humano de carne e osso.

Mas que tipo de ser humano?

DE VEZ EM QUANDO, eles "pegavam ar", como disse Cattoretti. Eles subiam e desciam as ruas de paralelepípedos do vilarejo, observando as vistas e as casas estreitas pintadas em tons pastéis de rosa, azul e amarelo. Comeram a culinária local - cappon *magro*, uma pirâmide feita de vegetais frescos e meia dúzia de tipos diferentes de peixe, e a *torta pasqualina*, um bolo feito com dezoito camadas de massa leve e recheado com queijo *ricota*.

Elaine ficou mais animada. Ela sorria, ria e fazia todas as coisas que Cattoretti esperava que ela fizesse.

Ela havia deixado de ser Elaine Brogan. Ela era outra pessoa, uma atriz em um filme. Quando estavam na cama, Cattoretti lhe contou sobre seus dias de trabalho como figurante em filmes. Era assim que ela se sentia - uma figurante em um filme. Nada disso era real, era uma fantasia.

Com o passar do tempo, um pensamento começou a incomodá-la, um pensamento que ela quase havia esquecido em sua tristeza. *Ele vai descobrir sobre a falha IN GOD WE TRUST. E quando isso acontecer, ele me matará.*

Ela começou a ouvir a voz dele em sua cabeça, pronunciando as palavras que ele havia dito depois que eles foram à ópera.

Você deve me revelar todos os defeitos que vê no meu dinheiro, Elaine. Todos os erros. Eu consideraria qualquer coisa menos do que isso uma traição.

ENQUANTO ESTAVAM EM VERNAZZA, seu celular tocava com frequência. Se tocasse enquanto estavam na cama, ele não atendia. Caso contrário, ele atendia a chamada na varanda ou no saguão, se estivessem em um restaurante. Cada vez que ele atendia a uma ligação, Elaine começava a temer que ele estivesse recebendo a notícia de que as falsificações não tinham valor, que não passariam pelas máquinas de verificação do banco.

E ela esperava ver uma arma apontada para seu rosto.

Mas ele sempre voltava após as ligações telefônicas com a mesma expressão calorosa no rosto e dizia: "Sinto muito, *cara*. Os negócios são um grande incômodo".

NO FINAL da tarde do quarto dia, quando eles estavam caminhando por uma trilha com vista para o mar, ele disse: "Você já esteve em San Remo?"

"Não", disse Elaine.

"Tem o maior cassino da Itália. Você vai gostar. Uma multidão muito colorida joga lá."

DEZ MINUTOS DEPOIS, eles estavam dirigindo pela costa, em direção a San Remo. Era quase o pôr do sol. A rodovia subia e descia os penhascos escarpados ao longo da costa. Logo, o céu explodiu em uma profusão de laranja, índigo e violeta.

A bolsa Gucci estava no banco de trás. Dentro dela estava o dinheiro falso que ele estava carregando, o dinheiro que estava com defeito, o dinheiro que não passava nem nas máquinas de câmbio de modelo mais antigo. A moeda falsa com a frase IN GOD WE TRUST impressa no lugar errado.

Ele o havia trancado quando chegaram à vila, mas agora estava levando-o para o cassino.

Ele planejava jogar com ela?

O cassino de San Remo ficava em uma colina, em meio a vários hotéis, restaurantes e cafés de aparência cara. Ao se aproximarem, Cattoretti reduziu um pouco a velocidade do Porsche e parou o carro bem em frente à calçada que levava à entrada.

Ele sorriu, colocou a mão no bolso e tirou um passaporte italiano. "Exatamente como prometi", disse ele, entregando-o a ela.

Elaine o abriu. DE LA FONTAINE, MARIE dizia, ao lado de sua foto. Era o mesmo nome que ela havia usado na recepção da ópera.

"Não entendo", ela murmurou. *Por que ele está me dando o passaporte agora?* pensou ela.

Ele entrou no banco traseiro e colocou a bolsa Gucci no colo de Elaine. "Você vai entrar no cassino e trocar tudo isso por fichas. Eu tenho alguns negócios a tratar. Vou me juntar a você daqui a pouco. Jogue um pouco, divirta-se."

Elaine olhou para a bolsa. De repente, ela se encheu de terror. O primeiro sentimento real que teve desde a morte de Nick.

"Mas... o que você vai fazer?"

"Vou tomar um café e fumar um charuto ali", disse Cattoretti, apontando para uma cafeteria ao ar livre do outro lado da rua. "Vou me juntar a vocês nas mesas daqui a pouco. Fiquei para trás em minhas ligações de negócios e preciso me atualizar."

A garganta de Elaine estava tão seca que ela não conseguia encontrar sua voz.

Ele lhe lançou um olhar intrigado. "Há algo errado, *cara*?"

"Eu pensei que você não fosse trocar nenhuma das falsificações na Itália."

Ele deu de ombros, olhando para a bolsa. "São apenas cinquenta mil. Este cassino pertence a uma empresa francesa - eles enviam todas as notas estrangeiras para o escritório principal, em Marselha." Ele fez uma pausa. "De qualquer forma, esta é uma boa oportunidade para colocar todo o nosso trabalho duro à prova, Elaine. Também sei que a casa de câmbio desse cassino acabou de atualizar o equipamento de verificação com as últimas atualizações de software."

"Oh." Elaine engoliu.

Ele colocou o braço em seu ombro. "*Cara*, você deveria ter mais confiança em si mesma! Você examinou minhas falsificações 'com um pente fino', como você disse. Você não tem nada a temer". Ele deu um tapinha em seu joelho. "Agora seja uma boa menina e vá trocar o dinheiro."

Pegando a bolsa, ela abriu lentamente a porta e saiu do carro.

Cattoretti se inclinou, sorrindo para ela. "E tente não jogar tudo fora antes de eu chegar lá!"

QUANDO ELAINE se aproximou da entrada do cassino, de repente, seus sentidos ficaram claros e aguçados. Ela deu uma olhada por cima do ombro. Cattoretti já estava sentado em uma das mesas externas da cafeteria.

Ele sorriu para ela e acenou, com o telefone já no ouvido.

Um homem uniformizado abriu a porta de vidro para Elaine e ela entrou no saguão do imenso cassino. Ela podia ouvir o constante tilintar e o ranger mecânico das máquinas caça-níqueis.

Ela passou por um guarda de segurança. Ele lhe deu uma olhada rápida quando ela passou. A casa de câmbio estava movimentada - havia algumas

pessoas na fila para trocar dinheiro por fichas ou trocar fichas de volta por dinheiro.

Havia câmeras de segurança por toda parte. Elaine vislumbrou uma placa na parede.

- AVISO -
QUALQUER PESSOA QUE FOR PEGA TENTANDO PASSAR ATÉ
UMA NOTA FALSA NESSAS INSTALAÇÕES SERÁ ENTREGUE À
POLÍCIA

O AVISO FOI REPETIDO em italiano e francês.

As mãos de Elaine já estavam úmidas de suor.

Isso era um teste. Cattoretti queria que ela tentasse trocar o dinheiro e assumisse a culpa se fosse detectada uma falsificação.

Então, um pensamento ainda mais aterrorizante a atingiu. Lassiter não havia lhe contado que, há alguns meses, uma prostituta italiana havia trocado algumas das falsificações nesse mesmo cassino e depois desaparecido?

Atrás de um dos balcões, ela viu um funcionário colocando uma pilha de notas de euro em uma das máquinas de verificação de alta velocidade. Não havia como ela converter o dinheiro aqui - as máquinas disparariam alarmes instantaneamente.

Agora, totalmente fora do torpor passivo em que estivera nos últimos três dias, ela olhou freneticamente ao redor do saguão - tinha de haver outra maneira de sair do prédio... mas para onde ela iria? Tudo o que ela tinha era um passaporte falso que Cattoretti havia feito para ela e uma bolsa cheia de falsificações sem valor.

Ela entrou no cassino lotado, passou pelas máquinas caça-níqueis e pelas mesas de blackjack, com o coração batendo mais forte a cada momento. Sua única esperança era passar a moeda falsa para outra pessoa. Mas quem? E como?

Examinando a multidão, ela avistou uma loira descolorida, carregada de joias de ouro chamativas. Ela estava com um homem de chapéu de caubói e

gravata de cordão. Eles estavam em uma mesa de dados, juntando suas fichas.

"Não vá embora agora!", disse um dos outros jogadores. "Você está em uma maré de sorte".

"Querida, vamos parar enquanto podemos", disse a mulher, varrendo avidamente as fichas. Havia um diamante em seu dedo do tamanho de uma bolota.

"Perdi minha camisa ontem à noite", murmurou o homem que estava com ela, varrendo as fichas para dentro de seu chapéu de caubói. "Estamos indo embora enquanto é tempo."

Quando eles se viraram na direção de Elaine, ela deu um passo ao redor de outra mesa de dados para interceptá-los.

"Vocês são do Texas, aposto". disse Elaine, com um grande sorriso.

"Com certeza somos!", disse a mulher. "Não vejo muitos americanos nesta região da floresta. Somos de Galveston - de onde vocês são?"

"Dallas", disse Elaine, virando-se para acompanhá-los - eles estavam caminhando apressadamente em direção à casa de câmbio. "Ouça, posso economizar uma quantia considerável de dinheiro em seus ganhos, se estiver interessado..."

Eles diminuíram a velocidade.

"Como assim?", disse o homem, cauteloso.

"Posso trocar suas fichas por dólares americanos - você não terá que pagar nem um pouco de comissão." Elaine olhou em volta para se certificar de que ninguém estava olhando e, em seguida, abriu a bolsa Gucci para que ambas pudessem ver o que havia dentro.

O homem olhou para sua esposa, tentado.

"Chester, você está louco?", disse a mulher. Olhando para Elaine, ela disse: "Nós não nascemos ontem, querida".

Ela agarrou o braço do marido e o afastou.

ELAINE ANDOU PELO CASSINO, com a mente acelerada. Apenas cinco minutos haviam se passado desde que ela entrara pela porta, mas cada minuto subsequente parecia uma semana. Ela estremeceu ao pensar no que Cattoretti faria com ela.

Ela podia ouvir sua voz quando ele falava sobre Sforza:

Diz-se que ele pregou um traidor em seu próprio caixão, ainda vivo.

Elaine caminhou até os fundos, onde ficavam os banheiros. Havia uma porta nos fundos, uma saída de emergência contra incêndio, conforme exigido por lei - mas havia dois seguranças armados estacionados lá. Mais uma vez, mesmo que ela conseguisse passar por eles, para onde poderia ir? Ela não poderia comprar nada na Itália com outra moeda que não fosse o euro e certamente não poderia usar seus cartões de crédito.

Elaine voltou para a frente do salão principal, espiando pela borda da moldura da janela.

Cattoretti ainda estava sentado na cafeteria do outro lado da rua. Ele estava longe demais para que ela pudesse ver os detalhes de seu rosto, mas ela podia dizer que ele estava observando a entrada - ela podia ver o brilho laranja tremeluzente de seu charuto cada vez que ele o tragava.

Ela foi até as mesas de dados e olhou desesperadamente ao redor. Tinha de haver alguma maneira de sair dessa... mas ninguém em sã consciência confiaria em um estranho que se oferecesse para trocar dinheiro. E se os guardas a vissem fazendo isso, eles a expulsariam, no mínimo.

Então ela se lembrou de algo: o Turkey Roll. Uma manobra nesse sentido poderia funcionar.

Ela avistou uma jovem loira voluptuosa, mais ou menos da sua idade, que parecia preocupada com alguma coisa. Ao lado dela estava um homem com óculos de armação de arame que parecia ter idade suficiente para ser seu avô. Eles estavam discutindo sobre alguma coisa.

Elaine se aproximou um pouco mais para poder acompanhar a conversa.

"Você diz que essas fichas *são minhas*", disse ela com um forte sotaque italiano, "e depois diz como eu aposto! Eu jogo como eu quiser!"

"Minha querida, estou apenas tentando evitar que você perca." Ele falou com um sotaque britânico culto. "Você precisa de orientação."

"Eu não quero sua orientação!", disse ela com altivez. Ela deslizou sua pilha de fichas para mais longe dele.

"Faça como quiser." Ele pegou os dados e jogou. "Jogue tudo no lixo, eu não me importo. Mas você não vai ganhar mais nada esta noite."

"E você também não", murmurou a garota.

Elaine deu meia-volta e foi direto para o banheiro feminino. Havia uma atendente lá dentro, sentada em uma mesa cheia de toalhas, lendo um livro de bolso. Elaine entrou em um dos banheiros do meio. Trancou a porta e pendurou a bolsa Gucci no gancho da porta. Sem fazer nenhum barulho, ela

passou por baixo da divisória para o banheiro ao lado, esperou alguns segundos, deu descarga e saiu.

Um minuto depois, ela estava de volta ao cassino, passando por trás da italiana curvilínea. Entre seus dedos, havia um maço pegajoso de chiclete que ela havia retirado de uma bandeja de cinzas.

"Desculpe-me, você tem chiclete na parte de trás do seu vestido", disse Elaine.

A garota franziu a testa. "*Merda*", disse ela, estendendo a mão atrás das costas, tentando encontrá-la com os dedos. "*Questo vestito è molto costoso!*" Ela olhou para seu companheiro idoso, que agora estava envolvido em seu próprio jogo, sem lhe dar atenção.

"É uma pena", disse Elaine com simpatia. "Eu sei como tirá-lo sem estragar o vestido. Vamos ao banheiro feminino."

QUANDO ENTRARAM NO BANHEIRO, Elaine disse ao atendente. "Você poderia nos trazer uma fita adesiva forte, por favor? Da cozinha ou do zelador?"

"*Nastro d'argento*", disse a garota, traduzindo.

"*Sim*", disse o atendente, e saiu da sala.

"A fita adesiva vai tirar isso como mágica", assegurou Elaine à garota, que se virou e estava olhando para a bagunça pegajosa através do espelho.

"Com licença, um minuto", disse Elaine, e entrou na cabine do meio, fechando a porta atrás de si. Ela passou por baixo da porta e entrou naquela em que havia deixado a bolsa Gucci, depois voltou para a primeira.

"Oh, meu Deus!", gritou ela.

"*Cosa c'è?*", disse a garota.

Elaine saiu da cabine com a bolsa nas mãos e fechou-a rapidamente. "Nada... eu... alguém deixou isso para trás." Ela deu um passo em direção à porta. "Vou entregá-la à segurança..."

"Espere", disse a garota desconfiada, agarrando o pulso de Elaine. "O que tem dentro?"

"Nada", disse Elaine, desviando os olhos.

A garota tentou puxar a bolsa para longe. Elaine a segurou, mas se certificou de que a garota visse o dinheiro.

"*Madonna mia!*", ela ofegou.

"Eu a encontrei", disse Elaine, puxando-a para longe. "É meu!"

"*Encontramos!*", disse a garota, puxando-o de volta. Seus olhos estavam ardentes de cobiça. "Chamo a segurança!"

"Shhh", disse Elaine, olhando nervosamente para a porta, "Olha, vamos dividir? Meio a meio. Ok?"

Naquele momento, duas outras mulheres entraram no banheiro.

Elaine e a garota entraram em uma das cabines e trancaram a porta. Elaine contou rapidamente o dinheiro, com a garota observando cada movimento seu.

"Há cinquenta mil aqui", sussurrou Elaine. Ela acenou com a cabeça para a bolsa da garota. "Você me dá vinte e cinco mil em fichas e pode ficar com tudo".

A garota levou apenas uma fração de segundo para decidir que o dinheiro era melhor do que as fichas. Ela rapidamente contou vinte e cinco mil fichas e Elaine lhe deu o dinheiro em troca.

Quando Elaine saiu pela porta do banheiro, passou pelo atendente, que carregava um rolo de fita adesiva.

"Obrigada", Elaine sorriu, "mas já resolvemos o problema".

UM MINUTO DEPOIS, Elaine estava na roleta mais distante da entrada, em um local onde podia fazer apostas e ver claramente todos que entravam na sala.

Todas as fichas estavam empilhadas à sua frente, mas ela ainda não havia apostado nada - estava apenas observando, esperando.

Cattoretti logo entrou. Ele olhou em volta, procurando por Elaine. Ela imediatamente empurrou uma pilha de fichas de quatro mil euros para o retângulo PRETO.

Cattoretti chegou até ela no momento em que a bola da roleta estava em um dos espaços vermelhos.

"*Quattordici, rossa*", disse o crupiê mecanicamente. Ele varreu as fichas de Elaine.

"Receio que minha sorte não esteja muito boa esta noite", murmurou ela.

"Oh, eu não diria isso." Ele olhou para as fichas, depois para as pessoas ao redor da mesa e, finalmente, para o rosto dela. "Acho que sua sorte está se mantendo *muito* bem".

Ela olhou nervosamente para ele. "O que você quer dizer com isso?"

Ele apontou para as fichas. "Você ainda tem cerca de metade do dinheiro com que começou?"

"Um pouco menos."

"A roleta é um jogo muito sedutor. Muitas pessoas já teriam perdido tudo até agora." Ele olhou para os outros novamente e depois estendeu o braço para ela. "Venha, *cara*. Vou lhe ensinar a jogar bacará."

ELES JOGARAM juntos por mais algumas horas. Cattoretti teve algumas boas surpresas. Às duas horas da manhã, as fichas haviam aumentado para cerca de seis mil euros.

"Vamos voltar para Vernazza agora?", disse ele.

Elaine hesitou. Ela se sentia muito mais segura aqui, perto de todas essas pessoas, do que no esconderijo de Cattoretti. Mas não conseguia pensar em nenhuma desculpa para ficar.

"Sim, estou ficando com sono agora."

Durante a sinuosa viagem de volta a Vernazza, Cattoretti não disse uma palavra. Elaine olhava pela janela para os carros que passavam pela estrada costeira e ficava cada vez mais ansiosa. Se ele sabia que ela havia conseguido trocar o dinheiro sem usar a casa de câmbio, ele não demonstrou isso. No entanto, havia algo diferente na maneira como ele estava agindo agora. Algo sutil. Algo perigoso.

Quando chegaram à casa, Cattoretti estacionou o carro na garagem e eles entraram.

Ele não perdeu tempo e a levou para o quarto. Logo ele estava em cima dela novamente, fazendo amor com ela com uma ferocidade que ela nunca tinha visto antes.

"Você me deixa louco", disse ele, ofegante, enquanto a colocava de bruços. Ele entrou nela por trás, penetrando-a tão profundamente que ela pensou que fosse desmaiar.

Logo ele estava exausto, caído em cima dela e roncando baixinho em seu ouvido.

Ela ficou deitada ali por um longo tempo antes de sair de baixo dele com muito cuidado, tentando não despertá-lo. Ele parou de roncar por um momento, depois soltou um longo suspiro e rolou. Ele parou de roncar por um momento, depois soltou um longo suspiro e rolou para o lado.

Ela estava pensando no armário trancado na mesa dele, imaginando se havia uma arma escondida lá.

Seu rosto estava a poucos centímetros do chaveiro, que estava sobre a mesa de cabeceira.

Ela ficou deitada por mais alguns minutos, discutindo, e decidiu que era muito arriscado. Eles tilintariam se ela os pegasse, e ela já sabia que ele tinha um sono muito leve.

Ela saiu da cama, vestiu o roupão e saiu para o corredor, fechando gentilmente a porta atrás de si.

O estresse de trocar o dinheiro no cassino e enganar Cattoretti a energizou, tirando-a do torpor. Ela não ia deixar que ele a dominasse ou que se safasse do que havia feito.

Ela foi até a cozinha, serviu-se de um copo de suco de laranja e, em seguida, caminhou casualmente até a sala de estar. Parou por um momento na porta, escutando. Ela ainda podia ouvir levemente o ronco de Cattoretti.

Ela foi até a escrivaninha e abriu a gaveta de cima. Havia alguns cliques de papel de vários tamanhos. Ela escolheu um e se ajoelhou em frente ao armário.

Ela havia feito um curso de arrombamento de fechaduras no Serviço Secreto e havia passado uma sessão sobre métodos que usavam "ferramentas de improvisação", como cliques de papel e grampos de cabelo. Agora ela se arrependia muito de não ter prestado mais atenção naquele dia.

Elaine se atrapalhou por uns bons dez minutos, encolhendo-se cada vez que fazia um som alto de raspagem e parando para se certificar de que Cattoretti ainda estava roncando.

Finalmente, a fechadura se abriu.

Uma rápida olhada no armário revelou que não havia nenhuma arma escondida ali. Apenas um monte de pastas de arquivo.

Ela tirou um e olhou o rótulo.

Lassiter

Ela o abriu. Havia páginas e páginas de anotações rabiscadas em italiano, com a caligrafia característica de Cattoretti.

Depois, algumas folhas, impressas em computador, com fotografias impressas quatro por página e anotações rabiscadas nas margens: Gene Lassiter mancando pela Fifteenth Street em D.C., com sua bengala na mão. Gene Lassiter jantando sozinho em um restaurante. Gene Lassiter abrindo a porta da frente de sua casa em Georgetown, esta tirada com uma lente teleobjetiva.

Elaine virou a página.

A parte superior do papel estava identificada como *Berlino, Germania*.

Mais fotos. Lassiter e Gypsy, saindo de um bar decadente. Lassiter e Gypsy, caminhando de mãos dadas em uma praia. Lassiter e Gypsy, juntos em um quarto, nus e...

Ela fechou a pasta rapidamente.

Quando ela pegou o próximo, teve uma sensação estranha e inquietante.

Sofia, Bulgária, o rótulo dizia.

Ela a abriu lentamente... havia fotografias. Muitas fotos. Elaine e Nick jantando em um restaurante. Elaine sinalizando para um táxi no Boulevard Todor Alexandrov, a rua principal.

E Elaine e Nick entrando na portaria do prédio dela.

As fotos devem ter sido tiradas na noite em que dormimos juntos, pensou Elaine com tristeza.

Sua cabeça girou quando ela percebeu as implicações. Cattoretti a estava observando na Bulgária. Ele havia planejado tudo! Não havia "coincidências" - ele sabia exatamente quem ela era o tempo todo. Ele havia usado sua experiência incomum para identificar moedas falsas para seus próprios fins. Gene Lassiter tinha sido apenas um fantoche.

Foi Giorgio Cattoretti quem arruinou sua vida.

Elaine ouviu o celular de Cattoretti começar a tocar no quarto.

Ela sentiu vontade de pular em cinco direções ao mesmo tempo. Rapidamente, guardou as pastas de arquivos e fechou a porta do armário. Agora Cattoretti estava falando em italiano ao telefone, sua voz grave parecia sonolenta. Com o clipe de papel em mãos, Elaine tentou fechar a fechadura novamente, com o metal batendo ruidosamente nos cilindros.

"*Cara?*" Cattoretti chamou.

Elaine o ignorou, tentando desesperadamente girar a fechadura. Finalmente, ela girou de volta para o lugar.

"Elaine?", ele chamou, mais alto. Ela podia ouvir o rangido das molas da cama quando ele se levantou.

Ela rapidamente alisou o roupão e pegou o copo de suco de laranja. Fingiu estar olhando para o mar pela janela. Era madrugada, e o céu estava pintado com tons de violeta e rosa.

Seus passos estavam se aproximando da sala de estar.

Ela olhou para a escrivaninha.

A gaveta superior ainda estava parcialmente aberta!

Ela estendeu a mão para fechá-la e seus olhos se fixaram em algo que estava dentro da gaveta. Um abridor de cartas. Era fino e prateado, como um estilete.

Ela rapidamente colocou a palma da mão e fechou a gaveta.

"Ah, aí está você", disse Cattoretti.

Ela se virou, tomando um gole de suco. "Eu não conseguia dormir", disse ela.

Ele estava parado na porta, completamente nu, com o pênis meio duro e latejante.

Quando ela olhou nos olhos dele, seu coração se afundou. Ele sabia sobre a falha IN GOD WE TRUST. Alguém havia acabado de ligar para ele e contar sobre isso.

Ela se afastou e voltou a olhar pela janela panorâmica, para o espetáculo de luzes do início da manhã.

Ele foi para trás dela e passou os braços ao redor dela, com sua masculinidade batendo em seu traseiro.

"É lindo, não é?", ele sussurrou em seu ouvido. "Quase tão bonito quanto você".

Ela sentiu que ele inclinou um pouco a cabeça, olhando para a escrivania.

"Sabe", disse ele, "depois desse telefonema, estou bem acordado. Que tal darmos um passeio pelo litoral?"

"Está frio lá fora", disse ela.

"Eu a mantereí aquecida, *Cara*. Venha", disse ele, pegando a mão dela. "Está na hora."

Eles estavam se movendo ao longo de um caminho que passava ao lado de penhascos com vista para o mar. Eles caminhavam lado a lado, com Cattoretti segurando-a firmemente pela mão.

Quando chegaram a uma bifurcação no caminho, desviaram na direção de Corniglia, o vilarejo mais próximo. O caminho se alargou um pouco - agora devia haver uma queda de duzentos metros até o mar. Elaine podia ver as ondas quebrando nas rochas abaixo, sentindo o impacto estrondoso na terra sob seus pés.

Elaine caminhava mecanicamente, possuída por uma estranha calma.

Ele vai me matar agora, pensou Elaine com tristeza. *E não há nada que eu possa fazer a respeito.*

Parecia que toda a sua vida havia sido composta por uma série de eventos que a levaram a esse caminho inevitável. Dezenas de lembranças vívidas inundaram sua mente. Seu pai, com a cabeça baixa de vergonha, de pé do outro lado do vidro da prisão. Luna Faye, levantando-se do tapete de treinamento, limpando o sangue da boca e sorrindo. *Muito bem, garota. Parece que, afinal, há esperança para você.* E seu fiel amigo Dmitry, pulando a ponte de pedestres em seu táxi, arriscando a vida por ela.

E Nick, fazendo amor apaixonado com ela... a única vez em que dormiram juntos, no apartamento dela na Bulgária.

Ela seguiu em frente, subindo os penhascos, quase sem perceber que Giorgio Cattoretti ainda estava segurando sua mão.

Eles chegaram a um ponto alto da colina. Cattoretti diminuiu a velocidade, indo em direção a uma saliência de rocha. O ar estava cheio de

salmoura, e ela podia ouvir as ondas batendo contra as rochas abaixo.

"A vista não é incrível?", disse ele, abraçando-a com o braço.

Ela não disse nada.

Ele se interpôs entre Elaine e a colina, forçando-a a dar um passo mais perto da borda, que era uma queda livre até o mar.

"Como você fez isso?", disse ele suavemente, olhando-a nos olhos.

"Como eu fiz o quê?" Sua voz soou baixa por causa das ondas que batiam.

"Troque o dinheiro." Ele fez uma pausa, com seus olhos escuros fixos nela. "Eu sei sobre a falha, Elaine."

Ela não respondeu - olhou para a água que se agitava.

"Eu lhe dei tudo", disse ele, com a voz mais alta. "Tudo! E o que você faz para demonstrar sua gratidão? Você me trai."

"Você destruiu minha vida. Eu sei tudo o que você fez comigo."

Ele pareceu surpreso com isso. "Que 'vida'? Você não tinha vida antes de eu encontrá-lo na Bulgária."

Ele estava respirando com dificuldade agora. Ela se viu olhando nos olhos de outro Giorgio Cattoretti, um homem que ela nunca havia conhecido. Esse era o homem que havia cumprido pena em Attica, que havia sido deportado dos Estados Unidos, que havia organizado o assassinato brutal de todos que o haviam cruzado e que havia construído um império por meio de vinte e cinco anos de roubo, suborno e extorsão.

As mãos dele dispararam juntas, diretamente contra o peito dela. Ela reagiu como havia sido treinada, bloqueando a energia de avanço e agarrando as duas mãos dele e empurrando-as para trás, tentando quebrar seus pulsos.

Ele gritou, colocando o joelho na coxa dela, fazendo-a perder o equilíbrio. A próxima coisa que ela percebeu foi que as mãos dele estavam em volta de sua garganta. Ele a empurrou um pouco mais para trás, para a beira do penhasco - seu pé esquerdo estava chutando loucamente sobre o espaço vazio. Agora ela se agarrava a ele, determinada a levá-lo com ela para a beira do precipício.

Elaine sentiu seu rosto ficar roxo, os polegares dele pressionando sua traqueia. Ela o soltou. Em um instante, estendeu a mão atrás das costas e pegou o abridor de cartas, que havia colocado no elástico do sutiã.

Ela a enfiou em seu olho esquerdo.

Ele soltou um grito de gelar o sangue, cambaleando para trás. Ele arrancou a lâmina, berrando como um urso, e a jogou no chão, segurando a palma da mão sobre a órbita ocular. O sangue jorrou entre seus dedos. Ele começou a balançar loucamente com a mão livre, tentando forçá-la a cair na beira do penhasco. Elaine se afastou, depois escorregou e caiu. Ela se agarrou à terra solta e às raízes das plantas, tentando não escorregar mais. Cattoretti tentou pisar em suas mãos.

Ela agarrou o tornozelo dele e o puxou com força. Ele caiu de lado, chutando-a, e os dois quase caíram.

"Sua puta maldita!", ele cuspiu, gemendo de dor.

Os dois estavam de pé novamente, circulando um ao outro na beira do penhasco, Cattoretti ainda segurando uma mão sobre o olho que sangrava - ele estava em agonia. Ele a chutou com força na canela. Ela se virou e tentou chutá-lo na cabeça, mas ele se esquivou e o pé dela só passou de raspão.

Ele olhou para baixo e viu o abridor de cartas ensanguentado a alguns metros de distância.

Quando ele se curvou para pegá-la, Elaine girou novamente e lhe deu um chute no peito.

Seu corpo voou pelo ar e desapareceu na beira do penhasco, com uma expressão de horror no rosto.

Elaine o chutou com tanta força que perdeu o equilíbrio e caiu novamente, dessa vez escorregando ainda mais para baixo do precipício. Ela se agarrou às pedras soltas e à sujeira, mas só conseguiu deslizar ainda mais em direção às rochas abaixo.

"Socorro!", gritou ela, acima das ondas. "Me ajude, por favor!"

O menor movimento piorava as coisas. Até mesmo seu peito pesado a fazia deslizar. Ela cravou as unhas na terra, fechando os olhos enquanto a terra solta e os seixos caíam em seu rosto - ela podia ouvir as ondas famintas batendo abaixo dela.

"Ajude-me, por favor!", ela ofegou novamente, sua voz ficando mais fraca. Ela queria viver.

Havia passos ao longo do caminho. Alguém estava chegando.

"Agente firme!", gritou uma voz. "Não se mexa!"

Elaine abraçou a borda do penhasco e pressionou o rosto contra a terra, fazendo o máximo de contato possível com o solo, tentando não escorregar mais.

Um par de mãos masculinas fortes se abaixou e segurou os dois pulsos dela.

"Eu peguei você!"

A voz era familiar... mas não podia ser.

Ela olhou para cima e se viu encarando o rosto do homem mais bonito que já havia visto.

Nick a puxou cuidadosamente para cima, pouco a pouco. Por fim, seus joelhos se apoiaram em algumas bordas de rocha e ela subiu de volta para o caminho e saiu do perigo.

Elaine abraçou Nick com todas as suas forças. "Pensei que você estivesse morto!"

Ele a abraçou de volta. "Eu estava usando um colete Kevlar. Você não percebeu?"

"Não", disse ela, abraçando-o com mais força. "Eu estava muito feliz em ver você."

"Não é a primeira vez que me mantenho vivo fingindo estar morto. O que aconteceu com Cattoretti?"

Elaine fez sinal para o penhasco - ela não podia olhar. Ela olhou fixamente para os olhos de Nick. "Como você saiu da masmorra? Como você me encontrou?"

"O Tony me deixou sair. Ele me disse que você estava em uma casa de campo em algum lugar da Riviera, mas não sabia exatamente onde." Nick sorriu. "Ele disse: 'Tony não gosta mais deste lugar' e que estava indo embora."

Elaine riu, enxugando as lágrimas. "Oh, Nick, eu o amo tanto! Nunca vou deixar você ir embora."

"Eu também nunca vou deixar você ir." Ele passou o braço em volta da cintura dela e olhou brevemente para as ondas que batiam nas rochas. "Venha, vamos sincronizar nossos DOPS."

EPILOGUE

Elaine Brogan e Nick LaGrange vivem em uma antiga casa de campo na região de Provence, na França. Eles têm dois filhos.

Seu caseiro e cozinheiro, Tony, se envolve em batalhas intermináveis com os *diletantes* locais sobre a qualidade inferior da culinária francesa e os "modos estranhos" dos franceses.

Um motorista de táxi de Moscou chamado Dmitry encontrou uma pasta em seu porta-malas com cinquenta mil dólares. Havia um bilhete que dizia: "Obrigado - sua amiga para sempre, Janet".

A Interpol e o Serviço Secreto localizaram a gráfica de Cattoretti e a destruíram. Luigi e vários funcionários da Cattoretti foram enviados para a prisão.

Até o momento, o corpo de Giorgio Cattoretti não foi encontrado.

(FIM DO LIVRO 3)

Clique na próxima página para ver uma amostra de Lust, Money & Murder, Livro 4!

PART I

MATERIAL BÔNUS - LUST, MONEY & MURDER, LIVRO 4

O RETORNO DE CATTORETTI

(Lust, Money & Murder #4)

Bons artistas copiam. Os grandes artistas roubam.
-Pablo Picasso

Kyrenia, Ilha de Chipre

"Tire suas roupas", disse o homem com o tapa-olho preto.

Lexy ficou parada do outro lado da sala, congelada. As palavras a pegaram completamente de surpresa. Será que ele havia dito o que ela achava que ele tinha dito?

"Tire suas roupas", ele repetiu.

Lexy engoliu e olhou pela janela da sala de estar para a vista de tirar o fôlego do Mar Mediterrâneo. O homem tinha acabado de fazer um tour pela sua luxuosa casa de campo, no lado norte de Chipre. Essa era a entrevista final para uma vaga de "cozinheiro e governanta" que ele havia anunciado.

Ela não sabia nem mesmo o nome dele. Ele devia ter mais do que o dobro de sua idade, 50 ou 55 anos. Ele caminhava mancando, mas, fora isso, parecia estar em perfeita forma - bronzeado, bem cuidado e forte. Seu cabelo preto, salpicado de pimenta, estava penteado para trás. Uma leve cicatriz serpenteava pela linha de sua mandíbula. Ele estava impecavelmente vestido e tinha um rosto bonito, ou pelo menos parecia ter - era difícil ter certeza por causa do tapa-olho.

Ele estava parado ali, com as mãos fechadas atrás das costas.

Observando-a, com seu único olho castanho sem piscar.

Em espera.

Algo no tapa-olho a deixou animada.

Com a mão trêmula, ela se levantou e começou a desabotoar a blusa. O homem irradiava poder e autoridade - havia um tipo de magnetismo animal

nele. Lexy sentiu que não tinha escolha a não ser fazer o que ele mandava. De qualquer forma, ele podia olhar - não havia mal nenhum nisso, não é mesmo?

Nenhum homem jamais a havia visto completamente nua antes, e a ideia de ele vê-la completamente nua fazia seu coração disparar.

Os dedos trêmulos de Lexy alcançaram o botão inferior e retiraram lentamente a blusa, revelando o sutiã e o decote profundo. Ela era cem por cento grega cipriota, alta e curvilínea, com pernas longas e um corpo cheio e invejável. Uma espessa juba de cabelos negros cacheados e selvagens caía sobre seus ombros.

Timidamente, ela deixou a blusa cair no sofá.

"O sutiã também", disse ele, com a voz uniforme.

Lexy estava com dúvidas agora - ela não entendia isso. Ela queria perguntar a ele por que tinha que se revelar dessa forma, mas não entendia o que isso tinha a ver com o emprego de "cozinheira e governanta" para o qual ela havia se candidatado. Ele havia entrevistado quinze garotas e ela era a melhor opção, pelo menos foi o que ele lhe disse.

No entanto, ela não conseguia se impedir de seguir as ordens dele. Mesmo que os dois estivessem sozinhos em sua enorme casa. Estranhamente, ela não tinha visto outra alma na extensa propriedade - nenhum jardineiro, segurança ou qualquer outra pessoa. Mas, por alguma razão, ela não tinha medo dele.

Olhando para ele com firmeza, ela se aproximou das costas e abriu o sutiã. Seus seios macios se espalharam e balançaram levemente.

Seu único olho visível os observou, sem que seu rosto revelasse nada.

"A saia", disse ele, fazendo um gesto.

"I..." Nada mais saiu da boca de Lexy. Ela abriu lentamente o zíper da roupa e saiu dela, deixando-a cair também no sofá. Ela estava usando sapatos de salto médio e uma calcinha fio dental rosa que deixava pouco para a imaginação.

"A roupa íntima."

"Mas..."

"A roupa íntima."

Com o coração batendo ainda mais forte, Lexy tirou a tanga e a deixou cair no sofá com o resto de suas roupas.

Ela estava diante dele tão nua quanto no dia em que nasceu. Exceto pelos saltos altos, é claro.

"Vire-se", disse ele, fazendo sinal.

Ela hesitou apenas um segundo antes de fazer o que lhe foi ordenado, girando lentamente em um círculo, com os saltos estalando suavemente no piso de ladrilhos brancos enquanto se movia.

Lexy podia sentir o olho dele observando suas nádegas, a parte de trás das coxas... as panturrilhas... os tornozelos.

Quando ela se virou para ele novamente, ele ficou parado por um momento e depois se aproximou.

Levantando lentamente as mãos, ele segurou gentilmente os dois seios dela com as palmas quentes, deixando-as descansar ali, como se estivesse avaliando a massa. Ele esfregou levemente o polegar nos mamilos, que estavam ficando eretos por conta própria.

Ele soltou os seios dela e colocou as mãos atrás das costas novamente.

"Você cozinhará para mim, cuidará da casa para mim e me satisfará sexualmente sempre que eu quiser, como eu quiser." Ele fez uma pausa. "O pagamento é de dez mil euros por mês."

Lexy piscou os olhos uma vez. Dez mil euros por mês? Era isso que ele tinha acabado de lhe dizer?

Era difícil para ela acreditar que o tinha ouvido corretamente, mas a voz grave dele era alta e clara no cômodo silencioso, onde o único outro som era o murmúrio constante do mar do lado de fora da janela.

Ela estava tão atordoada com a quantia de dinheiro que ele estava oferecendo que agora ela quase não sabia que estava completamente nua na frente de um estranho. "Eu... quanto tempo eu tenho para decidir?"

"Até você sair desta sala." Ele apontou para o arco que levava em direção à porta da frente. "Se você sair sem aceitar minha oferta, entenderei isso como um 'não' e oferecerei o cargo a outra pessoa."

LEXY LEVOU MENOS de três minutos para tomar uma decisão.

Sua mãe e sua avó estavam doentes, seu irmão usava drogas e seu pai havia se embriagado até a morte. Ela era a única pessoa responsável em sua família e a única capaz de ganhar a vida. No momento, ela estava presa no vilarejo onde nasceu - EPISKOPE - cuidando da mãe, que estava acamada há anos. Lexy era inteligente e esperava ir para a faculdade e deixar essa pequena ilha desolada, mas supunha que isso não estava nos planos dela. Mas e agora? Tudo parecia possível.

Embora, verdade seja dita, foi o próprio homem que a influenciou. Sua confiança e força interior emanavam dele em ondas que eram quase palpáveis.

Lexy se vestiu e ele a levou até o quarto, o que também havia influenciado sua decisão, embora ela não quisesse admitir. O quarto, que ficava bem ao lado do dele, parecia saído de um filme de Hollywood, espaçoso e elegantemente mobiliado, com a mesma vista para o mar que a sala de estar oferecia.

Havia também um closet.

"Tomei a liberdade de lhe fornecer um guarda-roupa completo", disse seu novo empregador, abrindo a porta.

Lexy ficou atônita. Estava repleta de roupas de grife caras.

Lexy puxou um dos vestidos e deu uma olhada na etiqueta: Givenchy. Era genuíno, ela podia dizer simplesmente pelo toque celestial do material.

Ela se voltou para ele. "Não sei... como você sabia o meu tamanho? E como sabia que eu aceitaria?"

Ele sorriu pela primeira vez, com as linhas ao redor do tapa-olho preto ligeiramente enrugadas. "Sou um excelente avaliador de pessoas."

Ele entrou no armário e puxou um dos cabides. "Você vai usar isso hoje." Era um daqueles trajes de "empregada francesa", com um minivestido preto de cetim elástico que se amarrava nas costas, meias pretas transparentes na altura da coxa, uma gargantilha preta e uma faixa branca na cabeça. Havia um par de sapatos pretos de salto alto para acompanhar.

Ele voltou para o meio da sala e olhou para o relógio. "Tenho que fazer alguns recados esta tarde. Você começará a trabalhar imediatamente. Eu lhe pagarei na última sexta-feira de cada mês, e você poderá ter o fim de semana para visitar sua família. Caso contrário, você permanecerá aqui o tempo todo."

Lexy ficou ali parada, cambaleando. Tudo isso estava acontecendo muito rápido. "Eu nem sei seu nome."

Ele sorriu novamente. "Eu sou Xavier. Xavier Dente. Você pode me chamar de Xavier."

Com isso, ele se virou e a deixou sozinha no quarto.

Ela olhou para o armário, depois para o terraço, para o mar e, em seguida, para a porta pela qual ele acabara de entrar.

Pode me chamar de Xavier. Ela achava que ele parecia espanhol ou português e estava certa.

Ele era incrivelmente rico e poderoso, pensou ela. E sofisticado.

DE FATO, Xavier não era português ou espanhol, mas italiano.

Seu nome verdadeiro era Giorgio Cattoretti.

Por incrível que pareça, há apenas algumas semanas, ele mal conseguia sobreviver nas florestas da costa noroeste da Itália, comendo lesmas e frutas silvestres, vivendo como um animal.

Vernazza, Itália

Dois meses antes

Quando Giorgio Cattoretti foi chutado do penhasco, ele desmaiou. Alguns segundos depois, ele se viu girando impotente embaixo d'água, como se estivesse preso dentro de uma máquina de lavar gigantesca.

No início, ele não tinha ideia de onde estava ou como havia chegado lá.

A próxima coisa de que ele se deu conta foi a dor. Dor no olho esquerdo e dor na canela direita. Era excruciante, diferente de tudo o que ele já havia experimentado na vida.

Em seguida, todo o seu corpo foi atingido por algo duro.

Pedras? Ele tentou abrir caminho pela água agitada até a superfície.

Agora ele estava começando a se lembrar... ele estava no Mar Mediterrâneo... ele havia caído de um penhasco - não, ele havia sido chutado. Chutado por Elaine Brogan, uma agente do Serviço Secreto. Ele caiu de cabeça no ar e atingiu a água em uma posição horizontal... o impacto deve tê-lo deixado inconsciente.

Sentia uma dor terrível no olho esquerdo e não conseguia enxergar nada. Com o olho direito, ele podia ver que o sangue estava escorrendo de sua cabeça. Ele se levantou para tentar colocar a mão sobre o olho machucado, chutando e se debatendo contra as ondas, mas outra grande

onda caiu sobre ele, fazendo-o cair na água novamente, com a perna machucada batendo nas rochas.

Ele finalmente conseguiu colocar a cabeça acima da superfície por tempo suficiente para respirar, vislumbrando a costa rochosa do norte da Itália e o céu ao amanhecer.

Nade para longe da costa, pensou ele vagamente. Nade para o mar - é sua única esperança de sobreviver a isso.

Enquanto tentava lutar contra a interminável procissão de ondas quebrando, ele colocou a mão sobre o olho que latejava. Mesmo na água salgada agitada, ele podia sentir o cheiro e o sabor do sangue acobreado que escapava entre seus dedos. De repente, ele se lembrou de tudo o que havia acontecido! Elaine Brogan havia enfiado um abridor de cartas em seu olho!

Ele sentiu seu corpo se erguer na crista de mais uma onda. Freneticamente, afastou a mão do olho e se debateu na água em busca de vida.

Nade, ele disse a si mesmo. Se você não se afastar dessas rochas, será despedaçado.

ALGUM TEMPO DEPOIS, Giorgio Cattoretti recuperou lentamente a consciência novamente. Dessa vez, ele se viu em uma praia pequena e rochosa, de bruços na areia. Ele se lembrava de ter nadado durante o que lhe pareceram horas de costas, sendo jogado pelas ondas, olhando para o céu azul.

Já era meio da manhã. O sol do Mediterrâneo estava batendo no corpo sangrento, maltratado e exausto de Giorgio. Apesar da dor que sentia, o calor em suas costas era maravilhoso. Ele podia ouvir o grito das gaivotas acima de si.

Ele estava vivo.

Finalmente, ele encontrou forças para levantar a cabeça e cuspir a areia da boca, e depois tossiu um pouco de água do mar. Nada era visível em seu olho esquerdo, exceto a escuridão. Ele podia sentir a pálpebra se mover para cima e para baixo quando piscava, mas não havia nenhum sinal de luz.

Quando ele tentou rolar, uma pontada de dor subiu por sua canela e coxa, fazendo-o gritar.

Ele ainda estava usando o paletó esportivo e as calças, que estavam rasgadas e molhadas. Ele estava descalço, pois havia perdido os sapatos e as meias.

Mordendo o lábio para não gritar novamente, ele puxou lentamente a perna da calça para cima... e ficou ofegante com o que viu. Sua perna estava inchada e machucada, dobrada em um ângulo ligeiramente anormal. Ela estava quebrada, talvez em vários lugares.

Ele se forçou a desviar o olhar e fazer um rápido inventário do resto de seu corpo. Seus braços, mãos, pés, dedos... Com exceção dos ferimentos no olho e na perna, ele parecia intacto. Então ele notou outra coisa: toda vez que respirava, sentia uma dor aguda no peito. Uma costela quebrada, pensou ele. Ele estava em pior estado do que quando foi estuprado e espancado na Prisão de Attica.

Mas pelo menos estou vivo, pensou ele.

Apesar da dor e de tudo pelo que havia passado, ele disse a si mesmo que deveria se alegrar.

Ele virou a cabeça, ouvindo - um som chamou sua atenção. Por cima do vento e das ondas, havia o leve ruído de um rotor de helicóptero.

Giorgio se sentou de repente, estremecendo ao fazer isso. Ele não conseguia ver o helicóptero... devia estar a vários quilômetros de distância. Ele havia se deslocado para o norte ou para o sul de Vernazza? Ele não sabia dizer. Mas a aeronave parecia estar se movendo lentamente em sua direção.

A polícia estava procurando por ele, é claro.

Gritando de dor, ele se levantou com as mãos e os joelhos e rastejou pela praia, arrastando a perna machucada atrás de si. Ele arranhou e arranhou seu caminho através da costa rochosa e subiu até a floresta para a segurança da folhagem.

A PRIMEIRA COISA que Giorgio fez foi tentar endireitar a perna, mas a dor era terrível - toda vez que ele tentava, quase desmaiava. Ele precisava de uma tala. O que ele realmente precisava era de um hospital, mas é claro que isso estava fora de questão. Não havia dúvida de que todas as agências policiais italianas estavam atrás dele, sem mencionar a Interpol e o Serviço Secreto dos EUA. Todos os hospitais e clínicas dessa parte da Itália certamente haviam sido alertados. Ele seria identificado e preso imediatamente.

Finalmente, ele encontrou um galho de árvore que poderia usar como muleta e começou a subir lentamente a colina íngreme e escarpada, aprofundando-se na folhagem. Sua casa e o penhasco do qual ele havia

caído ficavam em Vernazza, um dos cinco vilarejos que compunham *Cinque de Terre*, uma exuberante região vinícola e pesqueira ao longo da costa noroeste da Itália. Ele não sabia exatamente onde estava agora, talvez em algum lugar entre os vilarejos de Corniglia e Manarola. Os cinco pequenos vilarejos estavam separados uns dos outros por apenas 4 a 5 milhas, mas o litoral rochoso e acidentado era mais ou menos o mesmo em toda a área. Ele sabia que a corrente marítima geralmente fluía na direção norte, mas o vento estava soprando forte do sul hoje, então não havia como saber onde ele tinha ido parar.

Os helicópteros continuaram procurando durante todo o dia. Um deles voou quase diretamente sobre ele, mas ele estava bem escondido sob as árvores. Às vezes, ele ouvia o som de lanchas, que ele supunha serem da polícia, também vasculhando as águas em busca dele.

Ele continuou a se arrastar para o alto da colina. Com o olho machucado e a perna quebrada, foi difícil.

Pouco antes do anoitecer, ele teve a sorte de se deparar com um barranco onde os moradores do vilarejo mais próximo despejavam seu lixo difícil de ser eliminado. Havia sofás velhos com o enchimento para fora, máquinas de lavar roupa, além de dezenas de sacos plásticos cheios de lixo comum e fedorento e outros tipos de lixo doméstico que se espalhavam pela estrada de terra acima.

Estava escurecendo e a temperatura estava caindo. O lixão provou ser uma dádiva de Deus para Giorgio. Ao vasculhar o lixo com cuidado, ele encontrou um par de tênis esfarrapado, um capuz esticado e uma parca com penas vazando do tecido.

Ele também encontrou um pedaço de varal e uma mesa e cadeiras em decomposição. Ele conseguiu quebrar os móveis de madeira até conseguir duas ripas do comprimento certo para usar como tala. Ele usou o varal para amarrar as ripas em cada lado da perna quebrada, quase desmaiando novamente de dor enquanto tentava forçá-la a ficar o mais reta possível. Ele sabia que, se sobrevivesse a essa provação, sua perna teria de ser quebrada novamente e fixada de novo. Com sorte, ela se curaria bem o suficiente para, pelo menos, mancar.

O que tornava cada momento mais difícil era o fato de que ele usava apenas um olho - ele descobriu que não tinha percepção de profundidade. O olho machucado ainda estava sangrando e estava atraindo insetos noturnos voadores, que ele continuava afastando. Finalmente, ele encontrou uma

gravata velha no lixão que parecia meio limpa e a enrolou na testa em um ângulo, cobrindo o olho sensível.

Ele estava terrivelmente faminto, sedento e muito desidratado - podia sentir que seus lábios estavam rachados. Havia muitas frutas e nozes para comer - uvas, mangas, nozes e maçãs eram abundantes nessa região -, mas não havia nada para beber.

Finalmente, ele se arrastou para o alto da colina e encontrou um local semelhante a uma caverna a cerca de 60 metros do lixão. O local era protegido por pedras e um enorme carvalho caído.

Ele ficou deitado de costas, ofegante por um tempo, olhando para as estrelas por entre as copas das árvores.

Por fim, ele adormeceu profundamente.

EM ALGUM MOMENTO no meio da noite, Giorgio acordou novamente... e, dessa vez, ele realmente acreditava que estava no inferno.

Todo o seu corpo parecia estar pegando fogo, especialmente o olho esquerdo. Ele estava com febre alta e calafrios, e seus dentes batiam descontroladamente. A gravata que ele havia enrolado na cabeça tinha se soltado. Quando ele levantou a mão para tocar seu olho, descobriu que estava muito inchado e quente.

Com uma consciência fraca e febril, ele percebeu que tinha uma infecção ocular grave.

Ele debateu se deveria ou não tentar rastejar até um hospital, mas decidiu que nunca conseguiria. E por mais terrível que estivesse se sentindo, a ideia de ser preso e mandado para a cadeia novamente era pior. O crime de falsificação de moeda e os assassinatos que ele havia cometido nos últimos dias o levariam a uma prisão italiana pelo resto de sua vida.

Ele não permitiria que isso acontecesse de forma alguma. Ele só havia ficado preso uma vez, por dois anos, nos Estados Unidos. Attica foi um pesadelo. Ele jurou que nunca mais passaria um dia na prisão - ele cortaria a própria garganta antes de se sujeitar a isso novamente.

Ele decidiu que não tinha escolha a não ser resistir. Ele sabia que a infecção em seu olho poderia facilmente se espalhar para o cérebro... só podia imaginar como seria horrível morrer de encefalite enquanto estava sozinho no meio da floresta.

Mas ir para a prisão foi pior.

Muito pior.

Ele tinha 54 anos e, com exceção daqueles dois anos em Attica, quando era apenas uma criança, tinha vivido toda a sua vida como um homem livre. Não havia como ele se adaptar à prisão agora.

Seria melhor morrer.

GIORGIO não se moveu daquele local por dois dias inteiros. Ou, pelo menos, ele achava que não tinha se mexido.

Ele logo começou a ter sonhos febris vívidos e pesadelos surreais e aterrorizantes. Em um dos sonhos, ele estava de volta a Cinecittà, a favela de Roma em que havia crescido, e era uma criança sendo provocada por valentões... e depois estava em Attica novamente, sendo estuprado por três detentos... e depois estava no navio de contêineres em que havia entrado ilegalmente nos EUA. Ele estava preso em seu esconderijo clandestino no casco, sufocando, e não conseguia sair. No pior sonho, ele estava no quarto principal de seu castelo em Fontanella, olhando para seu reflexo no espelho. Ele estava imaculadamente vestido, com um smoking Armani branco... mas seu rosto mudava constantemente. Primeiro ele era um garoto, depois um homem velho, depois de meia-idade... e, com uma sensação de pânico, percebeu que não conseguia se lembrar da idade que tinha ou mesmo de quem era.

Ao olhar mais de perto seu rosto no espelho, ele notou que seu olho esquerdo estava se movendo sozinho... e então uma criatura nojenta parecida com um inseto apareceu, arrancando o olho da órbita. Ele ficou pendurado de forma grotesca em seu smoking branco, com sangue espalhado por toda parte.

Ele gritou. Ele acordou na floresta, lembrando-se de tudo... ou pelo menos pensou que tinha acordado... não tinha certeza de nada agora.

Os sonhos febris se confundiam até que ele não conseguia mais distingui-los da realidade.

DE REPENTE, em meio a um dos sonhos horríveis, tudo ficou em silêncio. Era como se um trem de carga incrivelmente longo tivesse passado por ele nos últimos dois dias e finalmente tivesse passado, com o último vagão fazendo barulho ao longe... e agora havia apenas um silêncio estranho e tranquilo.

Giorgio abriu os olhos e se viu olhando por entre as copas das árvores. Era de manhã. Ele podia ouvir o som fraco do chilrear dos pássaros. O sol

estava se infiltrando por entre as folhas, aquecendo seu rosto.

Seu corpo estava pegajoso com suor seco, mas ele não se sentia mais febril.

Ele estendeu a mão trêmula e tocou o rosto, sentindo com cuidado o olho ferido...

Giorgio ofegou.

Seu globo ocular havia desaparecido!

Com o coração batendo forte, ele se sentou ereto e, aos poucos, voltou a si.

Ele mesmo havia retirado o globo ocular.

Em algum momento, durante sua febre alta, ele estava em tanta agonia que implorou a Deus que o deixasse morrer.

Mas, aparentemente, Deus não estava ouvindo.

Em vez disso, algo dizia a Giorgio para voltar à praia. De alguma forma, ele conseguiu descer a encosta acidentada, embora não se lembrasse de nada. Tudo o que se lembrava era de ter rastejado para dentro das ondas suaves... *a água do mar o salvará, Giorgio...* alguma voz interior continuava a lhe dizer. Ele se esfolou na água de joelhos, sendo derrubado pelas ondas, escorregando e deslizando sobre as pedras. Quando estava na altura da cintura, abaixou a cabeça sob a superfície... e, com um dedo, retirou o globo ocular e o arrancou. Sem mais nem menos, em um movimento rápido, ele o arrancou do crânio, com nervo óptico e tudo. Não doeu muito, foi apenas um estalo de dor e já estava tudo acabado. O globo ocular se assemelhava muito a uma lasca com abscesso que estava tão infectada que o corpo estava simplesmente pronto para expulsá-la. A água fria do mar havia acalmado a órbita inchada e sensível e, de alguma forma, ele sabia que tinha feito a coisa certa.

Agora, ao olhar para as copas das árvores, ele também sabia que viveria. Ele estava feliz por isso, é claro, mas um sentimento sombrio e deprimido também o invadiu.

Ele tinha uma leve esperança de que, de alguma forma, seu olho pudesse ser reparado e sua visão, pelo menos parcialmente, restaurada.

Mas agora ele aceitava o doloroso fato de que ficaria cego de um olho pelo resto da vida.

NOS DIAS SEGUINTEs, Giorgio se concentrou em nutrir seu corpo faminto e desidratado. Como estávamos em setembro, não havia escassez de frutas

para comer, e os sucos aliviaram, pelo menos parcialmente, sua fome e sede. Mas ele era um homem grande e forte - não conseguia se imaginar vivendo de frutas, nozes e sucos, pois simplesmente não estava acostumado a isso.

Ele precisava de carne.

E água doce.

Usando a muleta, ele mancou até o lixão e pegou alguns sacos de lixo grandes e potes de vidro, depois fez a longa e dolorosa caminhada até a praia e lavou tudo com água do mar.

Quando carregou tudo de volta para o seu "covil", como estava começando a pensar, ele esticou os grandes pedaços de plástico nos galhos do carvalho caído e em pedregulhos planos, usando pequenas pedras para mantê-los no lugar. Ele posicionou os frascos sob as folhas de plástico para que eles capturassem qualquer água que fosse apanhada ou formada.

Ele orou para que chovesse.

Não choveu naquela noite, mas na manhã seguinte havia orvalho suficiente formado e rolado pelo plástico para proporcionar alguns goles preciosos das jarras.

Ao tirar o terceiro frasco dos lábios, ele avistou uma raposa no mato, parada, perfeitamente imóvel, observando-o.

O estômago de Giorgio roncou.

Ele agarrou o galho que estava usando como muleta, empunhando-o como um porrete, mas naquele instante a raposa desapareceu. Não que ele pudesse tê-la pego em primeiro lugar, pois ela era rápida demais para ele, mesmo que sua perna não tivesse sido quebrada.

A visão da raposa o deixou determinado a comer algo além de frutas e nozes antes do anoitecer.

Ele passou o resto do dia na praia, tentando pescar com um pedaço de linha de arrasto velha que havia encontrado e alguns anzóis que fez com cliques de papel enferrujados do lixão.

Foi um exercício de frustração. Giorgio adorava o sol e o mar, mas não era um grande homem do ar livre. Nenhum dos peixes parecia minimamente interessado em nenhuma das iscas que ele tentava - azeitonas, minhocas, lesmas ou qualquer outra coisa.

Ele estava com tanta fome de carne que, por impulso, comeu uma das grandes e gordas lesmas.

Os franceses os comiam, os malucos. Por que ele não poderia?

Ele vomitou imediatamente.

NA MANHÃ SEGUINTE, Giorgio voltou mancando para o lixão, ainda mais faminto do que no dia anterior, e o vasculhou de uma ponta a outra. Ele ia pegar alguns daqueles malditos peixes. Enquanto vasculhava, avistou um coelho quase no mesmo lugar em que a raposa estava, uma grande lebre marrom, olhando diretamente para ele, com o nariz torcido. Sua mãe costumava cozinhar coelho em ocasiões especiais - *Spiedini di Coniglio* -, a carne marinada em vinho branco e alecrim...

Meu Deus, pensou ele, o que eu daria por uma pequena mordida nisso agora...

A lebre finalmente saiu pulando. Ele pensou em criar algum tipo de armadilha para tentar pegá-la, e um antigo provérbio russo surgiu em sua mente. *Aquele que tenta perseguir dois coelhos ao mesmo tempo acaba não conseguindo nenhum.* Os russos eram inteligentes.

Ele disse a si mesmo para seguir com seu plano de pegar o peixe.

Enquanto vasculhava o lixão, Giorgio encontrou um descascador de batatas com o cabo quebrado. Ele também encontrou um cabo de esfregão de madeira. E uma faca para bife com uma lâmina serrilhada e dobrada.

Ele passou várias horas tentando construir uma lança, primeiro prendendo o descascador de batatas ao cabo da vassoura com um cabide de arame - havia dezenas deles espalhados pelo lixão -, mas a lâmina do descascador continuava escorregando e ele decidiu que não seria suficiente. Como ele desejou ter um simples rolo de fita adesiva! Outro item útil que ele encontrou no lixão foi um isqueiro descartável que ainda tinha líquido suficiente para acender uma pequena chama. Ele o acendeu apenas uma vez e o colocou em segurança em seu bolso. Ele também encontrou uma frigideira deformada que estava sem o cabo.

Se ele conseguisse pescar algum peixe, pelo menos não teria que comê-lo cru.

No final da tarde, ele havia levado todos os itens úteis de volta para sua toca e, em seguida, mancou e rastejou de volta para a beira-mar, carregando consigo sua lança improvisada. Ele removeu a lâmina do descascador de batatas do cabo, fez um furo no cabo da vassoura usando a faca de bife e a enfiou firmemente na madeira. Ele achava que ela aguentaria.

Ele se arrastou pelas rochas da costa, arrastando a perna ruim atrás de si. Usou a lança para se levantar direito, apoiando-se parcialmente nela.

Havia um lugar à esquerda de um afloramento rochoso onde muitos peixes se reuniam nas pequenas piscinas que se formavam. Não eram grandes, mas tinham aproximadamente o comprimento de sua mão. Certamente grandes o suficiente para comer.

"Vocês são meu jantar", ele murmurou, "quer saibam ou não". Ele olhou para eles com um olho só e levantou a lança lentamente. Seu estômago roncou tão alto que ele realmente pensou que o som poderia assustá-los.

Um peixe nadava preguiçosamente perto dele, parecendo desconhecer completamente sua presença acima da superfície...

Giorgio permaneceu perfeitamente imóvel. O peixe desavisado se moveu em um círculo lento, diretamente abaixo dele.

Ele mirou com cuidado, mas foi difícil com apenas um olho - ele ainda não estava acostumado com a falta de percepção de profundidade. Além disso, ele sabia que a água dobrava as ondas de luz e que o peixe não estava exatamente onde parecia estar.

Por impulso, de repente, ele jogou a lança para baixo na água.

Ele tinha certeza de que havia errado e que a pequena e rápida criatura aquática havia escapado. Mas, para seu espanto, quando levantou a lança da água, o peixe estava se contorcendo indefeso na ponta do descascador de batatas.

Ele soltou um grito.

"Eu sou a porra do Robinson Crusóé!", gritou ele, dançando em sua única perna boa e erguendo a lança triunfantemente no ar.

Ele parou e olhou em volta da pequena enseada um pouco envergonhado - é claro que não havia ninguém por perto para testemunhar sua incrível façanha. Ele quase desejou que houvesse.

GIORGIO COMEU BEM NAQUELA NOITE.

Ele conseguiu fisgar um total de sete peixes. Limpou-os o melhor que pôde com a faca de bife e, em seguida, construiu um suporte de cozinha improvisado com cabides em um formato que suportasse a frigideira quebrada. Acendeu o fogo e, usando algumas gotas de azeite de oliva de garrafas vazias que havia encontrado no lixão, conseguiu fritar um banquete e tanto. Ele temperou o prato com alecrim fresco que havia colhido na colina. A refeição estava deliciosa, ele pensou, se é que ele mesmo pode dizer isso.

Ao se recostar em uma pedra, ele deu um arrotto de satisfação. É incrível o que se pode fazer com o lixo de outras pessoas, pensou ele.

E depois: *Você vai sobreviver a isso, Giorgio, assim como sobreviveu a todas as outras catástrofes pelas quais passou. Você sobreviverá e voltará ainda mais forte do que antes.*

Cattoretti deu uma risadinha para si mesmo. *O gato sempre cai de pé.*

Ele havia dito essas mesmas palavras a Elaine Brogan há apenas uma semana.

Enquanto estava sentado ali, olhando para o fogo bruxuleante de sua pequena churrasqueira improvisada, ele começou a pensar em Elaine, e seus pensamentos rapidamente se tornaram sombrios. Nesse exato momento, a loira ingrata provavelmente estava jantando em algum restaurante chique em Milão, sendo parabenizada por seus chefes por ter conseguido derrubar o notório Giorgio Cattoretti e sua operação de falsificação de moeda americana. "Força, Elaine, força! Muito bem, Agente Brogan!" Ela provavelmente recebeu uma medalha por isso, ou uma promoção, ou seja lá o que for que o Serviço Secreto dos EUA faz quando um de seus funcionários prende um grande criminoso.

A ideia o deixou doente... ele tinha certeza de que a maioria de seus funcionários havia sido presa e que até mesmo seus negócios legítimos haviam sido fechados.

Aquela vadia ia pagar.

O que o irritou mais do que tudo foi a ingratidão dela. Ele a protegera de seu próprio povo, não apenas a acolhera, mas também lhe oferecera um lugar ao seu lado, como parceira em sua operação. E como ela demonstrou sua gratidão?

Apunhalando-o pelas costas!

Não... foi pior do que isso. Esfaqueando-o no *olho* e chutando-o de um penhasco!

O gato sempre cai de pé.

Giorgio Cattoretti jurou ali mesmo que Elaine Brogan pagaria caro pelo que havia feito com ele... mas decidiu não se preocupar com isso agora. Ele planejava sua vingança mais tarde.

Um dia se seguiu ao outro, e os ferimentos de Giorgio começaram a se curar lentamente.

Ele se distraiu de sua dor concentrando-se nas questões práticas de sobrevivência. Ao vasculhar o lixo, ficou surpreso com os itens que as pessoas jogavam fora e que ainda eram úteis, ou pelo menos úteis para ele. Praticamente tudo o que ele precisava, exceto comida, estava lá de uma forma ou de outra. Utensílios de mesa, pratos, copos, xícaras, sabonetes usados pela metade, escovas de dente, xampu, até mesmo pequenas quantidades de detergente para louças e roupas deixadas nos recipientes vazios. Uma coisa que ele desejava, mas não conseguia encontrar em lugar algum, era um pouco de café, mesmo instantâneo, ou uma garrafa arrolhada com um pouco de vinho. Não havia nada disso.

Sua maior descoberta foi outro isqueiro descartável. Esse estava quase cheio de butano. O mecanismo da roda de percussão estava torto e não entrava em contato com a pedra corretamente, por isso foi descartado. Giorgio passou a maior parte da tarde transferindo a roda de percussão e a pedra do isqueiro quase vazio para o quase cheio. Quando terminou, ele tinha um isqueiro quase novo que lhe permitiria fazer fogueiras com facilidade por meses.

Meses, pensou ele com tristeza. Não, eu não vou ficar neste lugar esquecido por Deus por meses.

Mas ele tinha que ficar aqui por enquanto. Era muito perigoso se mover.

UMA SEMANA SE PASSOU, e depois outra. Giorgio controlava o tempo fazendo entalhes no carvalho caído.

Ele logo percebeu que havia se estabelecido em uma rotina diária. De manhã, ele coletava cuidadosamente a água da chuva ou do orvalho dos jarros e depois tomava um café da manhã com frutas e nozes. Ele juntava lenha para a fogueira e a colocava ao sol para que ficasse boa e seca, e também juntava frutas e nozes suficientes para comer durante o resto do dia. Por volta do meio-dia, ele foi até a praia e se banhou no mar. Ele se deitou em uma das rochas, nu, exceto pela tala na perna direita, e relaxou por uma ou duas horas. Ele havia encontrado cerca de uma dúzia de livros de bolso no lixão, a maioria romances italianos, e os leu de capa a capa, alguns deles várias vezes. Giorgio Cattoretti não era muito romântico. Para ele, as histórias eram de um gênero diferente e muito mais divertido - a comédia. Muitas vezes, ele ria alto nas partes em que a heroína estava sentindo uma grande emoção em relação ao príncipe encantado pelo qual ela ansiava incessantemente. Não importava - ele adorava ler, e os livros o mantinham ocupado e entretido, mantendo sua mente funcionando.

À tarde, ele praticava caça submarina. Tornou-se tão hábil nisso que trazer para casa a refeição da noite não era nem mesmo um desafio. Ele ficou maravilhado com a estupidez das criaturinhas, que voltavam dia após dia para o mesmo local onde uma dúzia de seus parentes de sangue havia sido impiedosamente espetada no dia anterior.

Ele nunca encontrou ou sequer vislumbrou outro ser humano. Havia uma trilha de caminhada que ligava os cinco vilarejos, mas ela ficava bem mais acima na colina, longe da vista. O terreno era tão acidentado que ele não se preocupava muito com a possibilidade de alguém se desviar da trilha, pois ela era usada principalmente por turistas, e não havia muitos nessa época do ano. Às vezes, ele podia ouvir um grito ou uma risada alta lá de cima, o que era a única indicação, além do lixão e do jato que passava ocasionalmente, de que havia bilhões de outras pessoas vivas e bem no planeta, cuidando de seus afazeres exatamente da mesma maneira que faziam antes de ele ser chutado do penhasco.

Ele achava difícil imaginar que a vida de todos os outros não tivesse mudado drasticamente também.

EM UMA TARDE, quando Giorgio carregava seu "peixe do dia" de volta para a colina, ele ouviu vozes pouco antes de chegar à sua pequena toca.

Ele imediatamente se abaixou no mato, logo abaixo do carvalho.

"O que foi isso?", disse uma voz em italiano. Parecia ser de uma criança, um menino de 10 ou 12 anos.

"Eu não ouvi nada", disse outra voz. Ele parecia um pouco mais jovem, com nove ou dez anos.

Giorgio moveu ligeiramente a cabeça para poder ver melhor através das folhas. Havia apenas dois deles.

"Parece que alguém está *morando* aqui", disse o mais jovem. "Olhe para todas essas coisas... uma escova de dentes, pratos, xícaras..."

Houve risadas. Ele ouviu algo se quebrar e depois mais risadas. Giorgio se encolheu - eles estavam quebrando os pratos.

"Ei, é melhor você não fazer isso", disse o outro, "ele pode voltar e dar uma surra em você".

"Não, ele não vai... vai?"

"Cale a boca e abra os cigarros".

Giorgio podia ouvir o som de papel rasgando.

"Ei, veja, aqui está um isqueiro!", disse o mais jovem. Giorgio o ouviu bater o isqueiro algumas vezes. Ele podia ver vagamente os dois garotos agora, ambos com cigarros pendurados nos lábios. Eles acenderam, soprando e expelindo a fumaça de forma exagerada e juvenil. Giorgio cerrou os dentes ao ver o garoto mais velho guardar no bolso o isqueiro que ele havia se esforçado tanto para consertar.

O mais novo começou a tossir. "Isso é forte."

"Você é apenas um *cazzamoscio*", disse o outro garoto. Isso significa covarde ou literalmente "pau mole".

Agora, um dos peixes que Giorgio havia pescado começou a se agitar no chão. Giorgio pressionou sua mão sobre ele para mantê-lo imóvel.

"Quem será que mora aqui?", disse o garoto.

"Quem sabe, algum vagabundo sujo."

"Ei, talvez ele seja um criminoso!"

O outro riu.

"Um criminoso que está fugindo da *lei*!"

"Você é louco, Mario", disse o outro.

"Pode haver uma *recompensa*!", acrescentou o mais novo. "Talvez, quando voltarmos, devêssemos contar à polícia?"

O garoto mais velho não respondeu.

Merde! pensou Giorgio.

Agora, um dos outros peixes começou a se agitar, e Giorgio pressionou o cotovelo sobre ele.

"O que foi isso?" disse Mario.

"O que foi o quê?", disse o mais velho.

Mario se aproximou, olhando por baixo do carvalho, a apenas alguns metros de onde Giorgio estava escondido.

Movendo-se muito lentamente, Giorgio retirou o descascador de batatas da ponta da lança.

Mario se aproximou ainda mais, a apenas alguns metros de distância, quase ao seu alcance. Através das folhas, Giorgio podia ver a pele macia e pálida de seu jovem pescoço...

A mente de Giorgio correu para a frente - ele enfiaria a lâmina no lado da garganta de Mario, fundo o suficiente para que o garoto se engasgasse e não conseguisse gritar, e então pegaria o outro e o estrangularia, depois acabaria com o primeiro. Ele arrastaria os dois corpos até a água e os pesaria com pedras...

Outro peixe começou a se agitar.

Agora Mario estava olhando quase diretamente para o braço esquerdo de Giorgio.

"Vamos", murmurou o mais velho, dando alguns passos para longe. "Temos que voltar para o hotel."

"Mas há algo nos arbustos aqui..."

"É só um animal, estúpido. Você pode ser mordido por uma cobra".

Mario, relutantemente, virou as costas e o seguiu.

Giorgio soltou a mão suada do descascador de batatas e rolou de costas, dando um grande suspiro de alívio.

GIORGIO SE SENTIU desconfortável nas 24 horas seguintes. Ele foi até o lixão e, depois de duas horas procurando, finalmente encontrou outro isqueiro, amaldiçoando o pequeno idiota por ter levado o outro. Pensou em mudar seu covil para outro local, mas continuou dizendo a si mesmo que eram apenas duas crianças - turistas - e que provavelmente haviam esquecido tudo o que tinham visto e dito cinco minutos depois de terem saído daqui. Quem os levaria a sério, afinal? Um casal de crianças com imaginação hiperativa.

Mesmo assim, Giorgio não dormiu bem naquela noite.

Depois, as coisas pioraram: um vento forte do tipo *Sirocco* começou a vir do sul.

Em *Cinque Terre*, você não precisava de um meteorologista para saber a previsão do tempo - a direção do vento dizia tudo. Cada vento tinha um nome. Com um *Sirocco* quente e empoeirado soprando do deserto de Saraha, Giorgio sabia que amanhã ele mudaria para um *Libeccio*, vindo do sudoeste, e haveria uma grande tempestade.

Ele começou a se preparar para isso, cobrindo tudo com plástico da melhor forma possível, inclusive a si mesmo.

Para Giorgio, a tempestade durou 12 horas de sofrimento puro e absoluto, e durou a noite toda. A chuva e o vento foram devastadores, a ventania feroz arrancando o plástico e deixando-o exposto. Ele estava encharcado até os ossos. Em um determinado momento, ele estava encolhido em posição fetal na lama, chorando como um bebê, desejando que o vento uivante o levasse pela colina até o mar revolto e acabasse com tudo.

O único aspecto positivo foi que, quando finalmente terminou e os céus foram misericordiosamente limpos por um vento *Tramontana* que soprava das montanhas, ele havia acumulado água da chuva suficiente para durar semanas. Isto é, se ele conseguisse evitar que ela estragasse.

Em algum momento próximo ao final da terceira semana de vida na floresta, uma coisa estranha aconteceu com Giorgio Cattoretti.

Uma sensação inspiradora de tranquilidade e paz interior desceu sobre ele, completamente inesperada.

É claro que ele já tinha ouvido a frase "ser um com a natureza" muitas vezes, mas até agora era apenas um conjunto de palavras. Agora ele entendia o significado em um nível visceral.

Essa mudança inesperada em sua consciência ocorreu quando ele estava nadando no mar à tarde - sua perna havia se curado a ponto de ele conseguir fazer uma espécie de nado suave de peito por cerca de 30 minutos sem se cansar. Quando terminou, ficou parado na água até a cintura, recuperando o fôlego, com o forte sol do Mediterrâneo batendo em seu corpo bronzeado. Ele deixou cair uma das mãos na água, e foi nesse momento que percebeu a mudança. A água parecia gelada para ele há apenas três semanas, mas agora ele mal conseguia perceber quando estava dentro dela. Parecia morna e tão macia, como a textura de veludo... e quase uma extensão de seu corpo. Quando ele estava no mar, era difícil dizer onde ele terminava e a água começava.

O mesmo acontecia com o ar fresco, que era sempre perfumado com o cheiro de eucalipto e várias ervas, e era maravilhoso em seu rosto barbudo. Agora era outubro, e tanto o ar quanto a água estavam ficando cada vez mais frios, mas para ele ambos pareciam mais quentes a cada dia. Sua pele parecia não conseguir absorver o suficiente de água, vento ou sol.

Ele saiu lentamente do mar, olhando para o alto da colina, para a incrível vista naturalista, para as árvores, para o céu azul além, o vento soprando em seu cabelo desgrenhado, salpicado de pimenta. Era uma sensação realmente incrível. Seu corpo parecia entrar em sintonia com o ambiente ao seu redor. Apesar dos ferimentos, ele estava em melhor forma do que jamais esteve em toda a sua vida - subindo e descendo a colina íngreme e rochosa dia após dia, carregando lenha, pescando, nadando e sem tomar café, fumar ou consumir uma gota de bebida alcoólica fez maravilhas. Ele olhou para os braços, as pernas e o estômago, agora perfeitamente plano. Seu corpo estava ficando musculoso e começando a se parecer com o de um homem com metade de sua idade.

Giorgio sempre foi um homem filosófico. Ele decidiu que talvez toda essa "catástrofe" que havia vivido fosse uma coisa boa, que talvez tudo estivesse destinado a acontecer.

NA TARDE SEGUINTE, ao sair lentamente da água, ainda em seu estado de êxtase, ele olhou para a tala em sua perna. De repente, ele soube que era hora de tirá-la. Ele não sabia como sabia, simplesmente sabia. Ele mancou até a rocha onde estavam suas roupas, muleta e outras coisas, pegou a faca de carne e cortou a linha que prendia as duas ripas de madeira. Ele as sacudiu gentilmente.

Com cuidado, ele colocou um pouco de peso sobre a perna, estremeceu com a dor, mas não foi tão ruim quanto esperava. Ele pegou a muleta, mas mudou de ideia. Ele se obrigou a caminhar lentamente pelo curto trecho de praia sem o apoio da muleta.

Ele parou e olhou para o mar, com lágrimas de gratidão nos olhos.

Ele sentia uma afinidade especial por ela agora.

Para *ela* agora.

Ela o curou com suas águas salgadas, suas ondas carinhosas, o beijo espumoso de suas ondas.

Ele sentiu um amor crescer em seu coração, como os idiotas dos romances que estava lendo, um amor romântico, um amor pelo mar. O sentimento era muito mais forte e profundo do que qualquer outro que ele já tivesse tido por uma mulher, ou mesmo por outro ser humano.

Enquanto estava nu na praia, chorando como um bebê, olhando para sua amada amante do mar de cor turquesa, ele percebeu que o trauma que havia

sofrido e o isolamento das outras pessoas o estavam deixando um pouco louco.

Dois dias depois, quando estava cortando um entalhe para marcar seu 27º dia de existência eremita na floresta, Giorgio Cattoretti tomou uma decisão.

Amanhã, ele deixaria este lugar.

Um mês inteiro havia se passado desde que ele havia caído do penhasco. Um mês lunar completo, pelo menos. Ele sabia muito sobre como a polícia italiana operava e achava que já havia passado tempo suficiente para que eles presumissem que ele havia se afogado. Ele tinha quase certeza de que eles estavam começando a esquecê-lo.

Se ele conseguisse entrar e sair de Vernazza, estaria no caminho certo para ter um estilo de vida muito mais confortável.

Ele estava bem preparado. Por muitos anos, ele temia ter que se esconder em algum momento e havia se planejado para isso.

NA MANHÃ SEGUINTE, ele se levantou logo ao amanhecer e começou a se preparar para partir. A primeira coisa que teve de fazer foi cortar o cabelo e a barba desgrehados para não parecer um fugitivo que estava vivendo na floresta há um mês.

No lixão, ele conseguiu uma lata quase vazia de creme de barbear e alguns aparelhos de barbear descartáveis usados.

Ele também encontrou um grande fragmento de um espelho quebrado. Na verdade, ele o encontrou no segundo dia em que esteve aqui e, desde então, ele estava escondido sob a árvore caída.

Nenhuma vez nos últimos 28 dias ele se permitiu olhar para seu próprio reflexo. Na praia, no local onde ele praticava caça submarina, havia rochas planas com depressões que formavam pequenas piscinas perfeitas, onde ele poderia facilmente ter se abaixado e olhado para o próprio rosto, mas não ousou.

Giorgio Cattoretti era vaidoso com sua aparência. Ele não gostava desse aspecto de seu caráter, mas o aceitava. Ele não conseguia imaginar como seria se lhe faltasse um olho.

Quando o sol começou a nascer e a despontar no horizonte e os primeiros raios iluminaram sua pequena toca, ele se agachou e pegou o fragmento de espelho debaixo da árvore.

Ele o colocou em cima do tronco caído da árvore, posicionando-o com o lado avesso voltado para o mar, com os raios de sol atingindo diretamente seu rosto.

Ele respirou longa e profundamente, se preparando, e olhou para o fragmento de prata, que refletia os arbustos atrás dele. Ele se inclinou lentamente para a frente... primeiro a barba apareceu, depois os lábios, o nariz... ele engoliu... depois os olhos e a testa.

"*Cristo santo*", ele ofegou, e imediatamente desviou o olhar, sentindo-se mal. Ele parecia horrível, como um monstro! Como o Ciclope!

Naquele segundo horrível em que se viu, ele realmente vislumbrou a parte de trás da órbita ocular vazia, com os raios de sol iluminando-a de um rosa pálido.

Seu primeiro pensamento foi: *que mulher me desejaria agora?*

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ele se forçou a mergulhar a mão em um de seus potes de água doce, molhar o rosto na água e começar a aparar a barba.

DUAS HORAS DEPOIS, ele recuperou a compostura e disse a si mesmo que havia se comportado de forma tola. As mulheres não se importavam tanto com a aparência dos homens, não como naqueles romances bobos que ele estava lendo. Isso não tinha ajudado. Sua experiência lhe dizia que os membros do sexo frágil eram atraídos pela confiança e pelo poder, e ele nunca havia sentido tanto isso em sua vida.

Quando ele se restabelecesse na civilização, faria um implante de prótese ocular. Ele havia conhecido um barbeiro em Milão que tinha uma, e a aparência não era tão ruim.

Giorgio passou a maior parte da manhã levando todos os itens que havia acumulado de volta para o lixão, o que exigiu várias viagens. Ele não queria deixar nenhuma evidência para trás que pudesse dar a impressão de que alguém estava vivendo aqui na floresta por um longo período de tempo. Se, de alguma forma, a polícia local descobrisse isso - uma hipótese remota, é verdade - poderia reunir provas forenses suficientes para concluir que tinha sido ele, e ele queria que o mundo inteiro pensasse que ele estava morto. Ele não estava disposto a correr nenhum risco nesse momento, nem mesmo o menor deles.

Ele levou uma hora só para enterrar todas as espinhas de peixe - parecia que havia milhares delas.

Quando ele terminou de arrumar tudo, seu pequeno esconderijo sob o carvalho caído estava exatamente como no dia em que ele o encontrou, com exceção de um ponto circular enegrecido onde ele havia feito suas fogueiras. Muitas folhas secas haviam se acumulado no chão agora e, depois de remexer a sujeira e espalhá-las, não havia nenhuma evidência visual de que algum ser humano tivesse pisado nesse local, muito menos vivido aqui.

Giorgio pegou as coisas que levaria com ele, colocando uma mochila velha que havia encontrado no ombro.

Dando uma última olhada em seu pequeno refúgio, ele ficou surpreso com o remorso que sentiu ao pensar em sair dali - aquilo havia se tornado quase como um lar.

Ele se afastou e começou a subir a colina em direção à trilha de caminhada.

Quando Giorgio chegou à trilha, ele se escondeu nos arbustos, verificando o caminho em ambas as direções - ele não queria que ninguém o visse entrar pela floresta.

Em sua mão direita estava sua "bengala", que na verdade era a lança de pesca que ele havia feito com o cabo da vassoura. Havia uma bicicleta velha e enferrujada no lixão e, com muito esforço, ele conseguiu arrancar uma das almofadas de borracha do guidão e a colocou sobre a ponta da lança. Ela se encaixou perfeitamente, cobrindo completamente a lâmina saliente do descascador de batatas com a qual ele havia empalado tantos peixes desavisados.

Se encontrasse alguém que o identificasse, ele estava preparado para matar. Ele não permitiria, em hipótese alguma, que o levassem vivo.

A trilha estava vazia no momento. Ao norte, ela se inclinava para baixo e contornava uma curva à esquerda e, ao sul, subia uma colina bastante íngreme. Ele tinha certeza de que sabia onde estava agora, entre os vilarejos de Corniglia e Manarola, como havia pensado inicialmente. Vernazza ficava do outro lado de Corniglia, ao norte, e ele levaria a maior parte do dia para chegar lá a pé.

Ele saiu dos arbustos e subiu na trilha, apoiando-se na lança para se apoiar. Usou um par de óculos escuros baratos com a lente direita rachada que havia encontrado no lixão. Ele desejava que a lente esquerda estivesse rachada, pois teria escondido melhor sua horrível órbita ocular vazia, mas as lentes eram tão escuras que ele achava que ninguém perceberia. Ele estava usando as mesmas calças com as quais havia caído no penhasco, um

par de Armanis com vários rasgos nas pernas. O restante das roupas era o mesmo que ele havia encontrado no lixão no primeiro dia: o capuz velho e esticado, a parka com enchimento e o par de tênis esfarrapado.

Ele puxou o capuz sobre a cabeça para esconder ainda mais os olhos e o rosto.

Cattoretti parecia um vagabundo errante, ou talvez um idoso que morava na região e estava um pouco senil.

Ele virou para o norte, mancando com sua bengala, e começou a se dirigir lentamente para Vernazza.

A VIAGEM FOI TRANQUILA. Na verdade, teria sido bastante agradável se ele não tivesse tanto medo de ser pego.

De vez em quando, ele passava por turistas, principalmente outros italianos, mas também pessoas da França, Holanda, Alemanha e até mesmo alguns americanos. Alguns tinham crianças com eles, mas a maioria era de casais. Ele também encontrou alguns ciclistas de montanha com capacete que passavam por ele na trilha, com as rodas esmagando as rochas e as bicicletas fazendo barulho. Ele achava que eles eram loucos, pois havia penhascos íngremes em todas as laterais da trilha, sem nenhum guarda-corpo, penhascos que desciam direto para a costa rochosa, muito parecidos com o penhasco em que Elaine Brogan havia chutado.

Em menos de uma hora, Giorgio chegou a Corniglia. A trilha levava direto para o meio da pequena vila. Ele acelerou o passo ao cruzar a estrada principal sinuosa que levava ao mar, com medo de encontrar um policial local. Assim que estava em segurança do outro lado do vilarejo, desviou para a esquerda e pegou uma estrada de terra que atravessava 800 metros de vinhedos de uvas. Finalmente, ele voltou a se conectar com a trilha.

Até agora, tudo bem, pensou ele, enquanto mancava, com o suor escorrendo pelas costas. Ninguém havia lhe dado atenção. Sua perna também não o incomodava tanto quanto ele temia, doendo apenas um pouco quando ele colocava todo o seu peso sobre ela.

Em mais duas horas, ele chegaria a Vernazza. Ele planejou chegar lá quando o sol estivesse se pondo atrás das colinas, de modo a ficar protegido pela escuridão.

GIORGIO CRONOMETROU TUDO PERFEITAMENTE.

Assim que ele subiu a última grande colina à frente de Vernazza e o colorido aglomerado de casas em tons pastéis foi visto, o sol se pôs além do topo das colinas ao redor. De repente, ficou tão escuro que era um pouco difícil ver a trilha de caminhada através dos óculos escuros, e ele diminuiu um pouco a velocidade. Ele riu para si mesmo, pensando em como seria irônico se ele acidentalmente caísse de outro penhasco depois de tudo o que passou.

Muitos moradores locais o conheciam em Vernazza e, portanto, ele teria que ser extremamente cuidadoso. Mas ele também conhecia bem a planta da cidade, tinha percorrido tudo a pé e estava familiarizado com cada beco e trilha ao redor.

Pouco antes de chegar aos primeiros prédios periféricos, havia um caminho que subia uma longa colina, contornando uma curva, diretamente para os fundos de sua propriedade, onde ficava sua casa. Ele tomaria esse caminho e, depois de recuperar o que estava procurando, se esconderia em algum lugar na floresta até o amanhecer. Ao amanhecer, ele planejava ir a pé até Vernazzola, um vilarejo irmão a alguns quilômetros para o interior, onde pegaria o primeiro trem para Genebra e sairia da Itália.

QUANDO ESTAVA MANCANDO e repassando o plano em sua mente, ele notou um ciclista de montanha vindo em sua direção de Vernazza. Ele imediatamente abaixou a cabeça. Quando o motociclista estava prestes a passar, Cattoretti levantou a cabeça novamente para dar mais uma olhada.

Ele olhou rapidamente para baixo, com o coração na garganta.

Era um policial, um *gendarme* local.

Ele reconheceu instantaneamente o uniforme azul-escuro com uma faixa vermelha na calça.

Cattoretti continuou olhando para a trilha enquanto a bicicleta passava.

Ele estava prestes a dar um suspiro de alívio quando ouviu a moto parar atrás dele.

Ele lutou contra a vontade de andar mais rápido.

Agora ele podia ouvir a moto voltando em sua direção. "*Merde*", ele murmurou sem fôlego.

"Signore?", disse o policial, parando ao lado dele.

Giorgio manteve a cabeça baixa e continuou mancando pelo caminho. Sou apenas um velho louco e inofensivo, disse a si mesmo.

"Signore?", disse o policial novamente, mais alto.

Agora Giorgio estava a alguns metros de distância.

O policial passou à frente dele na motocicleta e virou bruscamente, cortando-o parcialmente. "Senhor, estou falando com o senhor", disse ele em italiano.

Giorgio deu uma olhada e fingiu notá-lo pela primeira vez.

"Eh?" disse Giorgio, levando a mão ao ouvido.

O policial não aparentava ter mais de 22 ou 23 anos, não mais do que um garoto, mas era bem constituído, com ombros largos e braços musculosos. Ele usava um blusão azul-escuro sobre uma camisa polo. Seu cinto ostentava um walkie-talkie de um lado e uma arma no coldre do outro. Um par de luvas de látex estava enfiado no meio.

"Você mora por aqui?", ele perguntou.

"Eh?" Giorgio disse, virando-se mais para o policial e colocando a mão sobre a orelha.

"Eu perguntei se você *mora* por aqui?"

"Manarola", respondeu Cattorette, e começou a mancar novamente.

"Ei, eu ainda não terminei de falar com você."

Giorgio suspirou e parou. Parecendo irritado, ele disse em italiano: "O que você quer de mim, garoto? Sou apenas um homem idoso fazendo uma caminhada. Você não tem nada melhor para fazer?" Ele mancou ao redor da bicicleta e continuou.

O jovem policial o contornou novamente, dessa vez bloqueando completamente o caminho. "Alto!"

Giorgio suspirou, parando para se apoiar na bengala.

"Mostre-me sua identificação, *por favor*."

"Eh?"

"Mostre-me sua identificação!", disse o policial em voz alta.

"Meus documentos estão em casa", disse Giorgio, apontando para trás.

"Você acha que eu carrego documentos comigo quando saio para passear?"

"Por que você está usando esses óculos escuros? É perigoso - você pode sair da trilha."

Giorgio não sabia como responder.

Ele desmontou lentamente a bicicleta, baixando o suporte com o sapato.

"Tire seus óculos escuros, *por favor*".

Giorgio olhou para cima e para baixo na trilha. Ela estava deserta, sem ninguém à vista. O único som era o barulho constante das ondas bem

abaixo. Logo após o local onde o policial estava, havia uma queda enorme, de pelo menos 60 metros de altura, até uma costa rochosa.

Giorgio tirou lentamente os óculos de sol e os colocou no bolso da frente do capuz.

Agora o policial estava olhando para ele com um pouco de desconfiança, pensou ele - na luz do crepúsculo, sob o capô, Giorgio sabia que seus olhos eram difíceis de ver.

"Puxe o capô para trás", ordenou o policial.

Olhando para o chão, Giorgio deslizou lentamente para trás e, de repente, levantou a cabeça e olhou diretamente para o policial.

O jovem recuou ao ver a órbita ocular vazia.

Cattorette se lançou para frente, batendo com as duas mãos no peito do policial. O jovem derrubou a bicicleta e caiu de costas, bem na beira do penhasco. Antes que ele pudesse se levantar, Cattorette agarrou seus tornozelos e os puxou para cima, jogando-o na beira do penhasco.

Giorgio observou enquanto o policial despencava em direção às rochas, virando de cabeça para baixo, gritando e agarrando o ar sem poder fazer nada. A queda foi tão longa que, quando o policial atingiu as rochas, houve um segundo de atraso até que o som do baque doentio chegasse aos ouvidos de Cattorette.

Giorgio voltou para a trilha, olhando desesperadamente para cima e para baixo, com o coração batendo forte - não havia ninguém por perto, ainda estava deserta. Ele deu um passo em direção à bicicleta, pensando que poderia usá-la para fugir rapidamente... mas então se deteve.

Isso pode parecer um acidente.

Ele olhou novamente para a beira do penhasco. Uma onda quebrou sobre o corpo do policial e, quando a água voltou a correr, ele rolou, preso nas rochas.

Puxando as mangas do capuz por cima das mãos para não deixar impressões digitais, Giorgio pegou a moto e deu ré por uns três metros na trilha. Ele apertou os manetes dos freios dianteiro e traseiro e arrastou as rodas travadas em uma linha perfeitamente reta pela sujeira e pelas pedras em direção ao local onde o policial havia caído, até a borda. Em seguida, segurando a motocicleta pelo assento e pelo quadro, ele a pegou, deu a volta e a arremessou com toda a força sobre o penhasco.

Ele o viu mergulhar no ar, virando de ponta-cabeça, exatamente como o policial havia feito. Ela aterrissou na água, talvez a seis metros de distância

do local onde o corpo estava flutuando.

Certificando-se de que não havia sinais de luta na trilha ou qualquer outra coisa que pudesse alertar a polícia, ele pegou sua bengala e rapidamente mancou pelo caminho.

Uma hora depois, Giorgio estava aninhado em alguns arbustos entre uma estrada de terra e milhares de acres de propriedade relativamente plana e arborizada do governo, adjacente à sua vila.

Ele ficou imóvel por uns bons quinze minutos, observando e ouvindo, certificando-se de que não havia sinal de outro ser humano por perto.

Ele finalmente se levantou e seguiu em frente, abrindo caminho entre os arbustos e as árvores, tropeçando de vez em quando - estava tão escuro que ele mal conseguia ver para onde estava indo, e sua falta de percepção de profundidade só piorava as coisas.

Por fim, ele chegou a uma pequena clareira cercada por vários pinheiros enormes e ladeada por uma pilha de pedras. Ele foi para a base da pilha, o ponto mais distante dos pinheiros, e olhou em volta novamente. Agachado, ele pegou uma pedra grande e plana e, com alguma dificuldade, puxou-a da terra e a virou.

Havia um pequeno buraco, formado entre as outras pedras e o solo rochoso. Ele entrou lentamente na abertura, meio com medo de que algum animal mordesse sua mão, e procurou a corda de náilon que ele esperava que ainda estivesse lá.

Seus dedos não fizeram contato com nada além de lama e pedras.

Por um momento de horror, ele pensou que alguém havia descoberto seu esconderijo. Mas, então, seus dedos encontraram o nó que ele havia dado na ponta da corda - com o tempo, ele simplesmente se acomodou na lama.

Giorgio segurou-o com firmeza e começou a puxar. Ele sentiu e ouviu a caixa de aço na outra extremidade chacoalhar ao raspar contra as pedras. O fino estojo de metal já havia abrigado uma flauta e era estreito o suficiente para caber no buraco. Ele havia removido todo o estofamento e ela estava vazia agora.

Bem, não exatamente vazio.

Giorgio abriu ansiosamente as três travas e abriu a tampa com cuidado. Com a mão no bolso, ele retirou o isqueiro descartável que lhe servira tão bem e acionou a roda de percussão.

Sob a luz amarelada, ele olhou para baixo e sorriu aliviado.

Estava tudo lá.

Três passaportes falsos e 50.000 euros em dinheiro.

Dinheiro de verdade, não o falso que ele imprimiu - notas de 500 euros, crocantes e secas, além de algumas centenas em notas menores fechadas em sacos plásticos com fecho de correr.

Giorgio esvaziou o conteúdo do estojo da flauta em sua mochila. Ele queria ter deixado uma arma para si mesmo também, mas não havia nada que pudesse fazer agora.

Ele fechou a caixa vazia e a escondeu exatamente como havia sido escondida antes.

Ele começou a voltar pela floresta em direção à trilha que levava a Vernazzola. Havia uma estação de trem lá, com uma linha que subia e descia a costa italiana. O policial não seria encontrado até amanhã, mas ele não estava disposto a tentar o destino ainda mais - ele tinha que sair da Itália, e rápido.

Dois dias depois, um homem barbudo e impecavelmente vestido entrou no Banque de Gruyter em Zurique, Suíça. Muitos homens barbudos e impecavelmente vestidos entravam nesse banco em particular, e o caixa que cuidou de sua transação bastante grande provavelmente nem teria se lembrado dele se não estivesse mancando com uma bengala bastante sofisticada e usando óculos escuros muito escuros, tão escuros que seus olhos estavam completamente mascarados. Ele colocou a bengala no balcão enquanto contava os 10 milhões de euros que havia sacado, todos em notas de 500 euros, e os colocava em uma pasta grande. A bengala parecia uma antiguidade, com um cabo desgastado no formato de uma mulher nua reclinada em uma pedra.

Ele sorria facilmente por trás da barba e parecia estar de bom humor, mas a caixa supôs que qualquer pessoa que estivesse sacando aquele tipo de dinheiro estaria - o homem havia esvaziado toda a sua conta e a fechado. Havia também algo de intimidador em seu jeito de ser, embora ela não conseguisse identificar o que era. Talvez fosse a cicatriz grossa que ia da orelha até o queixo.

O barbudo também causou uma boa impressão na equipe do Bahnhof Hotel, um dos estabelecimentos mais exclusivos da Europa. Ele fez o check-in na suíte mais luxuosa disponível, pagando em dinheiro, depois foi para o spa, tomou um banho de vapor e fez uma massagem, dando uma gorjeta de 50 euros a cada membro da equipe. Ele nunca tirou os óculos escuros, nem mesmo durante a massagem.

Quando ele terminou de ir ao spa, um dos melhores alfaiates de Zurique estava esperando por ele no saguão. Ele levou o alfaiate para sua suíte por alguns minutos e depois o alfaiate foi embora.

Três horas depois, o alfaiate voltou com vários pacotes, que foram levados até a suíte pelo carregador de malas, que recebeu mais 50 euros de gorjeta. Por volta das 20 horas, o homem misterioso e um tanto intimidador voltou ao saguão. Ele estava vestido com um terno Canali elegante e gravata Ermenegildo Zegna, ainda usando os óculos escuros.

Ele foi ao restaurante, sentou-se em uma mesa de canto e pediu caviar beluga e uma garrafa de champanhe Dom Perignon de 1.600 euros. Para o jantar, ele pediu o prato especial de cinco pratos do chef, com javali e pato assado como pratos principais. Ele comeu a comida elegantemente apresentada com um gosto surpreendente, elogiando cada prato abundantemente. Quando terminou a sobremesa, insistiu para que o garçom entregasse uma nota de 100 euros ao chef para demonstrar sua gratidão. Em seguida, comprou um charuto Gurkha Black Dragon de 900 euros, que fumou no terraço.

No entanto, aparentemente, isso foi apenas para fazer uma pausa na refeição, pois quando ele voltou, pediu ao chef que o "surpreendesse" com mais duas entradas premiadas do restaurante.

"O homem come como se estivesse vivendo na floresta há um mês", comentou o garçom ao maître.

Ainda usando os óculos escuros, o homem voltou à sua suíte e pediu discretamente ao concierge que providenciasse um entretenimento "interessante". As agências de acompanhantes mais caras e discretas da cidade foram consultadas, e o hóspede escolheu duas irmãs suecas loiras naturais de "mente aberta", de 20 e 22 anos de idade. Normalmente, as irmãs eram reservadas para dignitários e chefes de estado em visita, mas foi aberta uma exceção. Quando as moças chegaram, mais garrafas de Dom foram enviadas para a suíte. Elas não saíram antes de quase 5 horas da manhã, ambas parecendo um pouco abatidas.

Na noite seguinte, quando uma limusine chegou para levá-lo ao aeroporto, dois membros masculinos da equipe especularam sobre quem era o hóspede misterioso.

"Tenho certeza de que ele é um astro de Hollywood", disse o carregador.

"Não, ele tem um passaporte espanhol", disse o recepcionista.

"Ele fala inglês como um americano".

"Ele poderia ser um astro do cinema espanhol."

"Estrela pornô, talvez. Você viu o estado daquelas duas irmãs quando saíram da suíte dele?"

Os dois riram.

O recepcionista e o bellboy observaram o homem mancar até a limusine que parou em frente ao hotel. O motorista uniformizado saiu rapidamente e abriu a porta traseira, e a bagagem do hóspede foi carregada no longo veículo. Depois de entregar ao porteiro do hotel uma nota de 100 euros, o homem entrou no veículo.

Ainda usando os óculos de sol superescuros, ele se acomodou no confortável assento de couro e sorriu para si mesmo.

O gato estava de volta.

Giorgio decidiu que sua primeira ordem do dia seria tentar chegar a algum tipo de acordo com a máfia russa.

Já era ruim o suficiente quando todas as agências de aplicação da lei do planeta estavam caçando você, mas quando a máfia russa estava atrás de você, bem, isso era muito pior. Principalmente quando o mafioso que queria sua cabeça em uma vara era Yuri "the Tooth" Zubov, chefe de uma das gangues mais poderosas de Moscou.

Há cinco anos, Giorgio havia contratado Zubov para lavar milhões de notas falsas de US\$ 100, quase perfeitas, que haviam sido produzidas por sua operação em Milão. Envolver-se com a máfia russa não tinha sido a primeira escolha de Giorgio - ele os escolheu como lavadores simplesmente porque não havia outra organização criminosa no mundo capaz de lidar com a enorme quantidade de notas falsas que ele estava produzindo com a impressora KBA Giori que havia roubado.

Mas não demorou muito para que Giorgio se arrependesse de seu envolvimento com eles. Quando você começava a fazer negócios com eles, não havia como voltar atrás. Como diz o velho ditado russo: só há uma maneira de sair da máfia, e é com os pés no chão.

E agora, a apreensão da operação de falsificação de Giorgio havia colocado Zubov em risco. Zubov havia espalhado as notas falsas de US\$ 100 por toda a Rússia, chegando a pagar milhões em impostos atrasados com elas para se manter fora da cadeia. Ele havia se gabado para Giorgio sobre isso. Agora, milhões de notas falsas estavam paradas em algum cofre de banco do governo, notas que haviam passado pelas máquinas de

verificação de moeda há alguns meses, mas que não seriam mais aprovadas, agora que os pequenos defeitos haviam sido identificados. Se as autoridades russas descobrissem que o grupo de Zubov era quem estava lavando as notas da operação de Cattoretti em Milão, essas notas seriam retiradas e cuidadosamente inspecionadas.

A única maneira de descobrir essas informações era se Giorgio Cattoretti fosse capturado e preso, especialmente se fosse capturado e preso pela polícia americana. Giorgio era procurado por vários assassinatos contratados nos EUA e havia cometido o erro de se gabar disso para Zubov. Era lógico que Zubov supusesse que ele se entregaria prontamente se enfrentasse a pena de morte.

Giorgio estava debatendo sobre o que fazer em relação a Zubov desde que deixara a floresta. Finalmente, ele decidiu que sua única opção era voar para Moscou e encontrar Yuri Zubov cara a cara e avaliar a situação, ver o que aconteceu, ver como Zubov se sentia agora. Isso foi baseado em outro ditado da máfia. *Mantenha seus amigos por perto, mas seus inimigos mais perto*. Seria perigoso, Giorgio sabia, mas algo tinha de ser feito. Agora que ele tinha 20 milhões de euros, havia muitos lugares no mundo onde ele poderia se esconder e viver com conforto. Mas ele não teria um momento de paz se soubesse que Zubov estava atrás dele.

E havia mais uma vantagem em se arriscar e se encontrar com Zubov. Se Zubov perdoasse, ele poderia oferecer a Giorgio um santuário na Rússia. Zubov possuía várias dachas e casas seguras, todas luxuosamente mobiliadas e absolutamente seguras. Giorgio havia visitado uma delas com Zubov, na Crimeia, com vista para o Mar Negro, e tinha sido espetacular.

ANTES DE GIORGIO sair de Zurique, ele foi às lojas de antiguidades ao longo das ruelas de paralelepípedos inclinadas que se ramificam da Oberdorfstrass e da Niedorfstrasse. Levar a Yuri Zubov um presente bonito e muito caro pode ajudar a amenizar as coisas.

Ao percorrer as lojas, Giorgio se deparou com um magnífico samovar de chá antigo, fabricado na Rússia na década de 1820. Ele tinha o chamado formato "Krater", com alças caneladas em forma de meia-lua e um pássaro feito à mão como saída de vapor. O corpo de latão dourado era polido até ficar tão brilhante que era possível ver seu próprio reflexo nele.

O preço foi de € 72.000.

Giorgio pagou em dinheiro e não pestanejou.

O samovar foi modificado para funcionar com eletricidade, com uma bobina de aquecimento e um termostato montados na base.

Giorgio o levou a uma empresa de sistemas de segurança no lado sul de Zurique e fez outras "modificações elétricas".

Ele tinha que se proteger. Ele não tinha a menor confiança em Yuri Zubov.

MOSCOU, Rússia

EM UMA AMPLA casa no prestigiado subúrbio de Mozhayskiy, Yuri Zubov estava deitado de bruços em uma placa aquecida de mármore polido, completamente nu. Seus ombros e costas suados e tatuados estavam repletos de vergões vermelhos.

Uma *babushka* russa pesada, com pernas grossas como tocos de árvores, estava em cima dele, batendo-lhe com um *venik*, ou feixe de galhos de bétula.

"Mais forte", grunhiu Zubov, gemendo com a doce combinação de dor e prazer que o procedimento agressivo gerava. "*Da... da... da... da...*"

Bateram na porta do banya. A velha hesitou, com os galhos de bétula parados no ar.

"Mas que diabos?" disse Zubov, sentando-se e puxando uma toalha em volta da cintura. Era um de seus *byki*, ou touros. "Eu lhe disse que não queria interrupções!"

"Sinto muito, chefe, mas Pavel quer falar com você. Ele diz que é urgente.

Yuri fez sinal para a *babushka*. "Saia."

A anciã, sem dizer nada, colocou as folhas de bétula no chão e entrou pela porta. Ela estava acostumada a esse tipo de tratamento.

Um segundo depois, Pavel Smolin entrou na sala. Ele era um homem moreno, de corpo forte, na casa dos trinta anos. Ele era apenas um *shestyorka*, mas estava determinado a se tornar um *vor*, ou homem feito, e era um dos melhores soldados de Zubov.

Ele olhou desconfortavelmente ao redor do espaço úmido. "Desculpe-me por interromper, chefe, mas Giorgio Cattoretti está aqui."

A boca de Zubov se abriu. "*Aqui?*"

"*Sim*. Um táxi o deixou na entrada - nós o mantemos na guarita."

Então o *macarrão* estava vivo, afinal, pensou Zubov. Ele tinha a sensação de que Cattorette havia sobrevivido à queda no mar - o falsificador italiano era um osso duro de roer. Ele havia enviado Pavel para a Itália para investigar, mas Pavel voltou depois de duas semanas dizendo que não havia nenhuma evidência de uma forma ou de outra, que os sapatos de Cattorette haviam caído na praia, mas nada mais.

"O que ele quer?"

Pavel deu de ombros. "Ele não disse - ele quer falar com você."

Zubov havia planejado um jantar agradável e tranquilo para esta noite e tinha algumas garotas esperando na piscina. Foi uma falta de consideração da parte do italiano aparecer assim, sem avisar. Especialmente diante das circunstâncias.

"Leve-o para a sala de estar", disse Zubov a Pavel. "Diga-lhe que estou ocupado, dê-lhe alguns drinques e deixe-o esfriar a cabeça por um tempo. Preciso de tempo para pensar."

"*Horosho*, chefe."

CATTORETTI FICOU SENTADO na sala de estar opulentemente mobiliada de Yuri Zubov por quase duas horas, sozinho. Ofereceram-lhe o que quisesse para beber, mas ele foi cuidadoso - precisava manter o juízo. Ele havia sido minuciosamente revistado na guarita, a grande caixa que trouxera com ele foi aberta e o samovar foi examinado. Cattorette pediu a Pavel que não estragasse a surpresa, explicando que era um presente para Yuri, mas ele não sabia se o segredo havia sido mantido ou não.

Sua bengala também foi cuidadosamente examinada, como se eles pensassem que talvez fosse uma arma disfarçada ou que tivesse uma faca escondida dentro.

Ele estava usando óculos escuros e se recusava a tirá-los. Viajar para a Rússia por via aérea tinha sido perigoso. Ele tinha certeza de que estava em uma lista de criminosos procurados em todos os aeroportos e, embora sua barba cobrisse a cicatriz ao longo da linha da mandíbula, a falta do olho poderia denunciá-lo. Portanto, antes de sair de Zurique, ele comprou um par de óculos fotossensíveis sem correção, do tipo que escurecem quando você sai e depois clareiam novamente em ambientes fechados. Eles eram escuros o suficiente para disfarçar o olho que faltava, a menos que se olhasse bem

de perto, mas não tão escuros a ponto de pedir que ele os tirasse quando passasse pelo controle de passaportes

Ele estava certo sobre isso. Agora, aqui estava ele, em Moscou, esperando para ver alguém que o assustava muito mais do que qualquer agente da lei jamais poderia.

Finalmente, quase às dez da noite, a porta da sala de estar se abriu novamente.

"O chefe vai recebê-lo agora", disse Pavel. Ele fez sinal para que Giorgio o acompanhasse.

Giorgio pegou sua bengala e se levantou. "Você se importaria?", disse ele, apontando para a caixa.

Pavel pegou o presente e eles caminharam por um corredor e depois desceram dois lances de escada até o porão, onde ficava o "escritório" de Zubov. Pavel ficou entre Giorgio e um teclado eletrônico e digitou um número. Zubov afirmou que o espaço do porão era à prova de bombas, que mesmo que um míssil SCUD atingisse a casa em cheio, o porão permaneceria intacto.

Yuri Zubov estava sentado na extremidade de uma longa mesa de vidro que ficava ao lado de uma enorme piscina. Havia uma pilha do que parecia ser costelas grelhadas à sua frente, pratos e talheres espalhados, copos com batom. Um brilho vacilante da piscina iluminava o rosto cheio de marcas de Zubov. Ele sempre lembrava a Cattoretti um peixe-gato, com lábios grossos e uma boca larga e caída. Um de seus dois dentes da frente era de ouro. Sua sobrancelha direita estava faltando e a pálpebra também estava caída, dando-lhe a aparência de um homem prestes a chorar. Ele usava um terno de corrida Versace, com uma grossa corrente de ouro em volta do pescoço.

Pavel colocou a caixa na extremidade longa da mesa mais distante.

"Giorgio!" Zubov disse, deslizando sua cadeira para trás e se levantando.

Os dois homens se abraçaram.

"Todos nós pensamos que você estava morto!" Zubov riu e, em seguida, olhou para a bengala. Ele se afastou e olhou Giorgio de cima a baixo. "Você está melhor do que nunca, meu amigo. A vida de fugitivo lhe cai bem." Ele deu uma olhada nos óculos escuros e na barba pesada de Giorgio, mas não fez nenhum comentário. "Sente-se, sente-se."

Quando Giorgio se juntou a ele na mesa, notou as tatuagens nas mãos e no pescoço de Zubov. O homem estava coberto delas. Na máfia russa, as

tatuagens contavam toda a sua história - quantas vezes você esteve na prisão, por quais tipos de crimes e seu status geral dentro da organização. A história de Zubov poderia ter sido um romance épico. Ele estava agora no topo da cadeia alimentar do crime.

Uma loira curvilínea em um vestido decotado de pele de leopardo estava sentada à direita de Zubov, com uma bebida na mão. Separando a mesa da piscina havia uma longa fileira de majestosas colunas gregas. Giorgio sempre achou que Zubov se imaginava como uma espécie de imperador romano dos tempos modernos.

O Rottweiler de Zubov, que Zubov chamava de Bill Clinton por algum motivo estranho, estava sentado entre dois dos pilares, roendo um osso. Além dos pilares, na altura da cintura, no canto mais distante da piscina, havia duas garotas nuas e de seios grandes, ambas com copos de martini nas mãos. Uma parecia asiática e a outra negra, mas era difícil distinguir na luz fraca. Elas pareciam estar envolvidas em uma conversa particular. A música de rave russa emanava suavemente de algum lugar acima.

Giorgio achava que Yuri Zubov era um animal. Suas marcas de pústula e outros danos faciais foram causados por um incêndio em sua antiga dacha, que tirou a vida de sua esposa e duas filhas. Giorgio soube que ele havia localizado os culpados, dois membros de uma gangue rival, e os levou para o porão de um armazém e os desmembrou lentamente com uma serra elétrica. Zubov os manteve vivos por cinco dias, usando um maçarico para cauterizar os ferimentos para que não "sangrassem" e perdessem a diversão, que era ver as partes cortadas do corpo serem lentamente dadas ao seu cachorro. No final da provação, os dois homens eram pouco mais do que torsos castrados com cabeças em cima, e ambos tinham ficado completamente loucos.

"Costelas?" disse Zubov, empurrando para frente um prato grande que estava empilhado com carne de porco brilhante. Agora que Giorgio estava sentado mais perto, ele podia ver o molho de churrasco marrom escuro e pegajoso nos lábios de Zubov - na luz fraca da piscina, parecia sangue.

"*Spacebo*", disse Giorgio, um pouco fraco. "Fiz uma grande refeição antes de chegar."

Zubov suspirou. "É uma pena dar essa carne deliciosa para o meu cachorro." Ele pegou uma das costelas com o polegar e o indicador. "Molho de Jack Daniel, você já experimentou?"

"Não."

"Não? Muito gostoso." Zubov jogou a carne no chão de ladrilhos. O Rottweiler se lançou sobre ela, com seus dentes afiados rasgando as cartilagens dos ossos.

"Mesmo assim, você precisa tomar um pouco de vodca", disse Zubov, servindo uma dose a Giorgio. Recusar teria sido um insulto, e você não insultava Yuri Zubov, não se desse valor à sua vida.

"*Za tovareshy*", disse Zubov, jogando o líquido gelado em sua garganta.

"*Za tovareshy*", repetiu Giorgio.

"E quanto a mim?", fez beicinho a loira, empurrando seu copo de martini para fora. Ela estava cheia de tanto silicone e Botox que parecia quase cômica para Giorgio, como uma boneca sexual de borracha. Giorgio a reconheceu - ele a tinha visto na TV. Ela era o que os russos chamavam de *payushchie trusy*, ou "calcinha cantante" - uma bimba de homem rico que queria ser uma estrela pop, mas não tinha talento algum e era financiada pelo namorado.

Zubov encheu seu copo, depois olhou para a caixa na ponta da mesa.

"Então, o que é esse pacote que você trouxe com você?"

"É um presente", disse Giorgio, sorrindo. "Por favor, abra-o."

Zubov levantou uma sobrancelha. "Espero que não vá explodir?"

Giorgio riu. "Claro que não."

Zubov suspirou. "Todo mundo quer matar Yuri Zubov agora - preciso ser cuidadoso." Ele se levantou e foi até a caixa. Curiosamente, ele a examinou e depois a abriu.

"*Bozhe moi*", ele ofegou, retirando cuidadosamente o samovar.

"Giorgio... isso é tão bonito! Onde diabos você o encontrou?"

"Zurique."

"Vou guardar isso com muito carinho", disse Zubov, segurando-a contra o peito. Ele se virou e, com cuidado, colocou a antiguidade de latão polido em uma mesa de mármore que ficava ao longo de uma parede. "Parece perfeito aqui, Oksana, não é?"

"Da", disse ela. "*Ochen krasivo*."

Quando Oksana virou a cabeça, Giorgio pegou discretamente uma das facas de carne e a colocou no bolso.

Zubov se aproximou e voltou a se sentar. Ele fez um sinal para Giorgio, sorrindo. "E o que é esse rosto peludo e óculos escuros? Um disfarce?"

A loira titubeou.

"Perdi meu olho esquerdo", disse Giorgio sem rodeios.
A loira fechou a boca. "Desculpe-me", disse ela bêbada.
Zubov parecia intrigado. "Deixe-me ver - tire os óculos."

"Eu preferiria não fazê-lo."

"Deixe-me ver", insistiu Zubov.

Giorgio olhou para a loira, que ele desejava que não estivesse sentada ali, e lentamente tirou os óculos escuros. Ele olhou diretamente para Zubov.

Com o canto do olho bom, ele viu a loira desviar o olhar, tentando não demonstrar nenhuma reação, mas obviamente com repulsa.

Zubov olhou para a órbita ocular vazia por alguns segundos, parecendo impressionado. "É lindo, Giorgio. Ainda mais bonito do que o samovar. Na Rússia, dizemos que quanto mais cicatrizes um homem tem, mais bonito ele é." Ele deu uma olhada na "calcinha cantante". "Não é verdade, Oksana?"

"*Sim*", ela concordou, um pouco rápido demais.

Giorgio rapidamente colocou os óculos escuros, olhando para Zubov. Maldita aberração, pensou ele.

Zubov começou a encher os copos novamente, mas Giorgio olhou para Oksana. "Yuri, seria possível falar com você a sós por alguns minutos? Tenho algumas coisas importantes para discutir com você."

Zubov segurou a garrafa no ar por um momento, observando Giorgio, e depois a colocou de volta no chão. "É claro que você está certo. Temos algumas coisas importantes para discutir." Ele se virou para Oksana. "Vão para cima!" Ele gritou a mesma instrução para as duas garotas nuas na piscina.

As duas jovens pararam de falar uma com a outra, olhando para ele sem expressão, com os copos de martini nas mãos. Elas pareciam estar irritadas por terem sua conversa particular interrompida.

"Eu disse para subir as escadas!" Zubov gritou e, em seguida, pulou da mesa. Ele arrancou a costela meio comida da boca de Bill Clinton e arremessou a carne pelo ar, bem na direção dos dois. Antes mesmo de atingir a água, o cachorro decolou na direção delas, pulando pela lateral da piscina. As meninas gritaram quando o enorme animal pulou, espirrando água em todas elas.

"Seu desgraçado!", gritou um deles.

Yuri riu com vontade e agarrou o pulso de Oksana antes que ela se afastasse da mesa. "Estarei aí em alguns minutos. Aqueça essas duas para mim com o strap-on."

QUANDO OS DOIS homens finalmente ficaram sozinhos, Zubov disse, com um suspiro de arrependimento: "Você me decepcionou".

Giorgio deu de ombros. "Tivemos um longo e lucrativo período, Yuri. Nós dois ganhamos milhões."

"Sim, e você me fez depender do seu dinheiro falso, e agora estou com um grande problema!" Ele apontou um dedo grosso para Giorgio. "Você se deixou levar.... por uma *mulher*!" Ele estava falando de Elaine Brogan.

"Ela também fugiu de seus homens. Lembra?"

"E recuperamos a *suka* algumas horas depois, em Paris. Lembra?" Zubov apontou para a virilha de Giorgio. "Se você começa a pensar com seu pênis, isso bagunça seu cérebro." Ele fez um gesto de novo, sua raiva agora evidente. "Por que você veio aqui? Você sabe que eu tenho todos os motivos para matá-lo!"

Giorgio tentou manter a calma. "Por que você quer me matar, Yuri?"

"Porque quando os americanos colocarem as mãos em você, nós dois sabemos que você cantará como uma diva de ópera! Se o pegarem, eles o ameaçarão com pena de morte. Por favor, não se faça de bobo comigo, Giorgio, você vai se arrepender, eu juro."

"Talvez você não esteja familiarizado com os detalhes da lei americana. A pena de morte não pode ser aplicada a pessoas que são extraditadas para os Estados Unidos. Portanto, a pena de morte não é um problema para mim."

"Para você, meu amigo, eles abrirão exceções."

"Yuri, eu não vim aqui para discutir com você. Temos feito negócios juntos há muito tempo."

Zubov se levantou da mesa. "Paguei cinco anos de impostos atrasados com seus malditos dólares americanos falsos! Se alguém descobrir, os problemas irão até o Kremlin!" Ele apontou para suas tatuagens no peito. "I no *sidet* again." *Sidet* significava sentar - ele não "sentaria" na prisão novamente.

"Nem eu", disse Cattoretti calmamente. "O que é mais um motivo para você me ajudar."

"Ajudar você?" disse Zubov com incredulidade. "É por isso que você está vindo aqui!" Ele riu. "Para que eu o ajude?"

"Eu esperava que você pudesse me fornecer um abrigo seguro."

Zubov riu com vontade. "Uma casa segura, é claro! Mas por que apenas um esconderijo?" Ele fez um gesto ao redor da sala opulenta. "Por que não

se mudar para cá? Você pode nadar na minha piscina, comer minha comida e transar com minhas garotas também!"

"Yuri, se você puder me fornecer um esconderijo, poderemos fazer mais falsificações. Podemos falsificar o euro. Notas de quinhentos euros."

Zubov levantou uma sobrancelha, parecendo intrigado, mas apenas por um segundo. "Você vai roubar outra impressora KBA Giori, *da?*"

O comentário tinha sido sarcástico. Giorgio sabia que isso seria impossível agora.

Zubov suspirou. "Giorgio, você não sabe quando desistir. Seus dias de falsificação acabaram, meu amigo."

Giorgio ficou sentado. Ele não sabia o que estava esperando, mas pelo menos agora tinha uma ideia melhor da posição de Zubov.

O russo o observou por um momento e depois pareceu se acalmar um pouco. "Simplesmente não posso lhe dar um esconderijo e não posso lhe dar proteção. Talvez eu mesmo precise de um esconderijo! Tenho muitos problemas com a polícia, o FSB, os fiscais... todo mundo quer matar Yuri Zubov!"

Ele colocou sua mão robusta no ombro de Giorgio. O toque foi frio - parecia que a temperatura da sala havia caído 20 graus. "Você precisa sair da minha casa, e neste momento. É muito perigoso para você ficar aqui. E muito perigoso para mim também."

Zubov apertou um botão embaixo da mesa. "Pedirei a Pavel que o leve a qualquer lugar de Moscou que desejar. Nunca mais deve entrar em contato comigo."

"Chame um táxi para mim, por favor", disse Giorgio, tentando esconder seu alarme.

"Pavel vai levá-lo."

"Um táxi será suficiente."

"Eu disse que *o Pavel* vai levá-lo."

UM MOMENTO DEPOIS, a porta se abriu e Pavel apareceu. Giorgio havia se levantado e estava de pé perto do samovar, apoiado em sua bengala.

"Pavel, leve o Sr. Cattoretti para onde ele quiser ir."

Giorgio havia propositalmente virado as costas para os dois e estava de frente para o samovar, observando cuidadosamente seus reflexos na superfície altamente polida.

Ele viu claramente Yuri Zubov levantar a mão e fazer um movimento rápido de corte na garganta.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, Pavel levou Giorgio para uma grande garagem que abrigava vários veículos caros: um Porsche, um Lamborghini, um Lotus e alguns utilitários esportivos que pareciam fortemente blindados.

Pavel abriu a porta do passageiro da frente de uma das SUVs, mas Giorgio disse: "Vou sentar atrás, *spacebo*". Ele abriu a porta traseira e entrou antes que Pavel pudesse impedi-lo. Sentou-se no lado do passageiro. Ele se sentou no lado do passageiro.

Pavel abriu a porta do motorista e entrou, parecendo um pouco desconfortável. Mas ele sabia que Giorgio havia sido revistado minuciosamente e não portava nenhuma arma. Exceto pela bengala.

"Dê-me um pedaço de pau, por favor", disse ele, fazendo sinal para que o pegasse. "Será mais seguro aqui em cima."

Giorgio lhe entregou a bengala. Pavel a colocou no assoalho do banco do passageiro da frente.

Ele ligou o carro. A porta da garagem se abriu e logo eles estavam do lado de fora do imponente portão da casa, descendo uma pequena rua, a mesma que o táxi havia pegado para chegar lá. Pavel olhava nervosamente para Giorgio pelo retrovisor.

"Onde você deseja ir em Moscou?" disse Pavel.

"Leve-me à Praça Vermelha, por favor", disse Giorgio. "Meu hotel fica perto de lá."

Pavel acenou com a cabeça.

Eles seguiram em silêncio pelo bairro exclusivo, repleto de casas grandes e prédios de apartamentos de luxo, até chegarem a uma rua maior. Quando Pavel virou a esquina, Giorgio deu um salto para frente, agarrou-o pelos cabelos e colocou a faca de carne em sua garganta.

"O que está fazendo?" gritou Pavel.

"Encoste!"

Giorgio viu os olhos de Pavel se voltarem para o revólver sob o paletó.

"Eu disse para encostar! Vou enfiar essa faca na sua maldita garganta, seu idiota".

"Ok!"

Pavel puxou o utilitário esportivo para o acostamento, estremeando ao ver a lâmina da faca... ela estava tirando um pouco de sangue.

"Desligue o motor."

Pavel se aproximou cautelosamente e desligou a ignição. "Seu louco! Zub vai-"

"Cale-se", disse Giorgio, enfiando a faca ainda mais fundo. Agora, ela estava liberando bastante sangue, que escorria pelos dedos de Giorgio. "Com a mão direita, você vai pegar a arma muito, muito lentamente e, usando apenas um dedo e o polegar, vai puxá-la muito lentamente e depois vai jogá-la no banco de trás." Ele apertou a faca com ainda mais força. "*Panyatno?*"

"Da", Pavel ofegou. Ele se abaixou lentamente, puxou a arma apenas com o indicador e o polegar, como lhe foi dito, e depois a jogou por cima do ombro.

Em um instante, Giorgio se soltou e pegou a arma, apontando-a para a nuca de Pavel. "Passe as mãos pelo volante."

Quando Pavel relutantemente se inclinou para a frente, Giorgio mudou sua pegada para o cano da pistola e bateu na parte de trás do crânio do homem.

Pavel se inclinou para a frente, com a cabeça caindo contra o volante. A buzina tocou. Giorgio o puxou com força para o banco do passageiro, e a buzina silenciou.

Giorgio olhou ansiosamente para cima e para baixo na estrada - que ainda estava deserta. Ele saltou do carro, abriu a porta do motorista e agarrou os tornozelos do homem grande. Ele arrastou o Pavel inconsciente para fora do veículo e para o acostamento da estrada. O homem era pesado, e a perna fraca de Giorgio tornava a tarefa ainda mais difícil. Giorgio continuou arrastando-o, alguns metros de cada vez, pela grama alta e pelos arbustos até que ele estivesse bem escondido.

Olhando novamente para cima e para baixo na estrada deserta, Giorgio saltou de volta para o SUV e arrancou, queimando borracha.

Três dias depois, Yuri Zubov apertou o botão para chamar Pavel Smolin em seu escritório.

Pavel se aproximou da porta de aço com ansiedade, tentando esconder seu medo - ele estava apavorado. Com as mãos trêmulas, ele digitou o código e abriu a porta.

Zubov estava sentado à longa mesa de vidro, carrancudo, e com razão. Giorgio Cattoretti havia desaparecido. A SUV em que Pavel o levara fora encontrada perto da estação de metrô Mayakovskaya, no centro de Moscou, com as chaves trancadas no porta-luvas. Zubov havia usado todas as suas conexões para monitorar os aeroportos, as estações de trem e os postos de fronteira russos, mas parecia que o esperto italiano havia escapado do país.

"Sente-se", ordenou Zubov, indicando a mesma cadeira em que Cattoretti estava sentado.

Pavel já havia levado uma surra forte e estremeceu ao se sentar na cadeira. Ele olhou desconfortavelmente para Bill Clinton, que estava sentado com as patas traseiras no chão, com a língua de fora, observando. A ideia de ser alimentado, pedaço por pedaço, por aquele animal era quase mais do que ele podia suportar.

Havia um envelope simples de manila sobre a mesa.

Zubov disse: "Tenho pensado muito sobre essa situação, Pavel. Você é um homem de muita sorte. Decidi deixá-lo viver".

Pavel ficou tão aliviado que achou que poderia se molhar ali mesmo na cadeira.

"Mas há uma condição", disse Zubov, levantando um dedo.

Pavel ficou tenso novamente - é claro que havia uma pegadinha.

"Precisamos localizar e matar esse *macarrão* a todo custo. Ele simplesmente sabe demais. Não posso correr o risco de ele ser pego e contar tudo sobre nossa lavagem de dinheiro - isso me destruiria."

"É claro, chefe. Eu encontrarei esse homem, acredite em mim. Não importa para onde ele tenha ido, eu o localizarei e..."

"Não estou lhe pedindo para fazer isso, Pavel. Aparentemente, o trabalho está além de suas capacidades. Você já provou isso."

O rosto de Pavel ficou vermelho.

"Mas não se preocupe, meu jovem amigo, não estou mais chateado com você. Precisamos de um profissional, um *torpedo*."

Um *torpedo* era um assassino de aluguel, e o que Zubov disse era verdade: Pavel não era um assassino treinado. Ele era mais como um assistente administrativo com músculos, uma combinação de secretário pessoal e guarda-costas. Ele havia matado algumas pessoas para Zubov, mas eram alvos fáceis, não estavam no mesmo nível de Cattoretti.

"Poderíamos usar Karensky", sugeriu Pavel. "Ou Turnikov."

"Não. Decidi que, para este trabalho, devemos empregar absolutamente o melhor. Usaremos O Artista."

Pavel ficou surpreso. O Artista era atualmente o maior assassino do mundo, uma lenda viva. Por dois milhões de dólares americanos por contrato, ele também era o mais caro do mundo. De fato, chamar O Artista de um mero "torpedo" era um insulto - ele estava mais para uma ogiva nuclear de precisão. O Artista foi responsável por pelo menos 20 assassinatos de políticos de alto escalão, mafiosos, líderes de grupos terroristas, agentes da CIA e outras pessoas bem protegidas, pessoas que supostamente eram impossíveis de serem alcançadas. Ninguém sabia como era o Artista ou onde ele morava. Sua identidade, idade, nacionalidade, altura, peso e tudo o mais era um mistério total.

Pavel não só ficou surpreso com a escolha do assassino, mas também com o fato de que seria possível contratá-lo. Até onde Pavel sabia, ninguém sabia como contratar O Artista, pelo menos ninguém na Rússia. Ele não deixava pontas soltas, nem rastros. Havia rumores de que pelo menos três pessoas diferentes que tentaram localizá-lo simplesmente desapareceram, uma delas um agente altamente experiente do Mossad.

Tudo o que se sabia sobre O Artista era que ele era absolutamente o melhor no que fazia, e que era lento e extremamente metódico, e que

sempre cumpria o que prometia. Daí seu apelido.

"Você acha que estou brincando?" disse Zubov, observando a reação de Pavel.

"Não, chefe. Mas como podemos fazer um contrato com ele?"

Zubov sorriu pela primeira vez. "Descobri quase por acaso que O Artista é ucraniano."

"Ucraniano?" disse Pavel, surpreso.

"Sim. Ele tem um intermediário em Kiev. Uma mulher. Você dá a ela a fotografia do alvo com o nome completo no verso, nada mais, e ela a passa para ele. Isso é tudo de que o Artista precisa. Depois, você transfere metade do dinheiro para uma determinada conta bancária na Suíça e espera pelo golpe, e então transfere o restante."

Pavel se mexeu desconfortavelmente na cadeira - ele havia notado a maneira como Zubov repetia "você".

"Quem é esse intermediário? Sua namorada?"

Zubov deu uma risadinha. "Essa é a parte mais interessante de todas." Ele riu novamente. "A intermediária não é a namorada dele."

"Quem, então?"

"Sua mãe."

"A mãe dele?" disse Pavel com incredulidade.

Zubov deu uma risadinha.

"*Bozhe moi...* certamente ela não sabe que seu filho é um..."

"Claro que não. Ela acha que seu doce garotinho é um *verdadeiro* artista, com uma alma torturada e todas essas besteiras. Ela acha que ele é tão tímido e sensível que não consegue ficar perto das pessoas, que vive isolado e pinta seus retratos apenas a partir de fotografias..."

"*Bozhe moi*", disse Pavel novamente. Essa era uma armadilha maluca... mas, de alguma forma, fazia sentido. Não era de se admirar que a identidade do Artista tivesse permanecido um mistério total.

Zubov apontou para Pavel. "Você vai voar para Kiev e fechar o contrato."

Pavel já havia previsto isso. Ele olhou para Bill Clinton, que ainda o estava observando. Seria perigoso, mas muito melhor do que ser dado de comer, pedaço por pedaço, a um Rottweiler.

Zubov pegou o envelope sobre a mesa e retirou uma fotografia ampliada. "Esta foi tirada do aviso vermelho da Interpol de Cattoretti." Ele

a virou. As palavras GIORGIO CATTORETTI estavam escritas à mão no verso, em letras maiúsculas.

Zubov colocou a foto de volta no envelope, lambeu a aba e o lacrou com cuidado. Ele o entregou a Pavel, junto com um pequeno pedaço de papel com um endereço. "Você entregará pessoalmente este envelope à mãe do Artista, em seu apartamento em Kiev. Depositei um milhão de euros em uma conta bancária suíça numerada, e você fará a transferência eletrônica quando estiver lá."

Pavel disse: "Sim, chefe". Zubov estava se isolando totalmente disso - se algo desse errado, Pavel levaria a culpa.

"Essa mulher não deve olhar dentro do envelope", continuou Zubov. Ele deve ser passado para O Artista com o selo intacto. *Ninguém mais no mundo* deve saber disso, nem mesmo seu intermediário. Nós somos os únicos que sabemos que Cattorette ainda está vivo". Zubov fez uma pausa. "Você entendeu?"

Pavel engoliu. "Da."

"Se concluir essa tarefa com sucesso, você voltará a ter uma boa relação comigo."

Pavel empurrou sua cadeira para trás e se levantou. "Eu entendo. Não vou decepcioná-lo."

Zubov olhou do outro lado da sala para o belo samovar que Cattorette havia lhe trazido, como se pudesse ver o italiano sendo assassinado de uma forma dolorosa e grotesca. Ele olhou de volta para Pavel. "A propósito, há outra coisa que você deve saber, caso o milhão de euros que está sob sua responsabilidade lhe dê alguma ideia estúpida."

"O que é isso?"

"Você sabe por que o Artista nunca se preocupa em receber a segunda metade de seu dinheiro depois de fazer seu 'retrato'?"

Pavel balançou a cabeça.

"Porque se ele não for pago, ele também fará *seu* retrato. Sem custo adicional."

A ilha de Chipre está localizada no meio da parte mais oriental do Mar Mediterrâneo, ao sul da Turquia, a leste do Líbano e ao norte do Egito. Seus habitantes são principalmente de origem grega e turca. Com seu clima ensolarado e ameno durante todo o ano e belas praias, o principal setor da ilha é o turismo.

O Chipre foi dividido ao meio desde 1974, quando a Turquia invadiu a ilha, e tem um lado grego e um lado turco. O lado grego é membro da União Europeia. Em contrapartida, o lado turco, a República do Norte do Chipre, não é reconhecido como um país separado por ninguém, exceto pela própria Turquia. Nicósia, a capital da ilha, é a única capital do mundo compartilhada por dois países diferentes.

Depois de ser rejeitado e quase assassinado por Yuri Zubov, Giorgio Cattoretti optou por estabelecer seu esconderijo de longo prazo no lado turco de Chipre. Com uma população majoritariamente turca de apenas 300.000 habitantes, não havia muita infraestrutura ou organização. Ele desempenharia o papel de apenas mais um aposentado europeu que se estabeleceu lá para viver com sua aposentadoria e aproveitar os preços baratos e o clima ensolarado durante todo o ano. Havia outros lugares muito mais remotos onde ele poderia se esconder, é claro, que provavelmente seriam mais seguros, mas ele era bastante apegado ao seu país de origem. Chipre não ficava tão longe da Itália, apenas na outra costa do Mediterrâneo, e não pareceria tão distante.

Giorgio usou um passaporte falso diferente para chegar a Nicósia, este declarando que ele tinha 62 anos e nasceu em Portugal com o nome de

Xavier Dente. Ele disse ao oficial de imigração no aeroporto de Nicósia que havia decidido se aposentar aqui depois de vender sua empresa de importação e exportação em Lisboa.

"Estou pronto para me afastar de tudo e relaxar", disse ele com um sorriso descontraído. Ele estava vestido casualmente, com calça cáqui, camisa polo e mocassins.

"O senhor veio ao lugar certo, Sr. Dente", respondeu o policial de bigode, devolvendo o passaporte. "Aqui nunca acontece nada." Com um sorriso irônico, ele acrescentou: "Mesmo quando você quer que aconteça".

Os funcionários da alfândega nem sequer olharam para sua mala maior, que estava completamente cheia de notas de €500 euros. Giorgio adorava notas de 500 euros - elas eram tão compactas que você poderia colocar 100.000 euros no bolso do paletó e nem sequer criar uma protuberância perceptível. Era uma pena que Yuri Zubov não estivesse interessado em ajudar a falsificá-las.

A PRIMEIRA TAREFA de Giorgio foi encontrar uma casa para morar. Ele sabia que ficaria nessa ilha remota por muito tempo. Um tempo dolorosamente longo. Ele não sabia quando se sentiria seguro o suficiente para se aventurar de volta ao mundo, mas com certeza ficaria aqui em Chipre por alguns anos, pelo menos. Ele também estava determinado a permanecer em isolamento quase total, com o mínimo de contato possível com os habitantes locais para minimizar as chances de sua verdadeira identidade ser descoberta ou de Zubov encontrá-lo.

Apenas três dias após sua chegada, ele teve a sorte de encontrar uma vila pela qual se apaixonou. Ela era realmente espetacular. A estrutura de dois andares estava situada em uma colina a cerca de 16 quilômetros de Kyrenia, um vilarejo à beira-mar conhecido por seu porto histórico e pelo castelo bizantino. O porto era pouco visível ao longe pelas amplas janelas da sala de estar, que proporcionavam uma vista magnífica do mar. A casa estava totalmente mobiliada. Tinha uma sala de bilhar, uma academia com um conjunto completo de aparelhos de ginástica, uma pequena sala de cinema equipada para filmes em formato 3D, uma piscina palaciana interna e externa e uma adega bem abastecida. O terreno também era extremamente seguro, com um muro de concreto de 3 metros ao redor da propriedade, um portão elétrico à prova de colisões e um sistema de segurança de última geração com câmeras e sensores de movimento espalhados por toda parte.

Um conjunto de 120 degraus de pedra levava a uma praia particular de areia protegida por muros de proteção a 100 metros do mar. Na verdade, ela lembrava muito a dacha de Yuri Zubov, a que ele estava de olho, só que a villa de Zubov ficava no Mar Negro, não no Mediterrâneo. Ele decidiu que tudo tinha dado certo e que foi uma boa coisa Zubov tê-lo rejeitado.

Havia também um barco de esqui que acompanhava a casa e um Mercedes conversível. A casa era de propriedade de um rico advogado britânico que havia morrido repentinamente de um ataque cardíaco três meses antes, e o executor do patrimônio havia acabado de colocar a casa no mercado.

A característica da villa que Cattoretti mais gostava era a biblioteca. Ela ocupava dois andares da casa, com uma escada em espiral no meio. As paredes revestidas de painéis de nogueira e as prateleiras embutidas estavam repletas de livros, muitos deles antigos, encadernados em couro. Havia coleções completas de obras de Shakespeare, Tolstoi, Dumas, Hugo, Goethe, Platão, Descartes e dezenas de outros autores clássicos. A biblioteca também continha várias centenas de livros ilustrados de grande formato que mostravam as obras completas de Picasso, Cézanne, da Vinci, Rembrandt, Monet e centenas de outros artistas. Giorgio adorava ler e adorava arte, e só a biblioteca já o manteria bastante ocupado.

Uma outra característica da casa que atraiu Cattoretti, e que não era menos agradável esteticamente para ele, era o cofre no quarto. Era um modelo de alta qualidade da Döttling. O cofre era embutido na parede, fixado em concreto sólido em todos os seis lados e escondido por uma pintura a óleo, semelhante à configuração que ele tinha em seu castelo na Itália.

Giorgio e o executor tiveram que entrar em contato com os escritórios da Döttling na Alemanha e enviar cópias autenticadas da escritura da casa para que Giorgio obtivesse a combinação. De acordo com o executor, o cofre não era usado há anos, pois o proprietário anterior, já idoso, havia esquecido a combinação e nunca a havia anotado ou revelado a outra pessoa.

A primeira coisa que ele fez quando se mudou para a villa foi verificar cada centímetro quadrado do quarto principal para ter certeza de que o proprietário anterior não havia escondido a combinação do cofre em algum lugar e esquecido disso também. Giorgio havia cometido esse erro uma vez em seu castelo na Itália e nunca mais o cometeria.

Ele empilhou o "troco" da compra da villa - nove milhões de euros - dentro da caixa de ferro. Quando fechou a pesada porta e girou a fechadura de combinação na frente, o clique suave e preciso da engenharia alemã lhe deu uma sensação de segurança.

Ele começou a se acomodar.

EMBORA A CASA FOSSE espaçosa e luxuosa, ela também apresentava um problema para Giorgio e seu plano de vida reclusa. Como ele manteria uma casa tão grande, e quem cozinharía e limparia para ele?

Ele decidiu que sua melhor aposta seria contratar um caseiro e cozinheiro em tempo integral, como Tony, que ele havia empregado nos últimos 10 anos em seu castelo. Tony conseguia manter o interior daquele enorme edifício limpo e preparar todas as suas refeições, além de ser muito maior do que a vila de Chipre. No final, Tony o havia traído e ajudado Elaine a derrubá-lo, mas ele não queria pensar nisso ainda. Isso trazia à tona outros pensamentos dolorosos com os quais ele simplesmente não queria lidar agora. A vingança viria mais tarde.

Giorgio também tinha outro problema. Ele era um homem saudável e viril e, embora pudesse viver confortavelmente isolado por um tempo, tinha suas necessidades sexuais. Ele não poderia satisfazê-las com prostitutas, como havia feito durante sua noite de devassidão desenfreada em Zurique. Havia muitas prostitutas jovens e lindas para escolher em Kyrenia e Nicósia, garotas que estavam lá para satisfazer as demandas dos turistas, mas elas simplesmente não serviam. Logo ele seria conhecido como o "milionário português caolho da colina" e a notícia se espalharia. Assim como abrir uma conta bancária com uma grande quantia de dinheiro, essa atividade atrairia muita atenção. Eventualmente, alguém ficaria curioso e sua identidade poderia ser descoberta. Muito provavelmente isso resultaria em chantagem, e essa era uma dor de cabeça de que ele não precisava.

Ele decidiu que a melhor solução para esses problemas seria contratar uma mulher jovem e bonita para desempenhar duas funções básicas: 1) governanta e cozinheira, e 2) amante.

Se ele conseguisse encontrar a garota certa, mataria dois coelhos com uma cajadada só.

ASSIM QUE TEVE ESSA IDEIA, ele ficou entusiasmado com ela. Rapidamente, redigiu um anúncio para ser publicado nos jornais do outro

lado da ilha, o lado sul. Ele argumentou que uma garota grega que vivesse no lado grego provavelmente não teria nenhuma conexão no lado turco, onde ele vivia. Além disso, seria difícil voltar para casa, pois ela teria que passar por um dos postos de controle de fronteira, e não havia muitos deles, o que era um incômodo.

Giorgio alugou uma caixa postal em Limassol para receber as respostas, e elas começaram a chegar, cartas de garotas de todo o sul da ilha. Algumas enviaram currículos, a maioria em grego, apesar do fato de ele ter especificado que era *necessário falar inglês excelente*. Outras simplesmente enviaram cartas, a maioria escrita à mão. Algumas também enviaram fotografias. O candidato mais velho tinha 27 anos. Pelas fotos, alguns deles pareciam ser excelentes.

Ao abrir os envelopes, um a um, ele se viu sexualmente excitado com a ideia de entrevistar todas aquelas jovens para um emprego que era um pouco mais do que qualquer uma delas esperava - o anúncio dizia apenas *Homem aposentado, deficiente visual, deficiente físico precisa de cozinheira e governanta que fale inglês excelente, salário alto -, mas* ele disse a si mesmo que não tomaria essa decisão apenas pela aparência. Não importava o quanto a moça fosse bonita, ela tinha de ser uma trabalhadora competente e tinha de convencê-lo disso antes que ele a contratasse.

No entanto, depois de ler todas as cartas, ele ficou um pouco decepcionado. Muitas das garotas mais atraentes eram russas. Desde a queda da União Soviética, o Chipre havia se tornado o playground favorito dos moscovitas e o lado sul da ilha, para onde eles podiam viajar facilmente comprando um visto on-line, estava repleto delas. É claro que Cattoretti não queria ter nada a ver com nenhum russo agora, mesmo que as chances fossem mínimas de que uma das garotas daqui pudesse, de alguma forma, estar ligada a Yuri Zubov em Moscou ou a alguém que Zubov conhecesse.

Ele rasgou todas as cartas das garotas russas e as jogou na lixeira do correio.

Uma garota grega teria que servir.

Pavel Smolin já estava em Kiev há duas longas e improdutivas semanas. Até agora, toda a viagem tinha sido um fracasso.

A mãe do Artista, o intermediário que ele deveria contatar, simplesmente não estava em casa.

Assim que Pavel chegou ao aeroporto Borispol, em Kiev, ele tentou pegar um táxi para o apartamento dela em Troeshina, mas até isso se tornou um problema.

"Preciso deste endereço", disse ele ao motorista do táxi no topo da fila, mostrando o pedaço de papel que Zubov havia lhe dado. Ele listava apenas o número do prédio, não o número do apartamento.

O homem franziu a testa e olhou para ele pelo retrovisor. "Esse endereço fica em Troeshina."

"E daí?"

"Eu não vou lá." Ele fez um sinal por cima do ombro com o polegar. "Pegue o próximo táxi."

Intrigado, Pavel saiu e deslizou para a traseira do próximo carro.

"Troeshina? Esqueça isso. Encontre outra pessoa."

Pavel desceu do táxi e ficou parado na calçada do aeroporto, ainda mais perplexo. Ele nunca havia estado em Troeshina antes, mas todo criminoso na Rússia a conhecia. Uma das piores áreas da capital ucraniana, ela era repleta de pobreza, drogas, prostituição, crimes violentos... o tipo de lugar onde as pessoas vendiam seus próprios órgãos por uma dose.

Ainda assim, não era pior do que muitas outras áreas na Rússia ou na Ucrânia... Pavel não achava que era *tão* ruim assim.

Ele desceu até o próximo táxi e entrou nele. Mostrou o endereço ao motorista e, antes que o homem pudesse abrir a boca, Pavel disse: "Duzentos dólares americanos" e mostrou duas notas de 100 dólares.

O motorista considerou o dinheiro por um momento, depois fez um aceno relutante. Pavel fechou a porta e eles seguiram viagem.

QUARENTA MINUTOS DEPOIS, o táxi estava passando lentamente pela Pervova Boulevard, uma das principais vias de Troeshina. Era uma paisagem sombria e deprimente, com filas intermináveis de complexos de apartamentos decadentes, de construção soviética, as ruas cheias de lixo e vidros quebrados, cada metro quadrado de parede coberto de pichações. A escuridão só fazia com que a cidade parecesse ainda mais proibitiva. Passaram por gangues de adolescentes e o motorista ficou verificando se todas as portas do carro estavam trancadas.

"Aquele é o prédio", disse o motorista finalmente, apontando para um dos enormes complexos. Pavel encostou a testa na janela e olhou para cima. O prédio tinha cerca de 20 andares.

Por que diabos um assassino que recebia US\$ 2 milhões por pessoa moraria nessa parte horrível da cidade, pensou Pavel... mas ele se lembrou de que O Artista provavelmente não morava aqui, apenas sua mãe. Ainda assim, por que o homem manteria sua mãe em um lugar como esse? Fazia sentido que o maior assassino do mundo tivesse crescido nesse bairro terrível... qualquer garoto que sobrevivesse aqui desde a infância tinha que ser duro como pregos. Talvez sua mãe fosse uma daquelas pessoas que se recusavam a se mudar.

Pavel perguntou ao motorista: "Tem certeza de que este é o endereço correto?" e mostrou-lhe o papel novamente.

"*Da, pravilno*", disse o motorista. "Agora me dê meu dinheiro para que eu possa sair desse lixão".

Pavel entregou o dinheiro ao motorista e saiu do táxi, olhando novamente para o prédio. O Artista provavelmente havia comprado vários apartamentos adjacentes no prédio e os combinou em uma unidade enorme e luxuosa.

Sim, muitas pessoas ricas em Moscou faziam isso. A mãe do Artista provavelmente morava na cobertura, em todo o último andar do prédio.

O táxi se afastou e Pavel caminhou em direção ao saguão. Todas as lâmpadas da rua estavam apagadas, e estava tão escuro que ele mal

conseguia ver nada.

Ele ouviu passos atrás de si e percebeu que estava prestes a ser assaltado um instante antes de isso acontecer.

PAVEL ACORDOU com o rosto na sujeira e a nuca latejando. Ele havia sido arrastado para alguns arbustos ao lado do prédio.

Praguejando, ele se ajoelhou lentamente. Sua mente estava funcionando lentamente, e ele levou um momento para perceber onde estava. Seu relógio de pulso havia sumido, tinha sido arrancado de seu braço - sua pele estava arranhada e sangrando. Ele procurou a carteira dentro da jaqueta, mas ela também havia sumido... e então ele a viu no chão à sua frente, na terra, aberta. Ele a pegou. Todo o dinheiro havia sumido, mas ele só tinha cerca de US\$ 500 e havia dado US\$ 200 ao taxista, portanto...

O envelope! pensou ele, em pânico.

Pavel se levantou, apalpando desesperadamente o bolso do paletó - ele também havia desaparecido!

Ele deu um passo à frente, sua pressão arterial disparou... e então viu algo no chão a alguns metros de distância. Ele o pegou e olhou para ele sob a luz fraca - sim, graças a Deus, era o envelope. Para seu alívio, ele não havia sido aberto - o lacre ainda estava intacto. Era fino demais para conter dinheiro, e quem quer que o tivesse assaltado simplesmente o havia jogado de lado. Havia algumas marcas de tênis sujos estampadas nela. Pavel esfregou-a na perna de sua calça e tentou limpá-la da melhor maneira possível.

Ele olhou nervosamente em volta do prédio - malditos punks de rua! Talvez fosse melhor voltar amanhã, pensou ele, durante o dia. Por outro lado, ele não tinha mais nada em seu corpo que valesse a pena ser roubado.

Pavel entrou cautelosamente no saguão, irritado consigo mesmo por não ter sido mais cuidadoso nesse gueto. O local estava imundo, com garrafas de cerveja e bitucas de cigarro espalhadas por toda parte. Cheirava a urina. Havia alguns adolescentes sujos e mal vestidos amontoados embaixo da escada... Pavel reconheceu o cheiro de fumaça de metanfetamina.

Ele se perguntou se foram eles que o assaltaram. Ele pensou em dar uma surra em todos eles, mas então pensou no cachorro de Zubov e disse a si mesmo para não se deixar desviar.

Ele encontrou o diretório sujo do prédio para poder ver em que andar ficava o apartamento nº 89. Era o nono andar, nem mesmo na metade do

topo.

Difícilmente seria a cobertura, pensou ele.

Quando ele entrou no elevador, o cheiro era ainda pior... Quando ele começou a alcançar os botões, puxou a mão para trás - havia chiclete espalhado por eles.

"O elevador não funciona, idiota", disse um dos adolescentes, e houve risadas.

Pavel deu um passo atrás e todos estavam sentados olhando para ele, completamente chapados. Cerrando os dentes, ele começou a subir os nove lances de escada, passando por cima de um bêbado desmaiado entre dois andares.

"Meu Deus", ele murmurou para si mesmo quando finalmente chegou ao nono andar, arfando e com a nuca latejando. Que tipo de homem rico deixaria sua mãe viver em uma lata de lixo como essa, mesmo que o interior do apartamento dela tivesse sido reformado e transformado em um palácio?

Pavel finalmente encontrou o apartamento 89. Ele tinha uma porta de aço, como a maioria dos apartamentos russos de hoje em dia, com um olho mágico no meio e os restos rachados do que havia sido uma campainha, talvez na época de Stalin.

Não havia nome na porta.

Pavel bateu na porta de metal e esperou. Ela provavelmente está dormindo, pensou ele, mas não dou a mínima.

Franzindo a testa, ele bateu mais algumas vezes. Esperou mais um pouco. Em seguida, bateu na porta pesada com o punho. Talvez a mulher fosse idosa e tivesse dificuldade para ouvir. Como ninguém sabia a idade do Artista, sua mãe poderia ser idosa.

Ainda não havia nenhum som vindo de dentro do apartamento. Pavel observava atentamente o olho mágico, para ver se a luz oscilava - quando alguém colocava o olho em um olho mágico, era possível perceber. Mas tudo parecia tão silencioso quanto um túmulo.

Praguejando, Pavel desceu os nove lances de escada e voltou para a rua.

PAVEL PEGOU um táxi de volta para o centro de Kiev, o que não tinha sido fácil àquela hora da noite. Ele não havia previsto que a mulher não estaria em casa. Ele pensou que a tarefa não levaria mais do que duas horas e não se preocupou em levar muito mais do que uma muda de roupa íntima.

Usando o passaporte falso, ele se hospedou em um hotel três estrelas perto da Krashatic Street, a principal rua da cidade. Assim que se levantou na manhã seguinte, sacou algum dinheiro em um caixa eletrônico. Em seguida, foi a uma loja de penhores e comprou um canivete para se proteger - ele era bom com uma faca. Em seguida, encontrou outro táxi que estava disposto a dirigir até Troeshina para ver se ela estava em casa. Esse motorista queria US\$ 250, mas Pavel ficou feliz em pagar.

A "viagem rápida" já estava ficando cara. É claro que, em comparação com o preço da batida, não era nada, mas a última coisa que Pavel precisava era parecer que estava esticando essa tarefa para ter alguns dias de férias com tudo pago em Kiev.

Com a respiração ofegante novamente e a cabeça ainda doendo por ter sido assaltado na noite anterior, ele finalmente chegou ao nono andar e bateu na porta, sem se preocupar em ser discreto dessa vez.

Ele não conseguia ouvir o menor som vindo de dentro, nem percebia qualquer movimento por trás do olho mágico.

AS DUAS SEMANAS seguintes foram mais do mesmo. Pavel foi ao apartamento de manhã cedo, ao meio-dia, no início da noite e até mesmo no meio da madrugada, sendo extremamente cuidadoso todas as vezes. Ninguém parecia lhe dar atenção, e ele decidiu que apenas tivera azar ao ser assaltado naquela primeira noite, ou porque simplesmente não estava com a guarda levantada.

Finalmente, Pavel ligou para Zubov de um telefone público e o colocou a par da situação.

"Apenas continue com isso", disse Zubov. "A velha cadela tem que voltar para casa eventualmente."

"Tem certeza de que essa mulher é a intermediária?"

Zubov não respondeu. Você não questionou Yuri Zubov.

"Desculpe, chefe, eu não estava pensando", disse Pavel rapidamente.

"Espere", gritou Zubov. "Quero esse *macarrão* morto. Mantenha suas despesas em um nível razoável e espere que a velha bruxa volte. Não quero ouvir falar de você novamente até que tenha um contrato."

NO DIA SEGUINTE, quando Pavel chegou ao apartamento e, pelo que deve ter sido a quinquagésima vez, constatou que a mulher não estava em casa, ele decidiu arriscar. O corredor estava relativamente silencioso, mas ele

podia ouvir o som de uma TV vindo de trás da porta do lado oposto do corredor, o apartamento nº 88.

No caminho, ele havia planejado tudo o que iria dizer. Aproximou-se da porta pela lateral, tirou um chiclete da boca que estava mascando há cerca de vinte minutos e espalhou-o pelo buraco da porta.

Ele bateu na porta com os nós dos dedos.

O som da TV parou imediatamente. Ele ouviu o som fraco de passos se aproximando da porta.

Pavel sentiu que quem quer que estivesse assistindo à TV estava do outro lado do metal.

Ele bateu novamente. "*Dobriy den!*", disse ele, sorrindo enquanto falava, esperando ter soado amigável.

"*Da?*", disse uma voz feminina com cautela. Uma mulher idosa, ao que parecia.

"Estou tentando localizar a senhora que está do outro lado do corredor. Você sabe quando ela voltará?"

Houve uma longa pausa. "Não consigo ver você", disse ela desconfiada. "Você está com o dedo sobre o olho mágico."

"Não, uma criança colocou goma de mascar em cima dela."

"Bem, ela não está em casa. Por favor, vá embora".

"Sei que ela não está em casa - ela está fora há quase uma semana. Preciso saber quando ela voltará."

"O que você quer com ela?"

"Eu trabalho em uma empresa de entregas, tenho um pacote para ela".

"Deixe-o do lado de fora da minha porta e eu o entregarei a ela quando voltar."

"Ela tem que assinar." Pavel fez uma pausa. "De qualquer forma, provavelmente não é importante. Acho que é apenas um presente de aniversário ou algo assim, talvez um doce. Vamos simplesmente devolvê-lo ao remetente."

"Não, por favor, não faça isso, ela voltará logo."

"Quando?"

"Em um ou dois dias. Ela vai para a casa da irmã às vezes, mas nunca fica mais de uma semana."

"*Horosho*, vou anotar para o despachante segurar o pacote até a próxima sexta-feira, então. *Spacebo bolshoy*".

"*Pazhaluista*."

NO INÍCIO DESTA MANHÃ, Pavel se arrastou para fora do táxi em Troeshina e pagou o motorista. Ele entrou no saguão do prédio fedorento.

Quando ele passou pelos drogados na escada inferior, eles mal olharam para ele - conheciam bem seu rosto agora, o que não era bom.

Pavel chegou ao nono andar e parou em frente à porta do apartamento. *Por favor, esteja em casa, vadia*, pensou ele, e bateu na porta.

Imediatamente, ouviu-se o som de passos.

Pavel viu a luz mudar atrás do olho mágico.

Finalmente! pensou ele.

"Quem é?" Era a voz de uma mulher idosa. Ela fez a pergunta em ucraniano, mas Pavel entendeu.

Ele deu um sorriso caloroso e olhou diretamente para a lente do olho mágico. "Sou amigo de seu filho." Ele segurou o envelope para que ela pudesse vê-lo. "Preciso fazer um retrato."

"Você conhece meu filho?", disse ela, já mais amigável.

"Da!" Pavel sorriu mais amplamente e tentou parecer o mais inofensivo possível.

Ele ouviu o som de uma fechadura deslizando para o lado, e depois uma segunda.

A pesada porta de aço se abriu apenas um pouco contra uma corrente de segurança. Um olho reumático o observou por meio de uma lente de óculos de aparência transparente. O olho o olhou de cima a baixo. Pavel estava vestindo seu terno azul. O terno estava recém-passado e os sapatos, polidos.

A porta se fechou na cara dele.

Por um segundo, Pavel entrou em pânico, mas então ouviu a corrente ser puxada para trás e a porta se abrir.

"Sempre fico feliz em ver qualquer amigo do meu filho", disse ela, quase emocionada.

Pavel entrou com cautela. Diante dele estava uma mulher idosa vestindo um paletó velho e desbotado e chinelos muito gastos. Ela aparentava ter pelo menos sessenta anos, talvez até setenta. Seus cabelos opacos e sem vida estavam grudados na cabeça, tão finos em alguns lugares que era possível ver o couro cabeludo. Os anos não a trataram bem.

O apartamento em si era terrível. Havia um sofá gasto, uma mesa de centro com cicatrizes... o papel de parede monótono estava descascando em alguns lugares e havia manchas no teto. Pavel notou uma panela meio cheia

de água no chão, perto da porta que dava para a cozinha. Quando ele estava olhando para ela, uma gota caiu e fez um som de "*poink*".

O local não havia sido reformado desde os tempos soviéticos. Pavel novamente se perguntou como um assassino multimilionário poderia deixar sua pobre mãe viver em tal miséria.

O Artista deve ser frio como gelo, pensou Pavel. Mas é claro que, em sua profissão, ele teria de ser. Na verdade, Pavel sentiu pena da senhora idosa, vivendo assim com um filho que obviamente não se importava. E usando-a como intermediária!

"Por favor, sente-se!", disse ela. Ela parecia animada por ter uma visita de qualquer tipo. "Posso lhe servir um chá? Tenho alguns *bulochki* que comprei há apenas uma hora, eles estão muito frescos - você disse que queria fazer um retrato?" Antes que Pavel pudesse responder, ela disse: "Ah, ele vai ficar emocionado, ele tem tão pouco trabalho hoje em dia..."

Talvez se ele não cobrasse dois milhões por golpe, seu pobre garotinho conseguiria mais alguns clientes, pensou Pavel ironicamente.

A mulher entrou na cozinha e Pavel começou a se sentar no sofá. Ele fez uma careta quando viu uma grande barata marrom se esgueirando por trás de uma das almofadas.

Em vez disso, ele escolheu uma cadeira. Ele ainda não conseguia entender como um homem que ganhava milhões poderia deixar sua própria mãe viver assim.

A mulher idosa estava na cozinha agora. Ela estava de costas para ele, coçando a cabeça com os cabelos ralos.

"Há algo errado?", disse ele, um pouco alarmado.

"Parece que não consigo me lembrar por que entrei aqui..."

Jesus Cristo, pensou Pavel. "Você estava indo fazer um chá..."

"Ah, *sim*, correto! Chá."

Enquanto ela se ocupava com a cozinha, Pavel examinava a pequena e patética sala de estar. Havia um aparelho de TV antigo com um par de antenas de orelhas de coelho de aparência triste em cima, uma estante de livros empoeirada com as edições usuais de Tolstói, Pushkin e outros autores russos da era soviética acumulando poeira, um suéter de tricô meio acabado em uma mesa e um jornal amarelado com palavras cruzadas parcialmente preenchidas.

Pavel olhou para o aparelho de TV. Ela estava ligada, sintonizada no Canal 1 de Kiev, mas a imagem estava tão ruim que era difícil saber qual

era o programa. O som estava baixo ou não funcionava.

"Espero que este chá esteja bom", disse a mulher idosa, voltando após alguns minutos. "Açúcar? Limão?"

"Eu gosto do meu simples", disse Pavel. "*Spacebo*."

Ela colocou uma pequena bandeja com bolos de queijo de aparência gordurosa que obviamente havia comprado por alguns kopeks de um vendedor ambulante. Um pouco trêmula, ela se sentou no sofá, exatamente onde a barata estava.

"Delicioso", Pavel se forçou a dizer. O chá era fraco e repulsivo, claramente feito de folhas que já haviam sido usadas antes. Ela estendeu a mão e, com uma mão trêmula, levantou a bandeja para que ele pudesse pegar um dos pães de queijo.

"Mmm", disse ele, enquanto experimentava um. "Muito fresco."

Naquele momento, ele viu outra barata, esta escalando a parede atrás dela. Por um momento terrível, ele pensou que poderia vomitar.

Ele colocou a xícara e o rolo de chá no chão e, em seguida, pegou o paletó e disse: "Como eu lhe disse, tenho uma foto que gostaria que fosse transformada em um retrato".

"Retrato?", disse ela sem entender.

"Sim..." Ele lhe entregou o envelope. "Seu filho... ele faz retratos, certo?"

"Oh... oh, sim." Ela pegou o envelope. "Ele vai ficar muito feliz por ter um novo cliente!" Ela passou o polegar por baixo da aba.

"Não..."

Ela rasgou o envelope antes que Pavel pudesse terminar a frase. Ela tirou a fotografia, olhou para ela e franziu a testa. "Por que as pessoas sempre querem retratos feitos a partir de fotografias tão horríveis?"

Pavel já havia desviado o olhar - ele mesmo não queria vê-lo novamente. Droga! Se Zubov descobrisse que ela havia aberto o envelope, só Deus sabia o que poderia acontecer.

"Por que as pessoas sempre querem retratos feitos a partir de fotografias tão horríveis?"

"Não sei", murmurou Pavel, ainda desviando o olhar.

"Se ele começar com uma imagem tão ruim, o retrato pode não ser muito bom. Meu filho não é um milagreiro."

Oh, sim, ele é, pensou Pavel. Se você soubesse...

A idosa finalmente colocou a foto de volta no envelope e fechou a aba.

Pavel ficou aliviado - pelo menos ela não tinha olhado o nome escrito no verso da foto. Se Zubov descobrisse que ela tinha visto a foto, pelo menos ele poderia dizer que ela não tinha olhado o nome.

Ele olhou para o relógio e se levantou de repente.

Ela pareceu surpresa. "Você não vai embora tão cedo, vai?"

"Eu realmente tenho que ir."

Ela apontou para um baralho de cartas desgastado pelo tempo. "Você poderia ficar e nós poderíamos jogar *Preferans*".

Pavel teve de reprimir uma risada - era um jogo de cartas que somente as senhoras russas idosas jogavam.

"Eu realmente preciso ir, tenho muitas coisas para fazer."

Ele deu um passo em direção à porta, mas hesitou. Ainda havia a questão do pagamento... ele precisava do número da conta bancária na Suíça para onde deveria transferir o dinheiro. Ele ficou tão confuso com o fato de ela ter aberto o envelope que quase se esqueceu.

Ele ficou ali parado, esperando que ela dissesse alguma coisa, mas ela apenas o encarou sem expressão.

"Preciso saber como pagar seu filho pelo trabalho dele."

"Desculpe-me?"

"Preciso saber como *pagar* seu filho pelo retrato que ele vai fazer para mim." Ele esfregou os dedos para indicar dinheiro. "Entendeu?"

"Oh." Ela pensou por um momento. "Você envia o pagamento para a conta bancária dele de alguma forma, não entendo essas formas modernas. Acho que você envia metade adiantado e metade quando ele termina o retrato."

"Sim, eu sei disso", disse Pavel, tentando ser paciente, "mas para fazer isso preciso do número de sua conta". Meu Deus, pensou ele. Essa pobre mulher tem morte cerebral.

"Oh. *Papai. Papai*, é claro que você sabe". Ela se levantou, foi até um armário e começou a remexer em um monte de papéis, recibos, cartas amareladas, contas de serviços públicos...

Ele achava difícil acreditar que era assim que todos aqueles golpes internacionais de alto nível haviam sido organizados, por meio de uma velha *babushka* senil. Ele esperava que Zubov soubesse o que estava fazendo.

Ela parou de se mover novamente e ficou parada, olhando para a parede.

"Qual é o problema agora?"

"Esqueci o que estava procurando."

"O número da conta bancária!" gritou Pavel.

"Ah, sim, sim... aqui está." Ela se virou, segurando um pedaço de papel com aparência desgastada. "Ele tem uma conta bancária em Zurique. Por algum motivo, ele não confia nos bancos ucranianos." Ela suspirou. "Areli e seus amigos artistas têm algumas ideias políticas *muito* estranhas..."

Então, seu nome é Areli, pensou Pavel.

Ele copiou o número da conta - aparentemente, aquele pequeno pedaço de papel sujo era a única coisa em que estava escrito. Quando ele se virou para a porta, a mulher idosa disse: "Ah, você sabe quanto ele cobra por um retrato, espero?"

"Sim, eu sei."

"Acho que são dois pares, se ele não tiver alterado seus preços."

Meu Deus, ela realmente *sabe* a quantia impressionante que o filho bastardo e mesquinho está recebendo?

"Um par de dois?" disse Pavel com incerteza.

"Sim, acho que duzentos Hryvna."

Duzentos Hryvna ucranianos equivaliam a cerca de 20 dólares americanos.

AGORA, Pavel havia chegado de volta ao centro de Kiev. Ele já havia transferido o dinheiro para a conta bancária do The Artist, ou pelo menos era para lá que ele esperava que o dinheiro tivesse ido - pelo que sabia, ele poderia ter transferido um milhão de euros para a Kiev Electric Utility Company.

Ele se sentiu um pouco mal com o que tinha visto naquele apartamento pobre em Troeshina, mas isso não era da conta dele.

Ele foi até um telefone público e ligou para Zubov.

"Está feito", disse ele.

"Bom."

Pavel hesitou. "Eu não sei sobre isso, chefe."

"Você não sabe sobre o quê?"

"Esse arranjo. Tudo parece muito estranho para mim."

"Como assim?"

"A maneira como você contrata essa... essa pessoa, e a senhora idosa que é o intermediário. Ela mora em uma casa..."

"Você lhe deu o envelope?"

"Da."

"Ela lhe deu o número da conta bancária?"

"Da."

"Você transferiu o dinheiro para essa conta?"

"Da."

Zubov ficou em silêncio, como se estivesse pensando.

Por favor, não me pergunte se ela viu a foto, pensou Pavel. Por favor, por favor, por favor, não pergunte.

"Então seu trabalho está feito. Pare de se questionar e volte para Moscou. Você não está em um maldito feriado!"

Giorgio Cattoretti estava sentado em uma confortável sala de conferências que havia alugado no Four Seasons Hotel em Limassol, no Chipre, exausto de um longo dia de entrevistas e muito desapontado. Ele havia se encontrado com 14 garotas gregas diferentes que se candidataram ao cargo de cozinheira e governanta, e nenhuma delas se encaixava no perfil. Nem de longe. A maioria delas era muito gorda e/ou pouco atraente para ser interessante, ou era bonita o suficiente, mas muito burra ou incompetente para fazer qualquer coisa, exceto copular, e ele nem tinha certeza de que algumas delas conseguiriam fazer isso. O Gato não tinha tolerância com pessoas estúpidas. Essa jovem que ele queria contratar seria sua única companheira por um longo tempo, e ela teria de ser alguém que ele pudesse conversar.

A última garota deprimente que ele havia entrevistado tinha acabado de sair. Com um suspiro pesado, Giorgio colocou a carta dela no final da pilha. A última garota. Alexandra Papadakis. Ela não havia enviado nada além de uma única folha de papel com praticamente nenhuma informação além de sua idade.

Ele olhou para a porta, mas não viu ninguém no corredor. Provavelmente outro não comparecimento, pensou ele com tristeza. Vou ter que publicar o anúncio novamente e torcer para ter mais sorte.

Giorgio fez uma careta ao se levantar - sua perna também estava latejando. Ele teria que quebrá-la novamente e ajustá-la corretamente, mas primeiro tinha que resolver esse maldito problema da governanta.

Ele parou antes de dar um único passo à frente. Parada na porta estava uma bela jovem com uma espessa juba de cabelos negros encaracolados que se espalhava pelos ombros. Ela usava um terno azul-escuro. Ela o olhava timidamente com grandes olhos castanhos.

"Alexandra?" disse Cattoretti. Ela era tão impressionante que ele teve um pouco de dificuldade para encontrar sua voz.

Ela assentiu, mas rapidamente olhou para o carpete, corando. Ficou parada ali, como se tivesse medo de fazer contato visual com ele.

"Entre, por favor." Ele fez sinal com sua bengala. "Sente-se."

Ele se perguntou se o tapa-olho a havia desencorajado. Ele se cansou de usar óculos escuros o tempo todo e passou a usar um tapa-olho de couro preto macio com um elástico preto que havia mandado fazer sob medida em uma loja de conserto de sapatos. Ele também cortou a barba e agora estava com a barba feita - ele nunca gostou de usar bigode ou barba.

Quando a moça se aproximou, ele viu que ela era ainda mais bonita do que ele imaginava - o terno era barato, mas suas curvas voluptuosas ofuscavam esse fato, e as roupas mal a continham.

Ele engoliu quando ela se sentou à sua frente na mesa, notando o movimento de suas meias-calças quando suas longas pernas se tocaram. Ela estava usando um perfume floral... era barato, também, mas de alguma forma combinava perfeitamente com ela.

Ela olhou para ele timidamente e depois baixou o olhar para a mesa. Ela corou novamente. Ela tinha sobrancelhas escuras, maçãs do rosto altas, lábios cheios e sensuais. Sua pele era de um branco cremoso.

Ela era magnífica! Não havia anéis em seus lindos dedos. Uma rosa em plena floração, pensou Giorgio, que por algum motivo desconcertante não havia sido colhida.

Cattoretti percebeu que sua pulsação estava acelerada. Ele olhou para a carta novamente. Agora ele notou que até mesmo a caligrafia dela era sedutora - uma escrita suave e fluida que, de alguma forma, parecia exalar sensualidade. Tudo o que ela havia escrito era *Sou uma excelente cozinheira e governanta, tenho 21 anos e gostaria de me candidatar à vaga anunciada.*

"Então", disse ele, tendo que limpar a garganta novamente. "Alexandra, você diz aqui que..."

Ela havia dito algo timidamente, mas ele não percebeu. "Desculpe-me?"

"A maioria das pessoas me chama de Lexy", disse ela suavemente, olhando para baixo novamente.

Santo Deus, pensou Cattoretti. Até sua voz era sensual. Parecia mel, se é que isso era possível.

Ele sentiu que estava tendo uma ereção.

Espere, garoto Giorgie, disse uma voz vinda de algum lugar dentro de você. *Você prometeu a si mesmo que não tomaria essa decisão com a cabecinha dela. Ela provavelmente é tão burra quanto um poste de luz.*

Esse pensamento quebrou um pouco o feitiço. Mais sóbrio, ele disse: "Então, Lexy, você diz aqui na sua carta que é uma excelente cozinheira e governanta". Ele olhou para ela. "Que experiência você já teve?"

"Eu cozinho e cuido da casa para minha mãe. Ela está muito doente."

"Estou vendo." Ele fez uma pausa. "Mas se você tem que cuidar da sua mãe, por que está se candidatando a esse emprego?"

"Minha tia me disse que, se eu conseguisse um bom emprego, ela se mudaria para cá e cuidaria da minha mãe."

"Oh." O inglês dela era excelente, mas isso não significava muita coisa - ele já havia conhecido algumas garotas de programa bastante estúpidas que falavam bem inglês. Ele fez sinal para ela. "Então, que tipo de pratos você sabe cozinhar, por exemplo?"

"Posso preparar qualquer prato que você desejar."

Giorgio deu uma risadinha. Você provavelmente também pode queimar qualquer prato que eu desejar. "Dê-me um exemplo concreto."

"Eu... eu não sei o que você gosta de comer. Eu conheço todas as receitas."

"Como assim, você conhece 'todas' as receitas? Ninguém sabe *todas as* receitas - há milhões delas."

Ela piscou uma vez com seus longos cílios e olhou fixamente para a mesa.

Burro como um poste de luz. Exatamente como ele pensava.

Falando timidamente, ela disse: "Cozinhar é uma forma de arte, não é diferente de qualquer outra. Há um número infinito de maneiras de combinar ingredientes, o que significa que há um número infinito de receitas. Uma cozinheira realmente excelente usa sua imaginação e criatividade e acrescenta sua assinatura a cada prato." Ela olhou para ele novamente, sem pestanejar.

Cattorette ficou surpreso. Foi uma coisa muito estranha de se dizer, pensou ele. Era algo que ela havia memorizado?

"Ok, mas vamos falar de forma concreta, certo? Você sabe fazer uma salada Caesar, por exemplo?" Ele não era um cozinheiro experiente, mas havia aprendido muito com Tony, e a Caesar era uma salada bastante difícil de fazer - a receita do molho era complicada.

Lexy ficou sentada, com seus lindos olhos castanhos olhando para um lado, como se estivesse tentando pensar em uma saída para isso. Cattorette sorriu para si mesmo. Será que essa humilde garota do vilarejo realmente acreditava que conseguiria se safar de uma entrevista com alguém como ele?

O olhar dela voltou lentamente para o rosto dele. "Coloque anchovas frescas e alho em uma tábua de corte e faça uma pasta arrastando a lateral de uma faca de chef sobre eles em um ângulo de 15 graus cerca de uma dúzia de vezes ou até formar uma pasta lisa. Em seguida, coloque essa pasta em uma tigela média. Bata o ovo inteiro, a gema de ovo, o suco de limão e o molho Worcestershire na mistura de anchovas até ficar homogêneo. Adicione lentamente o óleo, batendo constantemente até que o vinagrete esteja emulsionado - esse é o molho. É claro que você pode simplesmente usar maionese comprada em loja e adicionar os mesmos ingredientes - alho, anchovas e assim por diante -, mas isso é para amadores". Ela fez uma pausa. "Para as folhas da salada, use alface romana inteira. Você também deve fazer seus próprios croutons, pois é muito mais saboroso assim."

Lexy olhou timidamente de volta para a mesa.

Cattorette ficou surpreso.

Ele se recompôs rapidamente, porém, determinado a não demonstrar isso. Ele olhou para baixo, para o pescoço macio dela, para a curva de seus seios.

"Bem... acho que isso é tudo." Ele acenou com a cabeça para ela. "Você pode ir agora."

Ela pareceu surpresa. "Isso é tudo?"

"Sim."

Ela se levantou lentamente da cadeira.

Ele acrescentou: "Se eu estiver interessado, entrarei em contato".

"Obrigada", disse ela, quase em um sussurro.

Ele olhou para a carta dela e fingiu fazer uma anotação. Mas não conseguiu resistir a dar uma olhada em suas panturrilhas perfeitas enquanto

ela saía silenciosamente da sala.

Dizia a lenda que a deusa Afrodite havia nascido em Chipre, que ela havia se erguido magicamente da espuma do mar no lado sul da ilha.

Giorgio tinha certeza de que acabara de conhecer a reencarnação dela.

GIORGIO NÃO PERDEU tempo e ligou para Lexy para informá-la sobre a "segunda entrevista". Ele disse a ela para pegar um táxi até sua casa e que cobriria as despesas.

Depois de dizer a ela para se despir, acariciar seus seios e deixar bem claro exatamente o que esse "trabalho" implicava, ele a deixou em casa. Ele dirigiu até uma pequena clínica perto de Nicósia para fazer um reparo adequado em sua perna, depois parou em uma loja de kabob e comeu um sanduíche.

Ele estava suando agitadamente o tempo todo. Ele mal podia esperar para colocar as mãos na jovem e doce garota que acabara de contratar.

Quando ele voltou para a casa, encontrou Lexy limpando o piso de azulejos da sala de jantar. Ela estava usando a roupa de empregada francesa. Seu cabelo cacheado estava preso, expondo a nuca branca e cremosa. Ela estava deliciosa, com as pernas longas e tonificadas flexionadas enquanto movia o esfregão para frente e para trás.

Lexy se virou e o viu ali parado, observando. Ela olhou de volta para o chão, diminuindo a velocidade do movimento de esfregar, ciente de que ele a observava.

Giorgio esperava tentar se controlar até o anoitecer, mas se viu com uma ereção tão ansiosa que parecia que poderia rasgar sua calça cáqui e voar até ela do outro lado da sala.

Ele encostou a bengala em uma cadeira e se moveu lentamente em direção a ela, alheio a qualquer outra coisa, já que seu mancar havia desaparecido temporariamente.

Sua limpeza diminuiu ainda mais. Parou quando ele agarrou o antebraço dela.

Ele a virou de frente para a mesa e a inclinou sobre a borda, puxando seu vestido para cima e tirando sua calcinha.

Ela ofegou.

Mexendo no zíper, ele se libertou e a penetrou desesperadamente com uma única estocada forte. Lexy gritou, mas o grito soou pelo menos parcialmente gratificante. Ela se agarrou às laterais da mesa enquanto ele a

penetrou várias vezes, segurando sua cabeça pelos cabelos. A sensação era tão maravilhosa para Giorgio que ele sabia que não duraria muito. O fato de que ele não estava usando nenhum tipo de proteção anticoncepcional era apenas um pensamento vago que o incomodava no fundo da mente, mas ficava mais forte à medida que ele se aproximava do clímax. De alguma forma, ele conseguiu ter autocontrole suficiente para se retirar à beira do orgasmo, espalhando sêmen quente por toda a parte de trás das coxas dela.

Respirando com dificuldade, ele olhou para baixo e soltou um suspiro - sua virilha e pernas estavam cobertas de sangue vermelho vivo!

Por um terrível segundo, ele pensou que algum ferimento da queda no penhasco havia reaparecido, mas então percebeu a origem.

O sangue era dela, não dele.

"Você... você é virgem?", perguntou ele, incrédulo.

Ela se virou para ele. Seus olhos se arregalaram quando ela viu as coxas manchadas de sangue dele.

"Sinto muito", disse ela, puxando rapidamente a calcinha para cima.

Giorgio ficou surpreso. Quando ele pensou nela como "não depilada", ficou maravilhado com o fato de ela não ser casada - ele nunca imaginaria que ela fosse virgem. Como diabos você tinha um rosto e um corpo como os dela e chegava aos 21 anos nos dias de hoje sem fazer sexo?

Por outro lado, ela era de um pequeno vilarejo no Chipre, não de Roma ou Milão.

"Sinto muito", disse Lexy novamente, com lágrimas nos olhos. Ela cobriu o rosto com as mãos.

"Não há nada para se desculpar, *Cara*." Ele gentilmente puxou as mãos dela para baixo. "Foi apenas... inesperado."

Ela enxugou os olhos, fungando. "Vou lavar suas roupas, não se preocupe."

"Não estou preocupado. Apenas tome um banho, limpe-se e volte ao trabalho."

GIORGIO CATTORETTI se sentiu um pouco estranho pelo resto da tarde, sabendo que havia deflorado aquela frágil garota de 21 anos na mesa de sua sala de jantar de uma forma tão luxuriosa e adulta. Se ele soubesse, talvez tivesse lidado com ela de forma diferente.

Por outro lado, talvez não.

Talvez ela tenha gostado do tratamento. Ela certamente não havia se queixado.

De qualquer forma, ele teria que ser cuidadoso. Ele sabia muito bem que poderia facilmente desenvolver sentimentos por uma garota como ela, mas não estava disposto a permitir que isso acontecesse.

Ele estava mais incomodado com o deslize que cometera, chamando-a de *cara*, a palavra italiana para querida. Não era o aspecto afetuosos da palavra que o incomodava tanto, mas o fato de que *cara* era um termo italiano e não português. Ele havia dito a ela que seu nome era Xavier e que era de Portugal.

Ele se perguntou se ela havia notado.

No final do primeiro dia de trabalho de Lexy, Giorgio Cattoretti estava se perguntando se havia cometido um erro grave ao contratá-la.

Quando ela perguntou o que ele queria para o jantar, ele sugeriu a salada Caesar, já que ela havia recitado a receita de forma tão impressionante para ele durante a entrevista.

Ele estava sentado no deque, apreciando o pôr do sol e lendo um livro. Cerca de quinze minutos se passaram sem que ele ouvisse qualquer som vindo da cozinha. A porta de vidro deslizante estava aberta e ele achava que já deveria ter ouvido gavetas se abrindo ou algum barulho de corte na tábua de cortar.

Ele se levantou da cadeira, com o livro na mão, e entrou.

Lexy estava parada no meio da espaçosa cozinha, de costas para ele. Os balcões estavam vazios, intocados. Ela parecia estar perdida em pensamentos.

"Há algo errado?", disse ele, um pouco desconfortável.

Ela se virou lentamente. Seu rosto estava pálido, mas ela não disse uma palavra.

"O que é isso, pelo amor de Deus?"

"Eu... não sei como fazer uma salada Caesar".

Giorgio recuou, franzindo a testa. "Como assim, você não sabe fazer uma salada Caesar? Você recitou a receita perfeitamente para mim em sua entrevista."

"Eu sei, mas na verdade não sei como *fazer* um."

Giorgio colocou seu livro na mesa de jantar e se aproximou mancando.
"De que diabos você está falando?"

Lexy apenas deu de ombros, parecendo um pouco assustada.

"O quê, você esqueceu a receita? Se você esqueceu, há um livro de receitas bem ali na..."

"Eu não esqueci a receita, eu a conheço. Simplesmente nunca tinha feito uma Salada Caesar antes."

"*Merde*", gritou Cattoretti. "Você mentiu para mim!"

"Eu não menti", disse Lexy, afastando-se.

"Sim, você disse! Você me disse que podia cozinhar *qualquer coisa*. Lembra?"

"Eu não menti! *Posso* cozinhar qualquer coisa. Só não sei exatamente como."

Agora Cattoretti estava ficando mais perplexo do que furioso. Algo não estava certo com ela.

Lexy se voltou para os balcões e armários e olhou para eles como se esperasse que elfos aparecessem e comesçassem a preparar a salada para ela.

Giorgio se aproximou dela e segurou seus braços, virando-a de costas, um pouco rudemente. "Que diabos está acontecendo com você? Você está..." ele procurou uma palavra delicada "...mentalmente desequilibrada?"

"Não!"

"Então o que é isso? Como você pode saber todas essas receitas e não..."

"Tenho uma memória fotográfica."

"Um quê?"

"Uma memória fotográfica. Sei milhares de receitas de cor, mas só estou acostumada a fazer pratos simples em casa... não temos dinheiro para comprar ingredientes sofisticados. Além disso, não sei o significado de algumas palavras das receitas."

"Como quais palavras?"

"Bata."

"Whisk...?"

"Sim. O que significa whisk?" Um pouco timidamente, ela acrescentou:
"Você não fala grego, não é?"

Cattoretti suspirou e pensou: Que tipo de pessoa esquisita eu contratei?

Ele foi até o armário e abriu algumas gavetas até encontrar o que estava procurando - ele ainda não estava familiarizado com a casa, especialmente com a cozinha.

"Este é um batedor", disse ele, entregando-o a ela. "Bater significa bater rápida e levemente, como quando você faz chantilly..."

"Eu sei o que significa. Obrigado."

Balançando a cabeça, ele foi até a sala de estar e voltou com um livro na mão. "Este é um dicionário inglês/grego. Se você quiser manter esse emprego, sugiro que aprenda a usá-lo."

GIORGIO PASSOU a noite debatendo se deveria demitir Lexy ou não, mas quando ele fazia um acordo com alguém, ele o mantinha. Ele podia ser um falsificador, um extorsionário e um assassino ocasional, mas tinha seu próprio código de ética. Lexy não havia mentido para ele, tecnicamente. Na verdade, ele tinha de admitir que admirava a forma como ela havia lidado com a entrevista. Ela havia feito basicamente a mesma coisa que ele teria feito se estivesse na mesma situação.

Ele também achou intrigante a "memória fotográfica" dela.

Depois que ele lhe deu o dicionário inglês/grego, ocorreu-lhe que ela deveria ser capaz de simplesmente lê-lo e saber a definição de cada palavra em inglês, mas talvez não funcionasse dessa forma. Ele teria que conversar com ela sobre isso com mais detalhes. Talvez isso pudesse ser útil para ele.

NA MANHÃ SEGUINTE, Lexy serviu a ele uma omelete de tomate e queijo e suco de laranja espremido na hora. Tudo estava bem preparado e delicioso. Giorgio se sentiu um pouco mais confortável com sua decisão de contratação.

Quando terminou, ele disse a ela que estava saindo e fez uma rápida viagem até a farmácia mais próxima. Felizmente, este era um país onde as prescrições médicas eram consideradas "opcionais" para comprar quase tudo o que você quisesse, especialmente se você estivesse disposto a comprar a marca mais cara.

Quando Giorgio voltou para a casa, encontrou Lexy lavando a louça. Ele se sentou à mesa da lanchonete e esperou até que ela terminasse.

"Você sabe o que é isso?", disse ele, segurando um dispensador circular cheio de comprimidos amarelos.

Ela corou.

"Estou vendo que sim. Você tem que tomar um desses todas as noites antes de ir para a cama". Ele apontou para a borda. "Está vendo? Segunda, terça, quarta... Eu preparei tudo para você. Você não vai se esquecer...?"

Ela balançou a cabeça, com as bochechas ainda coradas.

Ele pegou sua bengala e se levantou da mesa. "Vou colocá-las na gaveta de cima do seu banheiro."

"Eu... obrigado."

Giorgio sorriu, olhando para as lindas pernas dela. "De nada."

NA TARDE DO MESMO DIA, Giorgio convidou Lexy para ir ao deck com ele para tomar uma taça de vinho. Ele foi até a adega e pegou uma garrafa cara de Chardonnay.

Timidamente, ela se sentou à mesa do pátio em frente a ele, tentando abaixar o vestido curto de empregada francesa, com a parte superior rendada das meias pretas de cano alto à mostra. Era um pouco estranho para ela sentar-se de maneira elegante, não que Giorgio se importasse com isso.

Ele lhe entregou um copo.

"Obrigada." Ela olhou para ele com expectativa - parecia nervosa.

"Como é que você fala inglês tão bem?"

"Ah." Ela pareceu um pouco aliviada, como se achasse que ele fosse demiti-la. "Eu não falo tão bem."

"Sim, você sabe. Você estudou em uma escola de inglês?"

"Em Episkope?" Ela sorriu timidamente. "Não temos escola de inglês lá. Aprendi na TV, assistindo a filmes e seriados americanos."

"Ah." Era a mesma maneira que Giorgio havia aprendido, embora tivesse vivido vários anos nos Estados Unidos. Ele apontou para ela. "Também estou curioso sobre essa sua 'memória fotográfica'. É intrigante para mim."

"Não é nada, na verdade", disse ela modestamente. "Eu apenas tenho uma memória muito boa."

"Se eu lhe desse um livro, você poderia simplesmente folhear as páginas e se lembrar de tudo?"

"Não, não é assim. Muitas pessoas acham que funciona como uma câmera, mas não é assim. Eu tenho que *querer* memorizar o que leio, e devo ler muito devagar e com atenção."

"Oh." Giorgio fez uma pausa. Ele ficou um pouco desapontado - esperava que fosse mais exótico do que isso. "Então, algum tempo antes de sua entrevista comigo, você leu um livro de receitas bem devagar e com atenção...?"

"Sim." Ela corou um pouco. "Eu queria muito esse trabalho. Passei três dias lendo um livro de receitas de capa a capa."

"E quanto a fotos, imagens, gráficos? Você consegue memorizá-los também?"

"Sim, na verdade é disso que me lembro melhor, das imagens. Em minha mente, consigo ver as páginas de um livro exatamente da forma como foram impressas, todas as palavras, gráficos, tudo. Quanto mais tipos de fontes forem usados, mais fácil será lembrar. Quanto mais cores, mais imagens, quanto mais variado o layout, mais fácil de memorizar."

"Estou vendo." Cattoretti bebeu seu vinho por um momento, imaginando como poderia usar isso. "Então, se eu lhe der o modelo de costura de um vestido, por exemplo, você poderá memorizá-lo em detalhes, as medidas e assim por diante?"

"Ah, sim, isso não seria difícil."

Ela olhou para ele com curiosidade, esperando uma resposta, mas ele não perguntou mais nada.

O Artista estava reclinado em uma banheira de hidromassagem no jardim da cobertura de um magnífico apartamento de cobertura no centro de Kiev. Ele ficava próximo à margem do rio Dnepr e oferecia as melhores vistas dos arranha-céus da cidade e da gigantesca estátua *Rodina-Mat*, ou Mãe Pátria, de uma mulher segurando uma espada e um escudo.

O apartamento luxuoso não era muito diferente daquele em que Pavel imaginava que a mãe de Areli morava.

Areli se inclinou para frente na banheira de hidromassagem e, com a mão que havia sido cuidadosamente enxugada com uma toalha, pegou o envelope e retirou a fotografia. O alvo era um homem bonito, talvez na casa dos cinquenta anos, com um rosto de aparência dura e bem delineado. O nome no verso da foto não era familiar, não que isso importasse. Areli nunca assistia ao noticiário, nunca lia um jornal e, em geral, não dava a mínima para o que acontecia no resto do mundo.

Com dois milhões por golpe, você não precisava se importar com nada. Você apenas fazia seu trabalho, recebia o dinheiro e o gastava para se mimar da maneira que quisesse.

Areli se aproximou da mesa ao lado da banheira de hidromassagem, pegou uma grande porção de caviar beluga fresco e espalhou-o generosamente sobre uma torrada quente. A torrada era feita com pão francês que vinha de Paris todas as manhãs. Tudo o que importava nesse mundo era o dinheiro - ele trazia um prazer e uma satisfação tão imensos que havia pouca necessidade de qualquer outra coisa. Areli fazia compras

de roupas em Dubai, massagens em Tóquio, cortes de cabelo em Roma. Quando se tem muito dinheiro, é possível conseguir tudo o que se deseja. Parceiros sexuais de qualidade, de qualquer idade, gênero ou transgênero que se desejasse, podiam ser entregues na cobertura com o toque de um botão do celular - russos, asiáticos, africanos, holandeses, finlandeses... o que quer que agradasse a alguém.

A artista se acomodou na banheira e pegou a fotografia novamente, olhando nos olhos do alvo desavisado. Areli não era completamente desprovida de sentimentos e, para minimizar qualquer culpa, tentou pensar na vítima apenas como "o alvo", visualizando-a como pouco mais do que uma pele cheia de enchimento, como aqueles alvos redondos e grossos usados na prática de tiro com arco. Areli até mesmo passava alguns momentos por dia visualizando um olho de boi sobre o rosto do alvo para tentar desumanizar o indivíduo, para considerá-lo um objeto inanimado em vez de um ser humano de carne e osso.

Isso ajudou.

O Artista gostou imensamente do desafio de rastrear o alvo, circulando lentamente no alto como um abutre, descendo um pouco mais perto, examinando a paisagem, observando quaisquer padrões repetitivos de comportamento... e, finalmente, indo para a matança.

Sim, matar por contrato era de fato uma arte. E ninguém no mundo tinha mais talento para isso do que Areli. Cada um dos 17 golpes foi executado de uma maneira diferente - não havia dois iguais, cada um era uma expressão única de perfeição artística.

O único problema era que, ultimamente, Areli havia aceitado contratos demais, tornando-se um pouco gananciosa. No momento, havia dois "retratos" em processo de confecção e, com esse novo, havia um total de três obras-primas inacabadas. O artista não tinha a reputação de trabalhar rápido - Andreli não era uma lebre, mas uma tartaruga. De modo geral, as pessoas que contratavam o Artista eram pacientes e apreciavam o fato de que um trabalho tão detalhado e impossível de ser rastreado exigia muito tempo e uma preparação meticulosa.

Areli faria algumas pesquisas preliminares sobre esse novo alvo e depois deixaria os resultados em repouso por um tempo.

Depois de ficar um pouco mais de molho, Areli saiu da banheira de hidromassagem, secou-se com uma toalha branca macia e sentou-se em frente a um banco de três computadores de mesa de última geração, nua.

Era hora de fazer uma pesquisa intensiva sobre o alvo.

Com o passar dos primeiros meses, a vida de Giorgio na casa de campo em Chipre entrou em um ritmo agradável e satisfatório.

Durante o primeiro fim de semana de folga de Lexy, ele se internou na clínica que havia encontrado em Nicósia e teve sua perna quebrada novamente e ajustada adequadamente. Foi uma provação exaustiva, muito pior do que ele havia imaginado.

Lexy voltou na segunda-feira de manhã e o encontrou deitado na cama, exausto, com a perna engessada.

"O que aconteceu?", ela ofegou, parada na porta do quarto dele.

"Nada, fiz uma pequena operação, só isso." Ele grunhiu, tentando encontrar uma posição confortável, o que parecia impossível. "Quando esse gesso sair, não vou mais mancar."

"Oh." Algum tipo de instinto maternal entrou em ação e Lexy cuidou dele com seu jeito tímido e despretensioso, levando-lhe as refeições na cama, livros para ler, música para ouvir e tudo o mais que ele quisesse. Logo ele conseguiu voltar a andar, com uma muleta, e se esforçou muito, apesar da dor. O médico havia dito que ele precisaria de reabilitação, mas ele ignorou o conselho, sabendo que poderia se reabilitar muito bem subindo e descendo aqueles 120 degraus de pedra que levavam à praia e se exercitando em sua própria academia. O médico era um intrometido e começou a perguntar sobre a lesão no olho. Giorgio mentiu, dizendo que havia perdido o olho quando era criança.

"Podemos colocar uma prótese ocular em seu olho e você não precisará mais usar esse adesivo", disse o médico.

"Não quero um olho de vidro, muito obrigado."

"Não estou falando de um olho de vidro. Essa prótese se moverá em coordenação com seu outro olho e..."

"Cuide de sua própria vida!" Cattoretti rosnou.

O olho perdido era uma questão delicada para Giorgio. Ele gostaria de não ser tão vaidoso, mas não conseguia evitar. Ele já havia pesquisado sobre próteses oculares. A cirurgia era complicada e o olho em si teria de ser feito sob medida em um laboratório na Europa, o que significava que os registros seriam mantidos - não havia como ele correr esse risco no momento. Além disso, quando ele fizesse a cirurgia, não seria em uma clínica insignificante no Chipre. Essa clínica era boa o suficiente para consertar ossos quebrados, mas não para cirurgia ocular. Apesar de sua vaidade, ele disse a si mesmo que teria de viver com o tapa-olho. Isso certamente não parecia importar para Lexy, e ela era praticamente a única pessoa que ele via agora.

Em dois meses, ele estava de fato subindo e descendo os degraus que levavam à praia, primeiro com uma muleta e depois sozinho. Embora Lexy nunca tenha dito isso, ele percebia que ela estava impressionada com sua motivação e determinação.

Sempre que sua perna doía, ele a deixava de molho na água do mar.

"Você provavelmente acha que isso é estúpido", ele disse a ela, na primeira vez em que ela o ajudou a descer até a praia para fazer isso.

"Não, de jeito nenhum. No Chipre, temos um ditado: O Doutor Mar cura tudo".

Lexy era um pássaro estranho. Giorgio não conseguia entendê-la muito bem. Ele estava preocupado com a possibilidade de ela criar problemas por ter de viver em tal isolamento, mas o estilo de vida parecia lhe agradar. Na verdade, parecia ser muito mais adequado para ela do que para ele. Ele era do tipo gregário, acostumado a ter uma multidão ao seu redor e a ser o centro das atenções. Em Milão, ele estava sempre na noite de abertura de cada nova ópera no La Scala, participava de vários eventos de gala, sempre com uma garota diferente no braço, geralmente uma modelo da alta moda. Ele conseguiu tolerar esse estilo de vida isolado por um tempo, mas apenas porque não tinha escolha.

Em contrapartida, Lexy era uma verdadeira introvertida. Giorgio achava que ela poderia se sentir solitária e querer ligar para a família e os amigos o tempo todo, mas ela nunca os mencionou. Na verdade, ele não tinha

telefone fixo e não tinha conexão com a Internet, pois era muito arriscado. Ele tinha um celular barato para chamadas locais, mas, por segurança, comprava um novo cartão SIM pré-pago a cada duas semanas e destruía o antigo.

Mas Lexy nem parecia notar, nunca pediu para usá-la. Ela era reservada, passando a maior parte do tempo livre lendo à beira da piscina, malhando na academia ou assistindo à TV na sala de cinema - havia uma antena parabólica no telhado que fornecia mais de 1.000 canais. Ela só falava quando lhe dirigiam a palavra. Não se juntava a Giorgio para uma refeição ou qualquer outra coisa, a menos que ele a convidasse, e mesmo assim o fazia timidamente, corando com frequência quando ele falava com ela.

Esse rubor constante dizia a Giorgio tudo o que ele precisava saber sobre ela. Era óbvio que ela o adorava, que o considerava quase como um deus. Ele aprendeu rapidamente o quanto ela era emocionalmente frágil e tentou não se irritar com ela, pois qualquer crítica dele, real ou percebida, a deixava profundamente chateada.

Também era óbvio que ela gostava de fazer sexo com ele. Ou, para ser mais preciso, deixá-lo fazer sexo com ela. Ele descobriu que quanto mais bruto ele era, mais ela gostava. Ela era uma massa de modelar em suas mãos, e uma massa muito disposta. Ele a amarrava, chicoteava todo o seu corpo, fazia todas as coisas excêntricas que podia imaginar com ela, deixando sua imaginação e suas fantasias correrem soltas, onde quer que elas o levassem. Ele tinha vasta experiência com mulheres e era hábil em sentir o que elas queriam e dar a elas. Parecia que não havia nada que ele fizesse que Lexy não gostasse. Ela resistia muito a vocalizar seu prazer sexual, mas sempre acabava gemendo incontrolavelmente e tendo orgasmos tão violentos que a mobília estremecia.

Uma coisa que Cattoretti notou foi que, ao contrário da maioria das mulheres, os olhos de Lexy estavam quase sempre abertos enquanto faziam sexo, olhando diretamente para o rosto dele. Ela nunca havia perguntado sobre o olho dele, e ele sempre usava o tapa-olho de couro perto dela. Giorgio tinha sido especialmente cuidadoso em nunca deixá-la sequer vislumbrar sua órbita ocular vazia, pois tinha certeza de que ela ficaria chocada e teria repulsa por ela, assim como ele próprio havia ficado quando a viu pela primeira vez. Ele não tinha ideia do que se passava na mente dela quando olhava para o rosto dele durante as atividades sexuais, mas sabia que o que quer que fosse a excitava.

Ele logo se cansou do traje de empregada francesa e tornou-se mais criativo com as roupas dela. Ele fazia viagens frequentes às melhores lojas de lingerie e butiques de grife de Nicósia, comprando tudo o que lhe chamava a atenção. Alguns dias, enquanto ela fazia o trabalho doméstico, ele a fazia usar apenas um par de Manalo Blahniks ou Jimmy Choos ridiculamente alto, meias até a coxa e, talvez, um sutiã push-up com babados. Ele gostava de fazê-la subir em uma escada e tirar o pó dos livros nas prateleiras superiores da biblioteca. Em outros dias, ela usava um macacão preto justo que a cobria dos tornozelos ao pescoço... mas com a virilha aberta. Quando o tempo estava particularmente quente, ele gostava do visual de "mulher de rua", em que ela limpava ou esfregava o chão completamente nua, com o cabelo desleixadamente preso e um pouco de sujeira no rosto. Giorgio era bastante bem dotado e gostava de se aproximar de Lexy em momentos aleatórios do dia, agarrá-la pelos cabelos e forçá-la a entrar em sua boca, fazendo-a engasgar um pouco. Quando terminava, ele geralmente lhe fazia um "tratamento facial", como nos filmes pornô americanos. Pelas reações dela, essa parecia ser uma de suas preferências.

Quando ela cozinhava, ele gostava que ela usasse apenas um avental, para que ele pudesse se aproximar por trás e acariciá-la sempre que quisesse.

Muitas vezes a comida queimava, mas valia a pena.

Eles se tornaram tão sexualmente sintonizados um com o outro que, no instante em que ele entrava na sala com a luxúria em seu sangue, Lexy sabia exatamente o que Giorgio queria. Sem olhar para ele, seus movimentos diminuía e ela o observava pelo canto do olho, como se o próprio ar estivesse subitamente carregado de uma tensão feroz.

Quando eles terminavam, ela sempre ficava em silêncio novamente, sem dizer uma palavra sobre o ocorrido, como se ele nem tivesse acontecido. Mas ela sempre continuava a limpar ou cozinhar com uma calma renovada, como se esse tipo de tratamento rude e dominador lhe proporcionasse uma sensação de paz interior muito necessária.

Ocorreu a Cattoretti que o relacionamento que eles estavam encenando era de mestre e escravo. Lexy precisava ser possuída e controlada por ele, tratada como uma peça de sua propriedade pessoal, possuída, cobiçada e totalmente dominada.

O que Cattoretti não percebeu, entretanto, foi que Lexy não apenas adorava o chão que ele pisava, mas estava profundamente apaixonada por

ele, desde a primeira vez que o viu.

No final de seu primeiro ano de refúgio, o próprio Giorgio Cattoretti sentiu uma nova sensação de paz interior. Não era muito diferente da sensação de ser "um com a natureza" que o havia surpreendido quando vivia na floresta. Ele entendeu que a experiência de sobrevivência física o havia mudado de alguma forma fundamental. Ele já não bebia tanto, comia tanto ou fumava tantos charutos. Passava mais tempo ao ar livre do que jamais havia passado em sua vida. O padrão diário de existência que ele havia estabelecido enquanto vivia na floresta havia ficado com ele.

Agora, ele se levantava e tomava o café da manhã, depois realizava algumas tarefas necessárias na casa, como limpar a piscina, trabalhar no jardim ou consertar um dos aparelhos de ginástica. Para manter um perfil o mais discreto possível, ele se recusava a empregar qualquer pessoa que não fosse Lexy, até mesmo empreiteiros como uma empresa de manutenção de piscinas. Ele terminava essas tarefas na hora do almoço. Geralmente, ele comia no deque, olhando para o mar. Muitas vezes, Lexy lia um romance em voz alta para ele. Isso foi algo que eles começaram a fazer quando ele estava se recuperando da cirurgia na perna e que Giorgio gostava imensamente. Ela lia Dickens, Tolstoi ou Faulkner para ele, e sua voz suave e encantadora muitas vezes o fazia dormir.

No meio da tarde, Giorgio ia para a praia nadar. Às vezes, Lexy ia com ele, às vezes não. Ele costumava praticar caça submarina. Ele comprou uma arma de pesca submarina de verdade, além de nadadeiras e um kit de mergulho com snorkel. Algumas vezes por semana, ele levava o jantar de

volta para a escada com ele. Ele ensinava Lexy a limpar e cozinhar os peixes do jeito que ele gostava, usando ervas que cultivava no jardim.

Quando o gesso foi retirado e sua perna se curou completamente, ele estava em excelente forma física - magro, bronzeado e musculoso.

Ele se sentiu tão bem que até começou a esquecer que um de seus olhos estava faltando.

Lexy não estava tão feliz com a situação quanto Giorgio achava que ela estava.

Todas as pequenas cidades e vilarejos do mundo têm suas peculiaridades, e Lexy era a única de Episkope, Chipre. A mãe de Lexy a havia tirado abruptamente da escola quando ela tinha apenas 12 anos, pedindo permissão para "educar em casa" a filha, o que consistia em jogar alguns livros didáticos na cama de Lexy e dizer "Estude estes".

Lexy amadureceu fisicamente muito cedo, menstruando aos 10 anos e desenvolvendo uma silhueta completa quando a maioria de suas colegas de classe ainda tinha o peito achatado. Ela ficou conhecida como Sexy Lexy. Ela atraiu o interesse de todos os meninos, homens e avôs do vilarejo, além de algumas mulheres. Ela sempre foi tímida e introvertida, e não sabia como lidar com a atenção, o que a fez se retrair ainda mais.

Sua memória fotográfica também começou a criar problemas, embora ninguém soubesse exatamente do que se tratava no início, apenas que Lexy era "estranha". Ela não era uma boa aluna, não prestava atenção nas aulas e não fazia a lição de casa. Quando os professores começavam a pressioná-la, ela passava dez minutos memorizando alguma parte muito difícil do livro didático e os atacava com isso na aula ou em um exame final. Ela era acusada de trapacear, de ter acesso antecipado aos exames, de invadir a escola. Certa vez, foi acusada de invadir o apartamento de seu professor de matemática, um homem que havia sido gentil o suficiente para perdoá-la e que graciosamente se ofereceu para lhe dar "aulas particulares" especiais.

Sua mãe finalmente decidiu que já era o bastante e que Lexy era uma desajustada e precisava ser protegida e isolada do mundo. "Os homens usarão uma garota bonita e confusa como você e depois a jogarão fora quando terminarem, *habibi*. Todos eles são inúteis, interessados apenas em uma coisa."

É claro que a mãe de Lexy estava falando apenas de si mesma. Seu marido era um grego sombrio, arrojado e malandro de Pafos. Ele a arrebatou aos 16 anos, a engravidou de Lexy e depois passou a ter um caso extraconjugal atrás do outro e se tornou um alcoólatra sem esperança. Quando a mãe de Lexy teve seu segundo filho, um irmão, ela pegou os dois filhos e voltou para Episkope com sua própria mãe. Seu marido, outrora arrojado, morreu na sarjeta cinco anos depois, literalmente bebendo até morrer.

Quando Lexy tinha 14 anos, sua mãe começou a desenvolver problemas de saúde, sérios o suficiente para manter Lexy em casa e isolada o tempo todo - distúrbios vagos nos rins, no fígado, na glândula tireoide, no baço, doenças que os médicos nunca conseguiam diagnosticar. Quando um problema de saúde era resolvido, outro o substituíam. Ela ficou perpetuamente doente e acamada. Lexy não tinha outra opção a não ser cuidar dela e de seu irmão mais novo, que era quatro anos mais novo que ela.

À medida que Lexy crescia, ela se perguntava se sua mãe estava propositalmente "doente" para mantê-la presa em casa. Ela começou a pensar em sair de casa, mas sempre se sentia atormentada pela culpa e pela vergonha.

Isso continuou até Lexy completar 21 anos, quando sua tia, que morava algumas casas abaixo delas, interveio. "Você vai se tornar uma solteirona como eu e desperdiçar tudo nesse vilarejo horrível, e eu não vou deixar sua mãe fazer isso com você!" Ela entregou um jornal a Lexy. "Encontre um emprego respeitável em Limassol ou Pafos e eu me mudarei para cá e cuidarei de sua mãe."

"Mas e se ela...?"

"Não se preocupe com ela, criança, preocupe-se com você. Ela está doente há tanto tempo que não está mais pensando com clareza."

Com sentimentos conflitantes de alívio e culpa, Lexy obedeceu aos desejos de sua tia e começou a procurar emprego, tendo que pegar o ônibus e caminhar quilômetros no calor sufocante apenas para ir às entrevistas. O

fato de não ter carro ou carteira de motorista era uma grande desvantagem. Para piorar a situação, a economia do Chipre estava longe de ser robusta. As únicas ofertas que Lexy recebia eram de clubes de striptease em Pafos, Limassol e Agia Napa, mas esse não era o tipo de trabalho que ela faria a qualquer preço. Além disso, ela sabia que eles não passavam de bordéis mal disfarçados. Ela podia estar isolada, mas não tinha mais 12 anos de idade e não era tola.

Depois de três meses de busca, quando ela finalmente viu o anúncio de Xavier, parecia ser o emprego perfeito para ela. Cozinheira e governanta para uma pessoa com deficiência? Que trabalho poderia ser mais adequado para ela do que esse? Ela já estava fazendo exatamente o mesmo trabalho em casa.

No instante em que ela viu Xavier, ficou desnorteada. Ele era totalmente diferente de qualquer outro homem que ela já havia conhecido, não que ela tivesse conhecido muitos homens no pequeno vilarejo de Episkope. A maioria dos homens cipriotas era gorda, preguiçosa e bêbada, na sua humilde opinião, sem chance de se tornar outra coisa. Xavier Dente era como um personagem maior do que a vida, saído de um filme. Ele era sofisticado, poderoso e diabolicamente bonito.

Naquele primeiro dia em que Lexy foi para a casa dele, quando ele lhe disse para tirar a roupa, ela ficou secretamente entusiasmada. Na época, ela nem percebeu, mas teria feito qualquer coisa que ele mandasse - ele nem precisaria pagá-la! Viver aqui com um homem como ele, nesta linda vila à beira-mar, sozinha? Sexualmente, ele a abriu para um mundo totalmente novo, um mundo que ela não sabia que existia. Ele parecia saber exatamente como tocá-la, como se pudesse ler sua mente e conhecesse suas fantasias eróticas mais secretas. Quando ela estava vestida com um dos trajes ultrajantes que ele havia comprado para ela, ele a observando com um olho, com aquela mancha preta maliciosa sobre o outro, ela realmente se sentia como a Sexy Lexy, e isso era estimulante! Ter a atenção total e indivisível desse homem excitante e poderoso, dia após dia, semana após semana, mês após mês, desejando-a praticamente a cada momento? Tê-lo só para ela? Era como um sonho, que Lexy não queria que acabasse nunca.

Mas depois de alguns meses, algo começou a incomodá-la.

Quem era ele, de fato?

Não demorou muito para ela descobrir que esse "Xavier Dente" era algum tipo de criminoso que estava usando o Chipre como esconderijo.

Qualquer idiota poderia ver isso. Por que outro motivo um homem mundano como ele viveria em uma ilha remota como essa, em total isolamento, sem amigos, sem família, sem ninguém além dela?

Ele quase nunca saía de casa. Mesmo quando a levava ao supermercado em Kyrenia a cada poucos dias para estocar alimentos, ele relutava em sair do carro.

Havia um cofre de parede no quarto dele, Lexy sabia, porque o quarto dela ficava bem ao lado do dele, com uma parede comum. Ela podia ouvir o leve giro do mostrador e o rangido da porta quando ele a abriu.

Quanto dinheiro havia naquele cofre, ela se perguntou? Milhões?

E que tipo de criminoso era Xavier, ou havia sido? Ela tinha a sensação de que ele era italiano, não português, porque no primeiro dia ele havia usado a palavra *cara*. Não era um termo de carinho português, mas italiano - ela havia pesquisado. Será que ele era um poderoso chefe da máfia italiana? Um gângster durão que pegava o telefone e mandava "matar" as pessoas a seu bel-prazer, como nos filmes?

Lexy realmente não conseguia acreditar que ele fosse uma pessoa assim. Havia uma bondade genuína nele, e ele parecia honesto em todos os seus negócios, pelo menos no que dizia respeito a ela. Ele lhe pagava cada centavo prometido no final do mês, como um relógio, e até a levava ao banco em Nicósia e lhe dissera como abrir sua própria conta para que ela pudesse mantê-la segura. Ele a tratava como se se importasse com ela como pessoa e estivesse cuidando de seus interesses. Como um amigo de confiança.

Mas não era isso que ela queria. O que ela desejava, e algo que ela mantinha completamente escondido dele, era que ele se apaixonasse perdidamente por ela, assim como ela havia feito com ele.

Seja paciente, Lexy, ela dizia a si mesma.

Ele acabará amando você, mas ainda não a conhece suficientemente bem.

Quando Giorgio completou seu primeiro ano de esconderijo em Chipre, sua sensação de bem-estar começou a desaparecer.

Ele ficou inquieto.

Ele sempre se lembrava das palavras de Yuri Zubov. *Seus dias de falsificação acabaram, meu amigo.*

As dúvidas sobre seu futuro começaram a atormentá-lo, e ele caiu em uma depressão profunda, quase existencial.

Quanto tempo ele teria que passar escondido aqui nesta pequena ilha? Quando seria seguro o suficiente para ele se aventurar de volta ao mundo e fazer algo novo?

No entanto, havia questões mais profundas, questões que ele nunca havia contemplado antes. Ele começou a pensar mais sobre sua própria mortalidade. Mesmo um gato com suas "nove vidas" não vivia para sempre. Ele já tinha 55 anos de idade.

Que marca duradoura Giorgio Cattoretti deixaria no mundo?

Por que ele seria lembrado?

Esses problemas começaram a ocupar cada vez mais seu espaço mental, incomodando-o e preocupando-o.

Nas semanas seguintes, Lexy observou a mudança nele. Ele não lhe dava mais tanta atenção quanto antes, e seu espírito perturbado diminuía a libido. Ela começou a escolher roupas ainda mais sensuais para usar enquanto fazia as tarefas domésticas, mas isso não teve muito efeito sobre ele.

Giorgio estava certamente orgulhoso de suas realizações, como deveria estar. Ele havia criado o maior fabricante de roupas falsificadas de grife do mundo e depois dominou a arte da falsificação de moeda. Ele conseguiu roubar uma impressora de talhe doce KBA Giori genuína, igual às que o governo americano usava para imprimir todo o seu papel-moeda e, com isso, produziu um número impressionante de notas falsas de US\$ 100, notas tão perfeitas que nem mesmo os agentes do Serviço Secreto conseguiam perceber a diferença.

Ninguém jamais havia roubado uma impressora KBA Giori antes, muito menos uma nova, e saído ileso.

Essa foi uma façanha recorde, mas é claro que ninguém sabia disso, ou pelo menos ele duvidava que alguém soubesse. Ele tinha certeza de que, quando a polícia italiana desarticulou sua operação em Milão, o governo dos Estados Unidos usou todos os meios políticos possíveis para manter em segredo a impressora roubada. Foi uma grave violação de sua segurança e colocou toda a economia americana, talvez até mesmo a economia mundial, em risco.

Ninguém sabia sobre seu negócio de falsificação de roupas, exceto a polícia italiana e outros criminosos do mesmo ramo - a empresa nem sequer tinha um nome, pois a operação estava misturada com a operação de falsificação de moeda, todas abrigadas sob o mesmo teto em Milão.

Em suma, Giorgio Cattoretti era apenas mais um criminoso que seria rapidamente esquecido após seu desaparecimento, talvez já estivesse esquecido.

Esse pensamento aprofundou sua depressão.

Um dia, ele se viu sentado na biblioteca da vila, folheando lentamente as páginas dos livros de arte de mesa de café, olhando para as pinturas inspiradoras de Monet, Rembrandt, Picasso...

Esses eram realmente grandes homens - gigantes que haviam deixado uma marca indelével no mundo, homens que jamais seriam esquecidos. Giorgio sempre desejou ter estudado arte, pois tinha certeza de que tinha talento. Ele sempre fazia esboços dos rostos das pessoas, e seus retratados sempre ficavam impressionados com o quanto ele captava suas semelhanças. Recentemente, ele até teve a ideia ridícula de começar a pintar e realmente tentar fazer algo sério nessa área. Mas era preciso começar a fazer isso desde cedo e desenvolver esse talento - aos 55 anos, ele sabia que nunca alcançaria o mesmo nível, não teria a menor chance de obter

qualquer tipo de reconhecimento, muito menos fama internacional e duradoura.

Sentado na biblioteca, Giorgio se levantou de repente e colocou o livro de arte de volta na prateleira.

Ele percebeu que era hora de fazer algo que vinha evitando desde que deixara a floresta. Ele estava surpreso por não ter feito isso antes, mas sempre dizia a si mesmo que era muito perigoso, que a Interpol poderia estar monitorando determinados sites, observando o fluxo de tráfego.

"Vou ficar fora por um tempo", disse ele a Lexy, ao passar pela sala de estar.

Ele entrou no Mercedes e dirigiu até um cibercafé em Kyrenia.

Era hora de ler sobre si mesmo nas notícias.

O QUE CATTORETTI leu on-line o deixou ainda mais deprimido.

Depois de verificar a cafeteria e certificar-se de que não havia câmeras ou clientes suspeitos, ele se sentou em um computador no canto mais distante da porta, onde ninguém podia ver a tela por cima do seu ombro.

Ele estava usando seu boné de beisebol e óculos escuros.

Ele começou a pesquisar na Internet usando *giorgio cattoretti e police* como palavras-chave.

Com uma sensação de náusea, ele leu as histórias da apreensão nos jornais italianos - muitos de seus funcionários da DayPrinto S.p.A. haviam sido presos por crimes de falsificação, tanto por criar roupas de grife falsificadas quanto por falsificar papel-moeda americano. Todos os seus funcionários e ajudantes sabiam muito bem o risco que corriam ao trabalhar para ele, mas ele os pagava muito bem e a viagem tinha sido ótima. Todos haviam ganhado muito dinheiro, que, com sorte, muitos deles haviam conseguido e usado para subornar suas sentenças de prisão. A falsificação não era um crime violento. Com sorte, a maioria deles provavelmente nunca cumpriu um dia de prisão.

Mas isso ainda o fazia se sentir mal.

Com um suspiro, ele procurou por notícias sobre a impressora KBI Giori que havia roubado.

Nem uma palavra, exatamente como ele havia previsto. Os artigos sobre a apreensão de sua operação de falsificação diziam apenas que "uma sofisticada impressora do tipo intaglio" havia sido encontrada no porão das instalações da DayPrinto S.p.A.. Não havia nenhuma menção ao fato de que

era exatamente o mesmo modelo usado em Washington, D.C., para imprimir a moeda real dos EUA, ou que nenhum criminoso no mundo jamais havia conseguido roubar uma.

Os americanos o suprimiram.

Giorgio ficou alarmado quando leu que seu filho, Luigi, havia sido acusado do assassinato de Gene Lassiter, funcionário do Departamento do Tesouro dos EUA que havia vazado segredos da tecnologia antifalsificação para Cattoretti por meio da máfia russa, bem como do assassinato do namorado alemão de Gene Lassiter, Gypsy.

Com o coração batendo forte e verificando novamente se ninguém o estava observando na cafeteria, Giorgio folheou mais artigos, pesquisando rapidamente, tentando encontrar os mais recentes.

Para seu alívio, o caso de Luigi havia sido arquivado por falta de provas. Graças a Deus por isso. Pelo menos havia sido feita alguma justiça. Na verdade, Luigi não havia matado Lassiter - um atirador de elite havia matado Lassiter, contratado por Giorgio. E Luigi também não havia matado Gypsy - Giorgio havia feito isso sozinho.

Luigi não tinha sido culpado de nada e tinha saído ileso, o que era bom. Mas até mesmo essa notícia positiva o incomodou. Luigi nunca havia matado ninguém em sua vida - o garoto simplesmente não tinha essa capacidade. Giorgio olhou com tristeza para a foto de seu único filho em um dos sites de notícias italianos. Ele amava Luigi, é claro, mas como filho e herdeiro do nome da família, o jovem era uma decepção. Luigi tinha um caráter fraco. Giorgio culpava Isabella, sua esposa, por isso. Luigi havia crescido com ela em Roma, no estilo de vida rico proporcionado por Giorgio, e havia sido protegido das duras realidades do mundo. Em contraste, Giorgio havia lutado com unhas e dentes para subir na vida, vindo das favelas de Roma. É claro que seu filho era fraco! Giorgio havia decidido que, no caso raro de ter outro filho, ele se certificaria de que o menino fosse criado de forma muito diferente.

Sentindo-se ainda mais doente, ele leu algumas histórias sobre a venda de seus ativos comerciais - DayPrinto S.p.A., sua empresa de transporte e todas as outras. Por motivos fiscais, ele os havia colocado no nome de Isabella. Ele não a culpava por vendê-los, no entanto - ela provavelmente presumia que ele estava morto, e ele tinha certeza de que ela ficou chocada ao descobrir o que ele estava fazendo todos esses anos em Milão. Eles

nunca foram próximos, vivendo em duas cidades diferentes. Sempre foi um casamento de conveniência, desde o início, sem amor perdido.

Giorgio olhou desconfortavelmente ao redor do cibercafé novamente, verificando se ninguém estava observando. Estava cheio de turistas, principalmente do Reino Unido, e a maioria deles estava conversando on-line ou digitando e-mails. Não havia câmeras em lugar algum, mas ele já estava aqui há mais de meia hora e se sentia desconfortável.

Especialmente sobre seu próximo passo.

Com os dedos suados, ele digitou o endereço da Interpol na Web e clicou no botão Wanted Persons.

Havia uma foto dele, logo na primeira fileira. Ele reconheceu imediatamente a foto da carteira de motorista italiana.

GIORGIO CATTORETTI

Idade atual: 55

Nacionalidade: Itália

DESCRIÇÃO FÍSICA: DANOS NO OLHO ESQUERDO E POSSIVELMENTE OUTRAS LESÕES CORPORAIS. CICATRIZ NO LADO DIREITO DO ROSTO, AO LONGO DA MANDÍBULA, ENTRE A ORELHA E O QUEIXO.

"MERDE", ele murmurou, olhando em volta novamente para se certificar de que ninguém estava olhando. Ele sentiu como se um outdoor gigantesco estivesse piscando O HOMEM NESTE COMPUTADOR É UM CRIMINOSO PROCURADO INTERNACIONALMENTE, mas é claro que ninguém estava prestando atenção nele.

Ele criou coragem para clicar no botão Details (Detalhes) ao lado da foto:

HOMICÍDIO (2 ACUSAÇÕES), CONSPIRAÇÃO PARA COMETER HOMICÍDIO (3 ACUSAÇÕES), FALSIFICAÇÃO DE MOEDA (27 ACUSAÇÕES), FALSIFICAÇÃO DE MERCADORIAS (18 ACUSAÇÕES), LAVAGEM DE DINHEIRO...

GIORGIO FECHOU RAPIDAMENTE A JANELA, com a testa suando sob o boné.

Mas depois de um momento, ele abriu as janelas novamente, com as notícias sobre a apreensão em Milão e o Aviso Vermelho. Chame isso de ego, chame isso de orgulho - Giorgio não resistiu à vontade de imprimi-las. Pelo menos ele tinha tido seu minuto de fama.

O rapaz que trabalhava na caixa registradora estava ocupado jogando um jogo e não havia ninguém no balcão. Giorgio acabou enviando sete páginas para a impressora e ficou parado enquanto ela terminava, certificando-se de que ninguém pudesse vê-las.

Em seguida, voltou ao computador, limpou o cache do navegador e o fechou. Certificando-se de que ninguém estava olhando, ele puxou o cabo de alimentação da parte de trás do PC e saiu em silêncio, com o coração ainda batendo intensamente.

GIORGIO DIRIGIU de volta para a casa de campo ainda mais desanimado do que quando saiu, se é que isso era possível. Ele não sabia o que esperava... que todos tivessem presumido que ele estava morto e que tivessem tirado seu nome do banco de dados da Interpol? Em que diabos ele estava pensando?

Giorgio Cattoretti era um homem procurado em todo o mundo, e procurado de maneira séria. Ele não tinha tido coragem de verificar a lista dos mais procurados no site do FBI. Ele tinha certeza de que estava no topo dessa lista também, possivelmente com uma grande recompensa para quem tivesse informações que pudessem levar à sua prisão.

Suas impressões digitais também estavam listadas na Interpol, sem dúvida - elas haviam sido tiradas quando ele foi preso há muito tempo nos EUA, por vender relógios Rolex falsos.

Apesar do que Yuri Zubov havia dito, nas últimas duas semanas Giorgio havia brincado com a ideia de voltar ao negócio de falsificação. Que sonho

impossível! Ele não podia nem espirrar agora sem ser pego.

Ao chegar em casa, ele se serviu de um drinque forte e se trancou em seu quarto.

Ele se sentiu como se já tivesse sido condenado à prisão perpétua, e essa vila era sua prisão.

Ele tirou as impressões do bolso, leu-as novamente e, em seguida, abriu o cofre do quarto e as guardou.

Ele não suportava mais olhar para eles.

NA NOITE SEGUINTE, Giorgio percebeu que não era o único na vila que estava insatisfeito com a situação.

Ele havia cometido o erro de fazer sexo com Lexy em seu próprio quarto, tarde, perto da hora habitual de dormir. No passado, sempre que ele fazia isso, notava que ficava cada vez mais difícil fazê-la dormir em seu próprio quarto.

Depois que terminaram, ele se virou de costas, totalmente esgotado. Ela deitou a cabeça em seu peito, com seus cabelos grossos e cacheados espalhados por ele. Um momento depois, ela começou a respirar longa e profundamente.

Ele a sacudiu gentilmente. "Lexy, vá para o seu quarto."

"Mmm-hmmm."

"Lexy!" Ele a sacudiu com mais força. "Vamos, levante-se."

"Estou tãããã cansada."

"Vá para seu próprio quarto, droga! Você não pode dormir aqui".

Lexy levantou a cabeça e olhou para ele com os olhos arregalados. "Por que não?"

"Você sabe por que não."

"Não vejo que diferença isso faz", disse ela suavemente, recostando a cabeça no peito dele. "Ninguém saberia."

Giorgio cerrou os dentes. Todas as mulheres são iguais, pensou ele, sempre tentando conquistá-lo. "Fizemos um acordo, Lexy, e dormir juntos na mesma cama a noite toda não fazia parte dele."

"É muito solitário lá dentro."

"Bem, você não pode dormir aqui!", ele gritou.

Ela ficou imóvel por um momento e depois se afastou dele. Ela se levantou lentamente, fazendo beicinho como uma criança com pesadelos que foi informada de que não poderia dormir na cama dos pais.

Giorgio disse: "Olha, você não pode simplesmente aceitar esse acordo como ele é?"

Ela encontrou a calcinha e a vestiu. "Acho que sim."

"Olhe para mim quando eu estiver falando com você."

Ela se virou e olhou para ele.

Ele apontou para ela e disse: "Eu já maltratei você?"

"Não."

"Alguma vez deixei de lhe pagar o que prometi?"

"Não."

"Você já sentiu que eu não estou cumprindo a minha parte do acordo de alguma forma?"

"Não."

"Então, por que você não consegue ser feliz?" Giorgio fez uma pausa e depois acrescentou: "Se não se importa que eu lhe dê um conselho, as pessoas maduras se concentram no que têm, não no que não têm".

"Acho que você tem razão."

Ele observou enquanto ela saía silenciosamente do quarto.

LEXY CHOROU por um longo tempo e depois ficou acordada metade da noite, com as palavras de Xavier ecoando em sua mente.

Alguma vez eu o maltratei?

Alguma vez deixei de lhe pagar?

Você já sentiu que eu não estou cumprindo a minha parte do acordo de alguma forma?

....As pessoas maduras se concentram no que têm, não no que não têm."

Foi fácil para ele dizer isso.

Como ela ansiava por seu toque carinhoso! Como ela desejava que ele demonstrasse um simples sinal de afeto por ela! Ele nunca a acariciava - seu único tipo de contato físico era um luxurioso apalpar, apertar, beliscar, puxar. Ele nunca a tocou com um grão de ternura.

Lexy sabia que ele realmente gostava dela, que apreciava sua companhia e que a achava sexualmente atraente - não havia dúvidas quanto a isso. Mas será que ele sentia um mínimo de *amor* por ela, da mesma forma que ela o amava?

Lexy realmente queria acreditar que sim, que ele simplesmente não sabia disso ou não se permitia sentir isso.

Ela estava profundamente apaixonada por esse homem, esse enigma misterioso, poderoso, inteligente, bronzado e musculoso com o tapa-olho. Ela não se importava se ele era um criminoso ou não. Ela havia se apaixonado por ele à primeira vista, no momento em que entrou pela porta para aquela entrevista. Era o destino. Ela sabia que jamais conheceria outro homem como Xavier em um milhão de anos. Se ela não podia tê-lo, não queria ninguém.

Ela começou a detestar essa vila. Ultimamente, ela estava tão perturbada e doente de amor que decidiu que no final do mês, quando ele lhe pagasse o salário, ela iria embora e nunca mais voltaria. Não apenas deixaria a casa, mas toda a ilha de Chipre, e para sempre. Ela havia economizado quase 70.000 euros de seu dinheiro - ela dava à sua família apenas 2.000 euros por mês. Ela não estava sendo mesquinha - eles achavam que essa quantia era uma pequena fortuna, pois não entendiam como alguém podia pagar tão bem a uma cozinheira/empregada doméstica. Ela sabia que a tia estava mais do que um pouco desconfiada em relação ao escopo exato das tarefas que seu "emprego" implicava, mas a tia nunca havia dito nada - a família precisava muito do dinheiro. Lexy estava feliz por nem sua tia nem sua mãe terem visto o "velho meio cego e aleijado" de quem ela cuidava, porque a imagem mental que ela pintou para elas era bem diferente da realidade. Se elas o tivessem visto em carne e osso, suas piores suspeitas teriam sido instantaneamente confirmadas. E se ela lhes dissesse que ele estava lhe pagando 10.000 euros por mês, bem, eles não precisariam vê-lo pessoalmente para ter uma ideia completa.

Se as coisas não mudassem logo, seu plano era simplesmente pegar o dinheiro que havia economizado e se mudar para outro país, provavelmente a Itália. Ela tinha um passaporte da UE e poderia viver e trabalhar em qualquer lugar da Europa que quisesse. Ela já havia planejado exatamente o que faria - conseguiria um emprego estável, continuaria enviando bastante dinheiro para casa e, então, encontraria algum rapaz ou homem que a engravidaria em um encontro de uma noite.

Ela teria o bebê e viveria de forma independente.

Ela não precisava mais de um homem para cuidar dela.

NA TARDE SEGUINTE, quando Lexy estava do lado de fora e Giorgio sabia que ela estava bem ocupada varrendo o deck ao redor da piscina, ele entrou no quarto dela e foi ao banheiro.

Abrindo a gaveta ao lado da pia, ele retirou o atual dispensador de pílulas anticoncepcionais e o examinou atentamente.

O seletor foi girado para a data de ontem. A pílula havia desaparecido, como deveria. Todos os outros espaços atrás dela para os dias anteriores do mês também estavam vazios, como deveriam estar.

Giorgio guardou calmamente o dispensador e fechou a gaveta.

No sábado seguinte, Giorgio se viu sentado na biblioteca novamente, folheando lentamente os livros de arte da mesa de café.

Ele realmente não tinha ideia de por que continuava olhando os malditos livros de arte. Ele sabia que o próprio ato era masoquista, folhear o trabalho de todos esses gigantes, esses mestres formidáveis que haviam deixado sua marca na história. Ele havia perdido tudo! A ideia de começar do zero era esmagadora, impossível. No entanto, ele se sentia atraído pelas imagens, encontrava uma espécie de consolo ao se perder no talento inspirador de pessoas tão fenomenais.

Giorgio parou em uma página com uma reprodução perfeita de uma famosa pintura de Rembrandt que ele sempre gostou, *The Storm on the Sea of Galilee (A tempestade no Mar da Galileia)*. Ela mostrava um navio sendo jogado na água furiosa e Jesus acalmando a tempestade.

Seus olhos foram atraídos para uma nota de rodapé na parte inferior.

Essa obra-prima foi roubada junto com outras 12 no roubo de arte mais famoso da história. Em 18 de março de 1990, 13 obras de valor inestimável foram roubadas do Museu Isabella Stewart Gardner, em Boston. O maior roubo de arte do mundo até hoje, as obras-primas roubadas são avaliadas em mais de US\$ 500 milhões.

Giorgio se sentou mais reto na cadeira.

A última frase lhe chamou a atenção.

O maior roubo de arte do mundo até o momento, as obras-primas roubadas estão avaliadas em mais de US\$ 500 milhões...

Ele se sentiu como se tivesse sido atingido por um raio saído de uma pintura de Rembrandt.

Claro que sim!

Sim!

Por que ele não havia pensado nisso antes?

Ele se levantou da cadeira e trotou pela casa, indo em direção à garagem, tirando as chaves do carro do bolso.

Ele passou por Lexy e disse: "Vou sair um pouco", sem sequer olhar para ela.

"Mas eu estava prestes a preparar o café da manhã..."

"Que se dane o café da manhã."

DESSA VEZ, Giorgio foi a um cibercafé diferente em Kyrenia, um que ficava um pouco mais longe da praia e menos lotado. Ele não estava tão preocupado com a segurança nessa viagem, pois não estaria procurando nada relacionado à sua própria história.

No entanto, antes de sair do carro, ele tirou o tapa-olho e colocou os óculos escuros e o boné de beisebol.

Assim que se certificou de que não havia câmeras dentro do café, ele se sentou em um computador livre e começou a pesquisar listas dos maiores crimes de arte da história. Ou seja, os crimes que renderam o maior valor total de obras de arte roubadas de uma só vez.

Ele ficou encantado ao descobrir que havia muitas listas desse tipo, artigos detalhados e até sites inteiros dedicados ao assunto.

Não demorou muito para que ele verificasse que o roubo no Museu Gardner ainda era o maior roubo de arte que já havia ocorrido. O roubo foi avaliado pela maioria das fontes confiáveis em impressionantes 500 milhões de dólares americanos! Apenas 13 peças foram roubadas. Onze delas eram pinturas ou esboços a lápis - três Rembrandts, um Vermeer, um Flinck, um Degas... a maioria era apenas desenhos em papel... além de um vaso chinês e uma ponta de uma bandeira de seda napoleônica, seja lá o que for isso.

Se retirados de suas molduras, os quadros e outros itens dificilmente ocupariam mais do que uma mala.

Ele pesquisou um pouco mais e encontrou um artigo sobre o roubo que o discutia em detalhes. Aparentemente, os ladrões se fizeram passar por dois policiais de Boston que estavam atendendo a um chamado. Depois que

os seguranças os deixaram entrar no museu, os ladrões amarraram os guardas no porão e, em seguida, saíram calmamente do museu com todo o saque! Ninguém sabia do roubo até a manhã seguinte, quando dois novos guardas chegaram para a troca de turno.

Giorgio deu uma risadinha para si mesmo. Brilhante!

Um plano tão inteligente, tão elegante em sua simplicidade. Ninguém se machucou também. Eles simplesmente saíram e desapareceram.

Ele admirava isso. Ele admirava muito isso.

Esse roubo relativamente simples entrou para a história e tornou os ladrões incrivelmente ricos. É claro que os dois nunca foram pegos, então suas identidades eram desconhecidas e, portanto, eles não receberam crédito pessoal por isso. Mas o roubo em si definitivamente entrou para os livros de história em grande estilo.

Verificando se ninguém estava prestando atenção nele, Giorgio começou a fazer mais pesquisas.

Ele ficou na cafeteria o resto da tarde.

QUANDO GIORGIO VOLTOU PARA A VILA, ele se viu tão carregado de energia que mal conseguia ficar parado.

Ele sabia exatamente o que faria agora, como se recuperaria do desastre que o atingiu há um ano. Ele iria realizar o maior roubo de arte do mundo! Seu nome entraria para os livros de história. Além disso, ele ganharia de volta todo o dinheiro que havia perdido, e muito mais. Depois de vender as pinturas roubadas de volta ao museu, mesmo com um grande desconto, seu patrimônio líquido seria dez ou vinte vezes maior do que era antes!

Ele encontrou Lexy na sala de estar, em pé em uma escada, lavando as janelas panorâmicas, algo que ela odiava fazer.

Ele se aproximou por trás dela e tocou levemente a parte interna de sua panturrilha, logo acima do tornozelo.

Ela deu um pequeno pulo, depois se virou e olhou para ele. Sua expressão inicial lhe disse que ela achava que ele queria se divertir um pouco. Mas então ela olhou mais atentamente para o rosto dele. Ele estava sorrindo para ela, incapaz de conter seu entusiasmo.

Dando-lhe um aperto na panturrilha, ele disse: "Venha até o deque e tome uma taça de vinho comigo".

Ela pareceu surpresa. "Mas as janelas..."

"Para o inferno com as janelas!"

Ele foi até a cozinha e abriu uma garrafa de um caro vinho tinto francês.

Eles se encontraram no convés. Ela estava usando um par de shorts microscópicos e uma camiseta azul, com o cabelo preso. Parecia um pouco nervosa.

Giorgio sorriu e lhe entregou uma taça de vinho. "Sente-se", disse ele, apontando para uma das espreguiçadeiras.

O sol estava se pondo e o céu estava pintado em tons de rosa e violeta.

"Então, minha querida", disse ele, olhando para ela. "O que você acha de fazer algumas viagens ao exterior comigo?"

Ela piscou os olhos uma vez. "Viagens? Para onde?"

Cattoretti deu de ombros. "Diferentes países da Europa. Estou começando a me interessar por arte. Quero visitar alguns dos melhores museus da Europa - na França, Alemanha, Holanda - e fazer algumas pesquisas sobre meus artistas favoritos." Ele fez uma pausa e tomou um gole de vinho, observando a reação dela.

Lexy ficou atônita. "Eu... é claro que eu gostaria de ir!"

"Você poderia me ajudar muito com minha pesquisa também."

"Sério?"

"Sem dúvida."

"Quando partiremos?", disse ela com entusiasmo.

Giorgio deu uma risadinha. "Em breve. Não fique muito animado ainda, porque há muito trabalho preliminar que preciso fazer primeiro. Só partiremos daqui a algumas semanas."

"Parece maravilhoso", disse ela, com os olhos castanhos brilhando.

Dois dias depois, O Artista estava planejando uma viagem. Essa não seria para Dubai, Tóquio ou Paris, mas pelo menos o destino seria quente e ensolarado. Estava fazendo muito frio em Kiev - a primeira neve da estação havia caído ontem.

A viagem de Areli não teve nada a ver com o cliente que havia ficado impaciente recentemente. Ele não dava atenção a pessoas que não entendiam que esse trabalho era realmente artístico e não podia ser apressado.

O motivo da viagem para o sul foi que o alvo específico em questão havia sido localizado, pelo menos mais ou menos alguns quilômetros.

Com um trabalho diligente em campo, foi possível determinar a localização exata do esconderijo do alvo.

O abutre estava circulando.

LEXY ESTAVA TÃO ENTUSIASMADA por ter sido convidada para ir às viagens de pesquisa de arte com Xavier que passou horas planejando as roupas que levaria com ela. Todos os vestidos, sapatos e bolsas que ele havia comprado para ela eram tão bonitos e ela nunca teve a chance de usar nenhum deles, apenas a lingerie e as peças eróticas.

Sua mente se agitava enquanto ela tirava diferentes roupas dos cabides, imaginando usá-las na França, Alemanha e Holanda...

Ela nunca havia saído da pequena ilha de Chipre em toda a sua vida! Nunca havia viajado em um avião antes.

Ela esperava que não entrasse em pânico e fizesse papel de idiota.

Lexy sentou-se na cama, com a pulsação acelerada pela expectativa. Até que ele a convidasse para a viagem, a saudade que sentia de Xavier havia chegado a um nível insuportável - nas últimas semanas, ela se virava e revirava, com a porta aberta, esperando e rezando para que ele a atravessasse, a tomasse em seus braços fortes e dissesse: "Lexy, eu fui tão tola, eu te amo tanto!" e a enchesse de beijos e a abraçasse a noite toda.

Ela olhou para a panturrilha onde ele a havia tocado. Ela ainda estava formigando com o aperto carinhoso. Até que enfim! Ela meio que esperava ver a marca vermelha da mão ainda ali, tão quente, macia e maravilhosa.

Agora Lexy se sentia culpada pela maneira como estava agindo com ele nas últimas semanas. É claro que ele se importava com ela. Por que outro motivo ele iria querer levá-la para essas viagens, que obviamente seriam muito caras?

Ela tinha certeza de que, depois que Xavier passasse algum tempo longe desse lugar isolado com ela, onde ela não precisasse trabalhar como sua serva pessoal e escrava sexual, ele poderia vê-la como a jovem incrível que ela realmente era e se apaixonaria perdidamente por ela.

GIORGIO PASSOU as duas semanas seguintes usando a Internet para fazer uma pesquisa intensiva sobre museus de arte em toda a Europa.

Ele deixou temporariamente de nadar todos os dias e passou a passar toda a tarde e algumas noites em cibercafés espalhados pela ilha, dirigindo para um local diferente a cada dia e sempre mantendo o perfil mais discreto possível.

Ele já havia decidido que queria roubar pinturas a óleo e nada mais. Talvez houvesse vasos e outras peças de arte que valessem muito dinheiro, mas para obter o máximo de publicidade e fama histórica duradoura, ele tinha certeza de que as pinturas a óleo eram a única opção.

No entanto, descobrir exatamente qual museu atacar e quais pinturas roubar era uma questão complicada. Por meio de muita pesquisa, ele já havia determinado que Pablo Picasso e Vincent Van Gogh eram os dois artistas cujas pinturas a óleo haviam rendido a maior quantia de dinheiro por pintura nos últimos vinte anos. Picasso estava na liderança, com suas obras variando de US\$ 80 a US\$ 120 milhões cada, e Van Gogh vinha logo atrás, com suas obras rendendo "apenas" US\$ 70 a US\$ 100 milhões cada.

Para superar o roubo do Gardner Museum por uma margem segura e quebrar o recorde mundial, Giorgio sabia que precisava roubar pelo menos

dez obras-primas desses artistas de uma só vez.

E ele tinha que fazer isso com *delicadeza*. Se ele quisesse fazer história e ser lembrado, ninguém poderia se machucar. O roubo tinha de ser inteligente, como o roubo de Gardner, um roubo sobre o qual as pessoas falariam e admirariam.

Em um site pirata, Giorgio encontrou uma cópia de um manual policial chamado *The Art Crime Handbook*, escrito por um conhecido detetive russo de crimes de arte. Nele havia resumos detalhados de todos os roubos de arte "fora da caixa" que já haviam ocorrido, os roubos incomuns que eram engenhosos e não causavam danos físicos a ninguém. Um roubo de que Giorgio gostava particularmente era o roubo de um Picasso, um Dali e um Matisse de um museu no Rio de Janeiro, Brasil - os ladrões se aproveitaram de um desfile de carnaval que passava e simplesmente pegaram as pinturas e saíram, desaparecendo em meio à multidão de pessoas que festejavam. Em outro roubo inteligente, um Rembrandt e um Renoir foram roubados por três ladrões de um museu em Estocolmo, que fugiram em uma lancha, com a polícia atolada no trânsito, incapaz de acompanhá-los.

Quanto ao museu a ser visitado, a pesquisa de Giorgio mostrou que havia vários para escolher, instituições que tinham dez ou mais Picassos ou Van Goghs. Vários deles tinham dez ou mais obras-primas de ambos os artistas. Alguns desses museus estavam nos EUA e na Ásia, mas a grande maioria estava na Europa.

Giorgio imediatamente descartou qualquer museu que tivesse sofrido um roubo de arte grave nos últimos vinte anos. O nível de segurança seria muito alto. Ele tinha de encontrar um que tivesse baixado a guarda, por assim dizer, ou talvez um museu "virgem" que nunca tivesse sofrido um grande roubo antes - isso seria o melhor.

Porém, depois de pesquisar mais sobre o campo geral dos crimes contra a arte, a questão de qual museu atacar se tornou mais complicada do que ele esperava. Ele descobriu um fato interessante e surpreendente: a grande maioria das obras-primas roubadas e mundialmente famosas não era vendida a sheiks árabes podres de ricos ou a chefes do tráfico colombianos para que ficassem babando na privacidade de suas próprias mansões, como retratado nos filmes. Na realidade, os ladrões de arte profissionais simplesmente mantinham as pinturas como resgate, e as obras roubadas eram quase sempre compradas de volta pelos museus, geralmente às custas da companhia de seguros que as cobria. Os museus sempre faziam seguro

de suas coleções. Além disso, como os museus geralmente eram de propriedade do governo, burocratas e políticos frequentemente se envolviam nas decisões de pagamento de resgate, o que poderia complicar as coisas.

Cattoretti decidiu que precisava roubar as pinturas de um museu que ele sabia que prontamente as compraria de volta, em um país com um governo que apoiaria tal ação, o que era controverso - sempre havia o argumento de que o pagamento de resgate incentiva mais crimes. Ele queria fazer história, mas também precisava de dinheiro - a pilha de dinheiro no cofre de seu quarto já estava diminuindo.

APÓS TRÊS SEMANAS de pesquisa na Internet, Giorgio fez uma lista de seis museus para visitar que atendiam a todos os seus critérios.

Obviamente, os elementos mais importantes eram qual desses seis museus era o mais fácil de entrar, exatamente onde os quadros de Picasso e Van Gogh estavam localizados dentro do prédio e como ele poderia fazer uma fuga limpa. Ele teria que visitar todos os seis e depois tomar uma decisão.

A maioria dos museus teve a gentileza de fornecer planos de layout online, para que os turistas pudessem usá-los para encontrar rapidamente as pinturas que desejavam ver.

Giorgio sorriu - ele os usaria para encontrar rapidamente as pinturas que queria roubar.

Se ele lidasse bem com Lexy, a memória fotográfica dela seria de grande ajuda para ele.

NO DIA SEGUINTE, entretanto, Giorgio repentinamente freou todos os planos com os quais estava tão empolgado. Em seu entusiasmo para seguir em frente, ele havia se esquecido de um detalhe pequeno, mas crucial: seria impossível viajar pela Europa investigando os museus de arte com o olho danificado. Nos museus, usar o tapa-olho ou óculos escuros atrairia muita atenção e seria muito perigoso atravessar as fronteiras internacionais dessa forma. As cabines de controle de passaportes em toda a Europa mantinham listas de criminosos procurados pela Interpol, juntamente com fotos e descrições físicas. Ele havia conseguido se safar usando os óculos escuros quando veio para Chipre, mas essa ilha era muito informal.

Ele debateu sobre esse problema por mais alguns dias e finalmente tomou uma decisão. Assim como a cirurgia na perna, isso era algo que ele estava temendo e adiando, mas tinha de ser feito.

Ele preparou tudo, mas não contou à Lexy até que ela o encontrou arrumando a mala.

"Vou fazer uma viagem curta", disse ele, olhando para ela. "Houve uma mudança nos planos."

Lexy olhou para a mala e depois para o rosto dele, alarmada.

"Não se preocupe, voltarei em algumas semanas e faremos as viagens ao museu."

"Duas *semanas*?"

Ele parou de fazer as malas. "Sim, algumas semanas. Há algo importante que preciso fazer antes de irmos." Ele fez sinal para ela. "Você precisará ir para casa e ficar com sua família até eu voltar."

Lexy parecia querer perguntar para onde ele estava indo, mas ela nunca foi tão atrevida. "Eu... eu tenho que ir para casa? Eu poderia ficar aqui..."

"Não gosto da ideia de você ficar nesta casa grande sozinho. Não há nem mesmo um telefone fixo aqui. E se alguns bandidos descobrirem que estou fora e decidirem roubar a casa?"

"Ninguém se atreveria a roubar esta casa, não com o sistema de segurança que vocês têm."

Parte do motivo pelo qual ele não a queria aqui sozinha era que ele não gostava da ideia de ela bisbilhotar... mas, por outro lado, todo o seu dinheiro e registros particulares estavam no cofre, e não havia como ela entrar lá.

"Você não vai se sentir solitária sozinha?", disse ele.

Ela deu de ombros. "Eu gosto de ficar sozinha."

"E quanto à comida? Você não poderá ir ao supermercado e comprar nada."

Lexy riu. "Há comida suficiente nesta casa para comer durante meses. Você se esquece de que eu não faço refeições tão sofisticadas para mim."

Giorgio a observou por um momento - ele achava que sabia qual era o problema. "Olhe, Lexy, eu vou voltar, eu prometo. Não estou fugindo."

"Eu não pensei nisso", disse ela, mas ele percebeu que era exatamente o que ela pensava. "Por favor, deixe-me ficar aqui. Ficarei entediada na casa da minha mãe, não posso mais viver lá. Por favor? Vou tirar o pó de todos os livros da biblioteca". Ele estava pedindo para ela fazer isso há algum tempo, mas ela não tinha encontrado tempo.

Giorgio suspirou. "Acho que não tem problema." Ele tirou o celular barato do bolso. "Vou deixar isso com você. Não o use a menos que *haja* uma emergência real... e não haverá nenhuma emergência. Certo?"

"Não", disse ela, pegando o telefone.

Ele apontou para ela. "Estou falando sério, Lexy. À noite, certifique-se de deixar muitas luzes acesas, para que a casa pareça ocupada e movimentada."

"Eu vou."

"Não deixe ninguém entrar na propriedade por *qualquer* motivo. Está claro? Não me importa a história que alguém lhe conte, não deixe *ninguém* entrar nesta casa, nem que o maldito presidente de todo este país apareça na porta."

Lexy sorriu. "Eu entendo, por favor, não se preocupe. Não deixarei ninguém entrar na propriedade por nenhum motivo, você tem minha palavra."

Giorgio se voltou para sua mala, esperando ter tomado a decisão certa. Seus planos haviam se tornado dependentes dela - ela parecia tão leal que ele estava até mesmo pensando em pedir sua ajuda para o assalto. Em quem mais ele poderia confiar agora?

Para acalmá-la um pouco mais, ele se virou para ela novamente e sorriu. "Terei uma surpresa para você quando eu voltar".

"Sério?" Lexy parecia intrigada. "Que tipo de surpresa?"

Ele piscou para ela com seu olho bom. "Você terá que esperar para ver."

Ficar sozinha na enorme casa de campo à beira-mar nos primeiros dias foi um pouco assustador para Lexy.

Na primeira noite, ela se remexeu e se virou, incomodada com cada pequeno som que ouvia.

Na segunda noite, ela decidiu dormir no quarto de Xavier, esperando que ele não se importasse. Havia dois consoles de sistema de segurança na casa, um pequeno na sala de estar e um maior no quarto principal. O grande tinha uma tela enorme que era dividida em quadrados menores e alimentada pelas várias câmeras espalhadas pela propriedade.

Lexy configurou-o para alternar entre todos eles, de modo que as telas mudassem a cada poucos segundos.

Isso a fazia se sentir muito mais segura, e ela dormia mais profundamente. E ela adorava dormir na cama de Xavier - tinha o cheiro dele.

Como tinha muito tempo livre agora, ela decidiu que não iria apenas tirar o pó dos livros da biblioteca, mas fazer uma limpeza completa em todo o espaço, de cima a baixo. Xavier adorava seus livros, portanto, ficaria satisfeito quando voltasse.

PRIMEIRO, Lexy passou algum tempo memorizando como os livros da biblioteca estavam organizados e quais coleções estavam em quais prateleiras. Em seguida, ela retirou todos os livros, empilhando-os ordenadamente ao longo das paredes e no centro da sala. Devia haver vários milhares deles!

Em seguida, ela começou a limpar a parte interna das estantes de livros. Como chovia pouco, o Chipre era um lugar empoeirado, e grande parte da sujeira havia se acumulado atrás das estantes. Quem quer que estivesse encarregado de limpar a casa antes parecia ter negligenciado totalmente esse cômodo. Ela levou o dia inteiro só para tirar a poeira das prateleiras, e foi interrompida por vários espirros. Finalmente, ela amarrou um lenço em volta da boca e do nariz, usando-o como uma máscara, e os espirros diminuíram.

No dia seguinte, ela passou lustra-móveis com aroma de limão em todas as belas prateleiras e painéis de madeira.

Ela não se importava com todo o trabalho duro. Passou por um momento de pânico quando Xavier de repente lhe disse que estava indo embora e que queria que ela fosse para casa até que ele voltasse. No início, ela pensou que ele estava deixando Cyprus para sempre, mas quando ele concordou em deixá-la ficar na vila, ela soube que ele estava voltando.

Também era bom não se preocupar com a sua aparência e ter que ser a Lexy Sexy o tempo todo - seu cabelo estava preso de forma desleixada e ela usava um short rasgado e uma das velhas camisas de manga comprida de Xavier.

Quando todas as prateleiras da biblioteca estavam impecáveis e brilhantes, ela começou a recolocar os livros nas prateleiras. Foi um processo lento - levaria mais alguns dias. Ela limpou os volumes com um pano levemente úmido e os colocou de volta exatamente na mesma ordem em que estavam antes. Havia muitas coleções, algumas encadernadas em couro. Ela achou que algumas delas poderiam ser valiosas.

Lexy gostou desse processo de tirar a poeira de cada livro e ler o título e o autor enquanto o fazia. Ela adorava ler e desejava ter mais tempo para se dedicar a isso. De vez em quando, ela se deparava com um livro que despertava seu interesse e fazia uma anotação mental para lê-lo mais tarde. Se Xavier não se importasse, ela levaria alguns para ler nos voos pela Europa. Isso a ajudaria a se distrair de qualquer nervosismo que pudesse ter em relação a voar.

Ela mal podia esperar para fazer aquelas viagens românticas com o homem que amava! Ela sonhava acordada com ele o tempo todo enquanto trabalhava.

NAQUELE MESMO DIA, o The Artist chegou ao destino apontado pelo conjunto de acessos na Internet.

Como assassino contratado, O Artista tinha uma grande vantagem, que era uma aparência física completamente comum. Areli era de baixa estatura, baixo e rechonchudo, com ombros estreitos, e sempre se misturava, era uma daquelas pessoas que ninguém notava e da qual ninguém se lembrava, mesmo pouco tempo depois. Areli era provavelmente uma das pessoas de aparência menos ameaçadora de todo o planeta. Ninguém imaginaria que essa pessoa era de fato O Artista, o maior assassino do mundo.

Areli se hospedou em um pequeno hotel perto da praia e se fez passar por apenas mais um turista, que estava aqui para aproveitar o clima quente. Areli levou a foto do alvo a várias cafeterias do vilarejo, conhecendo os habitantes locais com muito cuidado. No momento certo da conversa, se a pessoa parecesse segura, Areli pegava a foto e perguntava se ela tinha visto o homem de meia-idade na foto. A história de disfarce era que o homem era o meio-irmão há muito perdido de Areli, que eles haviam sido separados quando crianças e que Areli o havia rastreado até essa área e achava que ele poderia estar morando aqui.

Demorou três dias para que Areli conseguisse encontrar o que procurava. Uma senhora idosa que havia morado na região durante toda a sua vida reconheceu imediatamente o homem da foto.

"Ah, sim, eu já o vi por aqui. Ele dirige um carro de luxo e mora em uma casa grande do outro lado da vila, no mar, com uma praia particular." A senhora idosa descreveu a casa em detalhes, pois ela havia sido construída na década de 1940 e havia sido propriedade de várias pessoas diferentes. Ela sorriu, revelando alguns dentes faltando. "Você tem sorte de ter um meio-irmão assim - acho que ele é muito rico."

Isso foi ontem à tarde, e Areli havia alugado uma motoneta e localizado a vila por terra. Hoje de manhã, Areli alugou um pequeno barco a motor com o pretexto de ir pescar.

Ao anoitecer, o barco a motor estava ancorado ao largo da costa, a algumas centenas de metros ao norte da praia particular, e Areli estava entrando na praia com uma mochila.

Dentro dela havia binóculos, alicates de corte, dois dispositivos de escuta de longa distância e outros equipamentos, incluindo uma faca de

estilete, um *garrote* e um dispensador de aerossol com veneno de ação rápida.

Xavier já havia saído há doze dias e Lexy estava quase terminando de limpar a biblioteca.

Depois que escureceu lá fora e Lexy estava prestes a encerrar o dia, ela decidiu voltar a guardar mais um conjunto de livros, uma coleção de Robert Louis Stevenson. Ela pegou o primeiro da pilha, um exemplar de *A Ilha do Tesouro*. Começou a limpá-lo, mas parou quando ouviu um leve som de raspagem ao passar o pó na parte externa das páginas.

Virando o volume para o lado, ela olhou ao longo da borda.

Um canto de um pedaço de papel estava saindo entre as páginas, um pequeno triângulo branco dobrado.

Ela prendeu o papel entre as unhas e puxou. O pedaço branco caiu no chão.

Lexy o pegou e olhou para ele.

38-12-03-41-27

ELA PISCOU OS OLHOS, surpresa. Era um número de telefone ou...?

Ela levou apenas mais alguns segundos para perceber o que os números provavelmente significavam.

CINCO MINUTOS DEPOIS, Lexy estava no quarto de Xavier, descalça em frente ao quadro de Monet que ela sabia que escondia o cofre na parede.

O pequeno pedaço de papel ainda estava em sua mão, mas ela não precisava mais dele - ela já havia memorizado os números, podia ver os dígitos tão claramente em sua mente como se fosse uma fotografia.

Xavier lhe disse que um britânico rico havia sido o proprietário da casa e que ele havia morrido de um ataque cardíaco repentino. Ele deve ter escondido a combinação do cofre no livro para o caso de esquecê-la.

E Xavier não devia ter ideia de que ela estava lá, ou não teria pedido a ela para limpar a biblioteca em primeiro lugar.

Ela ficou ali, olhando para o quadro, com a alma dilacerada.

Abrir o cofre seria uma violação de sua confiança. Uma traição. Ela nunca havia feito nada que fosse minimamente desleal a Xavier, e não queria começar agora.

Mas a tentação de bisbilhotar era quase irresistível.

Faria mal apenas dar uma olhada? Ela não tocaria em nada...

Quanto dinheiro havia no cofre, só por curiosidade?

Milhões, ela tinha certeza.

Mas Lexy não estava interessada em seu dinheiro. Ela tinha muito disso agora. O que ela realmente queria eram informações - a verdadeira identidade de Xavier e seu passado. Ela sempre foi atormentada pela dúvida se ele tinha sido casado ou não, ou talvez ainda fosse casado, e se tinha filhos. Ela não tinha certeza nem da idade dele.

E qual era o nome verdadeiro dele? Ela sabia que não era Xavier Dente. Não poderia ser. Se ele fosse um criminoso procurado, não usaria seu nome verdadeiro, e ela não tinha dúvidas de que ele era procurado.

E, mais importante, que tipo de crimes ele havia cometido? Do que exatamente ele estava se escondendo?

Certamente, as respostas para pelo menos algumas dessas perguntas estariam dentro do cofre.

LEXY FINALMENTE TEVE coragem de se aproximar um pouco mais da pintura a óleo. Colocando o pedaço de papel no bolso de trás de sua bermuda, ela segurou cuidadosamente a borda da moldura e puxou. Ela não se mexia. Na verdade, parecia estar aparafusado à parede, mas ela sabia que não podia ser assim. Ela tentou puxar de baixo para cima, do lado direito, do lado esquerdo... e ainda assim não se movia.

Ela pressionou a testa contra a parede para tentar enxergar atrás do quadro, mas a parte de trás da tela estava alinhada com a parede. Ela não conseguia ver dobradiças em lugar algum.

Tinha que haver uma maneira de abri-la, uma alavanca de interruptor ou algo assim.

Lexy passou os dedos para cima e para baixo no lado direito, não sentiu nada e, em seguida, repetiu o procedimento na parte inferior.

Pronto! Ela sentiu uma espécie de botão. Ela o apertou, puxou e empurrou.

Ela ouviu um clique fraco.

Agora, quando ela puxou a moldura novamente, seu coração deu um baque forte quando o quadro se abriu, parte da moldura afundando atrás da parede em um mecanismo de dobradiça sofisticado.

Ela se viu olhando para um grande cofre preto. Havia um mostrador e duas maçanetas, uma acima e outra abaixo dele.

DÖTTLING

Lexy engoliu em seco. O nome da marca alemã, de som pesado, parecia gritar um aviso contra o que ela estava prestes a fazer.

Ela se virou e olhou para o console de segurança na outra parede. Ele mostrava o portão da frente, as paredes laterais, a entrada da garagem, a sala de estar, o deck dos fundos...

Tudo tranquilo.

Lexy levantou a mão e, segurando o mostrador de aço frio, girou o primeiro número.

NAQUELE MOMENTO, Giorgio Cattoretti estava sentado no banco de trás de um táxi, indo em direção à vila.

A operação do olho e o tempo de recuperação foram muito mais curtos do que ele havia previsto. Ele achava que o implante artificial exigiria uma cirurgia de grande porte, mas, no caso dele, não houve muito dano quando ele o arrancou da órbita. O procedimento médico acabou sendo relativamente simples, uma questão de prender os músculos oculares existentes à prótese.

Ele fez o procedimento em uma clínica oftalmológica especial em Frankfurt. Custou-lhe uma pequena fortuna para que o implante fosse fabricado de acordo com seu olho em 48 horas, em vez das habituais 4 a 6 semanas.

Agora, o inchaço havia diminuído e o novo olho parecia normal, ou pelo menos tão normal quanto ele supunha que seria.

Enquanto olhava pela janela do táxi, em direção a Kyrenia, ele podia sentir o implante se movendo junto com seu olho bom, e a sensação ainda era um pouco estranha. Poucos minutos antes do início da operação, ele quase desistiu e deixou a clínica. Não porque tivesse medo da dor ou do desconforto, mas porque havia se acostumado com a aparência que tinha agora, com o tapa-olho ou os óculos escuros.

Giorgio teve de admitir que estava desapontado com a aparência do novo olho. Ele se sentiu constrangido durante toda a viagem de volta ao Chipre. No avião, ele ia sempre ao banheiro e verificava seu rosto no espelho. Ele supunha que o novo olho parecia bom para os estranhos - certamente era uma grande melhoria em relação àquela horrível órbita vazia -, mas para ele ainda parecia estranho. Ele achava que era imediatamente óbvio para qualquer pessoa que ele tinha o chamado "olho de vidro", embora o implante fosse, na verdade, feito de um tipo especial de plástico, não de vidro. O movimento coordenado com seu olho bom era aceitável, mas estava longe de ser perfeito. Como seu cérebro não tinha nenhuma imagem vinda do implante, os músculos oculares não conseguiam ajustá-lo exatamente no ângulo certo quando ele olhava ao redor. As pessoas percebiam isso. O resultado era que ele parecia um pouco vesgo ou um pouco arregalado, dependendo do que estivesse olhando. E, é claro, a pupila do olho artificial não se dilatava, permanecia do mesmo tamanho o tempo todo, o que também era perceptível.

Ele certamente não se parecia com o antigo Giorgio Cattoretti, nem de longe. Ele supôs que teria que viver com isso.

Agora o táxi estava diminuindo a velocidade e o motorista o olhava interrogativamente pelo retrovisor.

"Pegue a próxima à direita", disse Giorgio, "e siga a estrada até o topo da colina".

Quanto mais ele se aproximava da vila, mais nervoso ficava.

O verdadeiro teste seria ver o que Lexy achava disso.

LEXY TINHA ACABADO de digitar o último número da combinação do cofre.

Ela franziu a testa - não havia um único som do mecanismo. Ela pensou que ouviria ou talvez sentisse um clique para indicar que o cofre estava aberto, mas não ouviu nada.

Talvez ela tivesse começado a discar o primeiro número na direção errada...

Ela levantou a mão e agarrou a maçaneta superior da porta, puxando-a para baixo.

Houve um clique suave e um baque.

Ela puxou a alça inferior para baixo.

Outro clique suave e um baque.

Estava aberto!

Ou parecia.

Com cuidado, ela puxou a alça inferior em sua direção.

A pesada porta se abriu até a metade, rangendo como ela já tinha ouvido tantas vezes em seu quarto, mas agora muito mais alto. O rangido fez com que os pelos de seus braços ficassem arrepiados.

Lexy olhou para a outra parede, para o console de segurança. Ela observou enquanto as imagens passavam por sua sequência - o portão da frente, as paredes laterais, a entrada da garagem, a sala de estar, o deck dos fundos...

Tudo tranquilo.

Ela abriu a porta até o fim.

O cofre estava completamente lotado de dinheiro. Ela ficou boquiaberta. Ao longo de todo o lado direito, havia maços de cédulas de dinheiro bem empilhados. Ela não queria tocar naquilo. Empurrando um pouco a cabeça para dentro do cofre, ela olhou para um dos maços na pilha mais próxima: notas de 500 euros. Pareciam nítidas e novinhas em folha.

Era uma fortuna, muito mais dinheiro do que ela jamais havia visto em sua vida. Parecia o interior dos cofres de banco que ela tinha visto nos filmes.

As narinas de Lexy se arregalaram - o cofre até cheirava a dinheiro, positivamente cheirava a isso.

Ela deu uma olhada na parte inferior e, em seguida, abriu o cofre e apalpou as laterais, em frente às pilhas de notas - não havia muita luz e era difícil enxergar. Mas, além de todo o dinheiro, o cofre parecia completamente vazio. Ela esperava encontrar alguns passaportes ou outros documentos de algum tipo, mas não havia nada, apenas metal puro.

Que decepção.

Ela enfiou a cabeça um pouco mais para dentro, deslizando o ombro ao redor da borda da abertura, só para dar uma olhada melhor e ter certeza...

Parecia que havia alguns papéis ao longo da parede traseira do cofre, escondidos atrás das pilhas de notas mais distantes.

Ela os pegou com cuidado e os puxou para fora.

Impressões de artigos de notícias, cerca de meia dúzia deles. Alguns estavam em italiano, mas alguns estavam em inglês.

Ela verificou o monitor de segurança e, em seguida, sentou-se calmamente na beirada da cama e começou a folheá-los.

Operação de moeda falsa encerrada em Milão era uma das manchetes. Em seguida, na mesma página: *Giorgio Cattoretti supostamente fabricou mais de dólares americanos falsos*. Tratava-se de falsificação de roupas de grife.

Ela folheou o resto. *Presume-se que o mestre da falsificação Giorgio Cattoretti tenha se afogado*

Seus olhos foram atraídos para uma foto, e ela soltou um suspiro.

Era o Xavier! Ela colocou o dedo mindinho sobre o olho esquerdo dele, para ter certeza, mas não havia dúvida. Até mesmo a cicatriz que corria ao longo de sua mandíbula estava aparecendo na foto.

Lexy folheou rapidamente o primeiro artigo e descobriu a essência do que havia acontecido - aparentemente, ele havia lutado com agentes do Serviço Secreto dos EUA em um penhasco perto de sua casa na costa oeste da Itália e caiu na água... e seu corpo nunca foi encontrado. Ela pensou que deve ter sido assim que ele perdeu o olho também.

A última página da pilha era uma impressão da Interpol, em inglês... um aviso "Red", seja lá o que isso significava, com a mesma foto.

Então, aparentemente, o nome verdadeiro de Xavier era Giorgio Cattoretti, ele era italiano, falsificador de papel-moeda dos EUA e também fazia falsificações ilegais de roupas de grife... e estava desaparecido e era procurado pela polícia.

Houve um movimento no monitor do sistema de segurança.

Lexy virou a cabeça para trás e olhou para a tela.

Um carro tinha acabado de parar no portão da frente.

Um táxi!

A porta se abriu e o motorista do táxi deu a volta e abriu o porta-malas.

A imagem desapareceu, mudando para a vista do deck dos fundos.

"Oh, meu Deus", disse ela sem respirar.

Xavier estava de volta!

Lexy estava tão assustada que ficou petrificada. Ela ficou sentada na beirada da cama com os papéis na mão - não conseguia mover um músculo, congelada como se estivesse em um pesadelo.

Depois de alguns segundos, a imagem no console mudou de volta para o portão da frente. Agora ela podia ver Xavier em pé ao lado do motorista de táxi, entregando algum dinheiro.

Lexy finalmente se levantou e enfiou a cabeça de volta no cofre, deslizando o maço de papéis para trás da última fileira de dinheiro, depois tirou a cabeça para fora e fechou a porta.

Ela girou rapidamente o botão e correu para a porta do corredor.

Ela não tinha dado nem um passo quando alguém agarrou seu braço e a puxou para trás.

Lexy se encolheu, fechando os olhos, antecipando um golpe na cabeça ou uma lâmina de faca sendo enfiada em suas costas.

Não aconteceu nada.

Muito lentamente, ela virou a cabeça, esperando ver algum homem estranho parado ali que pretendia roubar a casa.

Mas ela estava sozinha. Olhou para baixo e, com horror, percebeu que havia fechado a porta do cofre em um frenesi tão grande que a fechou no punho da manga de sua própria camisa!

Sentindo-se uma idiota, Lexy agarrou a manga com a outra mão e a puxou, mas o material estava tão apertado na porta que não se movia.

Ela olhou para a tela - Xavier estava subindo os degraus da porta da frente.

Ela pensou em tirar *a camisa*, mas antes mesmo de começar a fazer isso, percebeu que não adiantaria nada - a camisa ainda estaria presa na porta.

Ela puxou com ainda mais força, recuando, colocando todo o peso de seu corpo sobre ele.

Agora ela ouviu o som de tecido rasgando.

Isso não vai adiantar - você não pode deixar um pedaço da camisa dele na porta! Você tem que abrir o cofre novamente!

Ela podia ouvir o som de Xavier abrindo a porta da frente.

Lexy levantou a mão e girou loucamente o dial, depois começou a digitar o primeiro número, mas de repente ficou em branco. O que era? Isso acontecia às vezes quando ela estava realmente assustada - apesar de sua memória fotográfica, sua mente simplesmente ficava em branco como uma folha de papel limpa.

Pense, pense, pense.

Não, não pense - veja a imagem do pedaço de papel em sua mente!

Ela fechou os olhos e se concentrou por alguns segundos.

38-12-03-41-27

"TRINTA E OITO", ela ofegou, e então congelou novamente.

Ela havia começado girando o mostrador para a direita ou para a esquerda?

Ela não conseguia se lembrar!

Xavier tinha entrado na casa - ela ouviu a porta da frente se fechar.

Lexy girou o mostrador para a direita, parando em 38, para a esquerda, 12, para a direita, 03, para a esquerda, 41, para a direita, 27.

Ela levantou a mão direita e puxou a alça superior para baixo, depois a inferior.

Com o coração na garganta, ela abriu a porta do cofre, consciente do rangido quando o punho da camisa finalmente se soltou.

"Lexy?" Xavier chamou. Ele estava subindo as escadas.

(FIM DO MATERIAL bônus)

Você atingiu o ponto de 50% de Luxúria, Dinheiro e Assassinato #4. Para ser notificado quando o livro estiver disponível em português na íntegra, siga minha [página de autor na Amazon](#). Obrigado por você ter lido!

UMA CARTA PARA MEUS LEITORES

Olá, caro leitor!

Espero que você tenha gostado desse livro. Escrevo em uma variedade de gêneros - suspense, romance, jovem adulto e terror. Como digo em meu site, meu objetivo sempre foi escrever romances que sejam tão envolventes e divertidos que sejam "indiscutíveis" desde o início. Você pode ver todas as descrições de meus livros e ler/baixar capítulos gratuitos em www.mikewellsbooks.com. Não deixe de se inscrever na minha [VIP Reader List](#) (gratuita) para receber notícias sobre os próximos livros e brindes. E visite minha [livraria on-line](#), que oferece descontos significativos em relação aos grandes varejistas.

Além disso, se você gostou deste livro, eu agradeceria muito sua ajuda na divulgação do que tenho a oferecer. O boca a boca positivo para autores independentes como eu é fundamental. Por favor, divulgue este livro para sua família e amigos - dê-o a qualquer pessoa que você ache que possa gostar dele.

Sempre recebo comentários sobre meus livros - sinta-se à vontade para enviar sua opinião por e-mail para:

mike@mikewellsbooks.com

É claro que as resenhas de livros postadas também são bem-vindas.

Obrigado por ler e tenha um ótimo dia!

Mike Wells

P.S. Por favor, siga-me no [Twitter](#), [Facebook](#) e [Goodreads](#).

AGRADECIMENTOS

Como esta é minha primeira incursão no mundo da publicação independente de livros, gostaria de agradecer àqueles que me ajudaram em minha carreira de escritor ao longo do caminho.

Alguns dos que deram o tão necessário incentivo geral foram Tom Patterson, Gina Ledbetter, Carol Bartels, Randy Frost e Edie Joslin.

Entre os colegas escritores com quem aprendi muito estão Elaine Floyd, Ellen LaPenna, George Williams, Emily Trenholm, Lisa Ernst, Farsheed Ferdowsi, o falecido Gary Provost e minha maravilhosa irmã, Regina Wells.

Minha mãe e meu padrasto, Betsy e Jack Hancock, sempre foram uma grande fonte de apoio, e minha escrita sempre será insignificante em comparação com a de minha mãe.

Aqueles que ajudaram a revisar e deram feedback sobre as primeiras versões deste manuscrito em particular merecem um grande agradecimento: Myriam Boscarolli, Luba Pravotorova, Natalie Lundsteen, Olga Maday e Dax Tucker.

É claro que minha esposa sempre foi minha maior fonte de inspiração e apoio. A pobre Anya passou inúmeras horas lendo rascunhos, editando histórias e, em geral, me ouvindo reclamar. Anya, você é a melhor!

TAMBÉM DE MIKE WELLS

Conversa de bebê

Escorpião Cego
(com Farsheed Ferdowsi)

A Esposa do Drive-By

Proibido
(com Devika Fernando)

Série Luxúria, Dinheiro e Assassinato

O misterioso desaparecimento de Kurt Kramer

Paixão, poder e pecado

A vingança de Renata

Segredos do amante indescritível

Com a aprovação da mãe
(com Robert Rand)

O lado errado dos trilhos

Criança Selvagem

SOBRE O AUTOR

Mike Wells é um autor americano de best-sellers com mais de 25 romances de suspense e thriller "indiscutíveis", incluindo *Lust, Money & Murder* e *Passion, Power & Sin*. Ele também é conhecido por seus livros para jovens adultos, como *The Mysterious Disappearance of Kurt Kramer*, *The Wrong Side of the Tracks* e *Wild Child*, que são usados por professores de inglês em escolas de ensino médio e faculdades em todo o mundo. Ex-roteirista, Wells tem um estilo de escrita cinematográfico e de ritmo acelerado. Seu trabalho é frequentemente comparado ao do falecido Sidney Sheldon, com heróis femininos fortes e inspiradores, cenas bem escritas, ação/diálogo envolventes e várias reviravoltas na trama. Atualmente, ele mora na Europa e lecionou no programa de Escrita Criativa da Universidade de Oxford.